

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários

Laura Cohen Rabelo

Vida e feitos de Alexandre da Macedônia:

Tradução e comentário de um *Romance de Alexandre* grego.

Belo Horizonte

2017

LAURA COHEN RABELO

Vida e feitos de Alexandre da Macedônia:

Tradução e comentário de um *Romance de Alexandre* grego.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre.

Área de Concentração: Estudos Clássicos

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Orientador: Prof. Dr. Jacyntho Lins Brandão

Belo Horizonte

2017

P974.Yr-v Rabelo, Laura Cohen.
Vida e feitos de Alexandre da Macedônia [manuscrito] : tradução e comentário de um Romance de Alexandre grego / Laura Cohen Rabelo. – 2017.
1 recurso online (204 f.) : pdf.
Orientador: Jacyntho Lins Brandão.
Área de concentração: Estudos Clássicos e Medievais.
Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 201-204.
Anexos: 202-277.
Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Pseudo-Calístenes – Crítica e interpretação – Teses. 2. Alexandre, o Grande, 356-323 A.C. – Teses. 3. Ficção grega – traduções para o português – Teses. 4. Epístola grega – Teses. 5. Macedônia (Grécia) – Reis e Governantes – Teses. 6. Macedônia (Grécia) – História – Obras anteriores a 1500 – Teses. I. Brandão, Jacyntho Lins. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 888.9



ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE LAURA COHEN RABELO. Número de registro: 2015658240. Às 09:00 horas do dia 16 (dezesseis) do mês de maio de 2017, reuniu-se na Faculdade de Letras da UFMG a Banca Examinadora de Dissertação, indicada *ad referendum* do Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG em 12/04/2017, para julgar, em exame final, o trabalho final intitulado *Vida e feitos de Alexandre da Macedônia: Tradução e comentário de um Romance de Alexandre grego*, requisito final para obtenção do Grau de MESTRE em Estudos Literários, área de concentração Literaturas Clássicas e Medievais/Mestrado. Abrindo a sessão, o Orientador e Presidente da Banca Examinadora, Prof. Dr. Jacyntho José Lins Brandão, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Banca Examinadora se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Prof. Dr. Jacyntho José Lins Brandão - FALE/UFMG - indicou a aprovação da candidata.

Profa. Dra. Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet - FALE/UFMG - indicou a aprovação da candidata.

Profa. Dr. Lucia Sano - UNIFESP - indicou a aprovação da candidata.

Pelas indicações, a candidata foi considerada APROVADA.

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pelo Presidente da Banca. Nada mais havendo a tratar, o Presidente lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Banca Examinadora. Belo Horizonte, 16 de maio de 2017.

Lucia Sano
Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet
Prof. Dr. Jacyntho José Lins Brandão

Georg Otte
Prof. Dr. Georg Otte
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em Estudos Literários
FALE / UFMG

Obs.: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo da Coordenação

AGRADECIMENTOS

Ao Jacyntho, pela orientação e a acolhida, pelo generoso ponto final.

Aos professores Antônio Orlando, Olimar, Teodoro e Tereza Virgínia: por ensinarem, antes de tudo, a achar o verbo, pelas bibliografias, pelo interesse, pelas conversas, pelo incentivo a não desanimar e por me darem o privilégio do estudo.

Aos funcionários da biblioteca da Faculdade de Letras da UFMG.

Ao CNPq, pela bolsa concedida.

Aos meus pais, Eliana e Walter. À minha tia Mirone e ao meu tio Fabinho.

Ao amigo André Malta, pelo diálogo sobre a tradução e a escrita, temperado sempre com poesia, companhia fundamental ao longo do processo.

À professora Sandra Bianchet, cujas questões, transmitidas com empolgação ímpar, serviram de combustível para este trabalho. À Lucia Sano, pela solicitude. Ao Pedro Ipiranga Junior pela bibliografia preciosa. À Adriane Duarte, pelas perguntas.

À Júlia, por estudar junto. Além de todo o apoio moral, você me ensinou as vantagens de escrever como um *boneco de piche*.

Ao Luciano Sabattini. Ao Gabriel de Assis Pinheiro, pelas traduções.

Aos amigos das clássicas: Bruna, Andreia, Alexandre, Bruno, Carlos Eduardo, Douglas, Erike, Felipe, Júlia, Marcelo, Vanessa, as duas Marinas, Mirtes. Com certeza algum nome ficou de fora, e por isso peço desculpas. Ao Igor Barbosa Cardoso, que também gosta de novidade. À Nathália, pela partilha de maravilhas. Ao Rafael, companheiro é companheiro, sem você não haveria romance de Alexandre, não haveria tradução, não haveria coisa alguma. À Lorena (e ao Augusto!), diálogo elementar.

Ao Igor Reyner, contando e somando as nossas palavras do outro lado do mar.

Ao pessoal do Estratégias narrativas: professoras, participantes, colaboradores, que entendem que literatura é fazer coletivo. À Flávia Péret e à Carina Gonçalves, pelas discussões (auto?)biográficas. À Laetitia Jourdan. Ao Diogo da Costa Rufatto

Ao meu pai, Walter, criador de cabras
e contador de mentiras.

“Mas o meu nome não vai ficar na lama
diz o dito popular: morre o homem, fica a fama.”
Na cadência do samba, Ataulfo Alves e Paulo Gesta.

RESUMO

Vida e feitos de Alexandre da Macedônia, atribuído a Pseudo-Calístenes, é o título da recensão β de um conjunto de textos conhecidos como *Romance de Alexandre*, cuja redação se efetuou, a partir de modelos anteriores, por volta do século V d.C. Diante da lacuna de traduções das versões gregas do *Romance de Alexandre* para o português brasileiro, o presente trabalho consiste em uma tradução inédita seguida de um estudo do texto traduzido, no qual analisamos as construções narrativas da obra, as quais incorporam formas e métodos próprios de vários gêneros de escrita, como a história, o romance grego antigo, a carta e a biografia. Em um primeiro momento, expomos brevemente a formação do *Romance de Alexandre*, suas autorias e traduções para diferentes idiomas. A seguir, discorremos sobre como o texto faz uso de estratégias da narrativa histórica para tecer tramas ficcionais e fantásticas. Analisamos, ainda, as cartas incluídas dentro do romance, trocadas entre Alexandre e seus inimigos e outras personagens – em especial como uma delas aproxima a figura de Alexandre à de Odisseu. Por fim, procuramos compreender *Vida e feitos de Alexandre da Macedônia* também como uma biografia ficcional a respeito de Alexandre, o Grande, personagem histórico maleável, plasmado de acordo com os objetivos de cada autor, por sua vez inserido em uma dada época com seus determinados valores, que escreve sobre ele.

Palavras-chave: Romance de Alexandre; Pseudo-Calístenes; romance grego antigo; biografia antiga; romance epistolar.

ABSTRACT

Life and deeds of Alexander of Macedon, attributed to Pseudo-Callisthenes, is the title of recensio β of a group of texts known as *Alexander Romance*, the writing of which was achieved from previous models around the 5th century A.D. With the gap of translations of the Greek versions of *Alexander Romance* to Brazilian Portuguese, this present research consists of an unprecedented translation followed by a study of the translated text, in which we analyze the narrative constructions of the work, which incorporate forms and methods that are characteristic of several writing genres, such as history, ancient Greek novel, letter, and biography. At first, we briefly explain the development of *Alexander Romance*, the authorships and translations to various languages. Then we discuss how the text uses historical narrative strategies to weave fictional and fantastic plots together. We also analyze the letters included in the romance, exchanged between Alexander and his enemies and other characters—specially how one of them approaches Alexander's image to Odysseus'. Finally, we seek to understand *Life and deeds of Alexander of Macedon* as a fictional biography about Alexander the Great as well, him who was a malleable historical character, shaped according to the objectives of each author—inserted within a certain time with its given value—who writes about him.

Key words: Alexander Romance; Pseudo-Callisthenes; ancient Greek romance; ancient biography; epistolary novel.

SUMÁRIO

0 INTRODUÇÃO.....	11
VIDA E FEITOS DE ALEXANDRE DA MACEDÔNIA.....	16
Livro I.....	16
Livro II.....	52
Livro III.....	78
1. ROMANCES DE ALEXANDRE.....	106
1.1.Manuscritos, resenhas e traduções.....	106
1.2.Autoria, autorias.....	110
1.3.Um romance grego antigo?.....	112
1.4.Entre o romance grego antigo e a história.....	116
2. A NARRATIVA DE VIDA E FEITOS DE ALEXANDRE DA MACEDÔNIA.....	121
2.1.Um prólogo.....	121
2.2.Um epílogo, a providência e a sorte.....	124
2.3.Nectanebo e a magia.....	132
2.4.Outras simulações do discurso histórico.....	141
3.UM ROMANCE EPISTOLAR.....	148
3.1.Correspondência de guerra.....	151
3.2.A correspondência e as mulheres.....	162
4. <i>BÍOS</i> E ROMANCE	
4.1.Uma biografia.....	174
4.2.Modelando Alexandre.....	180
4.3.Falar e escrever.....	187
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	199
BIBLIOGRAFIA.....	201

INTRODUÇÃO

Escrever com musa emprestada

O seguinte trabalho consiste em uma tradução de uma das versões de um grupo de textos conhecidos como *Romance de Alexandre*, a recensão β, cujo título é *Vida e feitos de Alexandre da Macedônia*, combinada a um estudo de alguns aspectos desta narrativa *sui generis*. Como muitos outros livros de vários períodos da antiguidade, este texto encontrava-se sem tradução para o português, indireta ou direta, e, conseqüentemente, sem estudos realizados por helenistas de países de língua portuguesa – se existem, não pudemos localizá-los. O foco, portanto, não é apenas a realização de uma tradução, mas um estudo inicial da narrativa múltipla e rica do *Romance de Alexandre*, análise que certamente influenciou nas escolhas tradutórias realizadas no trabalho.

O ensino do grego na Faculdade de Letras da UFMG sempre envolveu algum aspecto tradutório, mesmo que jamais tenhamos estudado a teoria da tradução de modo formal. As discussões sobre tradução que realizávamos eram sempre práticas informais, de modo que tomo a liberdade de escrever esta introdução também com certa informalidade e, algumas vezes, usando a primeira pessoa do singular, a fim de refletir sobre meu próprio fazer tradutório diante desta experiência de estudo. Desde as primeiras aulas de grego antigo, assim que aprendemos a desvendar o alfabeto, somos convidados a traduzir. A começar pelo método utilizado na Faculdade de Letras, o *Helleniká*, dos professores Jacyntho Lins Brandão, Maria Olívia de Quadros Saraiva e Celina Figueiredo Lage, com o qual aprendemos o grego através da leitura e da tradução de textos não artificiais (criados justamente para o estudo), mas modificados a partir de textos antigos, para em seguida, logo no primeiro semestre de estudos, nos debruçarmos sobre os desafios dos textos originais. A vantagem que este método traz é justamente a de habituar os alunos às arestas, aos estranhamentos e aos problemas que serão encontrados mais à frente no trabalho da leitura e da tradução do grego.

Durante os seminários de língua e literatura grega, tive o privilégio de sempre ter contato com mais de um fazer tradutório. A professora Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa convida a traduzir teatro grego não para os livros, mas para o palco, para os atores e para a cena, com palavras para serem ditas em voz alta e escutadas por todos os que assistem, e não para a leitura de livros no silêncio da biblioteca. O professor Olimar Flores Junior (a quem devo a grata descoberta do mundo maravilhoso de Alexandre)

busca, em seus seminários, ler autores da prosa mais desafiante, como Díon Crisóstomo, Plutarco e, por fim, Luciano, com o objetivo de dar um salto qualitativo no grego. As leituras difíceis eram sempre acompanhadas de tentativas de tradução do texto, e as provas consistiam em realizar traduções de trechos selecionados – traduções não instrumentais, mas que fizessem sentido em português, tanto na sintaxe, quanto no estilo. Uma das melhores coisas dessa experiência tradutória era perceber como cada um dos colegas traduzia os textos sempre de forma bastante diferente, das escolhas estilísticas até a estruturação das frases. Por fim, havia as matérias de leitura de Homero e Hesíodo, ministradas pelo professor Teodoro Rennó Assunção, em que líamos semanalmente algo entre 40 e 60 versos da épica, traduzindo-os da maneira mais simplificada e profunda possível, a fim de facilitar a compreensão do conteúdo ali presente, associando leituras do grego a leituras de diversos comentadores. Além disso, tive uma interlocução preciosa com professores, colegas e amigos tradutores do grego e suas tomadas de decisão nas traduções que realizavam além da sala de aula.

Meu interesse inicial pelo romance grego antigo foi um tanto ingênuo, simplesmente porque sou leitora de romances e, principalmente, escritora de romances, tendo escrito três e publicado dois deles ao longo da graduação e do mestrado, sempre acreditando que meus estudos na Faculdade de Letras teriam algo a contribuir para minha formação como escritora. Por um momento, acreditei que dentro dos estudos do romance antigo, da prosa grega e de Luciano, eu encontraria uma espécie de *arkhé* da redação do romance, entenderia o funcionamento do gênero em suas origens, e aquilo poderia me ensinar algo sobre sua escrita. De alguma forma, me aproveitei e me apropriei de fato das estruturas e as ideias contidas nessas leituras.

Nisto, a tradução do *Romance de Alexandre* apareceu simultaneamente como um grande desejo e um grande desafio, por ser um livro ainda não traduzido e repleto de temas que me interessam tanto nos estudos literários quanto no fazer de minhas próprias narrativas. O *Romance de Alexandre* é uma narrativa acima de tudo biográfica, e traduzi-lo agora é traduzi-lo em um tempo em que o fazer biográfico e autobiográfico se encontra novamente tensionado, principalmente nas questões contemporâneas da *autoficção*, criando e reproduzindo fabulações em torno de um personagem real moldado e deformado ao longo dos séculos. Além disso, o *Romance de Alexandre* contém em seu interior uma espécie de romance epistolar, arte narrativa que sempre me interessou como estudante e também como escritora.

Assim, questões tradutórias chegaram em um primeiro momento como um exercício intuitivo e através da experiência, de pontos de vista e de diferentes práticas, não através de teorias. A falta de traduções de certos textos diretamente do grego antigo

para o português, e principalmente para o português brasileiro, era uma inquietação entre os alunos, de forma que alguém estava sempre traduzindo ou desejando traduzir algo. Foi esse desamparo tradutório que trouxe um grande desejo de contribuir, da maneira que me fosse possível, para esta área que me deu tanto sem pedir nada além de um estudo que nunca parece ser o suficiente para dominar a língua.

Assim, acredito que o ofício que exerço, da escrita literária, certamente influenciou nos modos de fazer da tradução deste romance, pois durante todo o processo coloquei em contato estes dois fazeres, que apresentam aspectos bastante distintos: “a intencionalidade do poeta é ingênua, primeira, intuitiva, a do tradutor é derivada, última, ideativa”.¹ As ideias, as cenas, tudo estava lá no *Romance de Alexandre*, e eu precisava, de alguma forma, reproduzi-las através de uma voz, uma voz que eu não poderia dissociar de minha própria voz, que por si só é formada do acúmulo de outras vozes, leituras e experiências. Assim como é impossível que romancistas deixem de colocar suas próprias experiências de vida mais ou menos disfarçadas de ficção na narrativa de seus romances, é impossível que uma ficcionista que se converte em tradutora deixe de aproveitar certos recursos aprendidos na feitura de romances.

Se Benjamin afirma que “não existe musa da filosofia, nem também da tradução”,² penso que, em meu caso, o que tentei fazer foi escrever com musa emprestada. Assim, me esforcei para que a tradução ficasse como era o *Romance de Alexandre* grego: simples, direta, clara, de leitura veloz. Era como harmonizar as cores de uma imagem nas cores de outra imagem: se o texto grego tinha matizes de tons em um espectro, eu tentei fazer com que o português tivesse os mesmos tons e as mesmas cores, me baseando em sensações subjetivas a respeito da obra: se ela traz lágrimas aos olhos, impressiona ou faz rir no grego, as mesmas sensações deveriam ser evocadas pelo texto em português.

A princípio, *Vida e feitos de Alexandre da Macedônia* se mostrou como uma leitura mais ou menos fácil, apesar de sua extensão. A sintaxe é, na maior parte do tempo, descomplicada. Algumas das decisões foram bastante práticas e tomadas depois que eu já havia me entregado à leitura e à tradução do texto grego. Decidi não elaborar um glossário, apesar de manter a decisão de uma tradução única para muitas palavras do texto. Na tradução de um romance, ao que me parece, cada frase é única, então cada escolha tradutória também deveria depender de cada contexto. Para dar um

¹ BENJAMIN, 2008, p. 91. Tradução: Paulo Barrento.

² BENJAMIN, 2008, p. 92.

exemplo, uma das palavras de grande ocorrência no *Romance de Alexandre* é *theríon*, que, dependendo do contexto, traduzi por criatura, monstro ou bicho.

Outra questão foi o uso dos pronomes de tratamento: não quis usar pronomes pessoais de segunda pessoa, como o tu e o vós; me pareceu mais natural usar a mesma forma que usada para escrever romances, ou seja, o pronome de tratamento “você”. Nos diálogos e nas cartas presentes nos livros, tentei formular as construções da forma que me era a mais natural e compreendi que corri certo risco de cair em regionalismos. Na revisão da tradução, tentei evitá-los ao máximo. Além disso, da mesma forma que falamos usando o pronome de tratamento “você” com o pronome oblíquo “te”, assim fiz na tradução.

A dificuldade veio quase unicamente do vocabulário, de um grego tardio com o qual tive pouco contato, que continha inclusive termos latinos. Para exemplificar, um dos problemas desse vocabulário foi a tradução do termo *katopherê*, presente na descrição do aspecto físico de Alexandre em I, 13: “Porém, composto de uma fisionomia própria, tinha forma humana, cabeleira de leão, e os olhos eram de tons diferentes (*heteróglaukos*) – tinha o direito escuro (*katopherê*) e o esquerdo claro”. Não encontrei em nenhum dicionário o termo em questão, mas no *Greek Lexicon of the Roman and Byzantine Periods* encontramos os termos *kataphéres* e *katapheréia*: *proclivity, tendency towards*. Cogitei se não teria relação com o verbo *kataphéro* (descer, precipitar), o que daria a Alexandre um olho caído e o outro claro, o que não parece fazer sentido junto da informação de que ele teria olhos de cores diferentes. Em outras edições, como a de Merkelbach, o termo usado é *dnopherón*, escuro, e no manuscrito A encontramos *mélan*, preto. Decidi, portanto, que este Alexandre teria um olho escuro e outro claro, principalmente para dizer o que essa imagem deseja dizer no contexto do romance: o aspecto físico de Alexandre era prodigioso, diferente dos homens comuns.

Decidi, também, que me manteria focada, do começo ao fim, à única edição do texto que eu tinha, a de Helmut van Thiel, e somente às variações fornecidas pelo editor, como foi o caso desse termo complicado. O *Romance de Alexandre* conta com mais de oitenta versões, e dedicar-se a consultar outras variações e preencher espaços vazios que esta edição não fornece seria um trabalho interminável.

Ainda a fim de dar fluidez, mudei o tempo de alguns verbos do presente para o pretérito, eliminei muitas repetições de nomes de personagens, de marcas de diálogo, de forma que não soasse repetitivo, a não ser quando a repetição tivesse uma função estética, no caso do jogo de perguntas e respostas entre Alexandre e os gimnosofistas em III, 6. Em alguns momentos, permiti o estranhamento ou a beleza da repetição, mas

não quis deixar que ele fosse exagerado para um leitor do português e travasse demais a leitura.

Na parte que diz respeito às cartas fantásticas e aos nomes de lugares, nos deparamos com criaturas e espaços com nomes inventados. Decidi traduzir alguns para o português e deixar outros em grego: quando a forma do espaço ou a forma da criatura tinham relação com seus nomes em grego, traduzi. Quando a relação não é muito clara, eu simplesmente transliterei. O texto também é recheado de trocadilhos com nomes de lugares e jogos de palavras – tentei traduzir todos que consegui, mas, quando falhei, deixei uma nota explicativa, dizendo o sentido das palavras que não cabe no português.

A tradução dos números também foi uma questão. Eles eram grafados ao longo do romance de duas formas: como algarismos gregos (α' , β' e γ' , ou seja 1, 2 e 3) ou por extenso ($\epsilonἷς$, $\deltaύο$ e $\tauρεῖς$, ou seja, um, dois, três), e, ao que parece, o autor não teve muito critério para esta grafia. Assim, imitei a desordem: algarismos gregos foram traduzidos por algarismos em português, cardinais gregos foram traduzidos por cardinais em português, mais uma característica que provoca estranhamento, por certo, mas considerei o estranhamento positivo.

A respeito do trabalho da dissertação, ele foi feito de forma mais ou menos panorâmica: tentei dar uma visão geral, escolhi alguns assuntos dentro do *Romance de Alexandre*, mas não me aprofundi demais em um só aspecto da narrativa, tentando destacar o que me pareceu mais importante, interessante ou que outras pessoas já haviam escrito a respeito dele. O objetivo é que isso abra espaço para discussões a respeito do romance grego antigo, sobre a escrita, sobre as cartas e sobre Alexandre, o Grande, para, em outro momento, podermos mergulhar com mais profundidade em detalhes da obra.

No primeiro capítulo, expomos bem brevemente alguns aspectos da formação do *Romance de Alexandre*, quais são seus manuscritos, recensões e traduções, como funciona a questão da autoria e como o texto se encontra em um lugar único entre os romances gregos antigos e os textos históricos.

No segundo capítulo, analisamos alguns aspectos da narrativa do *Romance de Alexandre*, por um lado, a presença de um prólogo e um epílogo no texto, que o associariam à escrita da história, além de outros simuladores do discurso histórico, e, por outro, a presença da *týkhe*, da providência divina, da magia, do fantástico e do humorístico no romance, através da figura inicial de Nectanebo, pensando em como os dois elementos estão organicamente associados: a forma da história funciona aqui como método narrativo, e a magia é seu conteúdo.

No terceiro capítulo, nos dedicamos a analisar algumas das trocas de cartas presentes no livro e como elas funcionam como recurso narrativo de veracidade e também em direção a uma exposição da personalidade e das qualidades do Alexandre representado no romance. Nesse capítulo também consta, através das trocas de carta, a importância das mulheres na narrativa.

Por fim, no último capítulo, analisamos a narrativa do *Romance de Alexandre* do ponto de vista biográfico, exibindo as características de Alexandre como personagem de romance e analisando também uma das duas longas cartas de Alexandre para casa, presente em II, 23-41, mostrando certas semelhanças que essa passagem tem com o apólogo de Odisseu na *Odisseia* (cantos IX-XII) e destacando afinidades e diferenças que este Alexandre teria com a figura de Odisseu.

VIDA E FEITOS DE ALEXANDRE DA MACEDÔNIA

Pseudo-Calístenes

LIVRO I

[1] O melhor e o mais nobre de origem parece ter sido Alexandre, rei dos Macedônios, que realizou tudo de maneira singular, encontrando sempre a cooperação da providência nos seus méritos. Pois para guerrear e batalhar contra cada um dos povos, levou um tempo que não era suficiente para aqueles que desejavam registrar a história das cidades com precisão. Os feitos de Alexandre, as virtudes do seu corpo e da sua alma, a boa sorte e a coragem nestas obras narramos, dando início pela sua linhagem e de qual pai era filho. Porque a maioria se engana quando diz que era filho do rei Filipe. Isso não é verdade. Não era filho dele, mas dizem os mais sábios do Egito que era de Nectanebo, depois que este caiu da sua posição de rei.

Este Nectanebo era perito em artes mágicas e, fazendo uso desse poder, vivia em paz, tendo controlado todos os povos com magia. Porque, se alguma potência guerreira o atacava, não organizava os exércitos, não construía máquinas bélicas, não incomodava os guardas em relação aos alinhamentos inimigos, mas, dispondo de uma bacia, praticava a lecanomancia. Derramava água da fonte numa bacia, modelava com as próprias mãos barquinhos e figurinhas de cera e colocava-os dentro da bacia. Então ele se munia com a sua túnica de profeta, segurando a vara de ébano na mão e, de pé, invocava os supostos *deuses* com encantamentos: os espíritos do ar e as entidades subterrâneas; e, encantadas, as figurinhas ganhavam vida. Assim, afundava os barquinhos na bacia, imediatamente afundando em alto-mar os barcos inimigos que avançavam contra si, destruindo-os, já que era um homem muito experiente em poderes mágicos. Desse modo, o seu reino permanecia em paz.

[2] Passado um bom tempo, alguns “exploradores” (assim eram chamados pelos romanos, pelos gregos eram chamados de “espiões”) foram até Nectanebo trazendo-lhe a notícia de uma grande nuvem de guerra – exércitos de incontáveis homens combatentes avançando contra o Egito. O comandante de Nectanebo foi até ele e disse:

— Seja forte, rei! Abandonando agora toda a conduta de paz, se prepare e forme as linhas de batalha para a guerra. Porque uma grande nuvem de bárbaros nos ameaça. Não é apenas um povo que nos ataca, mas milhares de gentes. São os que nos atacam indianos, nocimeus, oxidorques, iberos, caucões, lélapes, bósporos, bastranos, azanos, cálibes e todos os outros povos do Oriente, exércitos incontáveis de homens guerreiros atacando o Egito. Então deixe todo o mundo e se preocupe consigo mesmo!

Quando o comandante disse isso a Nectanebo, o rei, rindo muito, lhe disse:

— Você fala bonito, e esta guarda lhe foi confiada de modo justo, mas você conversa com covardia e não como um guerreiro. Porque a força não está no número, mas a guerra se decide na coragem. Um só leão captura muitas corças, um só lobo despoja muitos rebanhos de ovelhas. Assim, monte guarda com as tropas que estão nas suas mãos e marche com elas, porque com uma só palavra posso te cobrir com o mar da imensa massa de bárbaros.

Isso dito, Nectanebo dispensou o general.

[3] Ele se levantou e voltou para dentro do seu palácio. Sozinho, de novo dispondo do mesmo procedimento, examinou a bacia. Viu os deuses egípcios pilotando os navios dos inimigos bárbaros e os seus exércitos sendo conduzidos por esses deuses. Nectanebo, como era um homem muito perito em magia, acostumado a se relacionar com os seus deuses, soube através deles que o fim do reinado do Egito se aproximava. Ele juntou muito ouro, raspou a cabeça e a barba e fugiu através do Pelúcio. Ao zarpar, veio para a Pela da Macedônia e permaneceu ali naquele lugar como sábio médico, exercendo a astrologia como profeta egípcio para muita gente.

Enquanto isso, os egípcios perguntavam aos seus supostos *deuses* o que teria acontecido com o rei, porque todo o Egito estava sendo devastado pelos bárbaros. No santuário de Serapeu, o que era chamado de *deus* deu um oráculo a eles falando assim: “este rei fugido voltará de novo ao Egito não envelhecido, mas rejuvenescido, e dominará os nossos inimigos persas”. Examinaram o que poderia significar aquele dito, mas, sem descobrir, escreveram o oráculo dado a eles no pedestal da estátua de Nectanebo.

[4] Nectanebo, ao chegar à Macedônia, tornou-se famoso entre todos. Tinha visões muito exatas. Como a rainha Olímpia também tinha ouvido falar nele, numa noite em que o seu marido, Filipe, estava numa expedição de guerra no exterior, foi até Nectanebo.

Ao ver quem ela procurava, a rainha se retirou. Assim, depois de uns poucos dias, mandou procurá-lo e mandou que ele se apresentasse. Nectanebo, ao vê-la, admirando a sua aparência perfeita, apaixonou-se. Estendendo-lhe a mão, disse:

— Saudações, rainha da Macedônia!

Ela disse:

— Saudações a você também, melhor entre os profetas! Vem cá, assente aqui. Você é o mestre egípcio que descobriu toda a verdade quando te colocaram à prova. Eu também acredito em você. Qual tipo de oráculo você usa para revelar a verdade?

— A oferta de oráculos é variada, rainha. Pois existem os horóscopos, os sinais, os sonhos, os ventríloquos, os que adivinham pela lã da ovelha, os astrólogos, os chamados *magos*, todos esses dominam a magia.

Dizendo isso, levantou os olhos ardentes para Olímpia. Ela lhe disse:

— Profeta, você ficou tenso ao me encontrar?

— Sim, senhora. É que me lembrei de um oráculo dado a mim pelos meus próprios deuses, que dizia que eu realizaria previsões a uma rainha. E isso se tornou verdade. Me diga, então, o que você quer saber.

Metendo a mão dentro da prega da túnica, Nectanebo retirou uma tabuinha que não podia ser descrita em palavras. Feita de ouro e marfim, tinha os sete astros, um horóscopo, o sol e a lua. O sol era de cristal, a lua era de adamante, o astro chamado Zeus era de pedra-pome, Ares era de hematita, Crono era de ofita, Afrodite era de safira, Hermes era de esmeralda e o horóscopo era de mármore branco. Olímpia, admirada com a extravagância da tábua, sentou-se ao lado de Nectanebo, ordenou que todos se retirassem, e falou a ele:

— Profeta, veja o meu signo e o de Filipe.

Havia uma profecia a respeito dela que dizia: “se Filipe voltar da guerra, desprezará esta e casar-se-á com outra”.

Nectanebo disse a ela:

— Me dê o seu signo e o de Filipe.

E o que mais fez Nectanebo? Colocou o próprio signo alinhado ao de Olímpia e, ao fazer a previsão, falou a ela:

— Não é falsa a profecia que você ouviu a seu respeito. Mas, como profeta egípcio, posso te ajudar a não ser desprezada por Filipe.

— Como você pode fazer isso? — Olímpia perguntou a ele.

— É preciso que você se una a um deus sobre a terra, que engravide dele, que dê à luz o seu filho e que o crie. Ele vai ser o seu vingador dos delitos cometidos por Filipe contra você.

— A qual deus?

— A Amon, da Líbia.

— Que tipo de deus é esse?

— De idade mediana, com a cabeleira e a barba douradas, com chifres saindo da testa, estes também parecidos com o ouro. É preciso que você esteja preparada como uma rainha para ele, pois você vai ver um sinal em sonho, e este deus vai se unir a você.

— Se eu tiver esse sonho, não vou te venerar como um mago, mas como um deus.

[5] Nectanebo se despede da Rainha e então colhe ervas de um lugar ermo, ervas que ele conhecia pela capacidade de produzir sonhos. Depois de extrair delas o suco, moldou com cera de abelha a figura de um corpo feminino e inscreveu nela o nome de Olímpia. Depois de acender as lâmpadas, derramando o suco das ervas sobre elas, invocava com feitiços os espíritos que apareceriam para Olímpia. Naquela noite, ela viu o deus Amon se enlaçando em si e depois, ao se levantar para ir embora, falando a ela:

— Mulher, você tem no seu ventre um menino que vai ser o seu vingador!

[6] Ao se levantar do seu sono, Olímpia estava pasma. Rapidamente mandou trazer Nectanebo e falou a ele:

— Eu vi no meu sonho o que você falou, o deus Amon. Mas te peço, profeta, para me unir a ele outra vez. Você cuide para que, quando ele vier ao meu encontro, eu apareça mais preparada para o meu noivo.

— Da primeira vez, senhora — ele falou —, era um sonho. Quando ele vier aos seus olhos, vai fazer a sua vontade. Se o seu poder ordena, me dê um aposento para dormir, de forma que vou fazer com que ele venha para junto de você.

— Está aqui — ela falou —, receba um aposento perto do meu quarto de dormir. E se eu conseguir engravidar deste deus, te honrarei enormemente como rainha, como se você fosse o pai da criança.

— Para que você saiba, senhora — disse a ela Nectanebo —, antes do deus se apresentar a você, haverá um sinal. Sentada ao entardecer no seu quarto, quando você perceber uma serpente deslizando na sua direção, ordene que todas as suas companhias saiam. Não apague a luz das lamparinas, já preparadas por mim em honra ao deus, que dou para você acender de acordo com o meu conhecimento: mas ao se deitar no leito real, esteja pronta e cubra a sua face, não olhe diretamente para o deus que você viu em sonhos quando ele for a você.

Depois de falar isso, Nectanebo saiu. Na manhã seguinte, Olímpia deu a ele um quarto bem próximo do seu.

[7] Nectanebo trajou um velo de lã de carneiro delicadíssimo com dois chifres nas têmporas, estes com aparência de ouro, um cetro de ébano, uma túnica branca e um manto translúcido com aparência de serpente. Entrou no quarto, e ali sobre a cama estava Olímpia, coberta. Ela o olhava com o canto dos olhos: ao vê-lo entrar, não teve medo, porque ele se parecia com o que tinha visto em sonho. Nectanebo se livrou do cetro, deitou na cama e se uniu a ela. E ele disse:

— Conserve-se, mulher! Você tem no seu ventre um menino que será o seu vingador, rei de todo o mundo habitado e senhor do universo!

Então Nectanebo saiu do quarto, levando o cetro, e escondeu tudo o que tinha usado no seu disfarce.

Na manhã seguinte, Olímpia acorda, entra no quarto onde estava Nectanebo e o acorda. Ao se levantar, ele fala:

— Saudações, rainha. O que você me anuncia?

E ela respondeu:

— Eu me admiro, profeta, como você ainda não percebeu. Será que aquele deus pode vir de novo até mim? Porque o recebi com muito prazer.

— Escute, rainha: eu sou profeta deste deus. Então, quando você quiser, me dê este lugar para dormir sem que me perturbem. Uma vez familiarizado, posso fazer os ritos a ele, e ele virá até você.

— Então desde já fique com este lugar.

Mandou dar a ele as chaves daquele quarto. Nectanebo guardou num esconderijo o seu disfarce e ia até Olímpia sempre que ela desejava, fazendo com que ela acreditasse que ele era o deus Amon.

Dia após dia, a barriga de Olímpia crescia, então ela falou a Nectanebo:

— Se Filipe chega e me encontra grávida, o que eu digo?

— Não tenha medo, senhora — Nectanebo respondeu a ela —, nisso te ajudará o deus Amon. Ao aparecer para Filipe em sonho, vai revelar a ele o acontecido, de forma que ele não poderá te repreender.

Assim, Olímpia era iludida pelos poderes mágicos de Nectanebo.

[8] Nectanebo capturou um falcão do mar e o enfeitiçou. Tudo o que queria falar em sonho a Filipe, o falcão falaria a ele. Voou, preparado com artes mágicas maléficas. O falcão do mar enviado por Nectanebo chegou de noite onde Filipe estava e conversou com ele em sonho. Quando viu o falcão falar, Filipe acordou muito perturbado. De imediato mandou buscar um célebre intérprete de sonhos babilônio. Filipe descreveu o oráculo falando a ele:

— Eu vi perfeitamente no sonho um deus belo, de cabelo e barba cinzentos, com chifres nas têmporas, ambos aparentavam a ouro, e segurando um cetro na mão, ele se apresentava de noite para a minha mulher, Olímpia, se deitando e se unindo a ela. E ao se levantar, o deus disse: “mulher, você carrega um menino que vai te tornar fértil e vai se vingar da morte do pai”. Parecia que eu costurava uma folha de papiro e nela selava o meu selo. Era um anel dourado, que tinha uma pedra com um relevo do sol com uma cabeça de leão e uma pequena lança. Diante da visão, pareceu que eu via um falcão sobre mim, que me acordou do sono ao bater as asas para levantar voo. O que isso me revela?

O intérprete de sonhos lhe respondeu:

— Salve, rei Filipe. É verdade o que você viu em sonho, porque selar o corpo da mulher é evidência de que ela te é fiel, e que ela está grávida. Não se fecha um recipiente vazio, mas o cheio. Com relação a você costurar o papiro: o papiro não é produzido em nenhum lugar, a não ser no Egito. Acontece que a semente é egípcia, e não é uma semente vulgar, mas ilustre e gloriosa, indicada pelo anel de ouro. O que é mais famoso que o ouro, que até os deuses veneram? Quanto ao selo, que tem o sol e sob ele a cabeça de leão e a pequena lança, este menino que cresce vai estar na dianteira de todas as guerras como um leão, tomando cidades até o Oriente, por causa da pequena lança. O deus visto por você, com chifres de carneiro, de cabelo grisalho: este é Amon, o deus da Líbia.

Assim analisou o intérprete de sonhos, mas Filipe não o ouviu com prazer.

[9] Enquanto isso, Olímpia estava agoniada, sem confiar no que Nectanebo fizera a Filipe. Ao chegar da guerra, Filipe viu a esposa muito perturbada, e falou a ela:

— Mulher, por que você está perturbada com o acontecido? A culpa foi alheia, como me mostrou o sonho, para que você não fosse repreendida. Porque nós, os reis, podemos tudo, mas diante dos deuses não podemos. Você não amou um homem qualquer, mas uma das figuras mais distintas.

Quando disse isso, Filipe restaurou a alegria de Olímpia, que ficou muito grata ao profeta por ter contado antes ao marido o que tinha acontecido.

[10] Entretanto, ao se encontrar com Olímpia depois de alguns dias, Filipe falou a ela:

— Você me enganou, mulher! Não engravidou de um deus, mas de um qualquer, e eu vou pôr as minhas mãos nele!

Nectanebo escutou aquilo — estava acontecendo um grande banquete no palácio, e todos se satisfaziam com o rei Filipe pela sua chegada. Apenas o rei Filipe estava sombrio, por causa da gravidez de Olímpia, a sua mulher. Diante de todos, Nectanebo (que tinha se transformado numa cobra ainda maior que a primeira) entrou na sala do banquete e silvou tão assustadoramente que fez tremer as bases do palácio. Os convivas do rei, ao verem a cobra, pulavam, tomados de medo. Entretanto, Olímpia, ao reconhecer o próprio noivo, ofereceu-lhe a mão direita. A cobra se ergueu, levantou o queixo, circundou-se toda e subiu no colo de Olímpia, e então pôs para fora a língua bífida e beijou-a, uma prova de amor aos que olhavam. Enquanto isso, Filipe estava meio assustado, meio admirado, sofregamente atento. Nectanebo, depois de ter feito a demonstração, fez a serpente sumir, se transformou em águia e foi embora; para onde foi não se pode dizer.

Recuperando-se do susto, Filipe compreendeu e falou:

— Mulher, vi um sinal de que, na sua agonia, vem um deus te socorrer do perigo. Qual deus, eu já não sei, porque ele se mostrou a nós na forma de Amon, ou de Apolo, ou de Asclépio.

Olímpia respondeu a ele:

— Conforme ele se mostrou a mim quando nos unimos, é Amon, o deus de toda a Líbia.

Vendo isso, Filipe se declarou bem-aventurado pelo que nasceria da sua própria mulher, declarado como o filho de um deus.

[11] Depois de alguns dias, Filipe estava sentado num dos bosques reais onde viviam muitas e variadas aves. De repente, uma ave saltou do colo do rei Filipe e botou um ovo, que rolou do colo dele, se quebrando ao cair na terra. Do interior, saiu uma cobrinha, que deu uma volta por fora do ovo e tentou entrar novamente no lugar de onde tinha saído, mas ao colocar a cabeça para dentro, morreu. Perturbado, o rei mandou buscar um intérprete de sinais e explicou a ele o acontecido. O intérprete de sinais, inspirado por um deus, falou a ele:

— Rei, você terá um filho, que dará a volta no universo inteiro, submetendo tudo ao próprio poder, e ao retornar ao reinado, morrerá em pouco tempo. A cobra, pois, é um animal da realeza, o ovo representa o universo de onde a cobra saiu. Depois de dar

a volta no universo, querendo entrar no lugar de onde veio, não conseguiu, antes morreu.

Então o intérprete, depois de ter explicado o sinal e ter recebido presentes do rei Filipe, partiu.

[12] Chegada a hora do parto de Olímpia, ela se sentou na cadeira de parto, cheia de dores. Nectanebo, ao seu lado, mediu o curso celeste e insistiu que ela não apressasse o parto. Depois de desordenar os astros do universo com os seus poderes mágicos, compreendia as circunstâncias, revelando a ela ao falar:

— Mulher, se controle e vença as circunstâncias da natureza, porque se você parir agora, nascerá um escravo cativo de guerra, ou uma grande besta!

Quando a mulher sofria novamente as contrações, sem poder conter o seu enorme sofrimento, Nectanebo dizia:

— Segure mais um pouco, mulher! Porque se você parir agora, o seu filho será um eunuco sem futuro.

Enquanto a exortava e dizia boas palavras, Nectanebo ensinou Olímpia a fechar com as mãos as suas passagens naturais, ajudando também a segurar o parto da mulher com a sua magia. Então, examinando novamente o curso celeste dos astros do universo, percebeu que ele estava todo reunido no centro do céu e contemplou o brilho; era como se o sol estivesse no centro do céu. Então disse a Olímpia:

— Agora pode dar o grito do nascimento! — e fez um sinal de aprovação para que ela parisse. — Rainha, é agora que você vai dar à luz o senhor do universo!

Olímpia deu um mugido alto como o de uma vaca e pariu um menino dotado de boa sorte. Quando o menino parido desceu sobre a terra, vieram os trovões ribombando sucessivamente e a luz dos raios, como se todo o universo se agitasse.

[13] Quando amanheceu, Filipe viu a criança nascida de Olímpia e disse:

— Eu não queria criá-lo, por não ser meu filho. Mas vejo que a semente dele é divina e que o nascimento teve um sinal cósmico, então que ele seja criado em memória do meu filho morto, nascido da minha primeira mulher:³ se chamará Alexandre.

Assim falando, Filipe aceitou a criança com toda a atenção. Se fez coroar em festa toda a Macedônia, a Pela, a Trácia e as outras regiões.

³ O romance de Alexandre é o único texto que possuímos que relata a existência de um primeiro filho de Filipe com outra mulher.

Para que eu não alongue demais a narrativa, passando pela criação de Alexandre, ele foi desmamado e avançou na idade. Homem feito, Alexandre não se parecia nem com Filipe, nem com a sua mãe, Olímpia, nem com aquele que o engendrou. Porém, composto de uma fisionomia própria, tinha forma humana, cabeleira de leão, e os olhos eram de tons diferentes — tinha o direito escuro e o esquerdo claro. Os dentes eram afiados como as pontas dos das serpentes, e o seu ânimo se revelava como o do leão, era agudo e notório.

Com o tempo, cuidava do seu aprendizado, que só crescia. A sua nutriz foi Lecane, irmã de Melanto; o tutor e educador foi Cleônides; o seu professor de gramática foi Polinices; o de música foi Leucipo, o limneu; o de geometria foi Melemno, o peloponésio; o de retórica, Anaxímenes, filho de Aristocleu, o lamsaqueno; e o seu professor de filosofia foi Aristóteles, filho de Nicômaco de Estagira.

Alexandre, depois de cumprir toda a educação e estudar astronomia, na folga do estudo ensinava os seus colegas por conta própria e também os reunia para a guerra e sozinho formava a batalha. Quando via uma parte ser derrotada pela outra, se juntava à parte mais fraca para socorrê-la e de novo vencida. Era evidente — a vitória estava com ele. Assim Alexandre cresceu.

Certo dia, os criadores de cavalos de Filipe levaram dos estábulos um potro enorme e o apresentaram ao rei Filipe, dizendo:

— Senhor rei, encontramos este cavalo nascido nos estábulos reais. Ele tem a beleza do Pégaso, o conduzimos a você, senhor.

Contemplando a sua grandeza e a sua beleza, o rei Filipe ficou maravilhado; entretanto, o cavalo estava sendo segurado por todos à força. Os criadores de cavalo falaram:

— Senhor rei, ele come gente!

— Deveras — Filipe respondeu — nisso cumpre o provérbio grego: “perto do bem nasce o mal”. Mas agora que vocês o trouxeram, eu o aceitarei.

Mandou que os seus criados construíssem uma jaula de ferro e que o trancassem ali desamarrado.

— Os que não forem submissos ao meu reinado, os que desobedecem às leis e os que cometerem pirataria devem ser jogados ao cavalo!

E foi feito como mandou o rei.

[14] Alexandre avançava na idade e, aos 12 anos, estava presente junto ao pai nas formações das campanhas militares — se armava, participava nas campanhas e saltava a cavalo, de forma que Filipe falava ao vê-lo:

— Alexandre, filho, eu amo os seus modos e a sua nobreza, mas não a sua aparência... Acontece que você não se parece comigo.

Tudo isso era muito doloroso para Olímpia. Então ela chamou Nectanebo à sua presença e falou a ele:

— Vai descobrir o que Filipe quer de mim.

Quando Nectanebo dispôs a tábua e consultou os astros sobre ela, Alexandre, que estava sentado ali perto, perguntou a ele:

— Pai, os que você chama de astros não aparecem no céu?⁴

— Claro, filho — Nectanebo respondeu.

— Mas eu não posso vê-los?

— Sim, filho, vai poder quando for de noite.

De noite, Nectanebo pegou Alexandre e levou-o para fora da cidade, num lugar deserto, e olhando para o céu mostrou a ele os astros celestes. Alexandre, tomando-o pela mão, levou-o até um buraco e o atirou ali. Nectanebo, ao cair, bateu a nuca tremendamente.

— Ai! — ele falou. — Alexandre, meu filho, o que você pensa que está fazendo?

— Culpe a si mesmo, astrônomo.

— Por quê, filho?

— Porque você, sem saber as coisas da terra, investiga as coisas do céu.⁵

— Filho — Nectanebo falou a ele —, eu sofri um acidente tremendo... Mas nenhum mortal pode lutar contra o destino.

— Por quê? — perguntou Alexandre.

⁴ Segundo Carlos Garcia Gual, desde Homero, tanto “pai” quanto “filho” são usados como apelativos carinhosos na relação de um homem mais velho e um rapaz mais jovem. Entretanto, é interessante perceber um jogo irônico dos termos estabelecidos neste texto, sendo que Nectanebo é o verdadeiro pai de Alexandre.

⁵ A queda de Nectanebo é similar à anedota sobre Tales de Mileto, presente em Platão (Teeteto, 174a), Diógenes Laércio (I, 34), e a uma fábula de Esopo (Hausrath 40), cujo personagem é simplesmente um astrólogo.

— É que eu deveria ser morto pelo meu próprio filho. Assim, não escapei do destino, mas fui morto por você.

— Então eu sou seu filho?

Naquele momento, Nectanebo descreveu a ele o reinado no Egito, a fuga do Egito, a residência em Pela, a visita de Olímpia, a consulta que lhe fez e como foi até ela na forma do deus Amon e como se uniu a ela. Ao falar isso, o seu espírito se dissipou.

Alexandre, ao ouvir essas coisas de Nectanebo, se convenceu de que havia matado o próprio pai e sentiu pontadas de remorso. Atemorizado, não permitiu de jeito algum que ele ficasse no fundo do poço, podia haver ali um animal selvagem. Era noite, o lugar era deserto. Então, sentindo ternura pelo seu progenitor, cingiu-o e colocou-o sobre os ombros, dignamente, carregando-o até a sua mãe, Olímpia. Ao vê-lo, ela falou a Alexandre:

— O que é isso, filho?

— O jovem Eneias carrega Anquises.

E descreveu a ela detalhadamente tudo o que havia escutado de Nectanebo. Espantada, percebeu como ela mesma tinha sido enganada por ele e pelas suas artes mágicas maléficas, cometendo adultério. Com ternura, honrou-o com funerais de forma decente, como pai de Alexandre. Mandou fazer a tumba e colocá-lo ali. É uma maravilha notável da providência o fato de Nectanebo, sendo egípcio, estar na Macedônia e receber honras fúnebres num túmulo grego, e Alexandre, por sua vez, sendo macedônio, receber as honras fúnebres numa tumba egípcia.

[15] Filipe, ao voltar do exterior, partiu para Delfos para consultar o oráculo sobre quem reinaria depois de si. Então em Delfos, a Pítia provou da água da fonte da Castália e pelo oráculo subterrâneo falou assim:

— Filipe, será rei de todo o mundo habitado e submeterá a todos com a sua lança aquele que, montado no cavalo Bucéfalo, atravessar pelo meio toda Pela.

O cavalo foi chamado de Bucéfalo porque aparecia na sua coxa uma queimadura na forma de uma cabeça de boi. Depois de escutar isso, Filipe passou a esperar um novo Héracles.

[16] Alexandre considerava Aristóteles o seu único mestre. Aristóteles era capaz de dar uma educação a muitos outros rapazes, filhos de reis sob a sua responsabilidade. Certa vez, perguntou a um deles:

— Se você herdasse do seu pai o reinado, o que daria de presente a mim, o seu mestre?

O rapaz respondeu:

— Você vai ser o meu companheiro e único senhor, e farei com que você seja famoso diante de todos.

Aristóteles interrogou outro rapaz:

— E você, filho. Se receber o reinado do seu pai, como você vai me tratar, o seu mestre?

— Farei você intendente e te estabalecerei como conselheiro de todos os meus julgamentos.

Então Aristóteles perguntou a Alexandre:

— E se você, Alexandre, meu filho, receber o reinado do seu pai Filipe, como vai me tratar, o seu mestre?

Alexandre respondeu:

— Agora você pode perguntar sobre as coisas futuras, não tendo segurança sobre as coisas do amanhã? Responderei a você quando chegar o tempo e a hora.

Aristóteles respondeu a ele:

— Viva, Alexandre, senhor do universo! Você será um grande rei!

Alexandre era amado por todos, tanto pela sua sensatez quanto pela sua habilidade para a guerra. Filipe, contudo, estava dividido — se alegrava ao ver que o espírito do filho tinha o furor de Ares, mas se inquietava ao ver que o filho não se parecia consigo.

[17] Alexandre fez quinze anos e, certo dia, aconteceu de passar no lugar onde estava confinado o cavalo Bucéfalo. Ele escutou o seu relincho assustador. Se voltando aos criados, perguntou:

— Isso é um relincho de cavalo?

O general Ptolomeu respondeu:

— Senhor, este é o cavalo Bucéfalo, que o seu pai prendeu porque ele come gente.

O cavalo, que tinha escutado a conversa de Alexandre, relinchou pela segunda vez, agora não de forma assustadora como sempre, mas melodioso e doce como o mel,

como se tivesse sido submetido pelos deuses. Quando Alexandre se aproximou da jaula, o cavalo estendeu imediatamente as patas dianteiras para ele e verteu a língua, mostrando que ele era o seu único dono. Alexandre observou a maravilhosa aparência do cavalo e os pedaços dos homens violentamente mortos aos seus pés. Empurrando com cotoveladas os guardas do cavalo, abriu a jaula, agarrou-o pela nuca e, ao domar Bucéfalo, Alexandre montou sem rédeas e atravessou pelo meio a cidade de Pela.

Um dos criadores de cavalos foi correndo até o rei Filipe (que estava fora da cidade) para dar a notícia. Filipe lembrou-se do oráculo. Imediatamente foi encontrar Alexandre e o abraçou, falando:

— Viva, Alexandre, senhor do universo!

Desde então, Filipe estava alegre e cheio de esperança com relação ao filho.

[18] Certo dia, Alexandre encontrou o pai em boa disposição e, ao beijá-lo, disse:

— Pai, preciso que você me permita navegar até Pisa, para os jogos Olímpicos, porque quero competir.

Filipe respondeu a ele:

— Em qual esporte, dos que você pratica, você quer participar?

— Na corrida de carros.

— Filho — ele disse —, agora vou providenciar para você cavalos disponíveis no meu estábulo, eles vão te servir. Quanto a você, filho, cuide em se exercitar, já que é uma disputa famosa.

— Pai, me deixe ir para a disputa, porque tenho cavalos desde jovem, que eu mesmo criei.

Filipe, beijando o filho e admirando a boa disposição dele, disse:

— Filho, se é isso que você quer, vá em boa saúde.

Então foi para o porto, mandou construir um novo barco e colocar nele os cavalos e as carruagens. Alexandre embarcou junto do seu amigo Heféstion e chegou a Pisa navegando. Quando desembarcou, recebeu muitos presentes de boas-vindas e mandou os escravos cuidarem dos cavalos, enquanto ele e o amigo Heféstion foram dar um passeio. Apareceu diante deles Nicolau, filho do rei André dos arcanenses, que se orgulhava da sua riqueza e da sua sorte, duas deusas instáveis, e estava convencido do poder do próprio corpo. Ele se aproximou e saudou Alexandre dizendo:

— Saudações, rapaz!

— Saudações a você também — Alexandre respondeu —, quem quer que seja você e de onde venha.

— Eu sou Nicolau, rei dos arcanenses.

— Não se ache tanto. Você se enche de orgulho como se tivesse garantia da vida de amanhã... porque a sorte não fica parada num lugar só, a mudança faz pouco caso dos charlatões.

— Você fala bem — Nicolau respondeu —, mas não pensa assim. Você veio aqui para assistir ou para competir? Eu soube que você é filho de Filipe da Macedônia.

— Eu estou aqui para competir contra você na corrida de cavalos, mesmo sendo jovem.

— Melhor se você tivesse vindo como lutador, ou do pancrácio, ou de boxe.

Alexandre disse de novo:

— Quero participar da corrida.

Nicolau ferveu de raiva, desprezando Alexandre ao perceber como ele era jovem e, não conhecendo a sua alma efusiva, cuspiu nele e disse:

— Tomara que você perca! Vejam a que chegou o estádio de Pisa!

Alexandre, que fora ensinado a controlar a própria natureza, limpou o cuspe ultrajante e disse com um sorriso fatal:

— Nicolau, você vai se dar mal!⁶ E eu também vou tomar a sua pátria Arcânia subjugada pela minha lança.

E os concorrentes se afastaram um do outro.

[19] Passados uns dias, chegou a data marcada para a competição. Dos nove que entraram para a corrida de carros, 4 aconteciam de ser filhos de reis: o próprio Nicolau da Arcânia, Xântias da Beócia, Címon de Corinto e Alexandre da Macedônia. Os restantes eram filhos de sátrapas e generais. Todos estabeleceram o que faltava para a disputa, e uma urna sorteou as posições. No sorteio, Nicolau ocupou o primeiro lugar; Xântias, o segundo; Címon, o terceiro; Clitômaco, o quarto; Aristipo de Olinto, o quinto; Piério da Fócia, o sexto; Cimón de Lindo, o sétimo; Alexandre da Macedônia, o oitavo; e Critômaco de Locro, o nono. Eles se colocaram nos seus lugares para a cavalgada, e o trompete soou a melodia da partida. As cancelas das jaulas se abriram, e todos

⁶ Existe uma sonoridade semelhante entre o nome de Nicolau e o verbo “vencer” em grego: *Nikólae*, *árti se nikéso*. Escolhi aqui traduzir com uma pequena rima.

saltaram para fora, dispostos com o ânimo afiado, primeira, segunda, terceira, quarta volta!

Enquanto os últimos estavam esgotados (os seus cavalos tinham perdido as forças), Alexandre estava guiando na quarta posição, e atrás dele vinha Nicolau, que não queria apenas vencer, mas destruir Alexandre. Acontecia que o pai de Nicolau havia sido destruído por Filipe na guerra. Sabendo disso, o sensato Alexandre desacelerou, para que Nicolau passasse, quando os primeiros condutores se chocaram uns contra os outros. Nicolau, sem perceber a cilada, atravessou, se atendo ao prestígio de ser coroado. Por um tempo, conduziu em primeiro lugar, mas depois de duas voltas, o cavalo da direita de Nicolau golpeou a primeira carruagem e, assim como caíram os primeiros, Nicolau também caiu. Alexandre chegou à velocidade máxima de seus cavalos e, passando de lado, atacou o eixo da parte de trás de Nicolau. Toda a sua carruagem caiu, o auriga foi junto, e Nicolau morreu. Restou apenas Alexandre, sozinho. Pode-se dar ao morto o provérbio que diz: “A outro o mal prepara, a si mesmo o mal preparou”.⁷

Somente Alexandre foi coroado e subiu — vitorioso com a coroa de oliveira — ao templo de Zeus Olímpico. O sacerdote de Zeus falou a ele:

— Alexandre, Zeus Olímpico prediz isto a você: coragem! Assim como você venceu Nicolau, a muitos fará mal na guerra!⁸

[20] Depois de receber essa premonição, Alexandre, voltando com a vitória para a Macedônia, encontrou a sua mãe Olímpia rejeitada pelo rei Filipe, e Filipe estava casado com a irmã de Lísias, Cleópatra. No mesmo dia em que se conduziam as festas de casamento de Filipe, Alexandre — portando a coroa de vencedor da Olimpíada — entrou no banquete e disse ao rei:

— Pai, toma a coroa de vencedor, dos meus primeiros suores. Quando eu der a minha mãe em casamento a outro rei, vou te chamar para o casamento dela.

Falando isso, Alexandre se curvou de forma cômica diante do seu pai, Filipe. Ele, contudo, ficou aflito com as palavras de Alexandre.

[21] Reclinado junto a Filipe, Lísias disse:

⁷ Citação de Hesíodo, *Os trabalhos e dias*, v. 265: οἷ αὐτῷ κακὰ τεύχει ἀνὴρ ἄλλω κακὰ τεύχων.

⁸ Há aqui outro trocadilho, de novo com o nome *Nicólaos* e o verbo *nikéo*, e escolhi, no lugar de *vencer*, colocar um *fazer mal* para manter a sonoridade.

— Rei Filipe, chefe de todas as cidades, celebramos agora o seu casamento com a respeitável Cleópatra, que te dará filhos legítimos e não nascidos do adultério, parecidos com você.

Quando escutou isso, Alexandre se enfureceu com Lísias. Atirou contra ele a taça que segurava, ela foi bater na sua têmpora e o matou. Filipe, ao ver o sucedido, levantou-se enlouquecido com a espada na mão, erguendo-a contra Alexandre, e caiu ao tropeçar no pé do leito. Alexandre gargalhou e disse a Filipe:

— O que quer conquistar toda a Ásia e revirar a Europa nas suas bases não consegue nem dar um passo!

Ao dizer isso, Alexandre arrancou a espada de Filipe, o seu pai, e assustou todos os convidados. Era como a pintura dos Centauros: enquanto uns se refugiavam sob os sofás, outros escapavam para esconderijos, para ver Alexandre tal como um novo Odisseu acabando com os pretendentes de Penélope.⁹

Alexandre saiu e trouxe a sua mãe Olímpia para o palácio, vingando o casamento que lhe era injusto. Pôs em fuga Cleópatra, a irmã de Lísias, e os guarda-costas pegaram o rei Filipe, que estava nas últimas, e o deitaram no sofá.

[22] Passados 10 dias, Alexandre foi visitar Filipe e, sentando-se ao lado dele, falou:

— Rei Filipe, te chamarei pelo nome para que você não tenha mais o desagrado de eu te chamar de pai. Venho até você não como seu filho, mas como seu amigo, intercedendo porque você tratou a sua mulher de modo injusto.

Filipe respondeu a ele:

— Você fez mal, Alexandre, em matar Lísias porque ele disse palavras desonrosas.

— E você não agiu mal quando se levantou com a espada na mão, na frente do seu filho, querendo me matar? Quando quis se casar com outra, injustiçando Olímpia, a sua primeira mulher? Se levante e volte a si, eu sei por que o seu corpo está indisposto. Agora vou chamar a minha mãe Olímpia para fazer as pazes com você. Ela vai se deixar convencer pelo seu filho, mesmo você não querendo que eu te chame de pai.

Depois de falar isso, Alexandre saiu e foi até a sua mãe:

⁹ Segundo Carlos Garcia Gual, esta é uma referência mitológica um tanto descabida, que mistura numa mesma imagem a batalha dos centauros contra os lápitas, no casamento de Pirítoo, e o retorno de Odisseu, que mata os pretendentes de Penélope.

— Mãe — falou a ela —, não se zangue com o que o seu marido fez. Ele não sabe do seu erro, mas eu sou prova do acontecido, já que sou filho de um pai egípcio. Assim, o chame para fazer as pazes com você, porque é correto uma mulher se submeter ao seu homem.

Então levou a sua mãe até Filipe, o seu pai, e disse:

— Pai, volte para a sua mulher. Agora vou te chamar de pai, já que você se deixou convencer pelo seu filho. Aqui está a minha mãe, que convidei para vir até você e também esquecer o passado. Agora se abracem. Não há vergonha em fazer isso na minha frente, já que nasci de vocês.

E assim os pais fizeram as pazes, e isso admirou todos os macedônios. Depois disso, os noivos evitam falar o nome de Lísias, para que não se desliguem um do outro ao dizer o nome dele.¹⁰

[23] A cidade de Matona havia se insurgido contra Filipe, que então enviou Alexandre até lá, junto de um numeroso exército, para guerrear. Alexandre, ao chegar em Matona, convenceu os súditos dali com sábias palavras.

Retornando de Matona para ir até o seu pai, Filipe, Alexandre deteve-se ao ver diante de si homens vestidos em roupas bárbaras. Interrogou-os, falando:

— Quem são vocês?

Responderam:

— Sátrapas de Dario, o rei dos persas.

— O que vocês vieram fazer aqui?

— Cobrar do seu pai os impostos de sempre.

— E sobre o que vocês vêm cobrar impostos?

— Sobre as terras do rei Dario.

— Se os deuses as deram aos homens como sustento, por que Dario cobra para si o presente dos deuses? – e perguntou para saber: – Quanto vocês recebem de nós?

— Cem bolas de ouro de vinte libras cada.¹¹

¹⁰ Aqui há um trocadilho no grego, entre o nome de Lísias e a palavra *diálusis*, separação. Tentei manter a sonoridade com o verbo “desligar”. Segundo Gual, em A, o nome de Lísias é Átalo, assim como em Plutarco (9, 3). O romance mantém um núcleo histórico, mas muda completamente o final, para conceder maior glória a Alexandre como reconciliador, em uma cena moralizante e falsa.

¹¹ Se uma libra vale 327,5 gramas, então o peso total seria 32,75 kg de ouro.

— Não é justo que Filipe, o rei da Macedônia, pague impostos aos bárbaros, uma vez que ninguém domina os gregos só por querer dominar — Alexandre falou aos sátrapas de Dario —; voltem e digam a Dario que Alexandre, filho de Filipe, esclareceu a vocês: quando Filipe estava só, pagava os impostos, depois que nasceu o seu filho Alexandre, não damos mais tributos, mas também vou recolher de volta o que já receberam dele.

Falando isso, dispensou os embaixadores, sem considerar enviar uma carta ao rei deles.

Os embaixadores deram uns trocados a um amigo grego, que era artista, e ele entregou a eles um retratinho em relevo da efígie de Alexandre. Levaram-no para Dario, na Babilônia, relatando todas as coisas que Alexandre lhes tinha dito.

E de novo, quando outra cidade da Trácia se amotinou contra Filipe, ele enviou Alexandre com um grande exército para guerrear contra ela.

[24] Havia certo homem chamado Pausânias, um homem grande e bem rico, que mandava em toda a Tessalônica. Ele se apaixonou por Olímpia, mãe de Alexandre, e enviou a ela alguns homens notáveis para persuadi-la a deixar Filipe, o seu marido, e se casar com ele, enviando também muitos presentes. Olímpia não consentiu, e Pausânias foi até onde estava Filipe, ciente de que Alexandre tinha sido enviado para a guerra, e chegou no momento que se realizava uma disputa dramática. Enquanto Filipe presidia os jogos no teatro olímpico, Pausânias, armado com a sua espada, entrou no teatro junto de outros homens nobres, com a intenção de assassinar Filipe e raptar Olímpia. Partindo para cima dele, atingiu-o com a espada na costela, mas não o matou. Então começou um grande alvoroço no teatro. Pausânias, com isso, foi correndo em direção ao palácio para sequestrar Olímpia.

Entretanto, aconteceu de Alexandre voltar, vitorioso na guerra, naquele mesmo dia. Viu a grande agitação na cidade e perguntou o que estava acontecendo. Então falaram a ele:

— Pausânias foi para o palácio e quer sequestrar a sua mãe!

Alexandre entrou imediatamente no palácio com a guarda que tinha consigo e encontrou Pausânias agarrando Olímpia com muita força, enquanto Olímpia gritava. Alexandre quis dar com a lança nele, mas receou assim atingir a sua própria mãe, já que Pausânias a agarrava com muita força. Depois de soltar Pausânias da sua mãe, atingiu-o com a sua lança. Quando soube que Filipe ainda estava vivo, foi até ele e falou:

— Pai, o que você quer que eu faça com Pausânias?

— Traga-o para mim.

Quando o trouxeram, Alexandre colocou o punhal na mão do seu pai e trouxe Pausânias para perto dele. Filipe, agarrando-o, degolou-o. E Filipe falou a Alexandre:

— Alexandre, filho, não sofro com a minha própria morte, já que me vinguei ao matar o meu inimigo. Falou bem o deus Amon sobre a sua mãe Olímpia: “tem no seu ventre um menino que vai vingar a morte do seu pai”.

E quando disse isso, Filipe deu o seu último suspiro. Foi honrado com ritos funéreos reais, para os quais toda a Macedônia se reuniu.

[25] Quando a cidade de Pela reconstituiu a estabilidade, Alexandre subiu na estátua de Filipe, o seu pai, e falou, gritando bem alto:

— Oh, filhos de pelaaios e macedônios, dos gregos e dos anficiões, dos lacedemônios e dos coríntios, dos tebanos e dos atenienses, reúnam-se comigo, o seu irmão de armas, e confiem em mim! Para guerreamos contra os bárbaros e nos libertarmos da escravidão dos persas! Nós somos gregos, e não escravos dos bárbaros.

Depois de dizer isso, Alexandre exibiu em todas as cidades os decretos reais. Voluntários reunidos de todos os povos foram para a Macedônia, como se tivessem sido convocados por uma voz divina, e formaram o exército. Aberto o depósito de armas do pai, Alexandre distribuiu aos jovens uma armadura completa. Trouxe todos os guardas de Filipe, o seu pai, e, como eles já eram velhos, disse a eles:

— Veteranos, bravos irmãos de armas! Dêem as ordens do exército macedônio e façam conosco a expedição de guerra.

Eles responderam:

— Rei Alexandre, nós avançamos na idade fazendo expedições militares com o seu pai, o rei Filipe. Agora o nosso corpo não tem mais potência para lutar contra o adversário. Por causa disso, declinamos partir na sua expedição.

Alexandre então disse a eles:

— Mas sou eu que faço a expedição com vocês, porque vocês são mais velhos, e a velhice gera muito mais força do que a juventude. É certo que a juventude, convencida do controle do seu corpo, se deixa levar pela insensatez e subitamente se põe em risco. A idade, por sua vez, calcula antes de se precipitar, adia com o conhecimento, antes de ir para o perigo. Então vocês, pais, venham à expedição conosco, não para enfrentar os inimigos, mas para dirigir os jovens com dignidade. Pois é necessário ajudar uns aos outros. Contribuam com o exército com os seus corações,

já que para guerrear é preciso ter inteligência. É bem evidente que a salvação da pátria pela vitória concerne também aos conhecedores da batalha. Se nós formos derrotados, os inimigos atacarão os de idade avançada, mas, ao vencer, a vitória retorna aos que, sábios, aconselharam.

Ao dizer estas coisas, Alexandre convenceu todos os anciões, que o seguiram por causa das suas palavras.

[26] Alexandre recebeu o reinado de Filipe, o seu pai, aos dezoito anos. O tumulto criado pela morte de Filipe foi silenciado por Antípatro, que era uma pessoa muito inteligente e sagaz. Levou Alexandre vestido com a couraça até o teatro e expôs muitos argumentos para estimular a simpatia dos macedônios por Alexandre. Alexandre tinha, ao que parece, melhor sorte que o seu pai Filipe, e logo se cobriu de grandes feitos.

Quando reuniu todos os soldados do seu pai, contou-os e encontrou o resultado de dois mil homens e oito mil cavaleiros armados com couraça, 15 mil soldados da infantaria, cinco mil trácios e, dos anfitriões, lacedemônios, coríntios e tessalônicos, recebeu 3 mil. Ao somar todos os que estavam ali contou 70 mil, além de 6.590 arqueiros. Quando os ilírios, os peônios e os tribálios fizeram uma rebelião contra o seu poder, fez uma campanha de guerra contra eles. Guerreando contra esses povos, a Grécia se revolucionou.

[27] Houve um boato de que Alexandre, o rei dos macedônios, tinha morrido na guerra. Dizem que Demóstenes havia trazido um homem para a assembleia dos atenienses e ele dizia ter visto Alexandre morto. Ouvindo isso, os tebanos acabaram com a guarda que Filipe havia levado para o Cadmo depois da batalha de Queroneia. Dizem que Demóstenes os convenceu a fazer isso.

Irritado, Alexandre partiu para cima dos tebanos. Houve sinais, para os tebanos, do mal que estava para acontecer, porque uma aranha cobriu o templo de Deméter com sua teia, e a água da fonte de Dirce ficou como sangue. Tomando-a, o rei devastou toda a cidade, mantendo apenas a casa de Píndaro. Dizem que obrigou o flautista Ismênia a tocar flauta enquanto a cidade era devastada. Com medo, os gregos então apontaram Alexandre para a liderança e puseram nas mãos dele o poder da Grécia.

[28] Ao chegar à Macedônia, fez os arranjos para a subida para a Ásia, mandando construir grande número de navios, trirremes e naus guerreiras. Daí, fez embarcar neles toda a expedição, as carruagens e armamentos de todos os tipos. Levando consigo cinquenta mil talentos de ouro, fez os comandos e foi até a região da Trácia, e dali recolheu cinco mil soldados escolhidos e quinhentos talentos de ouro. Todas as cidades o recebiam e o coroavam.

Perto do Helesponto, chegou às naus para embarcar da Europa para a Ásia. Então, ao fincar a lança na terra, dizia possuir a Ásia sob a ponta da lança. Dali, Alexandre chegou ao rio Granico, que era vigiado pelos sátrapas de Dario. Depois de uma violenta batalha vencida por Alexandre, ao tomar os espólios, enviou-os para Atenas e para a sua mãe Olímpia. Pretendendo submeter a região costeira primeiro, conquistou a Jônia e depois disso a Cária, e depois desta a Lídia, onde se apoderou dos tesouros de Sardes. Tomou a Frígia, a Lícia e a Panfília, onde um prodígio aconteceu: como Alexandre não tinha naus, um pedaço do mar se retirou para que o seu exército pudesse atravessar à pé.

[29] Depois disso, foi até onde estavam as suas tropas navais. Atravessou e chegou à Sicília. Depois de submeter alguns que resistiam, atravessou e foi até a região da Itália. Os generais romanos enviaram a ele, através do general Marco, uma coroa de pérolas e diversas pedras preciosas, dizendo: “Coroamos você, Alexandre, rei dos romanos e de toda a terra”. Também entregaram a ele quinhentas libras de ouro.

Alexandre, aceitando o reconhecimento, prometeu fazê-los grandes e levou consigo dois mil soldados arqueiros e quatrocentos talentos.

[30] Dali, cruzou para chegar à África. Os generais africanos vieram encontrá-lo e imploraram que ele se retirasse do Cartago, a cidade deles. Alexandre, ao perceber a fraqueza deles, falou:

— Ou vocês se tornem mais fortes, ou paguem tributos aos que são mais fortes que vocês.

Ao regressar dali, depois de atravessar toda a Líbia, compareceu ao templo de Amon. Depois que a maior parte do seu numeroso exército de navios estava embarcada, mandou que eles navegassem e esperassem na ilha de Proteu. Ele partiu para sacrificar a Amon, porque tinha sido gerado por ele. Oferecendo os seus votos, disse:

— Pai Amon, se a que me pariu diz a verdade a respeito de eu ter sido engendrado por você, me dê o oráculo.

Então Alexandre teve uma visão de Amon abraçando a sua mãe e falando a ele: “Filho Alexandre, você foi gerado da minha semente”.

Depois de entender a obra de Amon, restaurou o seu templo e cobriu a sua estátua de ouro, dedicando uma inscrição a ele: “Alexandre dedicou ao pai deus Amon”. Também pediu dele um oráculo sobre onde fundar uma cidade, de forma que ela permanecesse como memória inesquecível. Ele viu então um Amon velho, de cabelo de ouro, com chifres de carneiro nas têmporas, falando a ele:

Oh, rei, o seu Febo com chifres de carneiro anuncia:
se quer ser jovem na eternidade incólume,
funde uma cidade notória na ilha de Proteu,
onde em primeiro se senta Aion Plutônio, ele mesmo, senhor,
volteando o mundo infinito nas suas cinco colinas.

Ao receber esse oráculo, investigou qual ilha seria a de Proteu e qual seria o deus estabelecido nela. Alexandre, enquanto procurava, sacrificando de novo a Amon, realizou a sua jornada até uma aldeia sem muralha na Líbia, onde o seu exército descansava.

[31] Alexandre estava passeando por ali quando uma grande cerva passou por ele e entrou numa caverna. Alexandre, então, chamou o arqueiro e mandou atirar no animal. O arqueiro esticou o arco, mas não conseguiu atingir a cerva, de forma que Alexandre disse a ele:

— Homem, essa desviou...

Assim, este lugar foi chamado de Desvio por causa da exclamação de Alexandre.¹² Para fundar aquela pequena cidade, ele chamou, dos nativos, alguns homens brilhantes e a povoou com eles, chamando a cidade de Desvio. Tomando a estrada, dali foi a Tumbosíris. Perguntou aos nativos que estavam ali o porquê daquele nome, e eles disseram que o templo dali era a tumba de Osíris.¹³

Depois de fazer ali os sacrifícios, cumpria o fim da jornada agora ao chegar à terra onde viu, num grande espaço que se estendia ao infinito, doze aldeias juntas umas das outras. Alexandre demarcou a extensão da cidade chamada Pandísias até à boca do chamado Heracléota, e a distância do Bandidião até à pequena Hormópolis. Não se chama “Hermópolis”, mas Hormópolis, porque tudo o que desce ancora ali.¹⁴ Até ali o rei Alexandre demarcou a cidade, razão pela qual até hoje ali se inscreve a “região alexandrina”.

Cleômenes de Náucrates e Nomócrates de Rodas advertiram que o rei Alexandre não fundasse uma cidade daquela extensão:

¹² Uma etimologia dada pelo autor do romance através de uma pequena anedota inventada. Para a tradução de *parátonon* optei por “desviou”, dando origem ao nome da cidade, *Paraitonion*, traduzida como Desvio.

¹³ Fiz uma pequena mudança para o português, *Taphosíris* virou Tumbosíris, por conta da tumba (*táphos*) de Osíris.

¹⁴ Mais uma etimologia falsa que prefiro explicar em nota a fim de não perder a sonoridade: Hermópolis seria “cidade de Hermes”, mas *hórmou pólis*, cidade portuária.

— Você não vai conseguir enchê-la de habitantes, e se você a encher, não vai conseguir funcionários para atender as suas necessidades de modo adequado. Os habitantes da cidade vão guerrear uns contra os outros, porque ela é enorme e infinita. As cidades pequenas são de fácil convívio, a cidade concorda quando discute. Mas se você for povoá-la grande tal como a demarcou, os habitantes vão discordar uns dos outros até o fim, por serem uma população infinita.

Convencido, Alexandre confiou aos arquitetos a construção da cidade do tamanho que eles queriam. Comandados pelo rei Alexandre, demarcaram a extensão da cidade a partir do rio Serpente junto da faixa de terra do Tumbosíris, até o rio Bom-Espírito, junto do Canopo e do Bandideio, até a área do Euroforo e do Melantio.¹⁵ Alexandre mandou que os habitantes se mudassem daqueles lugares para a aldeia distante trinta milhas fora da cidade, favorecendo-os com terrenos e chamando-os de alexandrinos. Os superintendentes das aldeias eram Eurílico e Melanto, e deles permaneceu a denominação.¹⁶

Alexandre também procurou outros arquitetos para a cidade, como Numênio, um construtor aquático, Cleômenes de Náucrates, um engenheiro, e Cátero de Olinto. Neumênio tinha um irmão chamado Hipónomo. Ele aconselhou Alexandre a construir a cidade a partir das pedras de fundação e nelas construir a passagem de um aqueduto que flui para o mar. O aqueduto se chama Hipónomo por causa dele.¹⁷

[32] Ali da terra avistou uma ilha sobre o mar e quis saber como ela se chamava. Os habitantes falaram:

— Faro. Foi lá mesmo onde Prometeu morou e onde está a tumba de Proteu, que nós cultuamos sobre o mais alto monte.

Levaram-no até o chamado Templo do Herói e mostraram a sepultura. Sacrificando ao herói Proteu, Alexandre viu como a tumba estava abatida pelo tempo e mandou que ela fosse imediatamente restaurada.

Alexandre mandou demarcar o contorno da cidade, de forma que ele a pudesse ver claramente. Os trabalhadores demarcaram a cidade com farinha de trigo, então aves de todos os tipos pousaram, comeram toda a farinha e levantaram voo. Alexandre,

¹⁵ Serpente (Dracon) e Bom-espírito (Agathodaímon) são os nomes dos grandes canais da Alexandria, que existem até hoje.

¹⁶ Segundo Bounoure e Serret, Euroforo e Melantio provavelmente eram as regiões sul da cidade, e também são inventadas.

¹⁷ Etimologia inventada. *Hipónomo* em grego é simplesmente “rio subterrâneo”.

lamentando-se por conta disso e perguntando-se que sinal era aquele, mandou buscar intérpretes e contou o acontecido. Eles falaram assim:

— A cidade que você mandou fundar, rei, vai sustentar o mundo inteiro, e as pessoas nascidas nela estarão por toda a parte: pois as aves voam ao redor de todo mundo habitado.

Daí mandou fundar a cidade. Feitas as fundações da sua maior parte e as suas demarcações, Alexandre inscreveu cinco letras: ΑΒΓΔΕ. Α de Alexandre, beta de *Basileus* (rei), gama de *génos* (linhagem), delta de *Díos* (Zeus), Ε de *éktizen* (fundou) uma cidade inimitável. Burros e mulas trabalhavam. Quando fixaram o portão do templo, uma grande e antiquíssima placa cheia de símbolos caiu, e de dentro dela saíram muitas serpentes que foram rastejando pelos caminhos e pelas fundações das casas. Foi por causa disso que os porteiros veneram as cobras como os bons espíritos que entram nas casas – posto que não são animais venenosos – e coroam os animais de carga quando eles estão descansando. Alexandre, ainda na cidade, estabeleceu o templo de Tybi, no mês de janeiro, e assim os alexandrinos mantêm até hoje a realização da festa de Tybi no dia vinte e cinco de janeiro.¹⁸

[33] Alexandre encontrou um ídolo erguido no alto de um morro, colunas helônicas e um Herôon.¹⁹ Mas estava procurando pelo Serapeu por causa do oráculo dado a ele por Amon, que dizia assim:

Oh, rei, o seu Febo com chifres de carneiro anuncia:

se quer ser jovem na eternidade incólume,

funde uma cidade notória na ilha de Proteu,

onde em primeiro se senta Aion Plutônio, ele mesmo, senhor,

volteando o mundo infinito nas suas cinco colinas.

Alexandre procurava aquele que tudo via. Construiu diante do Herôon um grande altar, que agora é chamado de *valioso altar de Alexandre*, no qual ordenou um sacrifício. Oferecendo preces, falou:

— Que você é o deus da providência desta terra e observa o universo sem fim: isso é evidente. Receba os meus sacrifícios e me ajude nas guerras!

¹⁸ Segundo Gual, o bom espírito (*agathós daimon*) de uma casa assume a figura de uma serpente ao entrar e nela habitar. No Egito, as serpentes eram veneradas por tal motivo. Além das festas particulares do bom *daímon*, havia uma festa pública festejada no dia 25 de janeiro (Tybi).

¹⁹ Túmulo monumental construído em homenagem a um herói.

Ao falar isso, deitou a oferenda sobre o altar. De repente, uma águia enorme pousou e arrebatou as vísceras da oferenda, conduziu-as pelo céu, e as deixou sobre outro altar. Ao observar aquilo, Alexandre foi rapidamente para o local e viu as vísceras sobre o altar. Era um altar erguido pelos arcaicos, um santuário com um ícone sentado dentro, segurando uma fera polimórfica com a mão direita e, na esquerda, um cetro. Disposta ao lado, a estátua de uma moça, um ornamento imenso. Perguntou aos habitantes qual era aquele deus ali. Eles disseram não saber, mas sabiam, pelos seus antepassados, que aqueles eram Zeus e Hera.

Ali, ele via também os obeliscos que permanecem até hoje no Serapeu, fora do muro que existe agora. Estavam cercados de hieróglifos, gravados.²⁰

.....

“Este é o dom desta cidade: de bons cursos, triunfante pela numerosa multidão, transbordando um clima de bons ares. Eu serei o líder dela, para que as dificuldades enfim não permaneçam, a fome ou um terremoto, mas como se um sonho se espalhasse pela cidade. Você, tornado deus, será venerado quando morto e receberá presentes de muitos reis por toda a parte, vai morar nela, morto — mas não morto — porque terá como túmulo a cidade que você fundou. Descubra, Alexandre, quem sou eu agora: somando duas vezes 100 e 1, então outros cem e um, quatro vezes 20 e 10, receba a primeira letra, e assim receberá quem te vem à luz”.

Então, depois de proferir essas coisas, se retirou. Alexandre, depois de pensar no oráculo, descobriu: Sárapis.²¹ Os arranjos da cidade se faziam como Alexandre ordenava e, dia após dia, a cidade se povoava fortalecida.

[34] Alexandre, quando recebeu de volta o exército, se apressava para viajar pelo Egito. Quando chegou à cidade de Mênfis, os egípcios o colocaram no trono do templo de Heféstio, como rei do Egito. Alexandre viu uma estátua alta em Mênfis, consagrada, feita de pedra negra e que possuía a seguinte epígrafe na base: “Este rei fugido voltará de novo ao Egito, não envelhecido, mas rejuvenescido, e dominará os nossos inimigos persas”. Alexandre quis saber de quem era aquela estátua, e os profetas lhe falaram:

²⁰ Parte do texto foi perdida ou eliminada. O texto seguinte não é o texto dos hieróglifos, mas de um sonho de Alexandre, como consta no manuscrito A. Segundo Gual, é provável que o redator desta versão tenha excluído o trecho porque, tendo uma perspectiva cristã, não quis deixar uma glorificação de Sárapis.

²¹ A solução do oráculo está na relação entre números e letras gregos: duas vezes 100 = 200 = σ; 1 = α; 100 = ρ; 1 = α; 4 vezes 20 = π; 10 = ι; primeira letra = ς. Σαράπις: Sárapis.

— Esta é a estátua do último rei do Egito, Nectanebo. Quando os persas chegaram para arruinar o Egito, ele viu com os seus poderes mágicos os deuses dos egípcios liderando os inimigos, e o Egito sendo arruinado por eles. Ao saber que estava para ser traído, fugiu. O nosso rei era Nectanebo, e nós recebemos um oráculo assim: “este rei fugido voltará de novo ao Egito, não envelhecido, mas rejuvenescido, e dominará os nossos inimigos persas”.

Ouvindo isso, Alexandre subiu na estátua e a abraçou, dizendo:

— Este é o meu pai, eu sou o seu filho! A palavra do oráculo não era mentira. Me admira como você foi dominado pelos bárbaros, tendo muros inconquistáveis que não poderiam ser derrubados pelo inimigo. Mas isso é da providência no alto e dos deuses mais justos, porque vocês têm terra fértil e rios abundantes que não foram feitos por mãos humanas, e são subjugados e dominados pelos que não têm isso. Os bárbaros morreriam não tendo tais coisas.

E depois de falar isso, solicitou deles os impostos que davam para Dario, dizendo-lhes assim:

— Não é para que eu embolse no meu tesouro, mas para gastar na nossa cidade de Alexandria do Egito, capital de todo o mundo habitado.

Ele dizendo isso, os egípcios ficaram felizes e lhe deram muitas coisas, e com veneração e muita honra, o enviaram através de Pelúcio.

[35] Tomando o seu exército, fazia o caminho para a Síria. Dali, alistando soldados — duzentos homens de armadura —, foi para Tiro. Os tírios se opuseram a ele, não permitindo que atravessassem a cidade por causa deste antigo oráculo que haviam recebido: “Quando um rei for de encontro a vocês, tírios, a sua cidade virá ao chão”. Por isso, rejeitaram a entrada de Alexandre na cidade deles. Resistiram construindo um muro em volta de toda a cidade, aconteceu uma dura batalha entre eles, e os tírios mataram muitos dos macedônios. Derrotado, Alexandre voltou para Gaza para se recuperar, estudava como arruinar Tiro. Então sonhou que alguém dizia para ele: “Alexandre, não finja ser um mensageiro de si mesmo em Tiro!”. Levantando-se do sonho, enviou a Tiro embaixadores com uma carta que dizia assim:

“Rei Alexandre, filho de Amon e do rei Filipe, eu, o maior rei da Europa, de toda a Ásia, o Egito e a Líbia, aos tírios, que são nada. Fazendo o caminho pela Síria, eu queria passar entre vocês em paz e boa ordem. Uma vez que vocês, tírios, foram os primeiros a se oporem à nossa entrada, apenas por culpa de vocês os outros aprenderão quão fortes são os macedônios, por conta da insurreição de vocês, vão se aterrorizar, se submetendo a nós. Está confirmado o oráculo que

vocês receberam — vamos atravessar a cidade de vocês. Adeus, sensatos — ou senão... Adeus, azarados!”

Depois de ler a carta, os primeiros conselheiros do rei mandaram imediatamente preparar os mensageiros enviados por Alexandre e perguntaram a eles:

— Qual de vocês é Alexandre?

E quando eles disseram que nenhum era Alexandre, foram crucificados.

Alexandre buscava um caminho para atacar e subjugar os tírios, já que acreditava que não havia razão para serem derrotados por eles. Num dos seus sonhos, viu um sátiro servo de Dioniso lhe oferecendo um queijo, que ele, ao aceitar, esmagou com o pé. Quando acordou, Alexandre descreveu o sonho a um intérprete, e ele disse:

— Você vai reinar por toda a Tiro, ela vai estar na sua mão: porque o sátiro te deu um queijo e você o esmagou com o pé!²²

Depois de três dias, ao reunir os exércitos e também três aldeias próximas, nobremente aliadas a Alexandre, abrindo, durante a noite, os portões dos muros, entraram e mataram os guardas. Alexandre pilhou toda cidade de Tiro e a demoliu ao chão. Até hoje se diz: “os males em Tiro”. As três aldeias aliadas a ele se inscreveram no limite de uma única cidade chamada de Trípolis.

[36] Depois de colocar em Tiro um sátrapa da Fenícia, Alexandre levantou acampamento e fez o caminho pela Síria. Apareceram uns embaixadores de Dario trazendo uma carta para ele, junto de um chicote, uma bola e uma caixa cheia de ouro. Alexandre, recebendo a carta de Dario, o rei da Pérsia, leu e viu que dizia assim:

“Rei dos reis e descendente dos deuses, emergente como o sol, eu, o próprio deus Dario, para Alexandre, meu servo. Comando e ordeno que você retorne para os seus parentes, que você seja meu escravo e que vá deitar no colo da sua mãe Olímpia. É a sua idade, você deve ser educado e criado. Por isso enviei a você um chicote, uma bola e uma caixa de ouro — pegue o que você quiser primeiro. O chicote é para mostrar que você ainda precisa ser educado, a bola é para você brincar como os da sua idade (e não vá persuadir, arrogante, os jovens desta idade, como um chefe de piratas, levando-os consigo para perturbar as cidades). Pois nem a reunião de todo o mundo habitado poderá derrubar o reinado persa. Enorme é a minha multidão de soldados, tão grande quanto alguém não pode contar grãos de areia, e tenho ouro e prata o bastante para

²² Jogo de palavras de difícil tradução: Temos na cena um Sátiro, a cidade de Tiro, um queijo (em grego, *tyrós*) sendo esmagado por Alexandre.

preencher toda a terra. Também enviei a você uma caixa cheia de ouro, porque como você não tem as provisões para dar aos seus companheiros, pode dar a eles o necessário para que cada um seja reenviado para a própria pátria. Se você não acreditar nas minhas ordens, eu vou te perseguir, você vai ser perseguido pelos meus generais e você não vai ser educado como filho de Filipe, mas vai ser crucificado como um desertor”.

[37] Depois que Alexandre leu isso para todos os soldados, todos eles ficaram com medo. Percebendo o medo deles, Alexandre disse:

— Homens macedônios, companheiros de armas, por que vocês se perturbam diante do que escreveu Dario, como se houvesse poder de verdade nestas letras barulhentas? Porque alguns cães de corpo fraco latem alto, como se pudessem, com os latidos, potencializar a aparência. Assim também é Dario: não tem potência nas obras, o que se mostra no que escreve, como os cães com os latidos. Mas concordemos como verdadeiro o que foi escrito: guiado por esta luz, de forma que saibamos com quem temos de lutar com dignidade pela vitória, e que não sintamos vergonha com a derrota.

Ao dizer isso, mandou amarrar os mensageiros de Dario pelos cotovelos, levando-os para a crucificação. Eles falaram:

— Que mal nós te fizemos, Alexandre? Somos os mensageiros... por que manda nos matar com crueldade?

Alexandre respondeu a eles:

— Culpem o rei Dario e não a mim, porque vocês foram enviados por Dario com esta carta não a um rei, mas a um chefe de piratas. Por isso mato vocês, que vieram a uma pessoa sem remorso, e não a um rei.

— Dario escreveu sem saber — eles falaram —, mas nós, que vimos o exército enorme em formação, percebemos que você é um rei sensato, filho do rei Filipe. Imploramos ao senhor grande rei: nos presenteie com a vida!

— Agora ficaram com medo do castigo de vocês e suplicam não morrer... E por causa disso eu vou soltar vocês. Porque o meu plano não é matar vocês, mas mostrar a diferença entre um rei grego e um bárbaro. Assim, não esperem sofrer o mal da minha parte. Um rei não assassina um mensageiro.

Falando isso, Alexandre mandou os dois se recostarem com ele no jantar. Quando os mensageiros, querendo dizer a Alexandre como pegar Dario numa cilada, começando uma guerra, ele lhes falou:

— Não me digam nada! Se vocês não fossem embora, eu procuraria saber da parte de vocês. Mas como vocês vão partir com ele, não quero, já que alguém pode falar a Dario o que vocês disseram, e eu me encontraria como culpado pelo seu castigo. Se calem, então, e fiquemos tranquilos.

Os mensageiros de Dario honraram Alexandre com muitas palavras, e toda a multidão do exército aplaudiu.

[38] Três dias depois, Alexandre escreveu uma carta para Dario. Ele a leu em voz alta para o seu exército (mas escondido dos mensageiros de Dario), falava o seguinte:

“Rei Alexandre, filho do rei Filipe e da mãe Olímpia, rei dos reis, para o entronizado junto aos deuses e nascente com o sol, ao grande deus, rei dos persas, salve. É vergonhoso que, com um poder tão grande, magnífico e nascente com o sol, um dia caia sob a escravidão de um pequeno sujeito tal como Alexandre... porque os nomes dos deuses, quando dados aos homens, concedem a eles grande poder e sensatez. Como, então, os nomes dos deuses imortais podem habitar corpos perecíveis? Veja bem, observamos vocês com relação a isso, e como não possuem poder contra nós, em vez disso pegaram emprestado os nomes dos deuses e estão na terra ornados destes poderes. Pois eu venho até você para guerrear como mortal, mas a decisão da vitória é da providência no alto. E por que você escreveu que possui esse tanto de ouro e prata? Sabendo disso, guerrearemos mais nobremente, a fim de tomar estas coisas. Por um lado, se eu te vencer, terei muita fama e serei um grande rei ao lado dos gregos e dos bárbaros, o que assassinou o grande senhor rei Dario. Você me enviou um chicote, uma bola e uma caixa de ouro, rindo de mim, mas eu os aceitei como bons presentes. Peguei o chicote, a fim de surrar os bárbaros com as minhas próprias mãos, os quais submeterei completamente à escravidão com as minhas lanças e armas. Com a bola, você me mostrou que serei o senhor do mundo – o mundo é esférico e redondo. E com o cofre de ouro, você me enviou o maior sinal: vencido por mim, vai me pagar impostos.”

[39] Depois de ler isso em voz alta para os seus soldados, o rei Alexandre selou a carta e a entregou para os mensageiros de Dario. O ouro que haviam trazido, Alexandre deu a eles de presente. Eles, aceitando a generosidade de Alexandre, se retiraram e foram até Dario. Ao ler a carta de Alexandre, Dario reconheceu o poder dele. Depois de investigar com cuidado a inteligência de Alexandre e os seus preparativos de guerra, motivado por estas coisas, escreveu aos seus sátrapas uma carta que dizia assim:

“O rei Dario, para os generais depois de Tauro, salve! Escreveram-me que Alexandre, o filho de Filipe, armou uma rebelião. Capturem-no e tragam-no para mim, mas sem fazer qualquer mal ao corpo dele, para que eu retire a sua roupa púrpura e lhe dê uma surra, então vou enviá-lo para a Macedônia, a sua terra pátria, para a sua mãe, Olímpia, dando a ele um chocalho e astrágalos, como as crianças macedônias ganham para brincar. Vou despachá-lo com homens sábios para lhe ensinarem. Afundem as naus no fundo do mar, tragam para nós os generais que o acompanham, agrilhoados com ferro, enviem os outros generais para morarem no Mar Vermelho. Os cavalos e os animais de carga, dou de presente a vocês. Adeus”.

Os sátrapas de Dario escreveram assim:

“Para o deus, o grande rei Dario, salve! Nos espanta que você não saiba de toda a gente que marchou contra nós, aqui. Enviaremos a vocês alguns que encontramos vagando... Não ousamos interrogá-los antes de você. Venha rapidamente, então, venha ajudar com toda a força, para que não sejamos espólios!”

Essa foi a carta que Dario recebeu na Babilônia, que ele leu e respondeu assim:

“O rei dos reis, grande deus Dario, para todos os sátrapas e generais, salve! Da minha parte, não há mais esperança, mostrem a distinção da coragem de vocês. O rio já alagou para vocês, e vocês não se perturbaram, vocês podem apagar raios... mas não toleram o estrondo de um homem plebeu! O que vocês têm para mostrar? Qual de vocês morreu em batalha? O que vou decidir com relação a vocês, que possuem o meu reinado? Que desculpa dão a um pirata que vocês decidem não deter? Então agora, como vocês me falaram, eu mesmo vou chegar e detê-lo.”

[40] Dario, tomando conhecimento de que Alexandre estava perto, estabeleceu acampamento perto do rio Pinário e mandou a ele a seguinte carta:

“O rei dos reis, grande deus Dario e senhor dos povos, para Alexandre, saqueador de cidades. Você parece se esquecer do nome de Dario, que também os deuses honraram e qualificaram para com eles dividir o trono. Não só acredita ser bem-aventurado em reinar nas terras macedônias sem as minhas ordens, mas atravessa terras desconhecidas e cidades estrangeiras, nas quais você se proclama rei, reunindo homens desesperançados como você, guerreia contra cidades inexperientes que eu, sempre respeitoso, acreditava inúteis, assim omitidas, e você demanda impostos delas, para receber como um pedinte. Você,

então, acha que nós somos assim como você é? Não ostente os lugares que você não tomou. Você planejou isso da pior forma – porque antes você teria a obrigação de corrigir a sua ignorância e vir a mim, o seu senhor Dario, e não juntar uma força pirata. Escrevi para você vir e obedecer ao rei Dario. Jurei por Zeus, o maior deus e o meu pai, não guardar rancor pelas coisas que você fez. Mas você persiste na loucura de antes. Te punirei com uma morte impronunciável. E ainda pior do que o seu será o sofrimento dos que te acompanham, que não te colocaram juízo”.

[41] Recebendo e lendo a carta de Dario, não se queimou com as suas palavras arrogantes. Dario, entretanto, havia reunido uma grande tropa e descia na companhia dos seus filhos, da sua mulher e da sua mãe. Consigo estavam os chamados *mil imortais*. Eram chamados de *mil imortais* por manterem o número ao introduzirem outros no lugar dos que morriam. Alexandre, depois de viajar até Tauro da Cilícia, chegava a Tarso, capital da Cilícia. Com o suor da caminhada escorrendo, arrancou a couraça fora e foi tomar banho no rio. Por conta do frio, adoeceu perigosamente, e tiveram dificuldade em tratá-lo. Quem cuidou dele foi Filipe, um médico famoso. Em boa saúde, avançava contra Dario. Dario tinha levantado acampamento diante do chamado Isso da Cilícia.

Exaltado, Alexandre urgiu para a guerra na planície e formou a ordem de batalha contra Dario. Os soldados de Dario, quando viram que a tropa de Alexandre marchava em direção a onde tinham ouvido estar Dario, colocaram em posição as carruagens e todo o corpo de guerra. Erguidas, as duas partes estavam prontas para o choque. Alexandre não permitiu que eles rompessem dentro da falange, nem que atravessassem com os cavalos, nem que voltassem atrás, mas a maioria das carruagens, enredada, se destruíam e se despedaçava. De cima do cavalo, Alexandre mandou que tocassem na corneta uma melodia de guerra. Com uma gritaria imensa dos soldados, fez-se a grande batalha. Lançando-se para a frente da ala do exército, golpeando e sendo golpeados, confrontavam-se por toda a parte. Retiravam-se os que, dos dois lados, consideravam-se vitoriosos. Os soldados do lado de Alexandre repeliam os do lado de Dario, despedaçando os derrotados com força, e derrubaram-se uns aos outros através da multidão de soldados.

Nada havia para ver ali além de cavalos no chão e homens liquidados. Não havia distinção nem entre persa, nem entre macedônio, nem entre aliado, nem entre sátrapas, nem entre soldado de infantaria ou cavalo sob tanta poeira. O ar se turvava, não se podia enxergar a terra sob o sangue na poeira. O próprio sol, empático com o acontecimento, decidiu não olhar aquela nódoa e nublou-se. Os persas se apressaram para fugir assim que compreenderam a reviravolta. Entre eles, estava Amintas da

Antióquia, o que fugiu de Dario depois do tempo em que foi tirano da Macedônia. Quando anoiteceu, Dario, aterrorizado como sempre, partiu antes. Mas como a sua carruagem de comandante era facilmente reconhecida, desceu da carruagem, montou num cavalo e fugiu. Alexandre desejava a honra de capturar Dario, foi persegui-lo antes, a fim de que ele não fosse morto por outra pessoa. Depois de persegui-lo por 60 estádios²³, Alexandre pegou a carruagem de Dario, os seus arcos, a sua mulher, as suas filhas e a sua mãe. Entretanto, a noite conservou o próprio Dario, já que ele tinha um cavalo novo para fugir.

Alexandre também tomou para si a tenda de Dario e se alojou nela. Ao vencer os inimigos, glorificado de crescida glória, nada fez de arrogante, mas mandou honrar com ritos fúnebres os mais vigorosos e nobres dos persas mortos. Levou consigo, honradamente, a mãe, a mulher e as filhas de Dario. Dessa mesma forma, exortando o restante dos prisioneiros, deu a eles conforto. A quantidade de baixas dos persas era gigantesca. Dos macedônios, as baixas foram: quinhentos soldados da infantaria, 160 cavaleiros e 308 feridos. Dos bárbaros, vinte mil morreram, e foram levados como espólio 4 mil homens.

[42] Dario, recuperado depois da fuga, fazia a sua expedição com um exército ainda maior. Ele escreveu a todos os povos, a fim de que ficassem ao lado do seu grande exército. Um espião de Alexandre, ao tomar conhecimento de que Dario reunia soldados, escreveu a Alexandre a respeito desses arranjos. Depois de ouvir essas coisas, Alexandre escreveu assim ao seu general Escamandro:

“O rei Alexandre, para Escamandro, nosso general, salve! Venha rápido até nós, com as falanges e trazendo todo o exército: porque dizem que os bárbaros não estão longe!”

Alexandre ele mesmo assumiu as tropas que possuía e fez a jornada. Depois de ultrapassar o chamado Tauro, ao fixar uma grande lança na terra, falou:

— Se algum homem vigoroso dos gregos, bárbaros ou de outros reis levantar esta lança, receberá um duro sinal: a sua cidade será levantada das bases.²⁴

Chegaram então à Hipéria, na cidade de Bebrícia. Havia ali um santuário com a estátua de Orfeu e as Musas Piérides, e bichos que rodeavam a imagem. Assim que Alexandre olhou para a estátua de Orfeu, a imagem começou a suar. Quando Alexandre buscou saber o que era esse sinal, Melampos, o intérprete de sinais, disse:

²³ Um estádio = 185 metros. Seriam 1.110 metros, no caso.

²⁴ Em I, 28 Alexandre faz o mesmo gesto de fincar a lança na terra, mas lá ele afirma “possuir a Ásia sob a ponta da lança”.

— Você tem que trabalhar, Alexandre, com suores e penas, para submeter totalmente os povos dos bárbaros e as cidades gregas. Assim como Orfeu, tocando a lira e cantando, persuadiu os gregos, derrotou os bárbaros e domou os bichos, assim você também, penando com a lança, vai fazer com que todos estejam nas suas mãos.

Escutando isso, Alexandre dispensou o adivinho de sinais, depois de honrá-lo com grandeza.

Chegou à Frígia, foi até o rio Escamandro, onde Aquiles pulou, e também pulou. Alexandre, quando viu o escudo de sete peles, não tão grande assim nem maravilhoso como Homero o descreveu, disse:

— Bem-aventurados vocês, sortudos, que tiveram Homero como arauto e que foram grandes nos poemas dele, mas, quando vistos, não foram tão valiosos quanto os escritos dele.

Então um poeta se aproximou dele e disse:

— Rei Alexandre! Nós vamos escrever os seus feitos melhor do que Homero!

E Alexandre respondeu:

— Prefiro ser o Tersites de Homero do que o seu Agamêmnon.

[43] Indo dali para Pela, ele reuniu o exército de Macedônios junto com o que capturou na guerra contra Dario, e fazia o caminho até Abdera. Os abderitas fecharam os portões da cidade, e Alexandre, enfurecido, mandou o seu general queimá-la. Os abderitas enviaram um embaixador que dizia:

— Não fechamos os portões nos opondo à sua soberania, mas por medo do rei dos persas. Para que Dario, permanecendo como tirano, não destruísse a cidade que teria te recebido. Quando você derrotar Dario, venha e abra os portões da cidade. Somos subordinados ao rei mais poderoso.

Escutando isso, Alexandre sorriu e disse aos embaixadores enviados:

— Vocês temem o reinado de Dario porque, se ele permanecer no poder, vai destruir vocês? Então entrem, abram as portas e residam em ordem: porque não vou entrar na cidade de vocês até derrotar aquele cujo reinado vocês temem, e então tomarei vocês nas minhas mãos.

Depois que disse isso aos embaixadores, eles retornaram.

[44] Chegou depois de dois dias a Botia e a Olinto, pilhou toda a região dos Caldeus e tomou as cidades vizinhas. Dali, foi até o mar Euxino e submeteu todas as cidades próximas. Faltavam, para os macedônios, provisões de comida, de forma que todos

estavam morrendo de fome. Alexandre, então, com a sua mente grandiosa, fez uma coisa inventiva. Buscou todos os cavalos dos cavaleiros e os degolou, removeu a pele dos seus corpos, e mandou assar para comer. Eles se satisfizeram e se revigoraram da fome. Mas falavam:

— O que Alexandre estava pensando para matar os nossos cavalos? Olha, por um lado nos saciamos de comida, mas ficamos desarmados para a batalha com cavalos.

Escutando isso, Alexandre foi até o acampamento e disse:

— Homens, irmãos de armas, nós degolamos os cavalos, embora eles fossem necessários para a guerra, mas foi para nos satisfazermos de comida. Porque um mal, quando compensado por um mal razoável, tem uma parte de sofrimento. Ao chegarmos em outra terra, encontraremos cavalos facilmente. No entanto, se nós perecêssemos de fome, não encontraríamos outros macedônios.

Assim tranquilizados, os soldados fizeram o caminho para outra cidade.

[46] Dali, fizeram o caminho até os tebanos. Quando Alexandre solicitou deles homens para o serviço militar, fecharam os portões dos muros e nem mesmo enviaram embaixadores, mas se armaram em postos de batalha para guerrear contra Alexandre. Enviaram a ele 500 homens como arautos:

— Ou você guerreia, ou sai fora da nossa cidade.

Alexandre, sorrindo, disse a eles:

— Oh, nobres tebanos! Como vocês ameaçam guerrear contra o rei Alexandre se fechando atrás dos portões das muralhas? Então eu vou batalhar, não contra gente nobre e experiente, mas contra ordinários e mulheres covardes. Porque vocês se fecharam como mulherzinhas dentro das muralhas, só gritando para fora!

Depois de falar isso, mandou mil cavaleiros contornarem as muralhas, atirando nos que estavam de pé sobre elas, e outros mil, com machados de dois gumes e varas longas e afiadas, cavarem as fundações, botarem fogo nas portas e empurrarem os chamados “carneiros” com violência, para destruir as muralhas. Estes são instrumentos sobre rodas que eles empurravam com força, soltavam de longe em direção à muralha e destruíam os muros mais consistentes. Alexandre, com outros mil fundeiros e soldados armados, percorria o entorno. Botavam fogo em tudo, lançavam pedras, dardos e lanças. Os tebanos atingidos caíam das muralhas, não podendo resistir a Alexandre.

Por três dias inteiros a cidade dos tebanos ardeu. O primeiro portão a arrebentar foi o chamado Palmia, onde Alexandre estava. Imediatamente Alexandre entrou em primeiro, ferindo alguns, e em seguida intimidando e atordoando outros. Entraram, assim, um após o outro, as multidões de soldados pelas portas. Havia um número de mais ou menos quatro mil homens no total, e todos foram mortos enquanto as paredes eram destruídas. Muito rapidamente, o exército macedônio, sob o comando de Alexandre, acabou com tudo. A terra estava encharcada de sangue humano na poeira, muitos tebanos caíam das torres para o chão. Violentamente queimada pelo fogo, a cidade dos tebanos era destruída pela mão macedônia.

[46a] Um homem tebano que estava ali naquele momento via Tebas ser derrubada e toda a juventude ser morta. Lamentando sobre a sua pátria e achando que poderia sobreviver através da sua experiência com a flauta, se pôs a suplicar e implorar a Alexandre. Chegando ajoelhado, aproximou-se dos pés dele, qual miserável e pobre, e começou a cantar uma melodia misericordiosa. Dessa forma, com a súplica e o canto de lamento das melodias da flauta, foi possível apaziguar Alexandre com muitas lágrimas. Começou a dizer assim:

— Alexandre, grande rei, agora, depois de aprender na prática, reverenciamos o seu poder divino.

LIVRO II

[6] Logo que reuniu as suas tropas, Alexandre se apressou pela Cilícia em direção à região dos bárbaros.

[7] Dario reunia os líderes dos persas, e eles discutiam a respeito do que era preciso fazer. Dario falou:

— Pelo que eu vejo agora, a força da guerra aumenta. E como eu suspeitava, Alexandre pensa como um pirata, mas manipula as coisas como um rei. Dessa forma pensamos serem grandes os persas, mas Alexandre é maior e tem muita inteligência. Nós enviamos a ele um chicote e uma bola, para brincar e ser educado... de forma que examinamos as circunstâncias para corrigi-las, não com desprezo, como se Alexandre não fosse nada, mas elevando o grande reinado dos persas, para que não sejamos banidos de todo o mundo. Receio que o maior não se encontre abaixo do menor e que por parte das circunstâncias e da providência, aconteça uma mudança na coroa real. Agora é vantagem para nós dominarmos os nossos próprios bárbaros, tentando resgatar a Grécia, destruimos também a Pérsia.

Oxidécis, o irmão de Dario, disse a ele:

— Agora você engrandece Alexandre e a coragem dele, você permite que ele ataque a Pérsia, quando renuncia, para ele, a Grécia. Imita, então, o próprio Alexandre, e assim você vai se mantendo senhor do reino. Porque ele não entrega a guerra aos soldados e aos sátrapas como você, mas é o primeiro a se lançar na guerra, combatendo na primeira fileira do seu exército, deixando de lado a realeza para, quando vencer, assumir novamente o lugar de rei.

Então Dario perguntou:

— Mas como vou imitá-lo?

, Outro general respondeu a ele:

— Assim mesmo: Alexandre é melhor em tudo, sem exceção, porque faz tudo com nobreza natural, de acordo com a sua nobre ousadia. A fisionomia dele é toda como a de um leão.

Dario perguntou a ele:

— Como você sabe disso?

— Quando você me enviou, rei, até Filipe, observei na Macedônia a reverência por Alexandre, a sua fisionomia, a sua razão e o seu caráter. Então você, rei, mande buscar os seus sátrapas, tanto dos que são dos seus povos, dos persas, dos partos,

dos medos, dos elimeus, dos babilônios, estando eles na região da Mesopotâmia ou na região da Odina, para não dizer dos nomes dos da Bácia e dos da Índia, já que lá há muitos povos seus, e faça um exército com eles. Se não for possível ao senhor ter uma aliança com os deuses para vencer os gregos, ao menos espantaremos os nossos inimigos com uma multidão numerosa.

Depois de ouvir isso, Dario disse:

— Você me aconselhou belamente, mas muito mal: porque só um pensamento dos gregos vence uma multidão de bárbaros, como um só lobo forte persegue um rebanho de ovelhas.

Dito isso, Dario mandou reunir as multidões.

[8] Enquanto isso, Alexandre, depois de caminhar pela Cilícia, chegou ao rio chamado Oceano. A água era bem corrediça, e Alexandre quis tomar banho no rio. Despiu-se e pulou naquela água muito fria, mas aquilo não lhe fez bem. Congelando, a sua cabeça e o seu corpo doeram por causa do frio, e ele ficou em condições péssimas. Os macedônios ficaram com o ânimo doente por causa da convalescência e das dores de Alexandre, porque se Dario descobrisse, de alguma forma, a doença de Alexandre, ele os atacaria. Assim, uma alma, a de Alexandre, despedaçou todas as almas dos soldados.

Estava ali por acaso um médico de nome Filipe, que prescreveu a ele uma bebida para livrá-lo da doença. Alexandre mostrava boa vontade para tomar a droga, enquanto Filipe a preparava. Então uma carta foi entregue a Alexandre, enviada por Parmênio, um dos generais do rei, que dizia: “Dario falou a Filipe, o médico, que se tivesse a oportunidade, desse a você uma droga, prometendo a ele a própria irmã em casamento e torná-lo associado de seu reinado. Filipe concordou em fazer isso. Então, rei, proteja-se de Filipe”. Alexandre leu a carta quando a recebeu, mas não se perturbou, pois sabia a disposição que Filipe tinha consigo. Deixou a carta próxima da sua cabeça. O médico Filipe, chegando perto, deu ao rei Alexandre o cálice com a droga a ser bebida, falando:

— Beba, senhor rei, e fique livre da doença.

Alexandre a recebeu e disse:

— Eu bebo — e bebeu de uma vez.

Em seguida, apresentou a ele a carta. Filipe leu em voz baixa o que estava escrito e disse:

— Rei Alexandre, o senhor vai descobrir que não estou de acordo com estas palavras.

Então, recuperado da doença, Alexandre abraçou Filipe e disse a ele:

— Você sabe a opinião que tenho de você, Filipe, porque tinha recebido a carta antes do remédio, e naquele momento bebi a droga, confiando no seu nome. É que eu sabia que Filipe não desejou a Alexandre nada doloroso.

Filipe respondeu:

— Senhor rei, agora puna com justiça Parmênio, o que te enviou a carta, porque ele muitas vezes tentou me persuadir a te matar com drogas, e eu receberia a irmã de Dario, Dadifarta, em casamento. Como eu me recusei, veja como ele me colocou diante da sua morte cruel.

Depois de investigar e descobrir que Filipe era inocente, Alexandre substituiu Parmênio.

[9] Reunindo ali os seus exércitos, Alexandre chegou à região dos Medos. Apressava-se para tomar a grande Armênia. Depois de escravizá-la, caminhou vários dias por um lugar acidentado e sem água, até que chegou, através da Ariana, ao rio Eufrates. Assim, depois de construir uma ponte com arcos e barras de ferro, mandou os exércitos atravessarem. Como ele viu que eles tinham medo, mandou atravessar primeiro os rebanhos, os carros e os mantimentos de todos, então os exércitos. Olhavam para o fluxo do rio, com medo de que os arcos se desamarrassem. Como eles não tiveram coragem de atravessar, Alexandre levou consigo os escudeiros e passou primeiro. Então, toda a formação também atravessou.

Em seguida, mandou desfazer as plataformas sobre o rio Eufrates. O exército todo se incomodava com aquilo, todos tinham medo, dizendo:

— Rei Alexandre, se nós precisarmos voltar diante de alguma guerra contra os bárbaros, como teríamos o nosso retorno assegurado, encontrando onde atravessar?

Alexandre, vendo o medo deles e ouvindo a barulheira que faziam, reuniu todos os exércitos e lhes disse assim:

— Homens, soldados companheiros, que bela esperança de vitória vocês me dão, com o pensamento de retornarmos derrotados! Foi por causa disso que mandei derrubar a ponte, para vocês vencerem guerreando e não fugirem derrotados. Porque a guerra não é dos que fogem, mas dos que perseguem. Daqui vamos retornar para a Macedônia levando a vitória. As batalhas de guerra são brincadeira para nós.

Assim esclarecendo Alexandre, os exércitos o honraram, aproximando-se animadamente da guerra. Eles se assentaram ali depois de montar acampamento.

Da mesma forma, o exército de Dario se assentou acima do rio Tigre. Eles se encontrariam para a guerra, e ambas as divisões de soldados guerrearão umas contra as outras. Certo homem dos persas vestiu as armas dos macedônios, veio por trás de Alexandre e, parecendo ser um aliado dos macedônios, bateu-lhe na cabeça, fendendo o seu topo. De imediato, ele foi perseguido pelos soldados, e apresentaram-no acorrentado. Alexandre, pensando que ele era um macedônio, falou:

— Oh, nobre homem! Por que você fez isso?

— Rei Alexandre, não se engane pelas minhas armas macedônias, porque eu sou persa, um sátrapa de Dario. Fui até ele e perguntei: “se eu trouxer a cabeça de Alexandre, o que você me dá?”. Ele me prometeu uma região do seu reinado e sua filha em casamento. Então, para chegar até você, eu me disfarcei de macedônio, mas não tive sucesso no meu desígnio, e agora me erguem acorrentado diante de você.

Ouvindo isso, Alexandre convocou todo o seu exército, para olhar enquanto o homem era libertado. Disse ao seu exército:

— Homens macedônios, é preciso que os soldados sejam assim audaciosos na guerra.

[10] Quando os bárbaros precisaram de alimentos, voltaram para a região da Bactria. Alexandre ficou ali e dominou todo o lugar. Outro sátrapa de Dario foi até Alexandre e disse:

— Eu sou um sátrapa de Dario e realizei grandes feitos para ele na guerra, mas não recebi qualquer agradecimento. Me dê dez mil soldados armados e eu dou a você meu rei Dario.

Alexandre respondeu a ele:

— Vá e ajude o seu rei Dario, porque não confio em estrangeiros que traem os seus compatriotas!

Os sátrapas de lá escreveram assim a respeito de Alexandre:

“Ao grande rei Dario, salve! Primeiro, de pronto, avisamos que Alexandre se aproxima na nossa direção; de novo, informamos ao senhor que ele está se aproximando. Também sitia a nossa região e já matou vários dos nossos persas. Nós corremos o risco de sermos destruídos! Então se apresse em chegar antes, com todas as suas forças, para não dar lugar a ele quando se aproximar do

senhor. O exército macedônio é grande, poderoso e prevalece sobre nós. Passe bem!”

Depois de receber e ler a carta, Dario enviou a Alexandre uma carta assim:

“O grande Zeus é testemunha do que você fez comigo. Creio que a minha mãe já caminhou em direção aos deuses, não tenho mulher, os meus filhos nunca nasceram. Eu não vou parar na busca pela minha vingança contra o que você me fez. Me escreveram que você trata os meus com justiça e piedade, mas, se tivesse agido com justiça, receberia a justiça de mim. Você pode, então, deixar de poupar os meus. Maltrate-os, desse modo, por vingança, já que são filhos dos seus inimigos, porque nem se você for bom para eles, me terá como amigo, nem se você fizer mal a eles me terá como inimigo.”

Alexandre recebeu e leu a carta de Dario, então sorriu e respondeu a ele assim:

“O rei Alexandre, para Dario, salve! Os deuses odeiam até o fim os seus desvarios vazios, as baboseiras e as suas conversas vãs. Você não se envergonha das suas blasfêmias e dos seus pensamentos vazios? Porque não foi por medo que honrei os seus, nem com a esperança de chegar a me reconciliar com você, querendo que você viesse dar graças a nós. Não venha até nós, já que a nossa coroa não vale a sua coroa. Você não vai reprimir a minha piedade com todos, mas eu vou sempre exhibir a minha boa consciência para com os seus. Esta carta é a última de todas que eu te escrevo”.

[11] Depois de escrever a Dario, Alexandre se preparou para a guerra e escreveu assim a todos os seus sátrapas:

“O rei Alexandre para os seus sátrapas e para todos os seus súditos da Frígia, Capadócia, Paflagônia, Arábia e para todos os outros, salve! Quero que vocês preparem muitos trajes de guerra e que mandem para nós, na Antioquia da Síria. E nos enviem os arsenais que vocês prepararam. Porque há três mil camelos no rio Eufrates, até a Antioquia da Síria, para realizar o serviço de acordo com as nossas ordens, para que encontremos ajuda sem atraso. Venham rapidamente até nós!”

Os sátrapas de Dario também escreveram assim a ele:

“Para o grande rei Dario. Temos que escrever isso a você com cautela, levados pelas circunstâncias... Fiquei sabendo, rei, que o líder dos macedônios, Alexandre, matou dois dos nossos melhores, e alguns destes melhores passaram para o lado de Alexandre, com as suas concubinas.”

Depois de saber disso, Dario escreveu aos seus generais e sátrapas mais próximos, para que estivessem prontos e posicionados em fileiras de batalha. Escreveu aos reis mais próximos assim:

“Dario, rei dos reis, salve! Devemos combater o miserável povo macedônio do jeito que nós enxugamos o suor!”

Comandou também que o exército persa se preparasse. Escreveu ao rei Poro dos indianos pedindo auxílio.

[12] O rei Poro recebeu a carta de Dario e, depois de ler os acontecimentos reunidos nela, ficou aflito. Respondeu a ele assim:

“Poro, rei dos indianos, para Dario, rei dos persas, salve! Depois de ler as coisas que você nos escreveu, fiquei muito aflito, preciso te encontrar para decidir a respeito do auxílio, mas estou impedido pela doença que enverga o meu corpo. Siga, então, com entusiasmo, como se estivéssemos ao seu lado, sem aceitar essa insolência. Escreva para nós o que você quiser — pois as minhas forças se fazem presentes para você, até os povos mais afastados vão me escutar.”

Sabendo disso, a mãe de Dario enviou uma mensagem ao filho, escrevendo em segredo o seguinte:

“Para Dario, meu filho, salve! Escutei que você está reunindo povos e querendo combater outra guerra contra Alexandre. Não perturbe o mundo, filho. O porvir é incerto. Então, tenhamos esperança no melhor e que você não perca a vida agindo precipitadamente no duvidoso. Nós, pois, estamos na maior honra junto do rei Alexandre, que não me tem como a mãe de um inimigo, mas na maior proteção, razão pela qual espero que se chegue a um belo acordo.”

Depois de ler isso, Dario chorou, se lembrando da sua família, mas ao mesmo tempo estava perturbado e inclinado à guerra.

[13] Alexandre, por sua vez, chegou à região da Pérsia com muitas tropas, e as grandes muralhas da cidade ficaram visíveis aos macedônios. Então, o inteligente Alexandre teve uma ideia: retirando dos pastos os rebanhos que pastavam ali, cortou troncos de árvores e amarrou nas suas costas dos rebanhos, que marchariam atrás dos exércitos. Os galhos, arrastados sobre a terra, levantariam a poeira puxada, e a poeira levantada subiria ao Olimpo, de forma que os persas que observassem sobre as muralhas imaginariam uma multidão de exércitos. Com o fim da tarde, mandou amarrar tochas e velas nos chifres dos rebanhos, e então acendê-las e queimá-las. O lugar era

plano, para quem via, era como se toda a planície pegasse fogo. Os persas ficaram apavorados.

Ao se aproximar da cidade dos persas algo como 5 marcos, Alexandre buscava alguém para enviar até Dario, para falar a ele quando fariam o combate da guerra. Alexandre, então, se deitou naquela noite e viu em sonho Amon, em forma de Hermes, erguido à sua frente, segurando o caduceu, com o manto, o bastão e um chapéu macedônio na cabeça, dizendo:

— Filho Alexandre, é ocasião de te socorrer, me apresento a você: se você enviar um mensageiro até Dario, ele vai te trair. Apresente-se como mensageiro você mesmo e vá vestido com esta roupa que me vê usando.

Alexandre respondeu a ele:

— É perigoso ser rei e ser mensageiro de mim mesmo.

— Mas como você tem um deus que te socorre, nada de nocivo vai te acontecer.

Depois de receber esse oráculo, Alexandre se levantou alegre e o partilhou com os seus sátrapas. Eles o aconselharam a não fazer aquilo.

[14] Levando consigo um sátrapa de nome Eumelo, transportando três cavalos, andou em frente e se aproximou de um rio chamado Estranga. Este rio congela no frio até se empedrar e ficar como rocha, podendo ser atravessado por animais e carros. Daí, depois de alguns dias, ele se dissolve, e a água se torna corrente, de forma que os que atravessam são arrastados e levados embora pela corrente.

Alexandre encontrou o rio congelado e, depois de colocar a vestimenta como viu Amon usando no sonho e montar no cavalo Bucéfalo, atravessou sozinho. Eumelo pediu para atravessar com ele (caso fosse necessária alguma ajuda), mas Alexandre lhe disse:

— Fique aqui com os dois potros, porque tenho a ajuda de quem me deu o oráculo mandando colocar esta roupa e ir sozinho.

O rio tinha a largura de um estádio.²⁵ Partindo, Alexandre seguiu o seu caminho e chegou aos portões persas. Quando os guardiões que estavam ali viram Alexandre com aquelas roupas, pensaram ser ele um deus. Retiveram-no e perguntaram quem era ele. Alexandre disse a eles:

— Tragam-me o rei Dario, que anunciarei a ele quem sou!

²⁵ 1 estádio = 185 metros.

Dario estava fora, em uma montanha, fazendo acampamentos e treinando as falanges contra heróis macedônios. Alexandre reuniu todos por conta da sua aparência estranha, e Dario quase se prostrou diante dele, ao pensar que era um deus descido do Olimpo, vestido em roupas bárbaras. Dario se sentou — usava uma coroa de pedras preciosas, uma veste de seda babilônica bordada de ouro, a púrpura real e as sandálias douradas cravejadas de pedras até os tornozelos. Um cetro em cada mão, massas de miríades de homens em torno dele. Dario queria saber quem seria aquele que o encarava, vestido naquela roupa que ele jamais vira. Alexandre disse a ele:

— Eu sou um mensageiro do rei Alexandre.

O rei Dario respondeu:

— E por que você vem até nós?

— Eu te informo que Alexandre está se aproximando. Quando a guerra pode começar? Saiba, rei Dario, que o rei que se atrasa para a batalha já mostra ao oponente que tem a alma fraca para guerrear. Então, não seja assim negligente e me diga quando você quer começar a guerra.

Enfurecido, Dario falou a Alexandre:

— Eu começo a guerra contra você ou contra Alexandre? Porque se você é assim confiante, como o próprio Alexandre, me respondendo com ousadia, como se fosse meu amigo... vou para o meu banquete habitual, jante comigo, pois Alexandre também banquetearia com os meus mensageiros.

Assim falando, Dario tomou Alexandre pela mão e entrou no seu palácio. Alexandre recebeu isso como um bom agouro, ao ser levado pela mão do tirano. Entrando no palácio, Alexandre foi já o primeiro a tomar assento no banquete de Dario.

[15] Os persas encaravam admirados a pequenez do corpo de Alexandre, mas sem saber que num pequeno recipiente havia a glória da sorte celestial. Enquanto eles bebiam vigorosamente das suas taças, Alexandre teve uma ideia: todas as taças que recebia, ele recolhia para dentro das suas vestes. Os que viram isso foram falar com Dario. Dario se levantou e falou:

— Meu caro, por que você pega estas coisas, enquanto está acomodado no banquete?

Alexandre, pensando no esquema que tinha em mente, falou:

— Grande rei, Alexandre sempre faz assim no banquete, dá os copos aos seus comandantes e escudeiros. Pensava que você era como ele. Então, confiante, me adiantei para fazer isso.

Os persas, surpresos, se admiraram com as palavras de Alexandre: pois toda narrativa, se tem credibilidade, deixa os ouvintes espantados. Se fez um grande silêncio e um dos líderes dos persas, chamado Paragagés, examinou Alexandre. Na verdade, já havia visto o rosto de Alexandre. Antes, quando tinha ido para Pela da Macedônia, sob o comando de Dario, para cobrar impostos, mas foi impedido por Alexandre — foi assim que o tinha conhecido. Depois de dar uma boa olhada em Alexandre, falou consigo mesmo:

— Este é o filho de Filipe... está disfarçado. Mas muitos homens são conhecidos pela voz, caso fiquem no escuro.

Satisfeito com o próprio conhecimento de que aquele era Alexandre, inclinou-se para perto de Dario e disse a ele:

— Grande rei Dario, senhor de toda a terra, esse embaixador de Alexandre é o próprio Alexandre, rei dos macedônios, o excelente filho do falecido Filipe.

Mas Dario e os convivas estavam muito bêbados. Alexandre escutou as palavras a seu respeito, ditas por Paragagés a Dario no banquete e, compreendendo que tinha sido reconhecido depois de enganar todo o mundo, saltou levando as taças de ouro nas pregas da sua roupa e saiu secretamente. Montado no seu potro para fugir do perigo, encontrou um guarda persa no portão, que carregava uma tocha. Pegou a tocha, matou o guarda e saiu da cidade persa. Dario, ao perceber o que estava acontecendo, enviou persas armados para capturar Alexandre, mas Alexandre fez o potro ir mais rápido, fazendo o seu caminho, já que era noite profunda de céu escuro. Muitos o perseguiram, mas não o alcançavam — uns se mantinham sobre o caminho, outros caíam nos barrancos na escuridão. Alexandre, por outro lado, era como uma estrela brilhante percorrendo o céu, e conduzia os persas para o nada.

Dario se lamentava deitado no seu leito. Além de tudo o que havia acontecido, tinha visto um sinal. Uma imagem do rei Xerxes subitamente desceu do teto, imagem que Dario tanto adorava, porque o desenho era muito verossímil. Alexandre tinha se salvado naquela noite e, fugindo, chegou até o rio Estranga bem quando amanhecia. Atravessou de uma vez e, quando o potro chegou na beira e colocou as patas dianteiras na terra, o rio descongelou sob os raios de sol. O potro foi levado pela água, carregado, quando Alexandre já tinha se jogado sobre a terra. Quando os persas chegaram à beira do rio, ele já tinha sido atravessado por Alexandre. Eles não puderam passar, então

voltaram, porque o rio não podia ser atravessado por homens. Os soldados que voltaram deram ao rei Dario a notícia da boa sorte de Alexandre. Dario, assustado com o paradoxo do sinal, ficou muito aflito. Alexandre caminhou da beirada do rio e encontrou Eumelo sentado com os dois cavalos deixados para trás, e então contou a ele tudo o que tinha acontecido.

[16] De volta ao acampamento dos soldados, mandou, pelos nomes, que as falanges de gregos se armassem e se apresentassem preparadas diante de Dario. O próprio Alexandre se postou em meio a eles, encorajando-os. Ao somar todos os soldados, descobriu que eram cento e vinte mil. De pé num lugar alto, encorajou-os dizendo:

— Homens, companheiros de armas, estamos em menor número, mas temos mais inteligência, coragem e força que os nossos inimigos persas. Então, nenhum de vocês pense que é mais fraco ao ver a multidão de bárbaros, porque cada um, desembainhando a espada, vai matar mil inimigos. Ninguém de vocês vai sentir medo, porque numerosas são as miríades de moscas afligindo o pasto, mas quando as vespas zumbem para elas, se livram delas apenas com as suas asas.

Alexandre, ao falar assim, encorajou os seus exércitos — e os exércitos agiram como homens excelentes e louvaram Alexandre.

Tomando o caminho, chegaram ao local onde corria o fluxo do rio Estranga. Dario, depois de reunir as suas tropas, chegou também perto do Estranga. Ao vê-lo baixo e congelado, atravessou e conduziu as tropas pelo meio do deserto, com a intenção de chegar antes e sem ser visto pelos exércitos de Alexandre, a fim de encontrá-los despreparados e fazer com que eles fugissem. Os arautos foram para o meio e anunciaram, chamando os melhores para a batalha. O exército de Dario, armado, vestiu a couraça. Dario estava no alto da carruagem, e os seus sátrapas subiam nas carruagens armadas de foices, outros levavam armas perversas e máquinas de lanças.

Alexandre comandava os exércitos macedônios montado no cavalo Bucéfalo — ninguém podia se aproximar desse cavalo. Quando ambos gritaram a melodia de guerra, uns jogavam pedras, outros mandavam flechas que caíam como chuva do céu, uns lançavam dardos, outros lançavam chumbo com fundas, cobrindo assim a luz do dia. Era imensa a confusão dos que feriam e eram feridos. Muitos morriam feridos por dardos, muitos jaziam cortados ao meio. O ar estava escuro e ensanguentado. Mortos muitos dos persas, Dario — apavorado — voltou as rédeas da carruagem armada de foices. Rodando pela sua própria multidão, ceifou a multidão de persas como os camponeses cortam as espigas do campo.

Chegando fugido ao rio Estranga congelado, ele e os que estavam consigo atravessaram. As multidões de persas e bárbaros queriam atravessar o rio e fugir. Mas quando todas as multidões chegaram até ele, derreteu e levou embora todos os que encontrou. Os persas restantes foram aniquilados pelos macedônios.

Dario, fugido, foi até o seu palácio e se jogou no chão. Gritando, se lamentava com muitas lágrimas por ter matado uma enorme multidão de soldados persas, e que a Pérsia toda estava deserta. Encurvado por essas desventuras, se lamentou falando:

— O tão poderoso rei Dario, o que subjugou todos os povos e escravizou todas as cidades, o que dividiu o trono com os deuses e o levantar do sol... agora me tornei um ermitão fugitivo. Verdade, ninguém determina o futuro de modo seguro. Porque a sorte, caso agarre uma curta reviravolta, levanta os plebeus sobre as nuvens e derruba os superiores ao Hades!

[17] Então Dario estava deserto de gentes, sendo rei de tantos povos. Ao se recuperar um pouco, se levantar e voltar a si, escreveu uma carta e mandou-a a Alexandre. A carta dizia o seguinte:

“Dario a Alexandre, meu senhor, salve! O que me deu à luz teve o grande desejo de fazer uma expedição à Grécia, ganancioso de ouro e de outras riquezas herdadas pelos nossos pais. Morreu, então, sacrificando muito ouro, muita prata e muitas tendas, sendo mais rico que Creso da Lídia, mas não escapou da morte iminente. Bem, Alexandre, você viu a sorte e a nênese, desista da sua grande pretensão. Tenha piedade, você se refugiou conosco, nos falta agora a nobreza herdada dos persas. Devolva a minha mulher, a minha mãe e as minhas filhas, pensando na esperança dos pais. Em troca por essas coisas, prometo te dar os tesouros da região da Mísia, de Susa e da Bactria, que os nossos pais enterraram. Também prometo que você será o senhor dos persas e dos medos, e de outros povos de outras regiões, para sempre. Passe bem”.

Depois de ler a carta, Alexandre reuniu todo o exército das suas tropas e os homens mais poderosos, e então mandou ler em voz alta para eles a carta de Dario. Quando escutou a carta sendo lida, um dos generais, de nome Parmênio, falou:

— Rei Alexandre, eu pegaria as coisas e as terras dadas a você e devolveria a mãe, as filhas e a mulher de Dario, mas só depois de me deitar com elas.

Alexandre riu e respondeu a ele:

— Parmênio, eu tenho todas as coisas dele. Eu me surpreendo que Dario pense em pagar o resgate dos parentes com as minhas coisas, e ainda mais que prometa me

pagar com a minha terra. É isso que Dario não sabe que, se ele não me vencer numa batalha, todas as coisas são minhas, inclusive os parentes dele. Mas é vergonhoso, e inteiramente vergonhoso, que um homem que venceu homens com coragem seja derrotado de modo miserável por mulheres. Apressemos então a nossa batalha contra eles pelas nossas coisas. Porque eu não teria vindo de jeito nenhum para a Ásia se não acreditasse que ela é minha. Se ele governou antes, que aproveite isso, porque não foi punido ao possuir a terra dos outros.

Ao falar isso para os embaixadores de Dario, mandou que eles partissem levando essa mensagem, mas sem dar a eles uma carta. Então, mandou tratar com todo o cuidado todos os soldados machucados na guerra e honrar cuidadosamente com funerais os que acabaram morrendo. Permanecendo ali durante o inverno, mandou colocar fogo no palácio de Xerxes, o mais belo daquela região. Contudo, pouco depois, mudou de ideia e mandou apagar o fogo.

[18] Admirou os túmulos dos persas, adornados com muito ouro. Viu também o túmulo de Nabonassar, chamado em grego de Nabucodonosor, as oferendas dos judeus colocadas ali e as crateras de ouro, cuja visão era divina. Ali perto, admirou o túmulo de Ciro: era uma torre de doze andares no ar, e no alto do teto estava situado num ataúde de ouro envolvido de cristal, de forma que o seu cabelo e todo o seu corpo apareciam através do cristal.

Naquele lugar, sobre o túmulo de Xerxes, estavam alguns gregos mutilados, uns nos pés, uns no nariz e outros nas orelhas, amarrados com grilhões e pregos, homens atenienses. Gritavam a Alexandre que os salvasse. Alexandre, ao vê-los, chorou, porque aquela visão era terrível. Recebeu aquilo com peso, e então comandou que fossem libertos, que recebessem mil dracmas e que cada um fosse levado para a própria pátria. Os que receberam o dinheiro pediram a Alexandre uma terra daquele lugar para dividirem, e que não fossem enviados para as suas pátrias: naquele estado, seriam uma desgraça para as suas famílias. Mandou dividir entre eles a terra, dar a eles grãos, sementes, seis bois para cada, ovelhas, tudo de útil para a agricultura e outras coisas.

[19] Dario se preparava para enfrentar outra guerra contra Alexandre. Escreveu assim a Poro, rei dos indianos:

“O rei Dario ao rei dos indianos, Poro, Salve! Agora revelo a você os acontecimentos catastróficos da minha casa nestes dias: depois de me atacar, o rei da Macedônia (ele tem a alma de um bicho selvagem) não quer me devolver a minha mãe, minha mulher e as minhas filhas. Mesmo eu oferecendo tesouros e dar outras coisas,

não o convenci. Assim, para arruiná-lo pelo que me fez passar, levanto contra ele outra guerra, até eu conseguir me vingar dele e do seu povo. É justo que você se irrite com o que eu sofri e que se dirija contra a violência sofrida por mim, lembrando da nossa ancestralidade comum. Reúna, então, a maior parte dos povos diante das Portas Cáspias e forneça aos homens reunidos bastante ouro, pão e alimento. De tudo o que eu conseguir dos espólios dos inimigos eu te darei a metade, e também o cavalo chamado Bucéfalo, as terras reais e as concubinas de Alexandre. Quando você receber a nossa carta, reúna rapidamente as pessoas e as envie para mim. Passe bem!"

Alexandre, quando soube disso por um dos desertores de Dario que passou para o seu lado, reuniu de pronto todas as suas forças e fez o caminho para a Média. Escutou que Dario estava na Batana, diante das Portas Cáspias, e foi atrás dele com rapidez e bravura.

[20] Bessos e Ariobárzanes, sátrapas de Dario, ficaram sabendo que Alexandre se aproximava. Mudando de lado, eles tiveram uma ideia louca e planejaram matar Dario. Bessos e Ariobárzanes falaram um com o outro: "se matarmos Dario, receberemos muitas coisas de Alexandre, como assassinos do seu inimigo!". Autores desse plano maldoso, atacaram Dario com uma espada. Vendo os dois o atacarem com a espadas na mão, disse a eles:

— Oh, meus senhores! Antes eram meus escravos. O que eu fiz a vocês de injusto para vocês me matarem com a ousadia dos bárbaros? Não façam nada além dos macedônios, me abandonem assim jogado na minha casa, para lamentar a sorte inconstante. Porque, se Alexandre, rei dos macedônios, me encontrar assassinado, o rei vingará o sangue com nobreza.

Mas eles não obedeceram às súplicas de Dario e não desistiram do seu assassinato. Dario deteve-os com as duas mãos: com a esquerda dominou Bessos, colocando o joelho sobre a sua virilha, e com a mão direita dominou Ariobárzanes, de forma que a sua espada não o atingiu. Os golpes deles passavam de raspão. Os traidores não tinham mais forças para matá-lo, vigoroso que ele era.

Os macedônios, ao encontrarem o rio Estranga congelado, atravessaram, e Alexandre foi até o palácio de Dario. Ao saberem da chegada de Alexandre, os traidores fugiram, deixando Dario semimorto. Alexandre, ao entrar no palácio de Dario, encontrando-o degolado por Ariobárzanes e Bessos, semimorto, o sangue derramado pela espada, lamentou-o com gritos, num pranto digno do luto, e as lágrimas despontavam do seu rosto enquanto ele cobria com o seu manto o corpo de Dario. Com as mãos postas sobre o peito de Dario, ele falava palavras repletas de pena:

— Levante-se, rei Dario, e reine na sua terra, seja senhor dos seus. Coloque a coroa da multidão persa e siga reinando, disponha da sua grandeza de soberano. Eu te juro pela providência no alto, falo verdadeiramente, sem mentira. Quem são os que te feriram? Revele a mim quem são eles, e eu vou me livrar deles agora.

Quando Alexandre disse isso, Dario, gemendo, esticou as mãos e agarrou Alexandre, abraçando-o e falando:

— Rei Alexandre, nunca se exalte na glória tirânica. Assim que você cumprir uma obra como a dos deuses e com as suas mãos desejar atingir os céus, observe o porvir. A sorte não enxerga rei, nem mesmo tendo ele uma grande terra, gira ao acaso por todas as partes com o pensamento indeciso. Você vê quem eu fui e quem me tornei. Estou morrendo, Alexandre, faça você o meu funeral com as suas próprias mãos. Que macedônios e persas me dêem honras fúnebres. Que seja feita uma família de Dario e Alexandre. Deixo a mulher que me deu à luz como se ela tivesse te dado à luz, e tenha piedade da minha mulher como se ela fosse sua irmã. Dou a você a minha filha, Roxana, como mulher, para que deixem filhos em prol da memória por um tempo imortal, orgulhando-se deles como nós dos nossos filhos. Que seja mantida a memória, você, de Filipe, Roxana, de Dario, envelhecendo juntos com o tempo.

Dizendo isso Dario, dependurado no pescoço de Alexandre, expirou.

[21] Alexandre soltou um enorme grito de dor e chorou compadecido por Dario. Mandou enterrá-lo segundo o costume persa. Mandou os persas irem primeiro, liderando o caminho, e atrás foram todos os macedônios armados. Alexandre colocou sobre o seu ombro o caixão de Dario e o levantou, com o resto dos sátrapas. Todos choravam e lamentavam, não apenas em respeito a Dario, mas também em respeito a Alexandre, vendo-o levar o caixão. Depois do enterro segundo os costumes persas, as pessoas se dispersaram.

Logo em seguida, foi publicado um decreto por toda a cidade, contendo o seguinte:

“Eu, rei Alexandre, filho do rei Filipe e da rainha Olímpia, por toda a Pérsia e também nas cidades e regiões, ordeno o seguinte: não quero que estas miríades de gentes morram em más condições. Por isso a benevolência me fez vencer os persas. Agradeço, então, a providência no alto. Saibam que quero estabelecer sátrapas entre vocês, que devem se submeter, como se se submetessem a Dario, não devem conhecer outro rei que não seja Alexandre. Sirvam-se dos costumes próprios, práticas, festas, assembleias e festivais, assim como era com Dario. E que cada um de vocês viva na respectiva cidade. Entretanto, se alguém

abandonar a própria cidade e morar no estrangeiro, vai virar comida para os cães. Que cada um mantenha as coisas que tinha antes, exceto ouro e prata, porque ordeno que o ouro e a prata sejam apreendidos nas nossas cidades e regiões. Entretanto, a respeito das moedas que vocês possuem, concordamos que vocês podem se servir, cada um, das suas. Ordeno que cada arma de guerra seja levada ao meu arsenal. Os sátrapas devem permanecer nos seus postos. Povo algum virá até vocês, a não ser pelo benefício do comércio, mas para isso devem vir apenas vinte homens. Eu tomarei uma parte, segundo as normas do tempo de Dario. Quero que as suas regiões estabeleçam a prosperidade, que as estradas persas façam o comércio e estejam ocupadas de negócios com toda a paz, de forma que os gregos façam o comércio com vocês e vocês com eles. Porque do Eufrates até a passagem sobre o rio Tigre até a Média Babilônia, construirei estradas e colocarei placas informando para onde conduz a estrada. Eu não matei Dario e não conheço quem são os seus assassinos. Devo a eles honrar com muitas honras e dar a eles muitas terras, uma vez que mataram o nosso inimigo”.

Quando Alexandre falou essas coisas, os persas se perturbaram como se a Pérsia estivesse a ponto de ser destruída por Alexandre. Quando percebeu a angústia da multidão, Alexandre disse a eles:

— Por que vocês suspeitam, persas, da minha busca pelos assassinos de Dario? Se Dario estivesse vivo, faria uma guerra contra mim, mas agora toda a guerra cessou. Portanto, se aquele que o matou é persa ou macedônio, que venha até mim sem medo e receba de mim qualquer coisa que pedir. Eu juro pela providência no alto e pela saúde da minha mãe, Olímpia, que vou fazer com que estas pessoas sejam notáveis e conhecidas por todos!

Quando Alexandre jurou assim, a multidão chorou. Bessos e Ariobárzanes se aproximaram de Alexandre, pensando como seriam grandes os presentes que receberiam dele, e disseram:

— Senhor, nós somos os assassinos de Dario.

De imediato, Alexandre mandou prender e crucificar os dois sobre o túmulo de Dario. Eles berravam e falavam:

— Mas você jurou assim: “os assassinos de Dario farei notáveis e conhecidos”, como agora você manda crucificar a gente, desrespeitando o seu juramento?

Alexandre respondeu a eles:

— Não é por causa de vocês, odiosos, que eu me justifico, mas por conta da multidão de soldados. Não havia outra maneira de encontrar vocês com facilidade, se não elogiando a morte de Dario por um momento. A minha prece era dar aos assassinos de Dario a maior vingança. Se vocês são assassinos do seu próprio senhor, como não me fariam mal? A vocês, oh, odiosos, não jurei em falso! Mas jurei que faria de vocês conhecidos e notáveis a todos e, dessa forma, eu os crucifico. É assim que todos vão ver vocês!

Quando ele falou isso, todos aplaudiram, e os odiosos assassinos foram crucificados sobre o túmulo de Dario.

[22] Alexandre restaurou a paz em toda a região. Falou a eles:

— Quem vocês querem que seja o sátrapa da cidade de vocês?

Eles responderam:

— Lites, o irmão de Dario.

E ele comandou que fosse assim. Havia deixado a mãe de Dario, a mulher de Dario e a sua filha numa cidade a uma distância de dois dias. Escreveu a elas assim:

“Rei Alexandre para Estatira, Rodó e Roxana, a minha noiva, salve! Entramos em combate não para eliminar Dario, mas eu desejava muito mais pelo contrário — que ele, vivo, fosse senhor no meu reinado. Eu o encontrei nas últimas e, pesaroso, o cobri com o meu manto. Eu queria saber se ele sabia quem foi o seu agressor. No entanto, ele não disse nada além disso: ‘confio a você a que me deu à luz e a minha família, mas especialmente a minha filha Roxana como a sua companheira’. Não chegou a revelar o que tinha acontecido com ele, porém eu me vinguei dos culpados pela sua morte com justiça. Mandou que nós fizéssemos os seus funerais junto ao túmulo dos seus antepassados, o que fizemos. Acho que vocês já ouviram isso tudo. Suspendam, então, o luto por ele, pois eu as levarei de volta ao palácio de vocês. De preferência, passem um tempo nesse lugar onde vocês estão até que lá esteja mais bem preparado. Segundo a ordem de Dario, desejo que Roxana seja a minha mulher, que divida o trono comigo, se isso também te agradar. Quero e ordeno que ela seja reverenciada desde agora como mulher de Alexandre. Passem bem!”

Depois de receber a carta de Alexandre, Rodó e Estatira responderam assim:

“Para o rei Alexandre, salve! Rezamos aos deuses celestes, que derrubaram o nome de Dario e a jactância dos persas, para que te consagrem rei eterno do mundo habitado, com a sua razão, prudência e pleno poder. Sabemos que, nos

seus braços, podemos viver bem, você nunca abusou de nós como cativas. Rezamos à providência no alto para oferecer a você ótimos anos, e que você se torne senhor por tempos imensuráveis. Os seus feitos mostram que você pertence a uma linhagem superior, da qual nasceu. Agora nós não somos mais cativas e vemos Alexandre nascer para nós como um novo Dario. Reverenciamos Alexandre, o que não nos desonrou. Escrevemos em todos os lugares: ‘povo persa, vejam agora que Dario encontrou o grande rei Alexandre, ao morrer. A sorte conduziu Roxana para o casamento com Alexandre, rei de todo o mundo habitado. Todos demonstrem a Alexandre a gratidão que ele merece. Louvem conosco, proclamando o grande rei Alexandre’. Mostramos estas coisas aos persas. Passe bem!”

Alexandre recebeu a carta e respondeu a elas assim:

“Estimo a boa vontade de vocês! Desejo lutar com dignidade pela benevolência de vocês, uma vez que também sou um homem perecível. Passem bem”.

Em outra carta, escreveu a Roxana a respeito das suas expectativas.

Escreveu para a sua mãe Olímpia, assim:

“O rei Alexandre para a minha mais doce mãe, salve! Escrevo para que me envie todo o ornamento feminino e o vestuário da mãe de Dario e da sua mulher, e o ornamento real para Roxana, filha de Dario e a minha esposa”.

Depois de receber a carta, a mãe enviou prontamente toda a sua roupa real e todos os ornamentos paramentados de ouro e pedras preciosas. Recebendo-as nas mãos, Alexandre fez o seu casamento no palácio de Dario. Quem era capaz de imaginar o encanto que tinham, tendo nascido ali naquele tempo?

[23] Depois disso, Alexandre escreveu assim para a sua mãe:

“Do rei Alexandre para Olímpia, a minha muito amada mãe, e ao caríssimo Aristóteles, o meu professor, salve! Achei necessário escrever a vocês sobre o que aconteceu durante a batalha contra Dario. Como tinha escutado que eles estavam perto do golfo de Isso, reunidos num grande número de soldados e outros reis, atei tochas aos chifres de um monte de cabras, que eu soltei e elas caminharam pela noite. Vendo as tochas de longe, eles acreditaram que elas eram uma incontável legião de soldados, e então fugiram, covardes, e foram derrotados. Foi assim que logramos a nossa vitória sobre eles. Naquele lugar, fundei uma cidade que recebeu o nome de Cabras. Fundei outra cidade no golfo de Isso, que recebeu o nome de Alexandria. Dario, deixado para trás, foi preso

e ferido pelos seus sátrapas. Eu fiquei num luto muito grande por causa dele. Depois de vencê-lo, eu não queria assassiná-lo, mas tê-lo sob o meu cetro. Quando cheguei, ele ainda estava com um sopro de vida, então tirei o meu manto e o cobri. Ao questionar o que é a sorte obscura, com o exemplo de Dario, chorei por ele. Daí, mandei fazer o seu funeral com realza e mandei cortar o nariz e as orelhas dos que montavam a guarda da sua tumba, seguindo bem o costume local. Quanto aos que tiraram a vida de Dario, ordenei que fossem crucificados sobre o seu túmulo. Saindo dali, submeti Ariobarza e o reino de Manazaco. Também coloquei sob o meu poder a Média, a Armênia, Ebésia²⁶ e toda a terra na qual reinava Dario.

[32] Dali, recebi uns guias e quis entrar na região mais interior do deserto, de acordo com a constelação da Carruagem, mas me desaconselharam a partir para lá, por causa da multidão de bichos que habitava aquele lugar. De qualquer forma não dei confiança às palavras deles e liderei o caminho. Então chegamos a um lugar onde havia uma ravina, o caminho era muito estreito e acidentado, e viajamos por ele durante oito dias. Vimos naquele lugar bichos exóticos que nunca tínhamos conhecido. Depois de passar por aquele lugar, chegamos a outro ainda mais deplorável. Descobrimos ali uma grande floresta, com muitas árvores chamadas de Anafandas, que apresentam frutos singulares e diferentes – elas têm pomos tão grandes quanto os maiores melões. Havia também nessa floresta homens chamados Plantas, que tinham vinte e quatro côvados²⁷ de altura, de longos pescoços de um côvado e meio, e tinham pés deste mesmo tamanho. Os antebraços e as mãos deles eram como serras. Quando nos viram, se lançaram em direção à tropa. Ver aquilo me deixou perturbado. Então mandei que capturassem um deles. Quando nos lançamos a eles, gritando e tocando cornetas, eles fugiram. Matamos trinta e dois deles, e eles aniquilaram 100 soldados nossos. Passamos um tempo ali, mastigando os frutos das árvores.

[33] Saindo dali, fomos para uma terra verdejante, na qual havia homens selvagens que se pareciam com gigantes. Redondos, tinham a cara vermelha e se pareciam com leões. Depois deles, encontramos outros diferentes, os chamados Oclitas, que não tinham um cabelo sequer, tinham quatro côvados de altura e a largura de um dardo. Assim que nos viram, correram na nossa direção. Estavam vestidos com peles de leão, tinham muita força e estavam

²⁶ Variação dentro da própria recensão β: Ἰβηρίαν, Ibéria. Segundo Gual, Ibéria seria uma região do Cáucaso.

²⁷ 1 côvado = 44cm. No caso, 24 côvados equivalem a 10,56 metros.

preparadíssimos para lutar sem armas. Nós os golpeávamos, eles nos golpeavam com paus, e assim aniquilaram muitos de nós. Sentindo medo, a fim de que não nos colocassem para fugir, eu mandei botar fogo na floresta e, vendo o fogo, aqueles fortes homens fugiram. Aniquilaram cento e oitenta dos nossos soldados.

No dia seguinte, queríamos ir até as cavernas deles e descobrimos bichos amarrados às portas deles, eram como leões – mas tinham três olhos. Vimos sobre eles pulgas que saltavam como os nossos sapos. Nos retirando dali, fomos para um lugar onde brotava uma fonte abundantíssima. Eu mandei erguer ali um acampamento, onde nós permanecemos por dois meses.

Nos retiramos daquele lugar, fomos até os Melófagos. Vimos ali um homem bem grande, com o corpo completamente coberto de pelos, e nos assustamos. Mandeí que o capturassem. Capturado, ele nos olhava de forma selvagem. Mandeí trazer uma mulher nua para ele. Ao segurá-la, ele a devorou. Quando os nossos soldados correram para salvá-la, ele começou a sibilar na língua dele. Os outros colegas dele, que o escutaram dos pântanos, vieram na nossa direção aos milhares. Os nossos soldados eram quarenta mil. Mandeí incendiar o pântano e, quando viram o fogo, eles fugiram. Perseguindo-os, capturamos três deles. Sem receber comida, morreram depois de mais ou menos oito dias. Não tinham intelecto humano, mas latiam como os cães.

[36] Saindo dali, fomos até um rio. Ordenei que fizessem o acampamento e que os soldados se colocassem em ordem, segundo o costume. Havia árvores dentro do rio, no momento em que o sol nascia, as árvores cresciam até as seis horas, depois das sete encolhiam até não aparecerem direito. Tinham lágrimas que eram como óleo de mirra persa, e o seu perfume era muito agradável e delicioso. Ordenei, então, cortar as árvores e recolher com esponjas algumas das lágrimas. De repente, os que colhiam foram chicoteados por seres invisíveis. Ouvíamos o barulho das chicotadas e víamos os golpes aparecendo sobre as costas, mas não podíamos enxergar os que batiam. Uma voz veio dizendo que não cortássemos nem recolhêssemos: ‘se vocês não pararem, o exército vai ficar mudo’. Amedrontado, eu mandei que ninguém cortasse ou recolhesse nada delas.

Havia no rio pedras pretas. Todos os que pegassem essas pedras ficariam da mesma cor que elas. Havia várias serpentes no rio e vários tipos de peixe, mas eles não cozinhavam em fogo, mas em água fria da fonte. De fato,

um dos nossos soldados, depois de pescar e limpar um peixe, jogou-o numa vasilha e encontrou o peixe cozido. Havia nesse rio aves parecidas com as nossas aves – mas, se alguém as tocava, soltavam fogo.

[37] No dia seguinte, nós nos desviamos do caminho. Os guias me falaram:

— Não sabemos para onde guiar, senhor rei Alexandre! Vamos retornar, para não cairmos em lugares piores...

Mas eu não quis retornar. Muitas criaturas vinham nos encontrar, criaturas de seis patas, de três olhos, de cinco olhos, tinham a altura de dez côvados, e muitas outras espécies de criaturas. Algumas fugiam correndo, outras saltavam sobre nós. Chegamos num lugar arenoso, onde apareceram uns bichos semelhantes a asnos e que tinham mais de vinte côvados. Eles não tinham dois olhos, mas seis, e viam apenas com dois deles. Não eram guerreiros, mas dóceis. Os soldados mataram muitos outros com arco e flecha.

Indo embora dali, fomos a outro lugar, onde havia homens sem cabeça, que falavam como humanos na sua língua própria. Eram peludos, usavam peles e se alimentavam de peixes. Pescando peixes marinhos, os traziam para nós do mar adjacente, outros pegavam trufas da terra que pesavam mais de vinte e cinco libras.²⁸ Vimos um monte de focas se arrastando sobre a terra. Muitos dos nossos amigos aconselhavam retornar, mas eu não quis, desejando ver o fim do mundo.

[38] Dali tomamos o deserto, viajando até o mar. Não víamos mais nada, nada voando, nenhum bicho, nada senão céu e terra. Não podíamos mais enxergar o sol, só o ar escuro, por dez dias. Chegando num lugar perto do mar, depois de armar as nossas tendas e o acampamento, permanecemos por muitos dias. Havia uma ilha no meio daquele mar. Fiquei com o desejo de investigar aquele lugar de perto. Então mandei construir vários barquinhos. Cerca de mil homens subiram naqueles barquinhos, e aportamos naquela ilha, que não era muito distante da terra. Dali escutamos falas humanas, dizendo em idioma grego:

Ó filho de Filipe! Semente do Egito,
o seu nome sinaliza o seu porvir,
ao realizar a boa sorte com nobreza,
pois pela sua mãe o seu nome é Alexandre,

²⁸ Uma libra (*litra*) pesa 327g.

afastando os homens, ao bani-los,
 afugentando os reis dos seus lares,
 mas sem homens logo vai estar,
 perfazendo a segunda letra
 do seu nome, a letra L.²⁹

Nós escutamos essas palavras, mas não podíamos ver quem falava. Alguns soldados atravessaram a nado dos barquinhos até a ilha, a fim de explorar. De imediato, uns caranguejos pegaram os soldados, os arrastaram para dentro da água e os mataram. Amedrontados, retornamos para a terra. Saindo dos barquinhos e andando pela beira escarpada do mar, encontramos um caranguejo saindo da água para a terra seca. Ele tinha o tamanho de uma couraça, as patas da frente – chamadas de *garras* – tinham cada uma a medida de uma braça. Quando o vimos, pegamos as nossas lanças e o aniquilamos com violência. Mas o ferro não entrava na carapaça dele, e as patas da frente quebravam as nossas lanças. Depois de matá-lo e cortá-lo, descobrimos dentro da sua carapaça 7 pérolas grandes, preciosas e valiosas. Nenhum homem jamais havia visto pérolas assim. Examinando-as, eu compreendi que elas vinham do fundo do mar, onde não se navega.

Daí, tive a ideia de criar uma grande jaula de ferro, e dentro da jaula colocar um tonel de vidro igualmente grande, com a largura de um braço e meio. Mandeí fazer um buraco no fundo do tonel, de forma que houvesse espaço para a mão de uma pessoa. Com a intenção de descer e investigar o que havia no fundo daquele mar, eu fecharia a abertura do buraco no fundo do tonel e desceria até o fundo, abriria o buraco e colocaria a mão para fora, para pegar o que estivesse ao alcance da mão na areia (a fim de descobrir o que havia no fundo daquele mar), e então de novo bloquearia o buraco rapidamente. Assim foi feito: mandei fazer uma corrente de 308 braças³⁰ e estabeleci que ninguém me puxasse para cima até que a corrente se sacudisse:

‘Quando eu chegar ao fundo, vou agitar o meu tonel, daí vocês me levantam.’

²⁹ Alguns sentidos deste poema-oráculo são bastante difíceis de traduzir, por serem trocadilhos de palavras que formam o de Alexandre. O primeiro *éleksas ándras* (que traduzi como “afastando os homens”) e o segundo *All’éksandros* (que traduzi como “mas sem homens”). A letra L é o número 30 em grego, dando uma resposta à pergunta de Alexandre sobre como ocorrerá a sua morte. Alexandre morre aos trinta e dois anos (III, 35).

³⁰ Uma braça mede aproximadamente 1,80m.

Tudo preparado, entrei no tonel de vidro, querendo tentar o impossível. Estando eu dentro, a saída foi fechada com um apetrecho de chumbo. Ao descer 120 codos,³¹ um peixe se aproximou e com a sua cauda bateu na jaula, e me subiram porque a corrente sacudiu. Desci de novo e a mesma coisa aconteceu. Ao descer, pela terceira vez, cerca de 308 codos, vi peixes de muitos tipos nadando ao meu redor. E veja que um peixe gigante se aproximou e me agarrou com a boca, com jaula e tudo o mais, e me levou para a terra, a uma milha de distância. Os 360 homens que me baixaram estavam em barcos, e ele puxou a todos, junto de quatro barquinhos. Ao atingir a terra seca, o peixe esmagou a jaula com os dentes e me lançou sobre a terra. Eu fiquei meio morto, mortificado de medo. Caído de joelhos reverenciei a providência no alto, que me manteve vivo diante daquele bicho assustador. Falei para mim mesmo:

‘Abra mão, Alexandre, de tocar as coisas impossíveis, para que você não seja privado da vida, fazendo buscas nas profundezas.’

De imediato, comandeique o exército partisse daquele lugar para seguir em frente.

[39] Depois de viajar por dois dias, chegamos novamente a um lugar onde o sol não brilha. Ali ficava a chamada Terra dos Bem-Aventurados. Eu queria ver e investigar aquele lugar. Tentei levar os meus próprios escravos e entrar ali, mas o meu amigo Calístenes me aconselhou a entrar com 40 amigos, cem escravos e 1.200 soldados, apenas os de nascimento legítimo. Depois de deixar para trás os homens da infantaria, junto dos velhos e das mulheres, e depois de tomar todos os jovens soldados escolhidos, marcheique com eles, ordenando que nenhum velho marchasse conosco. Havia certo velho de curiosidade indiscreta, que tinha dois filhos legítimos e soldados verdadeiros. Ele lhes disse:

‘Filhinhos, escutem a voz do pai de vocês e me levem junto, pois não serei inútil no caminho. Eis que, num momento crítico, o rei Alexandre vai procurar por um velho. No caso, se descobrir que vocês me têm, serão honrados com grandeza.’

Eles responderam então ao pai:

‘Temos medo, pai, da ameaça do rei. Não podem descobrir que desobedecemos à ordem dele, se não seremos expulsos do exército, e também da vida!’

³¹ Um codo mede aproximadamente 0,5m, ou seja, Alexandre desce 60 metros.

‘Levantem-se, raspem a minha barba e mudem a minha aparência. Caminharei com vocês no meio do exército e, na ocasião correta, socorrerei vocês com grandiosidade.’

E eles fizeram o que o pai mandou. Dali andamos por 3 dias e encontramos um lugar nebuloso. Nós não podíamos seguir adiante, aquele lugar era intransitável e jamais visitado, então fincamos ali as nossas tendas. No dia seguinte, depois de tomar mil homens armados, saí com eles para investigar se não era naquele lugar o fim da terra. Entrando pela esquerda – porque era a região mais iluminada –, caminhamos por caminhos rochosos e precipitados até o meio-dia. Não observei isso pelo caminho do sol, mas medindo os esquenos,³² de acordo com a geometria, calculando a distância e a hora. Depois disso, temerosos, retornamos: o caminho era impraticável. Ao sair, queríamos seguir pela região da direita. Havia uma planície bem nivelada, porém nebulosa e escura. Eu estava passando dificuldade, porque nenhum dos jovens me recomendava seguir por ali, pois, por causa da escuridão, os cavalos poderiam se dispersar pelo longo caminho, podendo não retornar. Eu disse a eles:

‘Oh, vocês todos, notáveis na guerra, agora sabem que, sem conselhos e sem inteligência, não existe nobreza! Se um ancião tivesse vindo, nos aconselharia sobre o que é preciso para entrar neste lugar nebuloso. Mas, então, qual de vocês notáveis me traria um velho do acampamento? Vai receber de mim dez mil libras de ouro.’

Ninguém se dispôs a fazer isso por causa do longo caminho e do ar sombrio. Mas se adiantaram os filhos do velho e falaram a mim:

‘Se escutar com paciência, senhor, te informaremos de algo.’

‘Falem — eu respondi —, se querem de verdade. Juro pela providência no alto que não farei mal a vocês.’

E logo me contaram tudo a respeito do pai deles, sobre como o trouxeram e buscaram correndo o velho para mim. Quando o vi, beijei-o e solicitei que desse a nós algum conselho. O velho disse:

‘Rei Alexandre, compreenda que, se você não avançar com a ajuda dos cavalos, jamais verá a luz. Escolha as éguas que têm potros: deixando os potros aqui, vocês vão partir com os cavalos, e as éguas vão conduzir vocês de volta, por causa dos potros delas.’

³² Um esqueno equivale a 30 estádios ou a 60 estádios (5,3km ou 10,6km, respectivamente).

Depois de procurar por todo o exército, encontramos nada mais do que cem éguas com potros. Com elas e mais cem cavalos que escolhemos (e mais outros cavalos para levarem as nossas provisões), partimos, segundo o conselho do ancião, deixando os potros de fora.

O pai mandou que os seus filhos recolhessem o que encontrassem sobre a terra durante a viagem e colocassem nos seus alforjes. Foram, então, trezentos e sessenta soldados, e mandei que fossem à frente os cento e sessenta a pé. Assim, andamos um caminho de mais ou menos quinze esquenos. Descobrimos um lugar onde havia uma fonte límpida, cuja água brilhava como um raio, e também descobrimos outras águas. O ar daquele lugar era perfumado, e não havia tanta escuridão. Eu fiquei com fome e quis receber comida, então chamei o cozinheiro chamado André e disse a ele:

‘Prepare comida para nós.’

Ele pegou um peixe defumado e trouxe a água transparente da fonte para lavar a comida. Tão logo mergulhado na água, o peixe reviveu e fugiu das mãos do cozinheiro. Ele, medroso, não me contou o acontecido, mas, depois de recolher a água, bebeu-a e a conservou num recipiente de prata. Como o lugar tinha muita água brotando em abundância, bebemos de outras águas. Ah, a minha má sorte, que não determinou que eu bebesse daquela fonte da imortalidade, que faz reviver os sem-vida e que alcançou o meu cozinheiro!

[40] Depois de comer, nos levantamos e andamos cerca de 230 esquenos, mais ou menos. Adiante, andamos vendo uma luz que não era do sol, da lua ou das estrelas. Vimos duas aves que voavam, só que tinham face humana e grasnavam em língua grega:

‘Alexandre, por que você pisa em terra divina? Retorne, miserável, retorne! Você não pode pisar na Ilha dos Bem-Aventurados! Retorne, humano! Vá pisar a terra que te foi dada e não cause sofrimento a si mesmo!’

Tremi todo e prestei bons ouvidos à fala que as aves haviam me dado. Então uma ave grasnou novamente em língua grega:

‘O Oriente — disse — te chama, e o reinado de Poro se submeterá a você!’

A ave falou isso e voou para o alto. Mais calmo, tomei a guia e soltei as éguas na frente, e de novo por conta das estrelas da Ursa Maior, avançamos por 22 dias em direção do chamado dos potros pelas suas mães.

Como eu disse, muitos dos soldados levavam coisas que encontravam. Especialmente os filhos do ancião, que encheram os alforjes de acordo com o comando do pai.

[41] Quando saímos para a luz, descobriram que tinham recolhido ouro precioso e pérolas de grande valor. Vendo aquilo, arrependeram-se – os que recolheram, de não terem recolhido mais, os que não recolheram, de não terem recolhido. Todos nós vangloriamos o velho que nos deu aquele conselho.

Depois que saímos, o cozinheiro nos contou o que tinha acontecido com ele na fonte. Eu escutei aquilo e fui tomado pela dor. Castiguei-o terrivelmente. De qualquer forma, eu disse a mim mesmo: ‘Em que te é vantagem, Alexandre, se arrepender do que já foi?’. Eu não sabia que ele tinha bebido da água, nem que a havia guardado, já que ele não admitiu nada, senão o peixe seco que havia recobrado a vida.

Então o cozinheiro foi até a minha filha Calé (que eu tive com a concubina Unna) e a seduziu, oferecendo a ela um pouco da fonte da imortalidade – e assim o fez. Quando eu descobri isso – digo a verdade –, invejei a imortalidade dos dois. Depois de convocar a minha filha, disse a ela:

‘Pegue as suas coisas e desapareça da minha vista! Veja que você se tornou um espírito imortal! Você é chamada de Calé pelo nome, agora te chamarei de Calé das montanhas, porque é nelas onde você vai morar. Será chamada de Nereida, porque recebeu a eternidade através da água.’

Chorando e se lamentando, ela saiu da minha vista e partiu para habitar os lugares desérticos com os espíritos. Quanto ao cozinheiro, mandei amarrar uma pedra de moinho no pescoço dele e mandei que o atirassem no mar. Depois de atirado, tornou-se um espírito, e partindo, habitou um lugar no mar que, por causa do nome dele, passou a se chamar ‘André’. Isso foi o que aconteceu com o cozinheiro e a minha filha. Eu, por conta de todas essas coisas, cogitei que ali estava o fim da terra. Mandeí construir um grande arco naquele lugar e escrever o seguinte entalhe: ‘Os que querem entrar na Terra dos Bem-Aventurados sigam à direita para não serem destruídos’.

Então eu cismeí novamente, falando comigo mesmo se ali era com certeza o fim da terra, onde o céu fazia a curva. Desejei então investigar a verdade. Mandeí capturar duas aves daquele lugar. Eram aves grandes, brancas, muito robustas e dóceis, e que não fugiam quando nos viam. Alguns soldados montaram nos pescoços delas, e elas levantaram voo, carregando-os.

Comiam cadáveres de bichos, daí que a maioria dessas aves vinha até nós pelos nossos cavalos mortos. Depois de capturar duas delas, mandei não lhes dar alimento por três dias. No terceiro dia, mandei fazer um tronco em forma de jugo e amarrar em torno do pescoço delas. Logo preparei a pele de um bovino na forma de um grande cesto e entrei neste cesto carregando duas lanças de sete braços de comprimento, às quais eu tinha prendido fígados de cavalo. De imediato, as aves voaram para devorar o fígado, e eu subi com elas no ar, de forma que acreditei estar perto do céu. Eu tremia todo por causa do ar gelado que subia das asas das aves. Então topou comigo uma figura humana voadora que disse:

‘Ah, Alexandre! Se você não compreende as coisas da terra, busca as coisas do céu? – e ela falou novamente: – Atenção, Alexandre, com a terra aí embaixo!’

Com cautela, eu olhei, e lá havia uma grande serpente em círculo, e no meio da serpente, um círculo menor. A figura humana que se aproximou de mim disse:

‘Volte a lança em direção ao círculo: aquilo é o mundo. A serpente é o mar que circunda a terra.’

Eu retornei, e por desejo da providência no alto, desci até a terra, a sete dias de distância do acampamento. Ao fim, eu estava agonizante e semimorto. Encontrei um sátrapa do meu domínio e, depois de pegar trezentos cavalos, cheguei ao acampamento. E nunca mais me pus a tentar o impossível. Passem bem.”

LIVRO III

[1] Depois disso tudo, Alexandre seguia o caminho, usando todas as suas tropas contra Poro, rei dos indianos. Viajando por um longo deserto, um lugar acidentado e sem água, os comandantes da expedição falavam em frente aos seus exércitos:

— Nos é suficiente ter feito a guerra contra a Pérsia e dominar Dario, que cobrava impostos dos gregos. Por que nos desvelamos numa marcha contra os indianos, num lugar repleto de monstros e que nada tem a ver com os gregos? Mas se Alexandre, no seu orgulho, é beligerante e quer dominar os povos bárbaros, por que nós o seguimos? Que ele marche e guerreie sozinho!

Alexandre escutou isso e, depois de separar o exército persa e o dos macedônios e demais gregos, disse aos macedônios e aos gregos:

— Homens companheiros de exército e batalha, macedônios e todos os mestres gregos, que aqueles persas são inimigos meus e seus. Agora, por que vocês estão cochichando? Me botam sozinho a caminhar para a guerra e guerrear contra os bárbaros. No entanto, eu lembrarei vocês de que já venci guerras sozinho e quero vencer outras tantas guerras levando os persas. Porque um plano meu curou as almas de todos vocês diante da guerra, quando estavam abalados diante da multidão de Dario. Eu não fui o primeiro do exército a tomar as defesas na guerra? Eu mesmo não fui até Dario como mensageiro de mim mesmo? Eu não me arrisquei no perigo? Então, se querem voltar para a Macedônia sozinhos, salvem a si mesmos e não briguem uns com os outros, para que vocês aprendam como um exército nada pode sem a prudência do rei.

Assim dizendo Alexandre, eles suplicaram que ele se acalmasse da sua cólera e que pudessem ficar com ele até o fim.

[2] Quando chegou com as suas tropas à fronteira da região da Índia, mensageiros despachados da parte do rei Poro, dos indianos, foram até ele e lhe entregaram uma carta de Poro. Recebendo a carta, Alexandre a leu para os seus soldados, ela dizia assim:

“Rei Poro dos indianos para o despojador de cidades, Alexandre. Exijo que você se retire. Você é humano – o que pode diante de um deus? Por que é que você

causa uma intempérie aos que estão com você, que é mais fraco na batalha e pensa ser mais forte do que eu? Eu sou invencível! Acontece que sou deus não só dos humanos, mas também dos deuses: Dioniso, que é ameaçador para vocês e que vocês chamam de deus, tenho aqui ao meu lado. Assim, não só te aconselho, mas também ordeno: que você vá embora rapidamente para a Grécia. Porque a sua batalha contra Dario e outros povos não me dá medo, quanta sorte você teve de eles serem fracos. Você pensa ser mais forte do que realmente é. Vá embora para a Grécia! Se tivéssemos algum uso para a Grécia, muito antes de Xerxes nós, os indianos, a haveríamos escravizado. Agora, como é um povo inútil e nada tendo para merecer o olhar do rei, não prestamos atenção. Porque todos querem o que há de melhor.”

Assim, depois de ler em público a carta de Poro para os seus exércitos, Alexandre disse a eles:

— Homens companheiros de exército, não fiquem novamente perturbados por causa da carta de Poro que eu li. Lembrem-se do que Dario também escreveu. Na verdade, a ignorância é inteligência para os bárbaros. Porque, da mesma forma como os animais da região deles, tigres, leões, elefantes, se orgulham da sua nobreza, facilmente são caçados pela espécie humana. Assim os reis dos bárbaros se orgulham diante da multidão e são facilmente domados pela inteligência dos gregos.

Depois de declarar isso, para encorajar o seu exército, Alexandre respondeu a Poro:

“Rei Alexandre para o rei Poro, salve! Você fez com que ficássemos ainda mais extraordinariamente prontos para a batalha contra você ao dizer que a Grécia nada tem de merecedora do olhar de um rei, mas que vocês indianos possuem tudo, terras e cidades. Sei que toda pessoa deseja receber o que há de melhor e não ter o pior. Posto que nós, os gregos, não possuímos essas coisas que os bárbaros possuem, desejamos as melhores coisas e queremos adquiri-las de vocês. Você me escreveu dizendo ser rei dos deuses e de toda a humanidade, e assim o seu poder é maior do que o dos deuses. Eu entro em guerra contra um homem fanfarrão, ou melhor: um bárbaro, não um deus. Todo o mundo habitado não pode suportar as armas de um deus: o estrondo do trovão, ou a luz do relâmpago, ou a cólera do raio. Não me assustam povos em guerra contra mim, nem as suas palavras me tornam covarde”.

[3] Depois de receber e ler a carta de Alexandre, Poro se apressou bastante e logo reuniu a multidão dos bárbaros, elefantes e outros tantos bichos que batalhavam junto aos indianos. Quando se aproximaram persas e macedônios, Alexandre viu a linha de batalha de Poro e ficou aterrorizado não com as armas, mas com os bichos. Ficou admirado ao contemplar a estranheza das criaturas, porque tinha o costume de batalhar contra seres humanos, e não contra bichos.

Então Alexandre se transformou novamente em mensageiro de si mesmo e entrou na cidade onde estava Poro, usando a roupa de um soldado comprador de mantimentos no mercado. Os indianos, vendo aquilo, imediatamente o levaram até o rei Poro. E Poro disse a ele:

— Como vai Alexandre?

Ele respondeu:

— Está vivo, com saúde e deseja ver o tal rei Poro.

Saindo com Alexandre, mostrou a ele uma multidão de bichos e falou:

— Quando você voltar, diga a Alexandre: “eu comando bichos semelhantes a você para guerrear contra você”.

Alexandre respondeu:

— Rei Poro, antes que eu volte a Alexandre, ele já escutou o que você me disse.

— De quem?

— De Poro. Como ele é filho de deus, não ignora o que é dito.

Ao lhe dar presentes, Poro o despachou.

Alexandre, voltando do encontro com Poro, depois de observar a ordenação dos bichos, revisava bastante os seus pensamentos e fazia análises... O que o sensato finalmente fez? Dispondo como monumentos todas as estátuas de bronze que possuía e as armaduras dos soldados, mandou esquentar todos com cuidado até o bronze ficar como fogo. Então mandou que elas ficassem na frente, como um muro na frente da formação de guerra. Soou a melodia de guerra nos clarins. De um lado, Poro mandou desamarrar logo os bichos. Eles se aproximavam no ataque, pulando e agarrando as

estátuas, mas logo as suas bocas se queimavam e eles não atacavam mais ninguém. Foi assim que o inteligente Alexandre impediu o ataque dos bichos. Os persas controlavam os indianos, os perseguiram com arco e flecha, e combatendo a cavalo. A batalha dos que matavam e morriam era grande. Então caiu Bucéfalo, o cavalo de Alexandre, com o ânimo exausto. Com esse acontecimento, Alexandre negligenciou a guerra, e ficaram vinte dias guerreando uns contra os outros. Os do lado de Alexandre, temendo pela própria vida, iam para o lado do inimigo.

[4] Alexandre, ao concluir que estava a ponto de se render, mandou silenciar a batalha e apareceu diante do rei Poro, falando:

— Isso não é qualidade de um rei. Se um de nós dois vencer, entre nós morrem os exércitos. Contudo, é uma nobreza do nosso próprio corpo se nós dois, cessando o combate, formos para um duelo pelo reinado.

Poro se alegrou e aceitou duelar contra ele, vendo como o corpo de Alexandre não era proporcional ao seu próprio corpo. Poro tinha 5 codos de altura, Alexandre não tinha três.³³ Cada uma das duas partes se levantou para observar Poro e Alexandre. Repentinamente, veio um barulho do exército do rei Poro, então ele se virou para trás para ver o que era. Alexandre, afastando os pés de Poro, pulou sobre ele e enfiou a espada entre as suas costelas, matando na hora Poro, o rei dos indianos.

Os exércitos dos dois lados então voltaram a guerrear um contra o outro. Alexandre fala aos indianos:

— Infelizes indianos! Por que guerreiam se o rei de vocês está morto?

Eles responderam:

— Não queremos ser aprisionados, por isso estamos guerreando.

Então Alexandre falou a eles:

— Parem a guerra e retornem para a cidade de vocês, vocês são livres. Porque não foram vocês que ousaram atacar o meu exército, mas Poro.

Falou isso sabendo que o seu exército não tinha proporções para batalhar contra o exército dos indianos. Logo em seguida, mandou que o rei Poro fosse sepultado com

³³ Se cada codo é 0,5m, Poro mediria dois metros e meio, e Alexandre um metro e meio.

realeza. Levando todas as riquezas do seu palácio, fez o caminho até os brâmanes ou oxidorces, eles não eram um povo guerreiro, mas gimnosofistas que moravam em cabanas e cavernas.

[5] Os brâmanes, quando ficaram sabendo que o rei Alexandre se aproximava deles, enviaram os seus melhores filósofos com uma carta. Alexandre, recebendo e lendo a carta, encontrou nela o seguinte:

“Nós, os gimnosofistas, escrevemos para o homem Alexandre. Se você vem até nós para guerrear, em nada você vai lucrar. Você não vai poder ter de nós algo para carregar. Mas se você quiser levar o que temos, não precisa de guerra, mas de um pedido, feito não a nós, mas à providência no alto. Você se ocupa da guerra, nós da filosofia.”

Depois de ler isso, Alexandre foi em paz até eles. Admirou as florestas frondosas e as numerosas árvores, belíssimas, com frutos de todos os tipos, um rio que circulava toda a terra e que tinha a água brilhante e branca como leite, as palmeiras numerosas, repletas de frutos, e as videiras com galhos repletos de cachos de uvas, muito belos e apetitosos. Daí, Alexandre os viu, moravam completamente nus em tendas e cavernas. Fora, longe, a uma grande distância deles, viu as mulheres e os filhos, que se ocupavam dos rebanhos.

[6] Alexandre procurava saber a respeito deles perguntando:

— Vocês não possuem túmulos?

Eles responderam:

— Este terreno onde permanecemos é também o nosso túmulo. Porque é aqui que descansamos, sobre a terra, e sepultamos a nós mesmos durante o sono. A terra gera, a terra nutre. Finados, sob a terra repousamos o sono eterno.

Perguntou outra vez:

— Quem é maioria: os vivos ou os mortos?

Eles responderam:

— Os finados são a maioria: incontáveis, mas não mais existem. Os que podem ser vistos são mais numerosos do que os que não aparecem.

Fez outra pergunta:

— E o que é mais forte: a morte ou a vida?

Eles responderam:

— A vida, porque o sol nascente tem raios brilhantes, mas quando se põe é visto sem força.

Ainda perguntou:

— O que é maior: a terra ou o mar?

Eles responderam:

— A terra, porque o próprio mar está coberto de terra por baixo.

Perguntou outra vez:

— De todos os animais, qual é o mais perverso?

Eles falaram:

— O ser humano.

— Como assim?

— Acredite nisso por você mesmo: pois você é uma criatura que comanda, veja quantas criaturas você possui para arrancar sozinho a vida de outras criaturas.

Ele não se irritou, mas sorriu. Perguntou novamente:

— O que é a realeza?

Eles responderam:

— Um poder injusto da ambição, uma coragem facilitada pela conveniência, um fardo dourado.

Perguntou outra vez:

— O que nasceu antes: o dia ou a noite?

Eles responderam:

— A noite, porque os que vão nascer crescem na escuridão da barriga da mãe, então nascem e agarram a luz do dia.

Perguntou outra vez:

— Qual lado é melhor: a direita ou a esquerda?

Eles responderam:

— A direita, porque o sol nasce na direita e circula para o lado esquerdo do céu. A mulher amamenta primeiro com o seio direito.

Então Alexandre os inquiriu:

— Vocês têm um mestre?

Eles responderam:

— Sim, temos um líder.

— Eu gostaria de saudá-lo.

Apresentaram-lhe Dandâmis, que estava recostado no chão – a sua cama era feita de muitas folhas das árvores e melões maduros, restos de frutas estavam colocados à sua frente. Ao vê-lo, Alexandre saudou-o, e ele disse a Alexandre:

— Salve – mas ele não se levantou, nem o reverenciou como um rei.

Alexandre perguntou a ele quais eram as suas posses. Ele falou:

— As nossas propriedades são a terra, as árvores frutíferas, a luz, o sol, a lua, a dança das estrelas, a água. Sempre que sentimos fome, vamos até uma árvore frondosa e comemos os seus frutos, gerados espontaneamente, pois na lua cheia as nossas árvores produzem frutos. Temos também o grande rio Eufrates: sempre que temos sede, vamos lá, bebemos água e nos alegramos. Temos cada um a nossa própria

mulher. A cada lua nova, cada um vai e fica com a sua esposa, até serem paridas duas crianças: contamos uma para o pai e outra para a mãe.

Depois de escutar essas coisas, Alexandre disse a todos:

— Peçam o que quiserem, que eu darei a vocês!

Todos gritaram dizendo:

— Nos dê a imortalidade!

Alexandre falou:

— Esse poder eu não tenho, também sou mortal.

Então eles falaram:

— Mas, então, se você é mortal, pelo que você guerreia? Você conquista tudo, para onde vai levar? Não vão outra vez deixar tudo para outras pessoas?

Alexandre falou:

— Isso é controlado pela providência no alto, já que somos escravos e servos dos seus comandos. Porque o mar não se move se o vento não soprar, nem as árvores se mexeriam se não abanasse a brisa. As pessoas não operam se não for pela providência no alto. Eu quero parar de guerrear, mas a senhora da minha inteligência não me permite. Se todos fossem da mesma opinião, o universo aconteceria de ser ocioso. Não se navegaria o mar, não se cultivaria a terra, não celebraríamos casamentos, não criaríamos filhos. Quantas pessoas sem sorte tiveram as suas coisas destruídas nas minhas guerras? Outros tiveram sorte em ter as coisas dos outros, todos tomam as coisas de todos, entregam aos outros e nada pertence a ninguém.

Depois de dizer isso, Alexandre levou para Dândamis ouro, pão, vinho e azeite:

— Receba isso, ancião, para se lembrar de nós.

Dândamis falou, rindo:

— Essas coisas nos são inúteis, mas como não queremos menosprezar você, aceitamos o azeite.

Então fez uma pilha de lenha, acendeu o fogo e derramou, na frente de Alexandre, o azeite no fogo.

[17] Depois desse encontro, Alexandre saiu da presença deles e então retomou o caminho natural que conduzia à Prasíaca, que é considerada a capital da região da Índia onde Poro reinava. Todos os súditos de Poro aceitaram Alexandre. Depois de ordenar a administração segundo a natureza e os indianos tendo se reunido em boa vontade, alguns deles diziam assim para Alexandre:

— Grande rei, o senhor tomará cidades admiráveis e reinos, e montanhas que nenhum dos reis vivos já subiu!

Alguns dos sábios chegaram e disseram a Alexandre:

— Rei, temos que mostrar a você algo extraordinário, digno de você: te mostraremos plantas que falam a língua humana.

Então levaram Alexandre para lá onde havia o templo do sol e da lua. Ali dentro havia um calabouço e duas árvores semelhantes a ciprestes. Ao redor delas, havia árvores muito semelhantes às que no Egito são chamadas de mirobálano, os seus frutos também eram semelhantes aos dela. As duas árvores no meio do jardim falavam, uma era macho, com fala masculina, e uma era fêmea, com fala feminina. O nome do macho era Sol, e o da fêmea era Lua, e eles os chamavam na sua língua de “moutheámatos”. Peles de vários animais envolviam as das árvores, o macho com peles de machos, a fêmea com peles de fêmeas. Não havia perto deles ferro, cobre, estanho, nem argila de moldar. Alexandre perguntou quais eram as peles que os cobriam, e eles responderam dizendo que eram peles de leões e leopardos.

Mas Alexandre ainda procurava saber mais sobre as árvores. Elas disseram:

— Quando alvorece, sempre que o sol se levanta, surge uma voz na árvore, ela também surge sempre quando o sol está no meio do céu, e surge pela terceira vez sempre que está a ponto de se pôr. Ela também surge com a lua.

Aqueles que pareciam ser sacerdotes se aproximaram, falando a Alexandre:

— Aproxime-se com pureza e venere, que você vai receber um oráculo.

E eles também disseram:

— Rei Alexandre, não é permitido o ferro entrar no santuário.

Foi combinado, então, que deixariam as espadas de fora do recinto. Com Alexandre, entrou uma quantidade considerável de homens, e ele mandou examinar o perímetro do lugar. Convocou os indianos que o acompanhavam para serem os seus intérpretes e jurou a eles assim:

— Se o sol se puser e eu não escutar a voz do oráculo, vou queimar vocês vivos.

O sol se pôs, e uma fala indiana saiu da árvore. Os indianos que estavam com ele se aterrorizaram e não quiseram traduzir. Alexandre compreendeu o que estava acontecendo e levou-os para fora, para ficarem a sós. Eles disseram perto do ouvido dele:

— Rei Alexandre, em breve você será assassinado pelos seus próprios!

Todos os que estavam ali se espantaram com o prodígio. Alexandre quis receber o oráculo novamente. Depois de escutar o seu futuro, entrou e perguntou se poderia abraçar a sua mãe, Olímpia. A lua subiu no horizonte, e a árvore falou em dialeto grego:

— Rei Alexandre, você vai morrer na Babilônia, assassinado pelos seus próprios, e não vai poder ser carregado de volta para a sua mãe, Olímpia.

Admirado, Alexandre quis oferecer às árvores as mais belas coroas, mas os sacerdotes disseram:

— Isso não é permitido. Mas se você usar a violência, vai ser feita a sua vontade, porque a lei, para um rei, não está escrita.

Alexandre ficou triste. Levantou-se ao amanhecer e entrou novamente no templo, com os sacerdotes e os seus amigos. Rezando, se aproximou junto de um sacerdote e colocou a mão sobre a árvore, perguntando se ele já tinha completado o seu último ano de vida, queria saber isso. Junto ao nascer do sol, quando ele lançou os raios no topo da árvore, uma voz saiu, dizendo com clareza:

— Estão completos os anos da sua vida, e você não tem como retornar para a sua mãe, Olímpia, mas terá de ser assassinado na Babilônia. Depois de pouco tempo, a sua mãe e a sua mulher serão horivelmente assassinadas pelos seus próprios. Não pense mais a respeito disso, porque você não vai escutar mais nada de novo.

Depois de escutar essas coisas, Alexandre ficou triste. Saindo dali, seguiu em frente, saindo da Índia para chegar à Pérsia.

[18] Apressava-se para admirar o palácio de Semíramis, que era muito famoso. Uma mulher reinava em toda aquela região, ela tinha uma beleza excepcional e era de uma idade madura. Alexandre enviou a ela uma carta que dizia assim:

“O rei Alexandre para a rainha Candace de Béroe e para os príncipes sob o seu poder, salve! Caminhando pelo Egito, escutei a respeito dos templos daqui, a respeito das suas habitações e dos túmulos, e escutei que por algum tempo vocês foram senhores do Egito. Por isso, envio esta carta a vocês. Avaliem e então enviem uma carta de volta para nós, se isso lhes parecer oportuno. Passem bem!”

Candace escreveu em resposta assim:

“Rainha Candace de Béroe e todos os seus príncipes para o rei Alexandre, salve. Não nos julgue pela cor da nossa pele, porque temos as almas mais claras do que os mais brancos entre os seus. Temos aqui uma multidão de 80 tropas pronta para fazer o mal àqueles que nos atacam. Os embaixadores que enviamos levam para vocês 100 barras sólidas de ouro, 500 jovens etíopes, uma coroa de mil libras de ouro com esmeraldas, 10 fios com inumeráveis pérolas, dez estáteres,³⁴ 80 caixas de marfim e diferentes bichos originários daqui: 5 elefantes, 10 leopardos domados, 30 cães comedores de gente nas suas jaulas, 30 touros de guerra, 300 dentes de elefante, 300 peles de pantera, 3.000 varas de ébano. Então, envie alguém para receber essas coisas prontamente e nos escreva a respeito de você, quando você for rei de todo o universo habitado. Passe bem.”

[19] Alexandre, depois de receber e ler a carta da rainha Candace, enviou Cleômenes para o Egito para receber tudo. Candace, que tinha escutado coisas sobre como Alexandre dominou reis tão importantes, chamou um pintor grego da sua corte e mandou-o ir encontrar Alexandre e, em segredo, pintar um retrato dele. Assim foi feito. Candace, ao receber o retrato de Alexandre, escondeu-o.

³⁴ Estáter, moeda de prata ou de ouro (4 e 20 dracmas respectivamente).

Mas aconteceu que, depois de uns dias, o filho de Candace chamado Candaules, acompanhado de uma pequena cavalaria, sobreviveu a um ataque do tirano dos bébrices. Fugindo, Candaules, o filho de Candace, correu para as tendas de Alexandre. Os guardas o capturaram e o colocaram em frente a Ptolomeu, chamado de “Salvador”. Tinha o segundo lugar no reinado de Alexandre, já que o rei estava dormindo. Ptolomeu o interrogou:

— Quem é você e os que estão com você?

Ele disse:

— Sou filho da rainha Candace.

Disse a ele Ptolomeu:

— E por que você veio aqui?

— Com a minha mulher e um pequeno exército, íamos executar o rito secreto anual junto das amazonas. Mas o tirano dos bébrices, quando viu a minha mulher, veio com uma numerosa tropa, sequestrou-a e matou a maior parte dos meus soldados. Eu retorno para pegar uma força maior, vou queimar por completo a terra dos bébrices.

Depois de ouvir isso, Ptolomeu foi até Alexandre, acordou-o e explicou em detalhes o que tinha escutado do filho de Candace. Alexandre levantou-se imediatamente e, tomando a própria coroa, coroou Ptolomeu, jogou o próprio manto sobre ele e disse:

— Sente-se como se fosse Alexandre e diga ao referendário o seguinte: “chame para mim Antígono, chefe da guarda!” e, quando eu chegar, me explique detalhadamente o que você acabou de me contar e me diga: “O que resolvemos a respeito disso? Me dê um conselho”.

Ptolomeu sentou-se vestido no disfarce real. Ao vê-lo, os exércitos se perguntavam o que Alexandre estava planejando agora. Mas o filho de Candace o viu com a roupa real e ficou com medo que lhe mandasse matar, já que pensava que aquele era Alexandre. Então Ptolomeu ordenou:

— Chamem para mim Antígono, o meu chefe de guarda. — E chegando Alexandre, Ptolomeu lhe disse: — Antígono, esse é o filho da rainha Candace. A mulher dele foi sequestrada pelo tirano de Bébrice. O que você me aconselha a fazer?

Ele respondeu:

— Aconselho você, rei Alexandre, a armar o seu exército para guerrear contra os bébrices, para que resgatemos a mulher dele e a retornemos a ele, em honra da sua mãe.

Caudales, o filho de Candance, alegrou-se ao escutar isso. Ptolomeu disse:

— Se é o que você aconselha, Antígono, faça isso como o meu chefe de guarda. Mande o exército se preparar.

[20] Ptolomeu, fingindo ser Alexandre, comandou a Antígono, e assim aconteceu. Antígono se apressou para chegar ao local onde estava o tirano em apenas um dia, com Ptolomeu. Antígono disse a Ptolomeu:

— Rei Alexandre, não sejamos vistos pelos bébrices de dia, para que o tirano não descubra e mate a mulher. Assim, devemos entrar na cidade de noite e incendiar as casas, e as pessoas vão fazer um levante para devolver a mulher a Candaules. Pois a nossa batalha não é pelo reinado, mas pela devolução da mulher.

Quando Antígono assim falou, Candaules lançou-se aos seus pés e disse:

— Oh, como você é inteligente, Antígono! Quem dera se você fosse Alexandre, e não o guarda de Alexandre!

Então, de noite, incendiaram a cidade – enquanto as pessoas dormiam, os subúrbios pegavam fogo. Os que acordavam queriam saber quem era o responsável pelo incêndio, e Alexandre gritou, exortando:

— Candaules é um rei que tem uma grande força guerreira e manda que lhe devolvam a mulher antes que queime toda a cidade de vocês!

Eles tomaram a dianteira e foram até a residência do tirano, e a multidão abriu o palácio à força. A companheira de leito do tirano era a mulher de Candaules,

arrancaram-na dali e a devolveram a Candaules, e então assassinaram o tirano. Candaules, agradecendo a ideia e o conselho de Antígono, abraçou-o e falou:

— Confie você a mim que vou te levar até a minha mãe, Candace, e ela vai te dar presentes régios, tão dignos quanto você.

Alexandre alegrou-se muito e disse a ele:

— Peça-me ao rei Alexandre, eu também desejo ver a sua terra!

Alexandre noticiou a Ptolomeu que ele o enviasse como seu mensageiro. Ptolomeu disse a Candaules:

— Quero saudar a sua mãe com uma carta. Então, pegue o meu mensageiro Antígono e leve-o com você, novamente traga-o a mim, a salvo, como eu entrego você e a sua mulher a salvo para a sua mãe.

Candaules disse:

— Rei, recebo do senhor este homem como se fosse o próprio Alexandre, e o enviarei de volta a você com presentes régios!

[21] Candaules caminhava levando Alexandre consigo, e também um bom exército, animais de carga, carros e muitos presentes. Viajando, Alexandre se maravilhava com a diversidade, o monte que ia da terra cristalina até as nuvens do céu, árvores de copas elevadas repletas de frutos, não como os da Grécia, mas com singularidade maravilhosa. As árvores frutíferas eram douradas e tinham frutos enormes, que eram como os limões gregos, imensos cachos de uvas maduras, castanhas com o diâmetro de melões, macacos grandes como ursos e outros animais de corpos variados e formas estranhas. Havia alguns lugares que tinham descidas laterais rochosas. Candaules disse:

— Antígono, chamamos aqui de Morada dos Deuses.

Caminhada cumprida, chegaram ao palácio. Encontraram a mãe e o irmão de Candaules, e quando eles estavam a ponto de abraçá-lo, ele disse:

— Não me abracem agora, sem primeiro saudar o meu salvador e benfeitor da minha mulher, Antígono, o mensageiro do rei Alexandre.

Eles perguntaram:

— O que ele fez para te salvar?

E assim que Candaules explicou detalhadamente o sequestro da sua mulher, realizado pelo tirano dos bébrices, e como Alexandre veio em seu socorro, abraçaram-no o irmão e a sua mãe, Candace. Então, realizaram um luxuoso banquete no palácio.

[22] No dia seguinte, Candace apareceu brilhando com a sua coroa de rainha. Ela era bem alta e tinha a aparência de uma semideusa, de forma que Alexandre pensou ser ela Olímpia, a sua própria mãe. Admirava o palácio de teto dourado e cintilante e paredes de pedra. Havia colchas de tecidos de seda bordados a ouro, com arte, sobre os leitos, que tinham pés dourados, e os divãs tinham tiras de ouro; as mesas de madeira estavam cobertas com marfim, as colunas medas cintilavam com as suas pontas de ébano. Havia incontáveis estátuas de bronze; carros armados de foice decorados com pedras púrpura e com potros que pareciam prestes a criar vida e sair correndo; elefantes esculpidos em pedra semelhante, pisando os inimigos com os pés e rolando os oponentes com as trombas; templos completos, inclusive com colunas, esculpidos de uma pedra só. Vendo isso tudo, Alexandre se maravilhava. Estava comendo junto dos irmãos de Candaules. Candaules demandava que a sua mãe honrasse o mensageiro de Alexandre, dando a ele presentes dignos da sua inteligência antes de o mandar embora.

No dia seguinte, Candace tomou a mão direita de Antígono e mostrou a ele o seu quarto, feito de uma misteriosa pedra transparente, de forma que se notava o sol nascendo através do mármore. Dentro dali havia também um triclinio feito de madeira indestrutível. Havia uma casa que não era fincada no solo sobre a fundação, mas colocada sobre grandes quadrados de madeira, a qual, sobre rodas, era puxada por vinte elefantes – dentro viajava o rei que ia guerrear contra uma cidade, residindo dentro dela. Alexandre disse a Candace:

— Todas essas coisas eram dignas de maravilhar se estivessem entre os gregos e não com vocês, porque vocês já têm tantas montanhas diferentes.

Irritando-se, Candace disse:

— Você falou certo, Alexandre.

Ao ouvir o nome “Alexandre”, ele se virou, dizendo:

— Eu, senhora, me chamo Antígono. Eu sou o mensageiro de Alexandre.

E Candace falou:

— Sim, você se chama Antígono, mas não para mim: você é o rei Alexandre. Já vou te mostrar como eu te reconheci.

Segurando-o pela mão, conduziu-o para dentro de um quarto, mostrou-lhe o seu retrato pintado e falou:

— Reconhece a sua própria imagem?

Alexandre, ao reconhecer a representação de si mesmo, perturbou-se e estremeceu. Candace disse a ele:

— Por que você treme, Alexandre, e se perturba? O destruidor de persas, o matador de indianos, derrubando os monumentos dos medos e dos partos, demolindo todo o Oriente, agora sem guerra e sem exércitos está na mão de Candace. Agora você sabe, Alexandre, que quem presume ser mais esperto do que as pessoas, outra pessoa vai ser mais esperta do que ele. Porque a inteligência de Candace ultrapassou a sua astúcia, Alexandre.

Alexandre se enfurecia e rangia os dentes. Candace disse a ele:

— Você está rangendo os dentes? O que você pode fazer? Tornou-se um rei tão grande e agora está na mão de uma mulher...

Alexandre desejou matar Candace e a si mesmo com a sua espada.

— Isso também é nobre e régio... Mas não se agonie, filho Alexandre. Como você salvou o meu filho e a sua mulher sequestrada pelos bébrices, eu te guardarei dos bárbaros te chamando de Antígono. Se eles souberem que você é Alexandre, vão te matar imediatamente, porque você matou Poro, rei dos indianos. Como a mulher do meu filho mais novo é filha de Poro, vou te chamar de Antígono, eu vou guardar o seu segredo.

[23] Depois de dizer isso, Candace saiu com ele e disse:

— Filho Candaules e filha Harpisa, se vocês não encontrassem o exército de Alexandre no momento adequado, nem eu recuperaria vocês, nem você encontraria a

própria mulher. Assim, vamos ser dignos ao mensageiro de Alexandre e dar presentes a ele.

Disse a ela o outro filho, o mais novo:

— Alexandre salvou o meu irmão e a mulher dele, mas a minha mulher está pesarosa pelo assassinato do pai dela, Poro, morto por Alexandre. Como tenho nas mãos o mensageiro de Alexandre, quero matar Antígono.

Candace falou:

— Qual é a vantagem, filho? Se você o assassinar, você vence Alexandre?

Candaules falou ao seu irmão:

— Ele é o meu salvador e o da minha mulher, e eu o enviarei a salvo para Alexandre. Então vai ser por causa dele que nós vamos travar uma batalha um contra o outro?

O irmão falou:

— Eu, meu irmão, não quero, mas se você quiser, estou mais pronto do que você.

Dito isso, dirigiam-se para uma batalha um contra o outro. Mas Candace estava agoniada por causa dos seus filhos, não queria que fossem para uma batalha, tomou Alexandre e falou:

— Você é sensato e faz manobras. Você não pode pensar e descobrir um recurso para os meus filhos não guerrearem entre si por causa de você?

Alexandre disse:

— Eu vou reconciliá-los. — E indo para o meio dos dois, falou: — Escutem, Toas e Candaules. Se vocês me matarem aqui, não vai importar a Alexandre. Como eu me chamo Antígono, os mensageiros enviados não possuem porventura o valor para uma batalha real. Se vocês me matarem aqui, Alexandre tem vários mensageiros... Mas se vocês quiserem, através de mim, pegar Alexandre, o inimigo de vocês, como prisioneiro, prometam dar uma parte dos presentes agora. Vou colaborar para que Alexandre venha até vocês, porque vocês querem dar a ele pessoalmente os presentes que vocês

prepararam. Uma vez tomando o inimigo de vocês nas mãos, vocês mesmos cuidem da vingança.

Os irmãos foram convencidos por ele e ficaram de bem. Candace, admirada com a inteligência de Alexandre, disse a ele:

— Antígono, queria que você fosse meu filho, porque, por sua causa, eu poderia ser a senhora de todos os povos. Pois você não dominou povos e cidades usando a guerra, mas com a sua grande sagacidade.

Alexandre alegrou-se com a proteção e com a moderação de Candace, que guardava o seu segredo.

Depois de dez dias, Alexandre partiu. Candace deu a ele presentes régios, uma valiosa coroa de diamantes, uma couraça com pérolas e berilos e um manto todo de púrpura com ouro que brilhava como as estrelas. Enviou-o com uma comissão dos seus próprios soldados.

[24] Depois de caminhar por determinados dias, chegou àquele lugar onde Candaules tinha lhe falado viverem os deuses. Entrou com uns poucos soldados e, do lado de dentro, viu aparições de imagens e centelhas de fogo. Alexandre ficou assustado ali, surpreso, mas permaneceu para ver o que aconteceria. Viu uns homens deitados com luz saindo dos olhos, como se fossem lamparinas, e um deles falando a ele:

— Salve, Alexandre. Você sabe quem sou eu? Eu sou Sesoncosis, senhor do mundo. Não tive a mesma sorte que você, porque você tem o nome imortal, já que fundou a tão amada cidade de Alexandria no Egito.

Então Alexandre disse a ele:

— Quantos anos eu vou viver?

Ele respondeu:

— É bom o vivo não saber quando vai morrer, porque ao aguardar o momento desde quando o sabe, já está morto. Mas, ao estar na ignorância, o vivo permite o esquecimento do não saber, mesmo que por certo morrerá. Entretanto, a cidade que você fundou é famosa entre todos as gentes, muitos reis virão para arrasá-la. Mas você

vai morar nela, morto e não morto: pois você vai ter o seu túmulo na cidade que você fundou.

Depois que ele disse isso, Alexandre foi embora dali.

[25] Tomando os seus homens, fez o caminho até o acampamento. Os seus sátrapas foram encontrá-lo e lhe deram as suas roupas de rei. Dali, fez o caminho até as amazonas. Quando estavam perto delas, enviou-lhes uma carta que dizia assim:

“Rei Alexandre para as amazonas, salve! Eu presumo que vocês já ouviram falar da nossa batalha contra Dario. Dali, guerreamos contra os indianos, vencemos os comandantes deles e os escravizamos graças à providência no alto. Dali, fomos até os brâmanes, os chamados ‘gimnosofistas’. Recolhemos os impostos deles e permitimos que permanecessem no lugar deles, como demandaram, e partimos em paz. Dali, nos colocamos em marcha até vocês. Venham nos encontrar com alegria! Porque não vamos para fazer mal a vocês, mas para ver a sua terra. Também vamos fazer o bem a vocês. Passem bem!”

Depois de receberem e lerem a carta de Alexandre, elas escreveram a ele o seguinte:

“As líderes e as melhores das amazonas, a Alexandre, Salve! Escrevemos para que você seja informado antes de vir ao nosso território, para que você não morra sem glória. Na nossa carta, mostramos com clareza as coisas da nossa região, e como é virtuoso o nosso modo de vida. Habitamos o extremo do rio Amazônico, numa ilha no meio dele. O rio é a circunferência da nossa terra, que leva um ano para ser circundada e não tem princípio. Só há uma entrada. São 270 mil virgens armadas, as que vivem aqui. Não existe um macho entre nós. Os homens habitam o extremo do rio e moram na terra. A cada ano, conduzimos uma festa na qual sacrificamos cavalos para Zeus, Poseidon, Hefesto e Ares por 30 dias. Aquelas entre nós que querem perder a virgindade ficam com eles. Todas as fêmeas que nascem são levadas até nós na idade de sete anos. Sempre que os inimigos marcham até a nossa terra, cento e vinte mil saem sobre cavalos, enquanto as restantes vigiam a ilha. Partimos para o confronto nas fronteiras, e os homens, ordenados para a batalha, nos seguem atrás. Se alguma de nós se fere na batalha, é adorada com o nosso orgulho, é coroada e recebe memória eterna. Se alguma cai lutando na guerra, uma parente próxima recebe não poucas riquezas. Se alguma leva o corpo de um inimigo para a ilha, ela é

recompensada por isso com ouro, prata e uma pensão por toda a vida. Assim nós lutamos pela nossa própria glória. Se dominamos o inimigo ou ele foge, resta para eles a vergonha, para sempre a desonra, e se eles nos vencem, serão vencedores de mulheres. Veja, rei Alexandre, se isso não vai acontecer a você... Reflita, nos escreva e nos encontrará em formação de batalha nas fronteiras.”

[26] Alexandre, depois de receber a carta delas, sorriu e respondeu assim:

“O rei Alexandre para as Amazonas, salve! Nós dominamos as três partes do mundo conhecido e não cessamos de reunir troféus de tudo isso. A vergonha vai ficar para a posterioridade se não guerreamos contra vocês. Então, se vocês querem ser destruídas e expulsas da sua própria terra, permaneçam nos seus territórios. Mas se vocês desejam habitar a própria terra sem receber a guerra, atravessem o rio, para que nós possamos vê-las. Que os homens também estejam na planície. Se vocês fizerem isso, eu juro pelo meu pai e pela minha mãe Olímpia que não vou lesar vocês. Mas receberei de vocês o imposto que quiserem, e não vamos até as suas terras. Escolham algumas das amazonas e as mandem para nós com os seus cavalos. Para cada uma das enviadas por você, daremos por mês a remuneração de um estáter de ouro e provisões. Depois de um ano, nós as enviaremos de volta, e vocês enviarão outras. Reflitam e nos escrevam de volta. Passem bem.”

A carta de Alexandre foi recebida e lida, elas fizeram uma assembleia e depois de deliberarem, escreveram a ele assim:

“As líderes e as melhores das amazonas, a Alexandre, salve! Damos a você licença para chegar até nós e ver a nossa região. Concordamos em dar a você todo ano 100 talentos de ouro e enviarmos 500 das nossas melhores ao seu encontro, que te levam dinheiro e 100 cavalos nobres. Elas vão ficar com você por um ano. Se alguma perder a virgindade com um estrangeiro, ela deve permanecer com vocês. Escreva-nos sobre quantas permanecerão com vocês, envie-nos as restantes e você vai receber outras. Te obedecemos, estando você ausente ou presente, já que escutamos sobre a sua excelência e a sua hombridade. A nós, que estamos morando à margem do mundo habitado, você veio como senhor. Resolvemos escrever, habitar a nossa própria terra e obedecer-lhe como o nosso senhor. Passe bem.”

[27] Depois de trocar essas mensagens, Alexandre escreveu sobre os acontecimentos para a sua mãe, Olímpia, assim:

“Rei Alexandre para a minha mais doce mãe, salve! Preparados contra as amazonas, fizemos o caminho até o rio Pritani. Aproximando-nos dos limites da cidade, vimos ali um rio que era repleto de bichos. Os soldados ficaram num desânimo imenso. No meio do verão, não parava de chover sobre a terra, e muitos dos soldados da infantaria tinham dores nos pés. Havia trovões gigantescos, raios e relâmpagos caíam. Quando estávamos prestes a atravessar o rio chamado Pritani, muitos dos nativos foram mortos pelos soldados.

Então chegamos ao chamado rio Termodonte, que corre por uma região plana e abençoada, onde moram as amazonas, mulheres que excedem em muito na estatura as demais mulheres, melhores na beleza e na força. Elas vestem roupas floridas e são providas de armas de prata e machado. Elas não possuem ferro ou bronze, e dispõem de ciência e astúcia. Quando nos aproximamos do rio onde as amazonas moram – era, pois, um rio grande e intransponível, que tinha uma multidão de bichos – elas atravessaram em formação de guerra contra nós. Mas nós as convencemos, através de cartas, a nos obedecer.

[28] Depois de receber impostos delas, voltamos pelo Mar Vermelho para o rio Tenonte. Daquele lugar, fomos até o rio Antlas. Ali não havia como ver nem terra nem céu, eram muitos povos de todos os tipos os que moravam naquele lugar. Vimos pessoas com cabeça de cão e sem cabeça, alguns tinham olhos no peito e na boca, outros homens tinham seis mãos, cara de touro, trogloditas e homens selvagens com pés feitos de correias, outros ainda eram peludos como as cabras e tinham cara de leão, além de bichos bem variados e diferentes aos olhos.

Zarpendo por aquele rio, chegamos a uma grande ilha, afastada 120 estádios da terra. Encontramos ali a cidade do Sol. Havia 12 torres construídas de ouro e esmeraldas. A muralha da cidade era de pedra indiana. No centro, havia um altar construído em ouro e esmeralda, que tinha 60 degraus. Em cima, erguia-se um carro com cavalos, e o cavaleiro era de ouro e esmeraldas. Vê-los não era fácil, por causa da neblina. O sacerdote do Sol era um etíope vestido em linho puro. Falou em língua bárbara que nos retirássemos daquele lugar. Retirando-nos dali, perambulamos sete dias pelo caminho. Então encontramos a escuridão, tal que nenhum fogo podia iluminar aquele lugar.

Depois de nos retirarmos dali, chegamos ao porto de Lisso. Encontramos uma montanha altíssima, onde fui e vi belas casas repletas de ouro e prata. Vi uma grande fortificação de pedra de safira, que tinha 108 degraus e, em cima, um templo redondo que tinha 100 colunas de safira em círculo. Do lado de dentro e de fora, estátuas em baixo relevo estavam divinamente esculpidas: bacantes, sátiros e mênades tocavam flauta e entravam em transes báquicos, e o ancião Hemáron estava no seu asno. No centro do santuário encontrava-se um leito feito, decorado com ouro, onde havia um homem embrulhado em linho de algodão. Não pude ver o aspecto dele, já que estava todo coberto, mas eu via a força e o peso do seu corpo. Havia no meio do templo uma corrente de ouro de cerca de 100 libras de estáteres, suspendendo uma coroa de ouro radiante. Em vez de fogo, havia uma pedra preciosa que irradiava luz em todo aquele lugar. Havia uma gaiola dourada pendendo do teto, dentro havia uma ave do tamanho de um pombo. Com voz humana e em grego, me gritou e disse:

— Alexandre! Pare agora de se opor aos deuses e retorne para a sua própria morada, não ouse subir o caminho do céu!

Eu quis me apoderar dela e da lâmpada pendente, a fim de enviá-las a você, mas vi o que estava sobre o leito mover-se como se estivesse para se levantar. Os meus amigos me falavam:

— Pare, rei, isso é sagrado!

Indo para a fortificação, vi ali postos dois vasos torneados de ouro com a capacidade total de 60 medidas, que medimos durante o banquete. Mandei que todos fizessem o acampamento ali e que aproveitassem. Havia ali uma grande casa equipada. Havia ali taças insignes, todas notáveis, torneadas de pedras preciosas. Mas no que nós e os soldados nos recostamos para festejar o banquete, repentinamente veio algo como um trovão violento de flautas, uma multidão de címbalos, flautas de Pã, clarins, tímpanos e cítaras. Toda a montanha soltava fumaça, como se muitos raios tivessem caído sobre nós.

Aterrorizados, nós nos retiramos daquele lugar e fomos até o palácio de Ciro. Tomamos muitas cidades desertas e uma cidade notável, na qual havia uma grande casa onde o próprio rei fez negócios. Falaram-me que ali havia uma ave que conversava com voz humana. Entrando na casa, vi muitas maravilhas dignas de admiração. Era ouro puro. Havia dependurada no meio do teto uma gaiola de

ouro como a primeira, e dentro dela uma ave como uma pomba dourada. Falaram que ela conversava com os reis através da língua que lhe caía nos ouvidos. Vi ali também um enorme vaso torneado em ouro (isso estava dentro dos palácios de Ciro) com a capacidade para cento e sessenta medidas. Era admirável por estar perfeitamente fabricado: tinha em volta estátuas humanas e uma batalha naval na parte de cima do friso, no meio estavam belas palavras e a parte de fora estava torneada de ouro. Diziam ela ser do Egito, da cidade de Mênfis, trazida de lá quando os persas conquistaram a cidade. A casa havia sido construída em modo grego, ali o próprio rei tinha o costume de negociar. Nela, estava pintada a acontecida batalha naval de Xerxes. Situavam-se na casa também um trono de ouro, pedras preciosas e uma lira que tocava automaticamente. Em volta, situava-se ali uma estante de dezesseis codos que tinha oito degraus. Em cima, uma águia estendia as suas asas, protegendo todo o círculo. Havia também uma vinha de ouro com sete galhos, todos trabalhados em ouro. A respeito das outras maravilhas, o que tenho a intenção de dizer sobre isso? Não é possível explicar a multidão de coisas que ultrapassam a excelência em um dia. Passe bem!"

[30] Alexandre escreve outra carta para a sua mãe, Olímpia, estando na grande Babilônia, a ponto de deixar a sua vida humana, contendo o que segue:

Dizem ser grandes as previsões das divindades. Uma das mulheres nativas pariu um bebê cujo lado de cima do corpo era humano, tudo de acordo com a natureza, mas a parte do quadril até as pernas era como cabeças de bichos, de forma que a criança lembrava a criatura conhecida como Cila. Eram cabeças de leões e cães selvagens. As formas moviam-se, eram todas bem visíveis, de modo que se reconhecia cada figura. Por sua vez, a cabeça da criança estava morta. A mulher, logo depois de parir o bebê, jogou-o em trapos e, com ele coberto, chegou ao palácio de Alexandre e disse ao seu mensageiro:

— Informe o rei Alexandre a respeito de uma coisa maravilhosa, quero mostrar algo a ele.

Alexandre estava dormindo ao meio-dia no seu quarto. Ao acordar, ouviu a respeito da mulher e mandou trazê-la para dentro. Quando ela entrou, o rei mandou todos que estavam ali se retirarem. Ao se retirarem todos, a mulher lhe mostrou o portento nascido e afirmou ela o ter parido.

Ao ver aquilo, Alexandre se maravilhou e logo mandou trazer sábios decifradores de sinais e magos. Quando chegaram, mandou que fizessem a interpretação do sinal gerado, prometendo a morte a eles se não falassem a verdade. Havia cinco dos mais bem reputados e sábios dos caldeus, mas um deles portava a maior arte. Entretanto ele, por acaso, não estava em casa. Os que estavam presentes disseram que Alexandre seria mais forte do que todos os inimigos e que dominaria todas as gentes: disseram que, pelo sinal, as feras mais fortes eram povos dominados pelo corpo humano, significava isso.

Mas depois deles, o outro caldeu veio até Alexandre. Vendo o aspecto do sinal, gritou fortemente, chorando e rasgando as roupas, sofrendo de horror. Alexandre, vendo o seu sofrimento, ficou agoniado sem medida e mandou-o dizer com confiança o que havia visto no sinal. Ele lhe disse:

— Rei, não se pode anunciar entre os vivos.

Quando Alexandre cobrou dele a interpretação do sinal, respondeu assim:

— Maior rei de todos as gentes, a figura humana é você, as formas de feras são os que estão em torno de você. Se a parte de cima vivesse e estivesse em movimento exatamente como os animais sob ela, você também estaria destinado a governar todos. Mas, da mesma forma que foi removida da vida, assim também será com você, rei. Da forma como estão as feras da parte de baixo, também estão as do seu entorno: não têm prudência, mas, como acontece de serem selvagens diante das pessoas, assim os que estão no seu entorno vão se dispor diante de você.

Ao dizer isso, o caldeu saiu e ainda falou para queimar o bebê. Depois de escutar aquilo, Alexandre colocava as suas coisas em dia.

[31] Antípatro havia se revoltado contra Olímpia, a mãe de Alexandre, e fez contra ela o que queria. A mãe de Alexandre frequentemente escrevia a ele a respeito de Antípatro – porque, como mãe de Alexandre, era afligida – e queria ir para o Egito, mas Antípatro a proibia. Quando Alexandre recebeu a carta da sua mãe e ficou sabendo por ela da ameaça que afligia a sua mãe, enviou até Antípatro o chamado Crátero para a Macedônia, como encarregado. Antípatro, entendendo o desígnio de Alexandre, a chegada de Crátero, sabendo que os soldados de Alexandre iam para a Macedônia e para a Tessália por causa de si, temeu e planejou trair Alexandre com assassinato, temendo pelas coisas que tinha feito contra Olímpia, para nunca ser levado para a

prisão. Porque tinha escutado que Alexandre ultrapassara em muito na sua soberba, através dos feitos no seu comando. Considerando isso, preparou um veneno que não podia ser levado num jarro nem de cobre, nem de cristal, nem de barro, porque os destruía no momento. Antípatro pôs o veneno numa caixinha de chumbo e o fechou em outra caixinha de ferro. Deu-a para o seu próprio filho, que a enviou para a Babilônia para Julio, o copeiro do rei Alexandre. Conversou com ele sobre a periculosidade e o poder mortal do veneno, de forma que, se algo provocado pelos inimigos lhe acontecesse durante a guerra, o tomasse para morrer.

Chegando à Babilônia, o filho de Antípatro conversou em segredo com Julio, o copeiro de Alexandre, sobre a entrega do veneno. Julio guardava um rancor com relação a Alexandre – porque fazia uns dias que, por causa de uma queda de Julio, Alexandre havia dado com o bastão na sua cabeça, machucando-o severamente – por isso, Julio estava bravo com Alexandre e encontrou o filho de Antípatro para o delito. Julio levou consigo um certo Médico, também lesado por Alexandre, e tomaram providências para dar o veneno para Alexandre beber.

Num daqueles dias, quando Alexandre descansava depois de um grande banquete, o tal Médico foi até ele e dignamente convidou-o para ir à sua casa no dia seguinte. Alexandre, persuadido pelo convite de Médico, compareceu ao seu banquete. Havia outras pessoas reclinadas junto ao rei Alexandre. Nem Pérdicas, nem Ptolomeu, nem Olcio, nem Lisímaco, nem Eumênio, nem Cassandro sabiam do complô de veneno mortal que estava prestes a acontecer. Todos os outros reclinados com Alexandre foram informados do feito criminoso do veneno e compactuavam com Julio, o copeiro do rei, já com juramentos feitos uns aos outros, pois desejavam logo as coisas de Alexandre. Alexandre estava reclinado com eles quando Julio lhe trouxe uma bebida inofensiva. Envolvidos na distração da conversa, a bebida já tinha acabado depois de um tempo, então Julio ofereceu outra bebida, que tinha o veneno. Recebendo-a Alexandre, na sua má sorte, e bebendo-a, gritou repentinamente como se uma flecha lhe atingisse o fígado. Depois de um tempo se conteve e, enfrentando a dor, retornou para casa, mandando os que estavam consigo ficarem.

[32] Eles, agoniados, no mesmo instante dissolveram o banquete e, do lado de fora, esperavam impacientes pelo que aconteceria. Alexandre, desamparado em si mesmo, disse:

— Oh, Roxana! Você faz um favorzinho para mim?

Carregado por ela, voltou para o seu palácio e se deitou.

Nascendo o dia, mandou virem até ele Pérdicas, Ptolomeu e Lisímaco. Disse que nenhum outro deveria se juntar a eles até que se fizesse o testamento. De repente começou uma gritaria e um tumulto dos macedônios junto do pátio do palácio de Alexandre, para matar os seus guarda-costas, se não mostrassem a eles o rei. Alexandre queria saber o que era o alvoroço, e Pérdicas se aproximou dele e explicou o que os macedônios estavam falando. Alexandre ordenou que o seu leito ficasse em um lugar erguido, de forma que toda a tropa de soldados passasse para vê-lo e para consagrá-lo, e que saíssem através de outra porta. Pérdicas fez as coisas ordenadas pelo rei Alexandre, e os macedônios entravam um a um para contemplá-lo. Não havia quem não chorasse ao ver o tão grande rei, Alexandre, semimorto, deitado no leito. Um homem deles, cuja figura não era desagradável, uma pessoa comum, chegando perto do leito de Alexandre, disse:

— Para o bem, rei Alexandre, o seu pai Filipe governou, e para o bem você também governou, rei. Você se antecipa a nós, mas então seria belo nós morrermos com você, aquele que fez da Macedônia um estado livre!

Alexandre, chorando, estendeu a mão direita, fazendo um sinal de consolação.

[33] Mandou vir um escrivão e lhe disse a respeito de Roxana, a sua mulher:

— Se de Roxana, a minha mulher, me nascer um menino, que ele seja rei da Macedônia. Mas se nascer uma menina, que vocês escolham o rei que quiserem.

E colocou que escrevessem para a sua mãe o seguinte:

“O rei Alexandre, para a minha mais doce mãe, salve! Ao receber de mim este último escrito, faça um banquete suntuoso para pagar a providência no alto por ter te dado este filho. Porém, se você quer me venerar, vá você mesma e reúna todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, para a refeição, dizendo a eles: ‘vejam, o banquete está preparado. Venham festejar! Mas se algum de vocês tem uma aflição agora ou de algum tempo, saia, pois o banquete não é feito de aflição, mas de alegrias’. Passe bem, mãe.”

Assim fez Olímpia, mas ninguém veio ao banquete, nem pequeno, nem grande, nem rico, nem pobre foi encontrado sem aflição. A sua mãe logo compreendeu a sabedoria do filho: como que para partir, em despedida dos vivos, Alexandre escreveu

aquilo como consolação. Porque não era estranho o que aconteceu a ele, mas havia de acontecer como acontecia a todos.

Quando Alexandre disse essa e muitas outras coisas, uma névoa surgiu no ar e uma estrela brilhou, descendo através do céu até o mar e, junto dela, uma águia; e uma escultura da Babilônia, a que chamavam de Zeus, moveu-se. A estrela subiu novamente ao céu, e a águia a seguiu. Ao desaparecer a estrela no céu, nesse momento Alexandre dormiu o sono eterno.

[34] Os persas batalhavam contra os macedônios porque queriam levar Alexandre e proclamá-lo como Mitra. Os macedônios discordavam, querendo que ele retornasse para a Macedônia. Ptolomeu então falou a eles:

— Há um oráculo de Zeus da Babilônia. Receberemos dele uma resposta a respeito do corpo de Alexandre, onde deve ser enterrado.

O oráculo de Zeus lhes deu o seguinte oráculo:

— Eu mostrarei o que é vantajoso para todos. Há uma cidade no Egito que se chama Mênfis, ali ele deve ser entronizado.

Dado o oráculo, ninguém falou nada, mas concordaram com Ptolomeu em ir e levá-lo embalsamado num caixão de chumbo à cidade de Mênfis. Ao colocá-lo no carro, Ptolomeu fez o caminho da Babilônia ao Egito. Os menfitas, quando souberam, foram ao encontro do corpo de Alexandre e o conduziram para dentro de Mênfis. Entretanto, o grande profeta, sacerdote de Mênfis, disse:

— Não o enterrem aqui, mas na cidade que fundou, em Racôntis. Porque onde estiver este corpo, é uma cidade instável, perturbada por guerras e batalhas.

Ptolomeu o leva para Alexandria e faz o seu túmulo no templo chamado *Corpo de Alexandre*, e ali enterrou os restos de Alexandre.

[35] Alexandre viveu a idade de 32 anos, vividos assim: aos vinte anos foi rei; guerreou doze anos; venceu todas as guerras. Dominou 22 povos dos bárbaros e 14 populações gregas. Fundou as seguintes doze cidades: Alexandria do Egito, Alexandria de Horpas, Alexandria de Cratisto, Alexandria da Escítoa, Alexandria do rio Crépide, Alexandria de Trôade, Alexandria da Babilônia, Alexandria de Péria, Alexandria do

Cavalo Bucéfalo, Alexandria de Poro, Alexandria do Rio Tigre, Alexandria dos chamados Massagetas.

Alexandre nasceu numa lua nova do mês de janeiro, ao nascer do sol, e morreu na lua nova do mês de abril, ao pôr do sol. Chamam o dia em que ele morreu de “neóмага”, porque Alexandre morreu jovem. Alexandre morreu no ano 5176 do mundo, no ano final da 113^a Olimpíada. Uma Olimpíada tem 4 anos, a primeira Olimpíada começou no quarto ano do reinado de Acaz. Da morte de Alexandre até a palavra de Deus nascida da carne da virgem foram trezentos e vinte e quatro anos.

ROMANCES DE ALEXANDRE

1.1. Manuscritos, recensões e traduções

O termo *Romance de Alexandre* na verdade é um título genérico, dado não a um texto único, mas a uma variedade muito rica de manuscritos, recensões e traduções de origem imprecisa, mas de extensa transmissão. Do terceiro século de nossa era até a Idade Média, chegaram até nós nada menos que oitenta versões deste livro, sendo elas compostas em vinte e quatro línguas, fazendo com que o *Romance de Alexandre* seja o texto que mais se difundiu depois da Bíblia.³⁵ Existem, entre diversas línguas e tempos, traduções para o latim, o armênio, o georgiano, o hebraico, o sérvio, o russo, o romeno³⁶ — e estas traduções não são apenas a passagem de uma língua para a outra, mas carregam consigo mudanças profundas no enredo, de acordo com lendas, religiões, costumes e culturas de cada local:

Cada tempo faz seu próprio Alexandre: a tradição hebraica faz dele um pregador e um profeta; as versões tardias gregas, cristãs e siríacas enfatizam sua fiel obediência a Deus; na Europa da Idade Média, ele é um cavaleiro cortês exemplar; para os persas ele é, em uma tradição, o arquissatã, porque destruiu os altares de fogo do zoroastrismo, enquanto nos autores épicos, ele é legitimado como rei da Pérsia, porque na verdade ele é filho de Dario e não de Filipe; para os gregos modernos, ele é um dos portadores semimágicos de Romiosyni, senhor das tempestades e pai das sereias.³⁷

As versões se construíram ao longo do tempo numa teia em que um texto dá origem ao outro, e o resultado pode dar origem a outros textos. Nesse processo, o que seria a versão original e primeira do *Romance de Alexandre* acabou se perdendo, e o que temos de mais próximo ao texto inicial se encontra já com algum número de alterações, realizado por outros autores. Para um leitor moderno, pode parecer impensável o nível de mudanças realizadas ao longo da genealogia deste romance, mas para compreender origens e resultados de um texto assim, deve-se ter em mente que as noções de propriedade literária, na Antiguidade, diferiam radicalmente das de agora,

³⁵ WHITMARSH, 2008, p. 2

³⁶ THIEL, 1983, p. XXXII

³⁷ STONEMAN, 1991, p. 2. No original: “Each age makes its own Alexander: the Hebrew tradition makes him a preacher and prophet, the later Christian Greek and Syriac versions emphasize his faithful obedience to God; in the European Middle Ages he is an exemplar of chivalrous knight; for the Persians he is, in one tradition, the arch-Satan, because he destroyed the fire altars of the Zoroastrian religion, while in the epic authors he is the legitimate king of Persia, because he is really the son of Darius and not of Philip; for the modern Greeks he is one of the half-magical bearers of Romiosyni, lord of storms and father of the mermaids”. A não ser que seja explicitado, todas as traduções do grego, do inglês, do francês e do espanhol presentes neste texto são de nossa autoria.

valendo para uns textos mais canônicos e não se aplicando no caso de outros textos mais populares.³⁸ Cada autor adicionava alguma coisa e retirava outra, e assim o *Romance de Alexandre* atravessou os séculos sendo modificado ao gosto de cada época, espaço e suas intenções.

Autores e editores do *Romance de Alexandre* repassam algumas informações a respeito da linhagem do texto. Entretanto, os dados que encontramos muitas vezes se contradiziam ou eram insuficientes para o estabelecimento de um mapa das versões do livro, de forma que transmitimos agora apenas as informações que nos pareceram mais bem fundamentadas. A ideia deste trabalho não é dissertar sobre origens e mudanças, mas sim trabalhar e analisar uma das versões. Para tal, ainda compreendemos que é preciso passar pelas dimensões e o alcance deste texto vertido em tradição literária.

Os diversos manuscritos e exemplares dos romances de Alexandre foram agrupados em *recensões*, que consistem em famílias de textos que identificam conteúdos semelhantes entre si. As recensões se classificam com letras gregas (recensões α, β, γ, δ* e ε), e os manuscritos são classificados com letras latinas maiúsculas – A, B, C e assim por diante. C. Müller foi o primeiro editor moderno do *Romance de Alexandre* e, em sua edição de 1846, combinou três manuscritos de três recensões diferentes (manuscritos A, B e C das recensões α, β e γ respectivamente), buscando fazer uma versão “integral” do texto. Entretanto, a ideia de uma versão integral do *Romance de Alexandre* deu origem a um texto artificialmente forjado, porque as três recensões foram compostas em séculos diversos e foram feitas por diferentes autores.³⁹

De algum modo, o trabalho de C. Müller tem o mérito de agrupar todas as narrativas presentes naqueles textos em um só, estabelecendo uma contagem de capítulos única para todos os textos, e esta contagem permanece sendo utilizada por editores e tradutores contemporâneos, inclusive nos capítulos da tradução oferecida por este trabalho. Pela diferença de narrativas, cortes e invenções, muitas recensões possuem capítulos extras ou não possuem capítulos que existem em outras versões.⁴⁰ Para dar um exemplo, o texto utilizado para realizar a nossa tradução não possui os cinco primeiros capítulos do segundo livro, que estão presentes na recensão α, começando assim o segundo livro a partir do capítulo 6. As partes faltantes foram ou cortadas pelo autor, ou simplesmente perdidas.

³⁸ BOUNOURE, 2004, p. XIV-XV

³⁹ Ibid., p. XV

⁴⁰ THIEL, 1983, p. XLIV

Com relação ao conteúdo, os romances de Alexandre apresentam narrativas ficcionais construídas a partir do que se dizia, do que se escrevia e do que se transmitia a respeito da figura histórica de Alexandre, o Grande. O que Cizek considera é que estes textos efetuam dois tipos de mudanças em dados biográficos de Alexandre: em primeiro lugar, a deturpação de dados vindos de fontes anteriores ao romance; em segundo, a inserção no texto de narrativas de tradições mitológicas, gregas ou orientais, normalmente alheias à saga de Alexandre.⁴¹ Podemos falar aqui de muitas camadas de uma obra múltipla, resultando em textos que representam um personagem histórico projetado em imaginários populares,⁴² tomando parte de outras tradições literárias e mitológicas.

A recensão α é a mais antiga que possuímos, havendo dela apenas três textos: o manuscrito grego A, datado do século XI, uma tradução para o armênio e uma tradução latina feita por Júlio Valério.⁴³ Thiel afirma que o manuscrito grego A está em extremo mau estado, que o texto se encontra modificado, sendo seu conteúdo, de alguma forma, já distante da versão original.⁴⁴ Cada uma dessas versões possui diferenças, faltas e adições que outras não possuem, e como temos poucas pistas de como seria o romance original em grego, a recensão α é o modelo hipotético de uma primeira versão:

Intensamente alteradas são, naturalmente, as traduções, das quais algumas são atestações importantes para o texto de origem, porque cada tradução é, ao mesmo tempo, interpretação: especialmente em partes não tão claras, o tradutor é obrigado a criar um texto com sentido, sendo para ele mais difícil encontrar o sentido original do que criar um novo. Quase nunca podemos decidir, em tais casos, se se trata de leituras autênticas ou conjecturas do editor.⁴⁵

Enquanto a recensão α deixa a desejar no quesito da conservação de um suposto texto original alterado, a recensão β é mais generosa, possuindo nada menos do que nove manuscritos. Essa versão não parece derivar diretamente do manuscrito A, mas concorda mais com as duas traduções que possuímos da recensão α (latim e armênio), o que faz pensar que os textos gregos que deram origem às traduções

⁴¹ CIZEK, 1978, p. 594-595

⁴² Ibid., p. 596

⁴³ JOUANNO, 2002, p. 14

⁴⁴ THIEL, 1983, p. XXXVIII

⁴⁵ Ibid., p. XXXVII. Tradução de Gabriel de Assis Pinheiro. No original: "Stark verändert sind natürlich die Übersetzungen, von denen einige wichtige Zeugen für den ursprünglichen Text sind. Denn jede Übersetzung ist zugleich Interpretation: Besonders an unklaren Stellen ist der Übersetzer gezwungen, einen sinnvollen Text zu schaffen, wobei er seltener den ursprünglichen Sinn wiederfindet als einen neuen erfindet. Wir können in solchen Fällen fast nie entscheiden, ob es sich um echte Lesarten oder Konjekturen der Bearbeiter handelt".

certamente estariam em melhor estado e teriam sido consultados pelo redator da recensão β. Entretanto, essa coincidência de textos não é perfeita, porque há algumas partes que faltam tanto no manuscrito A quanto nos demais textos da recensão α — ou seja, pelas diferenças, esse texto deve ser considerado como uma nova versão.⁴⁶ Escrita entre 300 e 550 d.C., muitas passagens compostas em verso na recensão anterior foram convertidas para a prosa,⁴⁷ e ela parece possuir pretensões históricas maiores do que o texto que a antecedeu.⁴⁸ Por conta disso, consideramos que nela constrói-se um jogo mais complexo entre fato e ficção. A recensão possui como título *Vida e feitos de Alexandre da Macedônia* (βίος Ἀλεξάνδρου τοῦ μακεδόνης καὶ πράξεις).

Por volta do século VIII, surge a recensão ε, uma compilação entre o original α e algum material de β, acrescido de trechos de outros textos, como a carta de Alexandre a Aristóteles sobre a Índia. As recensões ε e β foram combinadas e deram origem a mais uma recensão, a mais recente e longa, que é chamada de recensão γ. Stoneman considera essa uma versão pior que outras, por conta de seu “estilo inferior, versos inaptos e algumas passagens notavelmente sem graça”, contando com uma mistura de material cristão e judaico mais antigo.⁴⁹ Por fim, temos a recensão δ*, que não existe mais, senão por algumas traduções, baseada no manuscrito A ou em outra versão da recensão α. Essa versão foi a fonte para uma tradução realizada no século X para o latim, conhecida como *Historia de Proeliis*, para a tradução siríaca, que deu origem à tradução para o árabe e para o etíope, originando as versões orientais.⁵⁰

Dos nove manuscritos da recensão β, escolhemos unicamente o manuscrito L para realizarmos a tradução, tal como editado por Helmut van Thiel. O manuscrito data do século XV, e seu texto contém algumas amplificações específicas, como a inserção resumida da conquista de Tebas (I, 46)⁵¹ e, principalmente, no que diz respeito às viagens maravilhosas, relatadas em carta pelo próprio Alexandre (II, 23-41).⁵² Segundo Corinne Jouanno, esse redator, mais que outros, fez valer a esperteza de Alexandre e seu desejo de ir além dos limites do humano, incluindo o episódio da aventura submarina do macedônio, que constrói uma engenhoca para viajar até o fundo do mar (II, 38) e também uma carruagem atrelada a pássaros, com a qual Alexandre voa (III,

⁴⁶ JOUANNO, 2002, p. 247

⁴⁷ STONEMAN, 1991, p. 28

⁴⁸ THIEL, 1983, p. XXXIX

⁴⁹ STONEMAN, 1991, p. 29

⁵⁰ Ibid., p. 30

⁵¹ THIEL, 1983, p. XL

⁵² JOUANNO, 2002, p. 271; THIEL, 1983, p. XL

28).⁵³ Com relação a outras recensões e manuscritos, esse guarda semelhança com a recensão sub-recensão λ , uma derivação de β .⁵⁴

1.2. Autoria, autorias

Segundo Helmut van Thiel, o romance inicial foi, de fato, o trabalho de um único autor. Esse autor trabalhou tanto realizando invenções a respeito da vida de Alexandre, o Grande, quanto como compilador, ao combinar três fontes narrativas pré-existentes: uma narrativa histórica que circulava na época (mas que não chegou até nós), um romance epistolar em que Alexandre trocava cartas com seus inimigos (cuja cartas isoladas, semelhantes a narrativas do romance, recebemos em papiros) e pequenas narrativas individuais, episódios presentes no texto, como o diálogo com os gimnosofistas, as cartas maravilhosas que Alexandre escreveu para sua mãe e Aristóteles e o encontro com Candace.⁵⁵

Esse primeiro autor seria um alexandrino falante de grego, que viveu entre 140 e 340 d.C.,⁵⁶ o que se evidenciaria tanto pela descrição da fundação da cidade de Alexandria,⁵⁷ quanto pelo conhecimento da geografia egípcia. Além disso, há uma intromissão na genealogia de Alexandre, sendo ele considerado filho do faraó egípcio Nectanebo, o que transporta sua origem para o Egito. Inicialmente, tratava-se de um texto anônimo, sendo sua autoria tão inexata quanto sua datação. O livro circulou, segundo Carlos Garcia Gual, “de forma anônima, ou seu autor era tão desconhecido que seu nome foi esquecido prontamente”.⁵⁸

Foi apenas posteriormente que a composição foi atribuída a Calístenes,⁵⁹ um personagem histórico que seria parente de Aristóteles e que compunha o corpo de escritores que registraram as expedições de Alexandre. Esse Calístenes, inclusive, faz uma aparição em nosso texto no capítulo 39 do segundo livro: quando Alexandre está prestes a entrar na Terra dos Bem-Aventurados, ele o aconselha sobre o número de homens que deve levar naquela expedição. Uma informação histórica que possuímos é a de que ele, entretanto, teria morrido alguns anos antes de Alexandre, por volta de 327

⁵³ JOUANNO, 2002, p. 271-272

⁵⁴ THIEL, 1983, p. XL

⁵⁵ Ibid., p. XXXVI

⁵⁶ ROSENMEYER, 2003, p. 170

⁵⁷ THIEL, 1983, p. XIII

⁵⁸ GUAL, 2002, p. 17

⁵⁹ THIEL, 1983, p. XIII

a.C.,⁶⁰ o que de alguma forma não tem muita importância no contexto do romance, que reconstrói a história a seu próprio gosto.⁶¹

Calístenes é introduzido como autor em quatro manuscritos da recensão β,⁶² como é o caso de nosso manuscrito L, em cujo título encontramos:

Καλλισθένης ιστοριογράφος ὁ τὰ περὶ τῶν Ἑλλήνων συγγραψάμενος· οὗτος ἱστορεῖ Ἀλεξάνδρου πράξεις.

Calístenes, o historiador que escreveu a respeito dos gregos: ele escreveu a história dos feitos de Alexandre.

Por conta dessa tradição de atribuição da obra, o autor acabou sendo genericamente denominado como “pseudo-Calístenes”, mas não podemos deixar de cogitar que atribuir a obra a um personagem do círculo pessoal de Alexandre agrega ao texto certo valor de autoridade.

Muito acertadamente, Bonoure compara a questão de autoria e transmissão do livro à questão homérica, levantando a possibilidade de a obra ter sido escrita por várias pessoas, reunindo uma história mais pública do que construída por um só autor:

Em termos mais ou menos explícitos, se enfrentam também as mesmas concepções de criação literária que longa e veementemente desenvolveu a “questão homérica”: esta obra tem um autor único, ou tradições amadurecidas ao fio do tempo, um dia costuradas por um “rapsodo”, fruto de rearranjos aleatórios de uma longa sedimentação de arranjos independentes? É o resultado de um trabalho original de um indivíduo, ou expressão coletiva de tradições populares?⁶³

Ainda sobre o autor, podemos atentar à linguagem utilizada para compor o *Romance de Alexandre* grego. Ele está escrito numa língua popular, a *koiné* mais tardia, com termos emprestados do latim, e faz uso do presente histórico, de assíndetos, parataxes e repetições, modos do discurso popular que o tornam mais compreensível e de mais fácil leitura.⁶⁴ A utilização dessa forma de escrever pode dizer novamente respeito à popularidade do *Romance de Alexandre* e ao tanto que o público do texto se mostra variado. Questiona-se, entretanto, se existe algum fator oral na composição, se

⁶⁰ BONOURE, 2004, p. xii

⁶¹ STONEMAN, 1991, p. 8

⁶² JOUANNO, 2002, p. 261

⁶³ BONOURE, 2004, p. xx. No original: “En des termes plus ou moins explicites, s’affrontent aussi les mêmes conceptions de la création littéraire qu’avait longuement et véhémentement développées la ‘question homérique’: a-t-on l’oeuvre d’un auteur unique, ou des traditions mûries au fil du temps, un jour cousues ensemble par un ‘rhapsode’, voire le fruit hasardeux d’une longue sédimentation de remaniements indépendants? Résulte-t-il du travail original d’un individu, ou l’expression collective de traditions populaires?”.

⁶⁴ KARLA, 2009, p. 20

ela seria uma “sedimentação da saga de Alexandre reproduzida oralmente através dos séculos”,⁶⁵ e é justamente através da linguagem do romance, que é escrito para ser lido, quanto por outras fontes escritas já citadas, que a teoria de uma saga oral parece não se aplicar tanto a este caso.

Há, contudo, a forte presença de anedotas sobre a vida de Alexandre, o Grande no texto, anedotas estas que foram transmitidas também por autores como Plutarco, Quinto Cúrcio e Arriano, de forma que consideramos que a história, e não o próprio texto do romance, também se vale de acontecimentos narrados de forma oral antes de ser colocada por escrito. Tanto a ordem dos acontecimentos quanto os vários casos maravilhosos parecem ser mais a invenção de diversos indivíduos, que realizaram apropriações de várias histórias e adicionaram ao material sua própria versão dos fatos. Entretanto, Corinne Jouanno afirma que o *Romance de Alexandre* revela mais alguma “ambição literária” de um autor do que representa uma tradição popular que foi transformada em texto:

A narrativa do pseudo-Calístenes está, entretanto, longe de ser um produto puro de tradição popular. Mesmo parecendo negligente, o autor do Romance manifesta alguma ambição literária. Ele possui certa cultura, como frequentemente se constatou, e sua obra é, para usar a definição precisa de A. Ausfeld, “eine halbgelehrte Schriftstellerei” [uma escrita semierudita]. Vimos que ela se apoia na exploração de certo número de fontes escritas, literárias, e se o estilo é heterogêneo e flutua em função dos textos utilizados, o autor, por outro lado, enverniza o conjunto de sua narrativa com termos raros ou poéticos que, mesmo nas passagens mais prosaicas, dão um pouco de brilho à narração.⁶⁶

1.3. Um romance grego antigo?

O gênero que conhecemos hoje como romance grego antigo se originou entre os séculos I e II d.C. e pode ser definido brevemente como uma narrativa ficcional em prosa que abarca como tema o amor entre dois jovens e uma série de acontecimentos fortuitos e aventureiros que os separam antes do reencontro final, concluindo a narrativa com um *happy end*. Seguindo o padrão, cada um a seu modo, possuímos cinco romances: *Quéreas e Calíroe* de Cáriton de Afrodísias, *As efesíacas* de Xenofonte de

⁶⁵ THIEL, 1983, p. XVI

⁶⁶ JOUANNO, 2002, p. 30. No original: “Le récit du Pseudo-Callisthène est cependant loin d’être un pur produit de la tradition populaire. Tout négligent qu’il puisse paraître, l’auteur du *Roman* n’est d’ailleurs pas sans manifester quelque ambition littéraire. Il possède une certaine culture, comme on l’a souvent constaté, et son oeuvre est, pour reprendre la juste définition d’A. Ausfeld, ‘eine halbgelehrte Schriftstellerei’. Nous avons vu qu’elle s’appuyait sur l’exploitation d’un certain nombre de sources écrites, littéraires, et si le style en est hétérogène et fluctue en fonction des textes utilisés, l’auteur a toutefois émaillé l’ensemble de son récit de termes rares ou poétiques qui, même dans les passages les plus prosaïques, viennent donner un peu de lustre à la narration”.

Éfeso, *Leucipe e Clitofonte* de Aquiles Tácio, *Dáfnis e Cloé* de Longo e *As etiópicas* de Heliodoro.

Além dos cinco romances que envolvem a dupla amor e viagem, há outros textos que marcam semelhança com eles por serem também textos ficcionais (ou com certo nível significativo de ficção) redigidos na forma da prosa. O *Romance de Alexandre*, apesar de carregar o termo *romance* em seu título genérico, não se inclui neste grupo do romance grego antigo, por assim dizer, “canônico”. Em parte, o livro contém certo número de narrativas de aventuras, é escrito em prosa, suas primeiras versões foram compostas em grego e ele faz uso de algumas técnicas e recursos narrativos dos quais se utiliza o romance antigo. Holzberg afirma que um leitor contemporâneo não teria dificuldade em agrupar numa mesma categoria textos afins aos cinco romances gregos canônicos, mas haveria um problema nessa leitura:

Se fôssemos aplicar a definição moderna do gênero “romance”, que cobre um espectro muito amplo de prosa narrativa, nós provavelmente acharíamos bem fácil classificar todas estas obras como romances. Na Antiguidade, entretanto, nem leitores nem críticos eram favoráveis em considerar o “caderno de viagens” de lambulo, a *Vida de Esopo*, as coleções de cartas pseudoepigráficas de Hipócrates, as efemérides de Díctis, e a *Historia Apollonii regis Tyri* junto de *Calíroé* de Cáriton e o *Satiricon* de Petrônio, como variações de um mesmo gênero literário.⁶⁷

O próprio termo *romance*, no caso, apresenta um primeiro problema, pois nenhum destes textos era chamado de *romance* na época de seu surgimento. A palavra *romance* surgiu primeiramente durante a Idade Média e era usada para se referir a textos ficcionais escritos em línguas românicas correntes, fossem eles em prosa ou em verso⁶⁸. Segundo Brandão, “o romance, quando batizado, é entendido como moderno e está em consonância com novas circunstâncias linguísticas, literárias, psíquicas e culturais do século XII e subsequentes”.⁶⁹ Dessa forma, esses textos seriam *romance* em oposição aos textos escritos de forma protocolar em latim, que comporiam, em maior parte, os gêneros mais “sérios”, apresentando em si uma inovação em termos do gênero de escrita. A ideia que o romance carrega hoje – uma narrativa ficcional em prosa mais longa que um conto – seria usada de forma tardia no francês, para depois adquirir o mesmo sentido em outras línguas, chegando ao Brasil no século XIX, como uma

⁶⁷ HOLZBERG, 1995, p. 26. No original: “If we were to apply the modern definition of the genre ‘novel’, which covers a very wide spectrum of narrative prose, we would probably find it quite simple to class all these works as novels. In antiquity, however, no readers or critics are likely even to have considered counting lambulus’ ‘travelogue’, the *Life of Aesop*, the collected pseudepigraphic letters of Hippocrates, the *Ephemeris* of Dictys and the *Historia Apollonii regis Tyri* together with Chatiton’s *Callirhoe* and Petronius *Satyricon* as variations of one and the same literary genre.”

⁶⁸ BRANDÃO, 2005, p. 25-26

⁶⁹ Ibid., p. 25

substituição para o termo *novela*.⁷⁰ Compreendemos, então, que o nome *romance* surgiu séculos depois da escrita tanto do *Romance de Alexandre* quanto dos romances gregos antigos, de forma que, deste ponto de vista, a denominação deve ser compreendida como um anacronismo.

Entretanto, devemos ter a consciência de que o termo *romance* nasce numa espécie de modernidade, e, como leitores, acabamos por levar seu espectro tanto em direção ao presente e ao futuro quanto em direção ao passado, de forma que, ao batizarmos os textos antigos pela alcunha do romance, estamos atribuindo a eles uma leitura do presente sobre o passado. De alguma forma, o leitor contemporâneo que recebe os textos sob a égide do termo *romance* pode ver nos produtos antigos certo fantasma *avant la lettre* de uma modernidade, ou sentir a tentação de relacionar o mundo da Antiguidade Romana, quando foram compostos os romances gregos antigos, com o tempo presente.

Não por acaso o mundo dos séculos primeiro e segundo, quando esses textos surgiram, acaba sendo caracterizado como um período de decadência em relação a certa glória idealizada do mundo clássico – tanto que alguns dos textos davam uma visão projetada de certo passado célebre, pois sua ambientação acontecia em tempos anteriores, séculos precedentes a sua redação, como acontece com o próprio *Romance de Alexandre*. Brandão afirma ser este domínio

um mundo mergulhado numa profunda crise de sentido, em que todos os sentidos são possíveis porque ainda não se iniciou, como na época subsequente, a reconstrução de um sentido dominante. Na falta de um termo melhor e mais genérico, diria que se trata de um mundo pós-antigo.⁷¹

Portanto, faz sentido caracterizar a produção literária do romance grego antigo como “pós-clássica” (ou até mesmo *anticlássica*⁷²), pois ela funciona mais como uma força de desagregação, uma desconstrução de sentidos, do que propriamente como a criação de um gênero novo.⁷³ Não estamos aqui lidando com a falta de sentido de uma época de crise, mas com uma “livre experimentação de sentidos concomitantemente polivalentes”.⁷⁴ Ser *pós* se mostra como uma forma produtiva de entender o romance grego antigo, pois ele o situa, como afirma Brandão, em uma *topologia sequencial*: “o pós-antigo expressa-se como recusa de sentidos, o que faz dele nem antigo, nem novo,

⁷⁰ BRANDÃO, 2005, p. 26

⁷¹ Ibid, p. 209

⁷² GUAL, 1972, p. 25

⁷³ BRANDÃO, 2005, p. 209

⁷⁴ Ibid., p. 209

apenas *pós*".⁷⁵ Também seria vantagem desse tipo de pensamento "concentrar a atenção menos nos conteúdos e mais nos processos",⁷⁶ pois as práticas de criação do romance grego antigo e de textos afins se apropriam de modos de narrar de diversos tempos e fontes.

Não recebemos, todavia, teorizações a respeito desse tipo de narrativas datadas de sua época de nascimento, e o gênero mal recebeu um nome. Enquanto não eram chamados de *romance* séculos depois, os textos recebiam, no máximo, um estatuto de *plásma*: um *diégema plasmatikón*, uma narrativa plasmática, uma construção modelada a partir de um material pré-existente em uma narrativa visível aos olhos: "Em sentido especializado, *plásma* indica a ficção, a invenção, isto é, um trecho modelado, modulado e simulado em que a atividade do escritor encontra seu paralelo na do escultor que, a partir da pedra, da argila ou de um outro material, compõe uma figura ou uma cena".⁷⁷ São textos que, não sendo estudados pelas poéticas, se constroem na liberdade de criação e na maleabilidade do fazer, como afirma Gual: "É um gênero que carece de 'forma canônica' e de medida clássica. A 'forma aberta' o caracteriza diante das formas literárias anteriormente definidas".⁷⁸

Brandão, afirmando que a origem de um gênero é sempre sincrética, por derivar de gêneros anteriores, descreve o processo de formação do romance grego antigo não como "uma conformação necessária ou natural para um tipo de narrativa",⁷⁹ mas como possuidora de um estatuto "pós-genérico, que faz dele, teoricamente, um gênero sem origem, exatamente porque esta [origem] parece estar em todos e nenhum dos gêneros anteriores".⁸⁰ Através de artifícios narrativos diversos, a formação do romance é, portanto, mais *artificial* do que naturalmente derivada de outros textos, ficando ressaltada a marca da invenção.

O autor propõe, portanto, que a origem desse tipo de texto pode ser encarada como uma *invenção*, algo criado por um autor em determinado momento. Trabalhar com o conceito de *invenção* traria certos ganhos, como "tornar secundária a questão da originalidade" e "fazer entender que o romance, como qualquer produto poético, é *pepoiéménon*, ou seja: *fabricado*".⁸¹ As narrativas *fabricadas* não se servem de mitos

⁷⁵ BRANDÃO, 2005, p. 210

⁷⁶ Ibid., p. 211

⁷⁷ Ibid., p. 70

⁷⁸ GUAL, 1972, p. 26. No original: "es un género que carece de forma canónica y de la medida clásica. La 'forma abierta' la caracteriza frente a las definidas formas literarias anteriores".

⁷⁹ BRANDÃO, 2005, p. 159

⁸⁰ Ibid., p. 217

⁸¹ Ibid., p. 82-83

tradicionais para se tecer, como acontece com os gêneros da epopeia e da tragédia, que fazem de narrativas mitológicas tradicionais a base de sua composição. Assim, os *nomes* – ou seja, os personagens – eram também *fabricados* pelo poeta, não se tratando de mitos reescritos, mas de novas histórias inventadas.⁸²

A grande novidade do romance grego antigo é a relação entre a forma e o conteúdo – ele é ficção escrita em prosa, e não em verso, e não destinado à audição coletiva, mas à leitura individual.⁸³ Seu objetivo, por sua vez, parece não ser muito mais que o entretenimento do leitor. Diferentemente da poesia anteriormente produzida, que carregava consigo o cosmopolitismo e a democracia, o leitor do romance parece ser “apolítico e solitário”⁸⁴ em um contexto de cultura escrita no qual os textos se apresentam como um novo campo de leitura e de vida:

o romance se dirige aos seus leitores para os divertir; a esse leitor isolado, espiritualmente solitário e ocioso, uma coisa nova diante do espectador comunitário de um drama, do auditor da épica ou da lírica, ou do círculo de alunos das obras filosóficas. Dessa relação nasce uma peculiaridade: o leitor de romances relaciona a novela com a vida, quer viver no romance, ainda que seja de forma inconsciente e por um momento, e se identifica com os seus protagonistas. Sofre, se angustia, chora com seu herói e se alegra com ele.⁸⁵

1.4. Entre o romance grego antigo e a história

No último capítulo de *A invenção do romance*, Jacyntho Lins Brandão propõe que o romance partilharia mais características de narrativa mista com a epopeia e a história: “do ponto de vista da ficção, afasta-se da história e aproxima-se da epopeia; do ponto de vista da prosa, faz o inverso – distancia-se desta e aproxima-se daquela”, de forma que o texto pode ser então pensado como uma “epopeia em prosa” ou uma “história fictícia”.⁸⁶ A prosa é a forma corrente usada para a narração de fatos verídicos, então sua utilização daria ao texto ficcional um aspecto de credibilidade.⁸⁷

⁸² BRANDÃO, 2005, p. 50

⁸³ Ibid., p. 33

⁸⁴ GUAL, 1972, p. 42. No original: “la novela se dirige a sus lectores para divertirlos; a ese lector aislado y espiritualmente solitario y ocioso, cosa nueva frente al espectador comunitario de un drama, el auditor de la épica o de la lírica, o el círculo de alumnos de las obras filosóficas. De esta relación nace una cierta peculiaridad: el lector de novelas relaciona la novela con la vida, quiere vivir en la novela, aunque sea de forma inconsciente y por un rato, y se identifica con los protagonistas de esta. Sufré, se angustia, llora con su héroe y se alegra con él.”

⁸⁶ BRANDÃO, 2005, p. 218

⁸⁷ SANO, 2013, p. 55

Quando Aristóteles, porém, estabelece a diferenciação entre história e poesia, percebemos que ela nada tem a ver com as formas do verso e da prosa, mas com o conteúdo de cada tipo textual:

Também fica evidente, a partir do que foi dito, que a tarefa do poeta não é a de dizer o que de fato ocorreu (*tò tà genómena*), mas o que é possível e poderia ter ocorrido (*hoia àn génoito kai tà dunatà*) segundo a verossimilhança (*katà tò eikòs*) e a necessidade (*tò anagkaion*). Com efeito, o historiador e o poeta diferem entre si não por descreverem os eventos em versos ou em prosa (poder-se-iam apresentar os relatos de Heródoto em versos, pois não deixariam de ser relatos históricos por se servirem ou não dos recursos de metrificação), mas porque um se refere aos eventos que de fato ocorreram, enquanto o outro aos que poderiam ter ocorrido.⁸⁸

Se o poeta não tem compromisso com “o que de fato ocorreu”, seria papel do historiador o de explorar o conteúdo das coisas verdadeiras. Enquanto a história se preocupa com o particular, expondo “uma experiência pessoal, uma constatação de feitos, um testemunho direto do real e do verdadeiro”⁸⁹, a poesia estaria oposta a ela por ser algo “narrado por outros e referente a tempos distantes, acontecimentos fabulosos que ninguém viu”,⁹⁰ isto pelo menos idealmente, porque vemos que a historiografia, em seu processo de escrita, frequentemente se contamina de ficções.

Preocupando-se com o particular, a história de cada momento, feita por cada autor, tem suas especificidades. O próprio título do tratado de Luciano, *Como se deve escrever a história*, dá uma pista de que a história era escrita de diversas formas e apenas uma delas ele consideraria correta. O poeta, segundo Luciano, teria *ákratos eleuthería*,⁹¹ liberdade pura, enquanto as regras para a escrita da história seriam diferentes – e mesmo assim, desrespeitadas pelos autores que diziam relatar fatos reais.

Segundo Luciano, a história teria como fim “o útil – o que apenas a partir do verdadeiro se alcança”,⁹² e o dever do historiador seria “dizer as coisas como se passaram”,⁹³ enquanto o prazer de sua leitura seria uma coisa secundária, o que era desejável, mas não necessariamente uma obrigação. A crítica de Luciano se faz porque acontecimentos falsos podiam ser – e eram – vendidos como verdadeiros, o que apresenta um risco:

⁸⁸ ARISTÓTELES, *Poética*. 1451a, 36- 1451b 5. Tradução de Paulo Pinheiro.

⁸⁹ GUAL, 2006, p. 15

⁹⁰ *Ibid.*, p. 15

⁹¹ LUCIANO, *Como se deve escrever a história*, 8. Tradução de Jacyntho Lins Brandão.

⁹² *Id.*, *Como se deve escrever a história*, 9. Tradução de Jacyntho Lins Brandão.

⁹³ *Id.*, *Como se deve escrever a história*, 39. Tradução de Jacyntho Lins Brandão.

Portanto, um grande (ou melhor: um enorme) defeito é se alguém não sabe separar o que é da história daquilo que pertence à poesia, mas introduz na história os adornos da outra – o mito, o encômio e os exageros que neles há – como se vestisse um desses atletas fortes e completamente resistentes com uma túnica de púrpura e outros enfeites de cortesãs e lhes esfregasse no rosto ruge e pó-de-arroz. Por Héracles! como você o tornaria ridículo, envergonhando-o com esta aparência.⁹⁴

Se a historiografia, na prática, absorve e transmite em si o fictício e o historiador se permite certo nível de experimentação na narração, de alguma forma o narrador dos romances antigos assume uma postura parecida, ao fazer uso de “soluções novas, contaminando seu estatuto com características de outros narradores”.⁹⁵

Isso posto, observamos que existe também um movimento contrário: os romances gregos antigos se utilizam de inserções – mesmo que discretas – de fatos ou personagens históricos dentro da ficção, como estratégia de legitimação da narrativa. Ao introduzi-los em um ponto da narrativa, acabam por dar a ela mais verossimilhança – e a verossimilhança, a sensação nítida de que aquilo, por mais incrível que seja, pode ter acontecido, é uma vantagem nas intenções narrativas do romance. Esse processo está presente, por exemplo, em *Quéreas e Calíroe* de Cáriton:

Cáriton narra acontecimentos que datariam do século IV a.C., ainda que a construção dessa realidade histórica seja pontuada de anacronismos. Parte de seus personagens é facilmente identificada em registros históricos: o pai da heroína, Calíroe, é Hermócrates de Siracusa, famoso líder que derrotou a expedição ateniense em 415 a.C., fato que o narrador alude ao longo da história com frequência. O Grande Rei é identificado com Artaxerxes II, que governou a Pérsia entre os anos de 404-358 a.C. Essa forte relação com a historiografia em Cáriton seria justificada pelo fato desse “verniz” ter tido, nos primeiros romances, uma função importante para a recepção adequada do gênero. O que se buscava era a chamada “crença ficcional” do leitor, em que a suspensão dos critérios de verdade é necessária para a recepção bem-sucedida do texto, algo que era construído a partir de um conhecimento da tradição literária grega compartilhado pelo autor e seus leitores.⁹⁶

No entanto, existe uma grande diferença entre um personagem histórico em uma história fictícia e uma história sobre um personagem real repleta de ficção. Segundo Brandão, este general ou Artaxerxes II não seriam o ponto central da narrativa, mas sim a história de amor entre Quéreas e Calíroe⁹⁷ – neste caso, apesar da historiografia e o romance incluírem em seu conteúdo narrativas factuais, o romance de amor e viagens “quer representar-se como história”⁹⁸, e não ser a história. Pensar num texto que quer se representar como verdade, numa tentativa de tocar um grau máximo de

⁹⁴ LUCIANO, *Como se deve escrever a história*, 8. Trad. Jacyntho Lins Brandão.

⁹⁵ BRANDÃO, 2005, p. 164-165

⁹⁶ SANO, 2013, p. 56

⁹⁷ BRANDÃO, 2005, p. 228

⁹⁸ Ibid, p. 228

verossimilhança, em busca de dar ao leitor uma sensação de que as coisas narradas de fato aconteceram, seria o *pseûdos* (“literalmente, a mentira ou, caso prefira, a ficção”)⁹⁹ tentando se passar pela verdade, e é à *alétheia* que se dedica a história, as coisas que de fato ocorreram.

É neste ponto que o *Romance de Alexandre* marca sua maior diferença com os outros romances gregos antigos – em vez de ter todos os personagens *inventados*, ele tem *invenções* em torno de um personagem real que figurava em diversas narrativas históricas, epistolares, atingindo uma fama heroica. As invenções autorais se encontram misturadas a anedotas históricas também presentes em outros autores, que, reais ou não, isso não importa, fazem parte de uma tradição de narrativas em torno da vida de uma figura histórica e do tempo no qual essa figura viveu. Ao fim, Alexandre, num mundo onde se mistura todo tipo de magia, fabulação e fantasia, acaba sendo convertido numa espécie de mito por ação das narrativas que o romance por fim acumula.

Acontece no *Romance de Alexandre* o que Luciano critica – uma ficção tentando vender e aumentar os acontecimentos em torno de um assunto, no caso, da vida de Alexandre, o Grande, sendo que modificar acontecimentos é algo que a história não suportaria.¹⁰⁰ Como afirma Gual: “Historiografia e romance se referem a um mundo sem mitos e sem musas, porque tanto o historiador quanto o romancista constroem seus relatos a partir de suas experiências e suas próprias imaginações.”¹⁰¹ No caso, os acontecimentos históricos recebidos pelos autores dos diversos *Romances de Alexandre* estão misturados à imaginação e a invenções de diversos espaços e tempos.

Quando falamos tão insistentemente das questões de gênero com relação ao *Romance de Alexandre*, não é porque se trata de um texto que não se encaixa em qualquer categoria, com conforto, quando precisamos colocá-lo numa estante de biblioteca, mas porque seus modos de fazer se constroem através de apropriações de diversos gêneros da Antiguidade, afins ao modo de fazer de outros textos em prosa da época. Composto de material pré-existente e inventado com certa heterogeneidade, o modo de fazer do *Romance de Alexandre* acaba sendo classificado por Corinne Jouanno como “patchwork novel”,¹⁰² uma espécie de romance “colcha de retalhos”, ora se apropriando de anedotas e modos de narrar da historiografia, ora fazendo uso de anedotas históricas, ora inventando novidades. Uma forma rica de olhar para o

⁹⁹ BRANDÃO, 2005, p. 57

¹⁰⁰ Ibid., p. 222

¹⁰¹ GUAL, 2006, p. 8. No original: “Historiografia y novela se refieren a un mundo sin mitos y sin musas, pues tanto el historiador como el novelista construyen sus relatos a partir de sus experiencias o sus propias imaginaciones”.

¹⁰² JOUANNO, 2009, p. 34

Romance de Alexandre é compreender que seu processo de formação é múltiplo, amplo e de difícil categorização.

Junto de outros textos biográficos que adiciona *pseûdos* à mistura, o *Romance de Alexandre* encontra seu lugar ao ser classificado como “fringe fiction”, ou seja, uma espécie de romance marginal com relação a certas características dos romances gregos antigos. Olhando tanto para os textos “canônicos” quanto para os textos “à margem”, percebemos que sua riqueza não está naquele conjunto de atributos fechados de uma ou outra categoria, mas na propriedade especial de cada um:

Afirmar que a marca mais destacada do romance grego é a junção de viagem e amor tem tudo de correto, mas implica numa indesejável generalização. Com esse argumento, a crítica malevolente desclassificou-o como repetitivo, monótono, superficial, em suma, sem originalidade. Isso supõe, entretanto, desconsiderar a riqueza de invenção que existe em cada texto, desclassificando justamente a diferença. Num gênero cuja marca mais relevante é a capacidade de transformação, a diferença (e não a indiferença) deve ser o critério central.¹⁰³

Em seus múltiplos fazeres e apropriações, e na possibilidade de mudança, cada texto se faz único. Olhar deste lugar destaca muito mais o processo de construção do texto do que seu conteúdo.¹⁰⁴ Pensando que cada autor poderia inventar sua forma de escrever, concluímos que a questão do gênero importa mais como um conjunto de estratégias narrativas maleáveis e múltiplas em cada caso, do que como um modelo de um fazer fixo.

A ideia de diálogo com outros gêneros é mais rica porque podemos incluir no intercâmbio não só os romances de amor e viagem, mas também obras variadas que também exploram a relação de comunicação, crítica e apropriação de diversos modos poéticos, como os romances biográficos, também o romance latino de Apuleio e Petrônio, ou outras narrativas *sui generis*, como *Das narrativas verdadeiras* de Luciano, texto exemplar e metalinguístico em seu questionamento dos limites da verdade, da mentira e da liberdade do autor. Neste contexto do olhar contemporâneo sobre o passado, o *Romance de Alexandre* se encontra como uma rica fonte de estudo do processo de *invenção* do romance, já que mostra o estado de um romance biográfico construído entre fatos reais, anedotas – ponto misto e duvidoso entre ficção e história – e a criação não só de um, mas de vários autores e tempos.

¹⁰³ BRANDÃO, 2005, p. 83

¹⁰⁴ Ibid., p. 211

A NARRATIVA DE VIDA E FEITOS DE ALEXANDRE DA MACEDÔNIA

2.1 Um prólogo

Uma característica partilhada entre a historiografia e o romance, dois gêneros de texto que são compostos, em primeira instância, por escrito, e também a épica, é a presença de parágrafos introdutórios e, ocasionalmente, conclusivos na forma de proêmios, prólogos e epílogos. O uso de recursos que precedem a narrativa em questão funciona também como uma espécie de dilatação do título do livro,¹⁰⁵ de forma que tais elementos textuais se mostram

indispensáveis para determinar a natureza do narrado, na circunstância peculiar da transmissão escrita. Assim como, na poesia arcaica, versos introdutórios têm uma função de enquadramento, esclarecendo a situação do texto, do narrador, do poeta, do ouvinte (no contexto de oralidade que cerca, pelo menos hipoteticamente, a *performance* do aedo), títulos e epílogos (na sua função quase material de delimitadores do espaço do livro, atribuindo-lhe uma denominação, um autor e, algumas vezes, definindo um gênero para ambos ou um assunto para o próprio texto), bem como, de modo mais elaborado, os proêmios têm uma função de fundamental importância para a recepção da obra.¹⁰⁶

O prólogo vem para apresentar os modos de fazer do texto, sua autoria, o local onde foi produzido e seu objetivo real; também argumenta em favor da importância do assunto tratado, ou até mesmo inclui a construção de jogos narrativos complexos:

o prefácio é também o lugar onde se acertam as contas: elas são calculadas ou pagas, as dívidas são reconhecidas ou negadas. É nele que se confessam, afloram ou se ignoram as relações com a instituição (em sentido preciso ou amplo), a qual se autoriza e dá crédito.¹⁰⁷

Prefácios foram produzidos durante o período helenístico e posteriormente lidos como uma espécie de gênero de escrita¹⁰⁸ e possuem funções mais profundas e numerosas do que a simples apresentação de um texto. Tais introduções, na verdade, são uma estratégia narrativa de apresentação, representação, legitimação e defesa do texto que virá em seguida, na tentativa retórica de atrair e induzir o leitor a receber a história de um modo específico, segundo as intenções do autor. No caso, o prólogo não possui

¹⁰⁵ BRANDÃO, 2005, p. 111

¹⁰⁶ Ibid, 2005, p. 111

¹⁰⁷ HARTOG, 2001, p. 10

¹⁰⁸ Ibid, 2001, p. 10

apenas “uma função primordialmente referencial”,¹⁰⁹ mas, ao se apresentar sob o respaldo de um método plenamente usado pelos discursos verdadeiros, “abre efetivamente o jogo de representações do romance”.¹¹⁰

Contamos com um prólogo e um epílogo em *Vida e feitos de Alexandre da Macedônia*, e a simples presença dos elementos é destacada por Jouanno como prova de que a recensão β é uma versão do *Romance de Alexandre* com uma pretensão de se fazer histórica bem maior que as outras. Essa aspiração histórica se confirma também em outras passagens do texto, quando se tenta, mesmo que em vão, consertar a cronologia e corrigir supostos erros históricos das fontes que lhe serviram de modelo.¹¹¹

O prólogo, apesar de sucinto, se mostra bastante eloquente quando lemos como conteúdo tanto a informação dita quanto a informação omitida, tudo o que ele se interessa em informar e o se ele silencia. O prefácio que abre o texto é o seguinte:

O melhor [áristos] e o mais nobre de origem [gennaiótatos] parece ter sido Alexandre, rei dos Macedônios, que realizou tudo de uma maneira singular [idíος], encontrando sempre a cooperação da providência [prónoia] nos seus méritos. Pois para guerrear e batalhar contra cada um dos povos, levou um tempo que não era suficiente para aqueles que desejavam registrar a história [historesai] das cidades com precisão. Os feitos [práxeis] de Alexandre, as virtudes do seu corpo e da sua alma [tàs aretàs toû sómatos autoû kai tês psikhês], a boa sorte [eutykhía] e a coragem [andreíā] nestas obras narramos [légomen], iniciando pela sua linhagem e de qual pai era filho. Porque a maioria se engana quando diz que era filho do rei Filipe. Isso não é verdade [ouk alethès dè toûto]. Não era filho dele, mas dizem os mais sábios do Egito que era de Nectanebo, depois que este caiu da sua posição de rei.¹¹²

O proêmio coloca uma espécie de relação de temas que serão explorados ao longo do livro:

a) Um elogio a Alexandre e uma exposição de suas qualidades, que terão sempre um aspecto positivo. Alexandre se destaca por, além de ser o melhor, *áristos*, ter a melhor origem, *gennaiótatos*, e seus feitos foram *idíος*, únicos, realizados com grande rapidez. Quanto ao conteúdo narrado, serão feitos e ações, *práxeis* de Alexandre, as virtudes de seu corpo e alma, *tàs aretàs toû sómatos autoû tês psikhês*,

¹⁰⁹ BRANDÃO, 2005, p. 118

¹¹⁰ Ibid, p. 118

¹¹¹ JOUANNO, 2002, p. 261

¹¹² Ἀριστος δοκεῖ γενέσθαι καὶ γενναιότατος Ἀλέξανδρος ὁ Μακεδῶν βασιλεὺς ἰδίως πάντα ποιησάμενος, συνεργοῦσαν αὐτῷ εὐρῶν <ἀεὶ> ταῖς ἀρεταῖς τὴν πρόνοιαν. τοσοῦτον γὰρ ἐν ἐκάστῳ τῶν ἐθνῶν πολέμων καὶ μαχόμενος διήγαγε χρόνον ὅσον οὐκ ἔρκει τοῖς βουλομένοις τὰς πόλεις ἀκριβῶς ἱστορῆσαι. τὰς δὲ Ἀλεξάνδρου πράξεις καὶ τὰς ἀρετὰς τοῦ σώματος αὐτοῦ καὶ τῆς ψυχῆς καὶ τὴν <ἐν> τοῖς ἔργοις εὐτυχίαν καὶ τὴν ἀνδρείαν ἤδη λέγομεν, τὴν ἀρχὴν ἀπὸ τοῦ γένους αὐτοῦ ποιοῦμενοι, καὶ τίνος ἦν πατρὸς υἱός. ἀπατῶνται γὰρ οἱ πολλοὶ λέγοντες αὐτὸν εἶναι τοῦ βασιλέως Φιλίππου υἱόν. οὐκ ἀληθές δὲ τοῦτο· οὐ ἐκείνου ἦν παῖς, ἀλλὰ τοῦ Νεκταναβῶ λέγουσι τοῦτον εἶναι οἱ σοφώτατοι τῶν Αἰγυπτίων, ὅτε τῆς βασιλικῆς τιμῆς ἐξέπεσεν.

a boa sorte *eutykhía* e a coragem *andreían*, sempre qualidades. Segundo Jouanno, o propósito primeiro de *Vida e feitos de Alexandre da Macedônia* se dá justamente pelo modo singular e fabuloso dos feitos do protagonista: “o uso do termo ἰδίως (*idíōs*) sugere, de fato, que o herói do romance será oferecido não mais para a imitação do leitor, mas para sua admiração: o objetivo do pseudo-Calístenes é surpreender e maravilhar, não educar”.¹¹³

b) Uma relação com forças divinas e sobrenaturais. A presença da *prónoia*, traduzida como “providência”. Há também a presença discreta da *týkhe*, que traduzimos como “sorte”, no termo “*eutykhía*”, traduzido como “boa sorte”. A *týkhe* tem grande importância no romance grego antigo por ser uma força que move os acontecimentos e aciona as aventuras. Mesmo que a narrativa contenha deuses e seres fantásticos inventados ou pertencentes a outras tradições, nenhum desses é citado no prólogo.

c) Uma estratégia de autoridade usada pelo jogo de reescrita da história: o texto faz uma referência aos que “desejavam registrar a história (*historésai*) das cidades com precisão”. Seriam provavelmente participantes das expedições encarregados de escrever a respeito da viagem e das conquistas de Alexandre, também responsáveis por medir as distâncias percorridas pelas tropas.¹¹⁴ Infelizmente nenhum desses textos chegou até nós, senão em forma fragmentária. Mas eles permanecem como fontes, de forma factível ou fictícia. A presença desses *historiadores* no prefácio parece ter função dupla: uma função mais clara, caracterizar a rapidez sobre-humana de Alexandre em seus feitos, e também uma função mais profunda, como referência a uma fonte primária, como se o narrador tivesse recebido as informações que transmite em primeira mão. O testemunhar, ver com os próprios olhos, funciona como um operador de crença:¹¹⁵ importar a informação a partir de quem presenciou é uma forma de dar a ela mais credibilidade.

d) A tentativa de *reescrita* da história, quando se declara a partir de qual ponto o romance será narrado: a polêmica questão da paternidade de Alexandre. Quando se nega uma informação corrente (*ouk alethès dè toûto*, isso não é verdade), para em seguida corrigi-la com a versão verdadeira, inicia-se um jogo entre verdade e mentira, que vai seguir durante todo o texto. Dando uma nova versão dos fatos e clamando ser

¹¹³ JOUANNO, 2009, p. 101-102. No original: “l’emploi du terme ἰδίως suggère en effet que le héros du Roman sera offert non plus à l’imitation du lecteur, mais à son admiration : le but du Pseudo-Callisthène est de surprendre et d’émerveiller, non d’éduquer”.

¹¹⁴ BOUNOURE; SERRET, 2004, p. 228.

¹¹⁵ HARTOG, 2014, p.294

esta a original, o narrador se coloca aqui não só para dizer a verdade, mas também para desmentir a mentira.

e) O espaço da autoria, entretanto, se encontra um tanto esvaziado, caracterizado apenas pelo termo *légomen*, primeira pessoa do plural do verbo *légo*, traduzido como “narramos”. O autor não diz seu próprio nome, nem de onde escreve o que está escrevendo, diferentemente de outros romances e textos históricos, nos quais consta no prólogo o nome do autor e o local onde as histórias foram escritas. No título do manuscrito L, encontramos de fato a falsa assinatura do historiador Calístenes, como vimos, mas ele não é citado como autor do texto em nenhum momento da narrativa, nem mesmo nesse prólogo, que seria o lugar mais apropriado para tal.

Podemos detectar no prólogo também uma argumentação de verdade através da negação de algo que os leitores do romance provavelmente entendem como verdade. Assim, ao declarar que Alexandre ser filho de Filipe é uma informação enganosa, o narrador também faz uma crítica ao engano de todos os que acreditaram que seria verdadeira. Como declara Hartog, é comum que o prólogo assuma essa função entre os historiadores:

Argumenta-se também contra: contra aqueles, predecessores ou não, que manifestaram ignorância, não souberam informar-se, não recorreram à experiência, ou, muito simplesmente, mentiram. Eis aí, num modo negativo, um procedimento constante de legitimação dos historiadores gregos (...).¹¹⁶

2.2. Um epílogo, a providência e a sorte.

Há algumas evidências de que a recensão β seria uma reescrita do *Romance de Alexandre* com características cristãs. A primeira seria o fato de que esta versão é bem mais econômica que suas antecessoras em termos de magia, astrologia e adoração de deuses pagãos. Segundo Jouanno, “o narrador se esforçou de fato para eliminar do romance os elementos mais ostensivamente pagãos, na medida em que ele pôde fazê-lo sem perturbar a própria concepção da obra”.¹¹⁷ A magia e outras crenças desaprovadas não foram, entretanto, simplesmente limadas do texto, mas recebemos uma versão em que os sacrifícios de Alexandre a deuses pagãos são resumidos e na qual faltam detalhes de práticas astrológicas. Em A, o horóscopo de Alexandre é

¹¹⁶ HARTOG, 2001, p. 11

¹¹⁷ JOUANNO, 2002, p. 254. No original : Le narrateur s'est en effet efforcé d'éliminer du roman les éléments le plus ostensiblement païens, dans la mesure où il pouvait le faire sans attenter à la conception même de l'oeuvre.

descrito com mais precisão, mas em β nós não encontramos referências claras aos planetas e aos signos do zodíaco,¹¹⁸ senão na descrição da tabuinha de astros de Nectanebo em I, 4.

Jouanno destaca também algumas evidências dessa autoria cristã no vocabulário.¹¹⁹ Em dois momentos em que deuses egípcios são invocados, é feito o uso das expressões pejorativas *toùs hosaneì theoùs*, “os supostos deuses”, e *theòs autôn legómenos*, “o chamado deus deles”, em I, 1 e 3 respectivamente, colocando em questão os ritos efetuados como ilegítimos. O romance transmitiria também um tipo de vocabulário cristão, segundo a autora, que cita alguns termos e expressões. Em I, 33: “Alexandre encontrou um ídolo (*eidoleïon*) erguido no alto do morro”, o termo *eidoleïon*, carregado de sentido cristão, servindo para descrever o santuário pagão, se afasta do que seria sagrado.¹²⁰ Também em I, 14, depois que Alexandre empurra Nectanebo em um buraco, matando-o, lemos o seguinte: “Alexandre, ao ouvir essas coisas de Nectanebo, se convenceu de que tinha matado o próprio pai e sentiu pontadas de remorso (*katenýge*)” – estes remorsos não estão presentes no texto A, mas o verbo *katanússomai*, segundo Jouanno, se encontra na Septuaginta.¹²¹ Por fim, ao descrever a morte de Alexandre em III, 33, no lugar de “fechou os olhos”, como se lia em versões anteriores, lê-se: “Alexandre dormiu o sono eterno”, outra expressão usada em contextos cristãos.¹²² A palavra *prónoia* muitas vezes vem acompanhada da expressão *en áno*, no alto ou *ek tês áno*, do alto. Segundo Jouanno, ela substitui, na recensão β , a palavra “deuses”, que figurava nas versões anteriores, em quatro ocorrências.

O caráter cristão do narrador é revelado também no parágrafo final do livro, o epílogo da vida de Alexandre:

Alexandre nasceu numa lua nova do mês de janeiro, ao nascer do sol, e morreu na lua nova do mês de abril, ao pôr do sol. Chamam o dia em que ele morreu de “neómaga”, porque Alexandre morreu jovem. Alexandre morreu no ano 5176 do mundo, no ano final da 113ª Olimpíada. Uma Olimpíada tem 4 anos, a primeira Olimpíada começou no quarto ano do reinado de Acáz. Da morte de Alexandre até a palavra de Deus nascida da carne da virgem foram trezentos e vinte e quatro anos.¹²³

¹¹⁸ JOUANNO, 2002, p. 255

¹¹⁹ Ibid, p. 255

¹²⁰ Ibid, p. 255

¹²¹ Ibid, p. 255

¹²² Ibid, p. 254.

¹²³ (I – 35) Original grego: Ἐγεννήθη μὲν ὁ Ἀλέξανδρος μηνὶ Ἰαννουαρίῳ νεομηνίᾳ, ἀνατολῆς οὐσῆς ἡλίου, ἐτελεύτησε δὲ μηνὶ Ἀπριλλίῳ νεομηνίᾳ, δύσεως οὐσῆς ἡλίου. καὶ ἐκάλεσαν τὴν ἡμέραν τῆς τελευτῆς αὐτοῦ νεομαγα διὰ τὸ τὸν Ἀλέξανδρον νέον τετελευτηκέναι. ἐτελεύτησε δὲ Ἀλέξανδρος ἐν τῷ ἔρῳ ἔτει τοῦ κόσμου, ἐν τῷ τέλει τῆς ριγ' Ὀλυμπιάδος· ἡ δὲ Ὀλυμπιάς ἔτη εἰσὶ δ', τῷ δὲ τετάρτῳ ἔτει τῆς βασιλείας Ἀχαζ πρώτη Ὀλυμπιάς ἦρξατο. ἀπὸ δὲ τῆς τελευτῆς Ἀλεξάνδρου ἕως τῆς τοῦ θεοῦ λόγου ἐκ παρθένου σαρκώσεως ἔτη τριακόσια εἴκοσι τέσσαρα.

Nascendo ao nascer do sol e morrendo ao pôr do sol, sempre no tempo de uma lua nova, a vida de Alexandre encerra o ciclo místico de uma morte precoce. A presença cristã explícita está marcada pela “palavra de Deus nascida da carne da virgem”. Não podemos deixar de perceber também que as datas presentes no epílogo têm a função de legitimar o que se narra, exibindo uma cronologia grega, uma cristã e uma judaica. Uma data dentro de um texto – seja ele de intenção histórica ou ficcional – é uma estratégia de verossimilhança, pois, ao cravar um acontecimento em determinado no tempo, o narrador localiza-o na história.

Entretanto, vale lembrar que o texto foi composto numa época de grande sincretismo, então deuses e crenças se incluem no romance muitas vezes de forma indistinta, sem sofrer censuras radicais:

Que se sobreponham na figura evocada no *romance* com o nome de Serapis as figuras divinas de Zeus, Hélios e Plutão não é uma surpresa. O sincretismo era, de fato, um componente essencial da religião no período helenístico e romano, e ele encontra no Egito a sua terra de eleição, dada a “fluidez” dos deuses egípcios, cujas características poderiam ser facilmente trocadas ou sobrepostas: antes mesmo da conquista macedônia, deuses estrangeiros e deuses nativos, deuses locais e deuses do império se fundiram voluntariamente, e o fenômeno não fez nada além de se acentuar durante o período helenístico e romano.¹²⁴

Ao longo do romance, duas forças divinas se destacam em sua conformação interna: a já citada *prónoia* e também a *týkhe*. De alguma forma, podemos ler nessas duas uma função mais ou menos semelhante, mas, para tal análise, devemos entender primeiramente a função da *týkhe* no romance grego antigo.

Segundo Gual, essa época “não tinha grandes esperanças políticas ou ideológicas. O romance não reflete perturbações sociais: o que importa é apenas o caráter bom ou mau dos personagens e a ação da fortuna”.¹²⁵ Existe, tanto no *Romance de Alexandre* quanto no romance grego antigo, a presença dessa força que move os acontecimentos – a *týkhe*, traduzida tradicionalmente como *fortuna* – evocando um caráter de uma força geradora de narrativa. Uma das distinções que podemos

¹²⁴ JOUANNO, 2002, p. 77. No original: “Que se superposent en la figure évoquée dans le *Roman* sous le nom de Serapis les personnalités divines de Zeus, Hélios et Pluton, n’a rien de très surprenant. Le syncrétisme était en effet une composant essentielle de la religion à l’époque hellénistique et romaine, et il trouva en Égypte sa terre d’élection, étant donné la « fluidité » des dieux égyptiens, dont les caractéristiques pouvaient facilement s’échanger ou se superposer : dès avant la conquête macédonienne, dieux étrangers et dieux indigènes, dieux locaux et dieux d’Empire, fusionnaient volontiers, et le phénomène ne fit que s’accroître pendant la période hellénistique et romaine”.

¹²⁵ GUAL, 1972, p. 131. No original: “La época no tenía grandes esperanzas políticas ni ideológicas. Perturbaciones sociales no refleja la novela: lo que importa es sólo el carácter bueno o malo de los personajes, y la acción de la fortuna”.

estabelecer entre o romance grego antigo e outros gêneros narrativos e ficcionais seria justamente o fato de que a narrativa de um romance evolui graças à *týkhe*:

não seria o tema erótico o que lhe daria uma feição distinta daquela de outros gêneros, mas o interesse pelo factual ou, dito com mais clareza: a representação de como os acontecimentos podem sobrevir regulados pelo acaso e não por regras de necessidade e verossimilhança. A lógica que preside o romance grego é a da *Týkhe* (a *Fortuna* dos romanos), segundo a qual jovens se apaixonam em encontros casuais, viagens são povoadas de sobressaltos e, até mesmo, um homem se transforma em animal. A morte de Heitor e o destino de Édipo não dependem da *Týkhe*, pois são regulados pelos planos dos deuses e dos poetas.¹²⁶

Bakhtin, por sua vez, entende o tempo de aventuras – o tempo característico dos acontecimentos nos romances antigos – como um tempo guiado pelo acaso:

Todos os momentos do tempo infinito de aventuras são governados por uma força: o *acaso*. Pois, como vemos, todo este tempo constitui-se de concomitâncias e de contratempos fortuitos. Esse “*tempo do acaso*” das aventuras é o específico *tempo de intrusão das forças irracionais da vida humana*; a intrusão do destino (“*týkhe*”), dos deuses, dos demônios, dos magos-feiticeiros (em romances de aventuras posteriores), dos vilões romanescos, que, na condição de vilões, utilizam como armas a concomitância e a não concomitância fortuitas, “*espreitam*”, “*contemporizam*”, investem “*de repente*” e “*no momento exato*”.¹²⁷

Apesar de ter uma presença mais discreta aqui do que nos romances gregos antigos, a *týkhe* certamente tem uma função no *Romance de Alexandre* que não pode ser ignorada. O termo é traduzido normalmente como *Fortuna* e, no caso do *Romance de Alexandre*, preferimos dar a ele um aspecto diferente, mais condizente com seu real significado neste contexto. Segundo Brandão, a *týkhe*, derivada do verbo *tygkháno* tem mais relação com os sentidos de realização de acontecimentos, do destino, da sorte e do azar, motivo pelo qual podemos entendê-la, sobretudo, como uma ênfase no *acontecimento*.¹²⁸ No contexto do romance, ela é menos divina, tornando-se “um elemento básico da realização dos destinos, armados em diferentes planos”.¹²⁹ Entendendo assim esse elemento, não gostaríamos de traduzir *týkhe* inadvertidamente por *fortuna*, fazendo referência a uma tradição sem antes refletir sobre o que ela representa em *Vida e feitos de Alexandre da Macedônia*. Assim, o termo *sorte* pareceu mais adequado, pois tem a vantagem de lhe dar um ar menos divino – apesar de ainda místico – e bem menos referencial. A ocorrência de *týkhe*, ao longo do texto, também se dá frequentemente nas formas *eutykhía*, *dystukhía*, boa sorte, má sorte. Assim, deixando de lado *fortuna*, chegamos de novo ao termo *sorte*, por sua flexibilidade de

¹²⁶ BRANDÃO, 2005, p. 222

¹²⁷ BAKHTIN, 2014, p. 220

¹²⁸ BRANDÃO, 2005, p. 230

¹²⁹ Ibid, p. 231

sentidos. Sabemos que assim nos afastamos de certa tradição de tradução do romance grego e dos textos antigos, mas, com esta pequena decisão, sentimos estar nos aproximando mais do sentido místico – mas menos divino – da coisa.

Temos em conta também que a *týkhe* funciona de forma diferente se compararmos o *Romance de Alexandre* a outros romances gregos antigos. Como pontua Karla, o personagem do romance biográfico é menos movido por uma força divina que controla acontecimentos e destinos do que por uma inteligência superior que possui.¹³⁰ Os desígnios divinos são menos citados pelo narrador como motores da narrativa e mais referidos pelas próprias palavras de Alexandre ou de outros personagens, justificando um feito, um destino, celebrando uma sorte, lamentando um azar. *Týkhe* e *prónoia* atuam não em conjunto, mas, de alguma forma, atuam em um mesmo plano. Estabelece-se uma relação entre as duas forças porque as duas têm uma função mais ou menos semelhante: são forças divinas, sim, e seus enredos controlam a vida dos homens, mas, enquanto a vontade da *týkhe* parece ser aleatória, a *prónoia* tem planos, mesmo que obscuros, para os acontecimentos da vida de Alexandre. Assim, devemos, a seguir, analisar algumas ocorrências dos dois termos, a fim de caracterizá-las e entender melhor seu funcionamento.

No capítulo 18 do livro I, temos o início do episódio das Olimpíadas das quais Alexandre toma parte, concorrendo contra um rapaz chamado Nicolau, filho do rei André, dos arcanenses, que é descrito da seguinte forma: “orgulhava-se da sua riqueza (*plou̓tos*) e da sua sorte (*týkhe*), duas deusas instáveis (*ástatos*), e estava convencido do poder do próprio corpo”.¹³¹ É interessante notar que tanto a *týkhe* quanto o *plou̓tos* são apresentados como deusas – ou seja, seres que possuem certa individualidade – e caracterizados como *ástatos*, adjetivo para o que é instável, não fixo, inconstante. Tal instabilidade da sorte aparece em seguida destacada pelo próprio Alexandre em uma resposta dada a Nicolau: “Não se ache tanto. Você se enche de orgulho, como se tivesse garantida a vida de amanhã... porque a sorte (*týkhe*) não fica parada num lugar só, e a mudança faz pouco caso dos charlatões”. Com essa fala, Alexandre mostra-se, apesar de jovem, alguém que compreende os meandros da *týkhe*. Percebemos também que, nesse contexto, a *týkhe* recebe um fundo moral. Ela não é simplesmente uma força que permite desdobramentos na narrativa, mas possui uma instabilidade que pode ora beneficiar uns, ora beneficiar outros, seguindo preceitos que parecem ser bastante aleatórios. Isso também está presente na passagem em que Filipe morre, em I, 26. Nela,

¹³⁰ KARLA, 2009, p. 20

¹³¹ I, 18. No original: καὶ ὑπήντησεν αὐτῷ Νικόλαος υἱὸς Ἀνδρέου βασιλέως Ἀκαρνάνων, πλούτῳ καὶ τύχῃ, δυοὶ θεοὶς <άστάτοις>, φρουαττόμενος καὶ τῇ τοῦ σώματος δυνάμει πεποιθώς.

Alexandre é descrito como *eutukhésteros* com relação a seu pai, com mais boa sorte do que Filipe e, por isso, “logo se cobriu de grandes feitos”.¹³²

Há uma sequência de ocorrências relativas à queda e à morte de Dario que se explicitam pelo aspecto cambiante da *týkhe*. Em II, 16, ao ser derrotado por Alexandre, Dario faz o seguinte discurso:

O tão poderoso rei Dario, o que subjugou todos os povos e escravizou todas as cidades, foi o que dividiu o trono com os deuses e o levantar do sol, agora me tornei um ermitão fugitivo. Verdade, ninguém determina o futuro de modo seguro. Porque a sorte [*týkhe*], caso agarre uma curta reviravolta, levanta os plebeus sobre as nuvens e derruba os superiores ao Hades!¹³³

A *týkhe* instável também está presente quando Dario é atacado e faz o seguinte discurso:

Oh, meus senhores! Antes eram meus escravos. O que eu fiz a vocês de injusto para vocês me matarem com a ousadia dos bárbaros? Não façam nada além dos macedônios, me abandonem assim jogado na minha casa para lamentar a sorte inconstante (*tên anomalên týkhen*).¹³⁴

A sorte aqui é *anómalos*, desigual, irregular, inconstante e, se um dia ele a tinha em seu poder, agora ela se desvia e não está mais com ele.

A mesma ideia está presente na carta que Alexandre escreve para Olímpia e Aristóteles, descrevendo ele mesmo a morte de Dario: “Quando cheguei, ele ainda estava com um sopro de vida, então eu tirei o meu manto e o cobri. Ao questionar o que é a sorte obscura (*tês adélou týkhes*), com o exemplo de Dario, chorei por ele”.¹³⁵ Alexandre desconhece a sorte: aqui ela é obscura, invisível, não está evidente, seu sentido não está traçado aos olhos dos homens. O mundo é tão incerto quanto esta própria *týkhe* – e a narrativa toda é pautada por personagens que buscam ou recebem espontaneamente sinais a serem interpretados, em busca de uma verdade que se revela e se cumpre. Nesta sequência, a *týkhe* é caracterizada por diversos adjetivos para a instabilidade: *ástatos*, *anómalos*, *adélos*. Assim, a *týkhe* possui, no *Romance de Alexandre*, um caráter de mutação fortalecido: ela mesma muda e, por isso, é uma força

¹³² I, 26. No original: Ἦν δὲ ὡς ἔοικε τοῦ πατρὸς Φιλίππου Ἀλέξανδρος εὐτυχέστερος, καὶ μεγάλων εὐθέως ἡμφιάσατο πραγμάτων.

¹³³ II, 16. No original: ὁ τηλικοῦτος βασιλεὺς Δαρεῖος ὁ τοσαῦτα ἔθνη ὑποτάξας καὶ πάσας τὰς πόλεις δουλωσάμενος, ὁ θεῶν σύνθρονος γενάμενος καὶ τῷ ἡλίῳ συνανατείλας νῦν φυγὰς ἐγενόμην ἔρημος. ἀληθῶς τὸ μέλλον οὐδεὶς ἀσφαλῶς βουλευέται· ἡ γὰρ τύχη εἰ βραχεῖαν λάβῃ ῥοπήν, τοὺς ταπεινοὺς ὑπεράνω τῶν νεφελῶν ἀναβιβάζει καὶ τοὺς ἀπὸ ὕψους εἰς Ἄϊδου κατάγει.

¹³⁴ I, 20. No original: ὦ ἐμοῦ δεσπότηι οἱ πρὶν μου δοῦλοι, τί ὑμᾶς ἡδίκησα, ἵνα με ὑμεῖς ἀναιρεῖτε με βαρβάρων τολμήματι; μὴ πλέον ὑμεῖς Μακεδόνων τι δράσητε. ἐάσατέ με οὕτως ἐπὶ τὰ μέλαθρα ῥιφέντα ἀναστενάζειν τὴν ἀνώμαλῃ[ν] τύχην.

¹³⁵ I, 23. No original: ἔμπνουν δὲ τοῦτον καταλαβὼν, περιελὼν δὲ τὴν περικειμένην μοι κλαμῦδα τοῦτον ἐθρήνησα.

transformadora, desse modo recebendo seu aspecto moralizante, que ensina a respeito da instabilidade e da fragilidade da vida.

Uma passagem que exemplifica bem como Alexandre se vê guiado pela *prónoia*, começa em uma carta que os gimnosofistas escrevem a Alexandre em III, 5, seguida por um diálogo que Alexandre e os gimnosofistas travam. Na carta, encontramos o seguinte:

Nós, os gimnosofistas, escrevemos para o homem Alexandre. Se você vem até nós para guerrear, em nada você vai lucrar. Você não vai poder ter de nós algo para carregar. Mas se você quiser levar o que temos, não precisa de guerra, mas de um pedido, feito não a nós, mas à providência no alto [*tên áno prónoian*]. Você se ocupa da guerra, nós da filosofia.¹³⁶

Os gimnosofistas, depois de afirmarem que não possuem nada que pode ser carregado, falam que, para receber deles, é preciso pedir à providência no alto. Interessante notar também, por outro lado, que vemos outra cultura citando a providência com familiaridade, como se, antes da chegada de Alexandre, o mundo, apesar de novo e nunca conquistado, tivesse alguma homogeneidade de pensamento, e os lugares não atingidos pela força da *prónoia* sendo mais perigosos.

Os gimnosofistas aparecem em total oposição a Alexandre e são representados como sábios. O lugar onde vivem é descrito de forma idealizada, todos os tipos de árvores e plantas repletos de frutas, um rio de água brilhante e branca, eles próprios sendo descritos como homens que viviam nus em tendas e cavernas, sem casas. À margem da cultura grega e do modo de vida civilizado, na relação entre eles e Alexandre existe um certo estranhamento, mas também a admiração e a surpresa da parte deste.

Em uma das mais belas cenas do romance, Alexandre faz perguntas, e eles respondem tudo segundo a filosofia de simplicidade que levam, e a conversa termina com os gimnosofistas fazendo um questionamento a respeito do desejo de guerra de Alexandre, sob a justificativa de que, se ele era um homem mortal, mesmo tendo conquistado terras, glórias e riquezas, não poderia levar consigo, após a morte, tudo o que havia conquistado. Alexandre justifica da seguinte forma todos os seus ímpetos de ir além:

¹³⁶ III, 5. No original: Γυμνοσοφισταὶ Ἀλεξάνδρῳ ἀνθρώπῳ ἐγράψαμεν. εἰ μὲν παραγενῇ πρὸς ἡμᾶς πολεμῆσαι, οὐδὲν ὀνήσει. οὐ γὰρ ἔχεις τί παρ' ἡμῶν βαστάσαι. <εἰ δὲ θέλεις ἃ ἔχομεν βαστάσαι>, οὐ δέεται ταῦτα πολέμου ἀλλὰ δεήσεως, οὐ πρὸς ἡμᾶς ἀλλὰ πρὸς τὴν ἄνω πρόνοιαν. ἐὰν δὲ βούληται μαθεῖν τίνες ἐσμέν, ἄνθρωποι γυμνοὶ φιλοσοφεῖν εἰωθότες, οὐκ ἂφ' ἐαυτῶν ἀλλ' ἐκ τῆς ἄνω προνοίας δημιουργηθέντες. σοὶ μὲν γὰρ ἔπεται πολεμεῖν, ἡμῖν δὲ φιλοσοφεῖν.

Isso é controlado pela providência no alto [*ek tēs áno prónōia*], já que somos escravos e servos dos seus comandos. Porque o mar não se move se o vento não soprar, nem as árvores se mexeriam se não abanasse a brisa. As pessoas não operam se não for pela providência no alto. Eu quero parar de guerrear, mas a senhora da minha inteligência não me permite. Se todos fossem da mesma opinião, o universo aconteceria de ser ocioso. Não se navegaria o mar, não se cultivaria a terra, não celebraríamos casamentos, não criaríamos filhos. Quantas pessoas sem sorte tiveram as suas coisas destruídas nas minhas guerras? Outros tiveram sorte em ter as coisas dos outros, todos tomam as coisas de todos, entregam aos outros e nada pertence a ninguém.¹³⁷

A passagem faz pensar que Alexandre não é completamente dono de seus desejos, de suas vontades, de seus impulsos, e que cada uma de suas ações é movida não unicamente por livre-arbítrio, mas por aquela força da providência que o impulsiona, assim como impulsiona forças da natureza, a ir mais e mais além. Alexandre declara que deseja cessar as guerras, mas é movido por essa força produtora de mudanças para além de seu desejo e em direção à transformação do mundo conhecido em um mundo novo. De alguma forma, Alexandre torna-se instrumento de uma força divina.

Assim, na narrativa, a providência e a *týkhe* possuem funções mais ou menos semelhantes, produzindo acontecimentos na narrativa: enquanto a primeira poderia ser mais divina que a segunda, tendo esta desígnios que só são revelados parcialmente ao longo do livro, ambas representam movimento narrativo:

Vê-se pois quanto, mais que como acaso, a *týkhe* poderia ser entendida, em princípio, como o cumprimento dos diferentes planos, geralmente não da forma como imaginados, mas alterados por múltiplas intervenções. Isto é, um reino de coisas novas, surpreendentes e, por isso, dignas de narrar. É a representação de acontecimentos sempre novos, intencionalmente buscados, que parece constituir o que há de básico no que Bakhtin chama de romances de viagem, pelo menos no que diz respeito ao romance grego.¹³⁸

Alexandre tem também um diálogo mais ativo com a providência: ele agradece a ela ou a louva em algumas passagens de perigo de quase morte. Por exemplo, temos duas ocorrências na carta que escreve para Olímpia e Aristóteles. A primeira, ao criar a geringonça que o leva até o fundo do mar, depois de ser lançado para a terra por um peixe gigante: “Caído de joelhos, reverenciei a providência no alto, que me manteve vivo

¹³⁷ III, 6. No original: ταῦτα ἐκ τῆς ἄνω προνοίας διοικεῖται, ἵνα ἡμεῖς δοῦλοι καὶ διάκονοι γενώμεθα τῆς ἐκείνων ἐπιταγῆς. οὐ γὰρ κινεῖται θάλασσα, εἰ μὴ ἄνεμος πνεύσῃ, οὐδὲ σαλευέται δένδρα, εἰ μὴ ῥίπισι πνεῦμα· οὐ γὰρ ἐνεργεῖται ἄνθρωπος, εἰ μὴ ἐκ τῆς ἄνω προνοίας. καὶ γὰρ πάντες ὁμόγνωμοι ἦμεν, ἀργὸς ἐτύγχανεν ὁ κόσμος· θάλασσα οὐκ ἐπλέετο, γῆ οὐκ ἐγεωργεῖτο, γάμοι οὐκ ἐπετελοῦντο, παιδοποιία οὐκ ἦν. πόσοι γὰρ ἐν τοῖς γεναμένοις ὑπ' ἐμοῦ πολέμοις ἐδυστύχησαν ἀπολέσαντες τὰ ἴδια; ἄλλοι δὲ εὐτύχησαν ἐκ τῶν ἀλλοτρίων· πάντες γὰρ τὰ πάντων λαμβάνοντες ἐτέροις παραχωροῦσιν καὶ οὐδενὶ οὐδὲν ὑπάρχει.

¹³⁸ BRANDÃO, 2005, p. 231-232

diante daquele bicho assustador”.¹³⁹ Alexandre também pede que Olímpia agradeça à providência por ter tido um filho tão bom em sua última carta para casa antes de morrer: “Ao receber de mim este último escrito, faça um banquete suntuoso para pagar a providência no alto por ter te dado este filho”.¹⁴⁰

Assim, a *týkhe* no *Romance de Alexandre* pode ser lida mais como uma sorte aleatória que, além de fazer a narrativa avançar, carrega em si uma moralidade a respeito da incerteza dos dias e acontecimentos, de forma que somos colocados em contato também com a *dustýkhia*, uma anti-*týkhe*, que produz acontecimentos negativos para os personagens. Por outro lado, a força da *prónoia* tem desígnios um pouco mais evidentes e mais interpretados pelos personagens, constituindo uma força de ação mais positiva em seus planos, fazendo Alexandre querer avançar para além de si mesmo – para além do humano que ele é – e transformando-o em um personagem escolhido para realizar cada feito que cumpriu, no tempo prodigioso em que ele as cumpriu.

2.3. Nectanebo e a magia

Pertencendo a diversas tradições, a magia era um fenômeno de importância difundida no imaginário greco-romano, e sua crença era comum em todas as classes sociais.¹⁴¹ No caso de textos como o *Romance de Alexandre*, que possuem uma representação dessa esfera em um mundo onde se misturam fatos históricos, anedotas e invenções, podemos pensar que a magia representada pode ser um reflexo da magia real:

Distinguir entre magia real e magia literária é muito difícil porque estamos sempre trabalhando com textos literários, e a presença da magia é um fenômeno “real” e não “ficcional”, como eu já disse, entretanto penso que alguns textos refletem um conhecimento “real”, uma prática vigente de rituais mágicos.¹⁴²

A partir da informação, contida no prólogo, de que Filipe não seria pai de Alexandre, inicia-se uma narrativa a respeito de Nectanebo, colocado como seu

¹³⁹ II, 38. No original: καὶ πεσὼν προσεκύνησα τῇ ἄνω προνοίᾳ διαφυλαξάσῃ με ζῶντα ἀπὸ τοῦ φοβεροῦ θηρίου.

¹⁴⁰ III, 33. No original: δεξαμένη μου ταύτην τὴν τελευταίαν γραφὴν ποιήσον ἄριστον τολιτελῇ εἰς ἀντάμειψιν τῆς προνοίας τὸν τοιοῦτον σοι παρασχούσης υἱόν.

¹⁴¹ RUIZ-MONTERO, 2007, p. 38-39

¹⁴² Ibid, p. 39. No original: “To distinguish between real magic and literary magic is very difficult, because we are always working with literary texts, and the presence of magic is a ‘real’, not a ‘fictional’ phenomenon, as I have said, but I think that some texts reflect a ‘real’ knowledge, an actual practice, of magic rituals”.

verdadeiro pai. O percurso do romance, a partir deste momento, será permeado por acontecimentos sobrenaturais, deuses de diversas origens e numerosos oráculos. Ruiz-Montero destaca inclusive que esse episódio inicial a respeito de Nectanebo, o fundo para a concepção e o nascimento de Alexandre, é a narrativa de mais importância que envolve magia no contexto do romance grego antigo. Ele teria sido recolhido de outras tradições, sendo alterado e incorporado ao texto do *Romance de Alexandre*: “A tradição folclórica, acompanhada de fatos históricos, continua atuando no papel principal aqui: vários contos sobre o faraó e outros textos similares do nacionalismo egípcio parecem ter sido escritos na era ptolomaica”.¹⁴³

Este Nectanebo do *Romance de Alexandre* tem também um fundo histórico: o personagem que lhe serviu de protótipo foi Nectanebo II, o último faraó do Egito. A fim de colocar a paternidade de Alexandre em questão, o texto do romance recorre a uma autoridade do discurso: segundo o que *dizem (légousi)* os mais sábios do Egito, seria Nectanebo e não Filipe o pai de Alexandre. Nectanebo, nesse contexto, não é retratado apenas como um rei, uma figura política, mas também como um grande mago, um “perito em arte mágica” (*têi magikêi tékhnei émperois*, I, 1). O faraó se destaca por conseguir vencer guerras sem precisar mobilizar um exército, mas fazendo uso da magia. Assim, quando ameaçado por forças inimigas, Nectanebo não respondia com a guerra, mas praticava seus feitiços:

Porque, se alguma potência de guerra o atacava, não organizava os exércitos, não construía máquinas bélicas, não incomodava os guardas em relação aos alinhamentos inimigos, mas, dispondo de uma bacia, praticava a lecanomania. Derramava água da fonte numa bacia, modelava com as próprias mãos barquinhos e figurinhas de cera, e colocava-os dentro da bacia. Então ele se munia com sua túnica de profeta, segurando a vara de ébano na mão e, de pé, invocava os supostos *deuses* com encantamentos: os espíritos do ar e as entidades subterrâneas; e encantadas, as figurinhas ganhavam vida. Assim, afundava os barquinhos na bacia, imediatamente afundando em alto-mar os barcos inimigos que avançavam contra si, destruindo-os, já que era um homem muito experiente em poderes mágicos. Desse modo, o seu reino permanecia em paz.¹⁴⁴

¹⁴³ RUIZ-MONTERO, 2007, p. 43. No original: “The folk tradition, together with historical fact, continues to play a major role here: various tales about the pharaoh and other similar texts of Egyptian nationalist origin seem to have been written in Ptolemaic era”.

¹⁴⁴ I, 1. No original: εἰ γάρ ποτε δύναμις τούτῳ ἐπέβη πολέμου, στρατόπεδα οὐκ ἠϋτρέπιζε, μηχανήματα πολεμικά οὐ κατεσκεύαζε, σιδηροφόρον οὐκ ἠτοίμαζεν, ὑπασπιστάς οὐκ ἔσकुλλεν εἰς παρατάξεις πολεμικάς, ἀλλὰ θεὶς λεκάνην ἐποίει λεκανομαντεῖαν· καὶ ἔβαλλεν ὕδωρ πηγαῖον εἰς τὴν λεκάνην καὶ ταῖς χερσὶν αὐτοῦ ἔπλαττε ἐκ κηρίου πλοῖα καὶ ἀνθρωπάρια κήρινα, καὶ ἐτίθει εἰς τὴν λεκάνην. καὶ ἐστόλιζεν <ἐ>αὐτὸν στολὴν προφήτου κατέχων ἐν τῇ χειρὶ αὐτοῦ ῥάβδον ἐβελίνην. καὶ στὰς ἐπεκαλεῖτο τοὺς ὡσανεὶ θεοὺς τῶν ἐπωδῶν καὶ ἀέρια πνεύματα καὶ τοὺς καταχθονίους δαίμονας. καὶ τῇ ἐπωδῇ ἔμπνοα ἐγίνοντο τὰ ἀνθρωπάρια. καὶ οὕτως ἐβάπτιζε τὰ πλοῖα ἐν τῇ λεκάνῃ καὶ εὐθέως βαπτιζομένων ἐκείνων τὰ ἐν τῷ πελάγῃ πλοῖα τῶν ἐπερχομένων αὐτῷ πολεμίων ἀπώλοντο διὰ τὸ πολὺπειρον εἶναι τὸν ἄνδρα <τῇ> μαγικῇ δυνάμει. ἐν εἰρήνῃ οὖν διετέλει τὸ βασιλεῖον αὐτοῦ.

Ruiz-Montero comenta que a lecanomancia foi de fato uma adivinhação muito praticada e se encontra descrita em papiros egípcios antigos: “água, incluindo água de chuva, é derramada em um recipiente de bronze, e neste caso pequenas figuras de cera são moldadas e destruídas pelo faraó com um feitiço e uma vara de ébano numa das mãos, enquanto ele invoca mensageiros dos deuses e o deus Amon”.¹⁴⁵ Neste caso, o romance está descrevendo – ainda que criando a imagem fantástica de figurinhas de cera que ganham vida – um tipo de prática realmente executada.

Contudo, há o dia em que a mágica de Nectanebo falha. O faraó recebe um comandante que diz que uma multidão de povos diversos está atacando o Egito, elencando uma longa lista de nomes. Enquanto historicamente sabemos que o Egito foi invadido pelos persas, que constam corretamente neste catálogo, Thiel afirma que se incluem aqui principalmente povos das costas do Mar Negro e do Mar Cáspio, mas que esta pode ser uma lista de vitórias de algum imperador romano.¹⁴⁶ Ou seja: mais um dado que provavelmente veio de fontes completamente alheias à narrativa de Alexandre. Novamente, o episódio da queda de Nectanebo tem um fundo que coincide com a narrativa histórica:

Sua queda foi de fato causada por uma invasão estrangeira, como afirma o *Romance*: Artaxerxes III Ocos, depois de ter posto em mente a reconquista do Egito que, desde 404 a.C., havia saído do domínio persa, consegue, após uma primeira tentativa fracassada de invadir o país em 343, e Nectanebo, julgando a situação sem esperanças, passou a se refugiar no Alto Egito, onde se manteve ainda dois anos no poder – depois disso, perdemos seu rastro.¹⁴⁷

Toda a cena tem certo ar cômico notável: em primeiro lugar, Nectanebo esnoba os apelos de seu general, mas só ao praticar novamente a lecanomancia, confiante que daria certo, a magia não sai como ele esperava. Sua solução é justamente fugir para a Macedônia, onde permanece trabalhando como adivinho e exercendo a astrologia. O foco narrativo muda brevemente, retornando para os egípcios que, deixados por seu faraó, recebem um oráculo:

¹⁴⁵ RUIZ-MONTERO, 2007, p. 45

¹⁴⁶ THIEL, 1983, p. 169-170. Segundo Thiel, mais especificamente, teriam relação com povos citados por Aureliano, *Historia Augusta*, 33, 4.

¹⁴⁷ JOUANNO, 2002, p. 57. No original: « Sa chute fut bel et bien occasionnée par une invasion étrangère, comme l'affirme le Roman : Artaxerxès III Ochus, s'étant mis en tête de reconquérir l'Égypte qui, depuis 404 av. J.-C., avait échappé à la domination perse, réussit, après une première tentative infructueuse, à envahir le pays en 343 et Nectanébo, jugeant la situation désespérée, partit se réfugier en Haute-Égypte, où il se maintint encore deux ans au pouvoir – après quoi l'on perd sa trace. »

Enquanto isso, os egípcios perguntavam aos seus supostos *deuses* (*toûs hosanei theoùs*) o que teria acontecido com o rei, porque todo o Egito estava sendo devastado pelos bárbaros. No santuário do Serapeu, o que era chamado de *deus* por eles (*theòs autôn legómenos*) lhes deu um oráculo falando assim: “este rei fugido voltará de novo ao Egito não envelhecido, mas rejuvenescido, e dominará os nossos inimigos persas”. Examinaram o que poderia significar aquele dito, mas, sem descobrir, escreveram o oráculo dado a eles no pedestal da estátua de Nectanebo.¹⁴⁸

Este oráculo dado por Serapeu será cumprido quando Alexandre chega ao Egito em I, 34 e encontra a estátua em Mênfis, reconhecendo ali Nectanebo como seu pai. Segundo Gual, essa ideia do faraó retornando rejuvenescido – ou seja, com a chegada de seu filho, Alexandre, apesar de estrangeiro, mas descendente e herdeiro genuíno – seria mais uma forma de dar uma característica mítica a Alexandre, atribuindo a ele uma origem egípcia verdadeira.

O relato seria provavelmente anterior à redação do romance e faria parte do discurso de nacionalistas egípcios.¹⁴⁹ Após o episódio da morte de Nectanebo, em I, 14, percebemos como ele e Alexandre são colocados num pequeno jogo de espelhamento e, ainda por cima, atribui-se à *prónoia* o fato de que um, nascido em um lugar, é enterrado no lugar de nascimento do outro, que será enterrado no lugar de nascimento do primeiro: “É uma maravilha notável da providência o fato de que Nectanebo, sendo egípcio, estar na Macedônia e receber honras fúnebres num túmulo grego, e Alexandre, por sua vez, sendo macedônio, receber as honras fúnebres numa tumba egípcia”.¹⁵⁰

Voltando à linha narrativa do romance, em I, 4 vemos Nectanebo e Olímpia protagonizando o relato da concepção e do nascimento de Alexandre, parte repleta de matizes cômicos e eróticos. Morando na Macedônia, Nectanebo começa a fazer sucesso e chama a atenção de Olímpia, que logo pede que ele lhe faça previsões. O narrador nos informa que há profecia corrente a respeito de Olímpia ser desprezada por Filipe, para casar-se com outra mulher, e este seria seu motivo de inquietação. Nectanebo acaba se apaixonando por Olímpia e faz uso de um estratagema místico para seduzi-la – única parte do romance em que temos a presença de erotismo.

¹⁴⁸ I, 3. No original: Οἱ οὖν Αἰγύπτιοι ἤξιουν τοὺς ὡσανεὶ θεοὺς αὐτῶν, τί ἄρα γέγονεν ὁ βασιλεὺς Αἰγύπτου. ἦν γὰρ πᾶσα ἡ Αἴγυπτος ὑπὸ τῶν βαρβάρων πορθηθεῖσα. ὁ δὲ ἐν τῷ ἀδύτῳ τοῦ Σεραπίου θεὸς αὐτῶν λεγόμενος ἐχρησιμοδότησεν αὐτοῖς εἰπὼν· “οὗτος ὁ φυγὼν βασιλεὺς ἔξει πάλιν ἐν Αἰγύπτῳ οὐ γηράσκων ἀλλὰ νεάζων, καὶ τοὺς ἐχθροὺς ἡμῶν Πέρσας ὑποτάξει.” καὶ συνεζήτουν τί ἄρα θέλει [εἶναι] τὸ εἰρημένον αὐτοῖς. καὶ μὴ εὐρόντες γράφουσι τὸν δοθέντα αὐτοῖς χρησμὸν ἐπὶ τῇ βάσει τοῦ ἀνδριάντος Νεκτεναβῶ.

¹⁴⁹ GUAL, 2008, p. 7.

¹⁵⁰ I, 14. No original: Θαῦμα δὲ τῆς προνοίας ἐστὶ δόκιμον, τὸν Νεκτεναβῶ Αἰγύπτιον τυγχάνοντα εἰς τὴν Μακεδονίαν Ἑλλαδικῇ ταφῇ κηδευθῆναι, <τὸν δὲ Ἀλέξανδρον Μακεδόνα τυγχάνοντα Αἰγυπτιακῇ ταφῇ κηδευθῆναι>.

Segundo Karla, o tema erótico no romance biográfico é marginalizado e se dá com matizes de comicidade:

Mais notavelmente, o *eros* se situa no centro do enredo nos romances eróticos; este é o tema básico e a força motriz de sua ação. Nas biografias ficcionais, ao contrário, o tema amoroso é marginalizado, e é narrado em episódios de importância secundária, os quais ou não envolvem o personagem central, como acontece no caso entre Nectanebo e Olímpia, ou são de pequeno significado no desenvolvimento do enredo principal, como acontece com Esopo e sua amante. Em segundo lugar, o tratamento do elemento erótico nos romances é sério e dramático, e muitas vezes até melodramático. Nas biografias, ele é constantemente alegre e cômico, modelado a partir de histórias de amor breves e amplamente difundidas, com descrições sexuais plásticas, como nos *Milesiaká*, compostos por Aristides no século II a. C., ou outros contos de adultério, e, depois no mimo erótico (ex. os mimos de Herondas, ou os mimos de adultério do período imperial).¹⁵¹

Entretanto, o conteúdo erótico não é muito explícito: quando Olímpia procura os serviços de Nectanebo, o narrador nos informa que, ao vê-la pela primeira vez, ele se apaixona. Então Olímpia pergunta quais tipos de oráculo Nectanebo fornece, ele lhe oferece uma lista: “A oferta de oráculos é variada, rainha. Pois existem os horóscopos, os sinais, os sonhos, os ventríloquos, a adivinhação pela lã da ovelha, os astrólogos, os chamados *magos*, todos estes dominam a magia”.¹⁵² Segundo o que comentam Bounoure e Serret, a lista de adivinhações se encontra aqui modificada, e esses métodos são procedentes de diversas culturas, deixando claro novamente o caráter multicultural da magia e das divindades no texto.¹⁵³

A seguir, temos a seguinte cena:

¹⁵¹ KARLA, 2009, p. 18-19. No original: “Most notably, *eros* is situated at the core of the plot in the erotic novels; it is the basic theme and driving force of their action. In the fictional biographies, on the contrary, the love-theme is marginalized, and is related in episodes of secondary importance, which either do not involve the central character, as is the case of the affair between Nectanebo and Olympias, or are of little significance to the development of the main plot, as happens with Aesop and his mistress. Secondly, in the romances the treatment of the erotic element is serious and dramatic, and sometimes even melodramatic. In the biographies it is contrastingly light-hearted and comical, modelled after the brief, widely circulating love stories with graphic sexual descriptions, such as the *Milesiaka* composed by Aristides in the 2nd century BCE or other tales of adultery, and after the erotic mime (e.g. the mimes of Herondas or the adultery mimes of the imperial period)”.

¹⁵² I, 4. No original: πολυσχεδής μὲν ἔστιν ἡ τῆς σκέψεως αἵρεσις, ᾧ βασίλισσα. εἰσὶ γὰρ ὥροσκόποι, σημειολύται, ὄνειροπόλοι, ἐγγαστρίμυθοι, ἀρνιομάντιες, γενεθλιολόγοι, οἱ καλούμενοι μάγοι, οἷς τὰ μαντεῖα ἐπέσπρωται.

¹⁵³ BOUNOURE; SERRET, 2004, p. 229.

Dizendo isso, levantou os olhos ardentes (*aneblépse drimù*) para Olímpia. Olímpia lhe disse:

— Profeta, você ficou tenso ao me encontrar?

— Sim, senhora. É que me lembrei de um oráculo dado a mim pelos meus próprios deuses, que dizia que eu realizaria previsões a uma rainha. E isso se tornou verdade. Me diga, então, o que você quer saber.

Ao que parece, Nectanebo disfarça certa ardência sexual com a justificativa de ter recebido um oráculo sobre o que estava acontecendo ali. Mas é tudo muito discreto, e todo conteúdo sexual será bem modesto do início ao fim, alcançando um ápice apenas mais adiante, quando Nectanebo consegue se infiltrar na cama da rainha, fantasiando-se como o deus Amon.

Para suas adivinhações para Olímpia, Nectanebo faz uso de uma preciosa tabuinha astrológica. Segundo Jouanno, na parte astrológica ainda haveria uma censura: no manuscrito A, ela é descrita com mais precisão, mas aqui não encontramos referências claras a planetas e signos do zodíaco,¹⁵⁴ senão na bela descrição da tabuinha de Nectanebo:

Metendo a mão dentro da prega da túnica, retirou uma tabuinha que as palavras não podem descrever. Feita de ouro e marfim, tinha os sete astros, um horóscopo, o sol e a lua. O sol era de cristal, a lua era de adamantite, o astro chamado Zeus era de pedra-pome, Ares era de hematita, Crono era de ofita, Afrodite era de safira, Hermes era de esmeralda e o horóscopo era de mármore branco.¹⁵⁵

Concluído seu procedimento astrológico, Nectanebo diz a Olímpia que ela engravidará do deus Amon, dará à luz seu filho e o criará. Sobre Alexandre, o filho em questão, Nectanebo diz: “Ele vai ser o seu vingador dos delitos cometidos por Filipe contra você”, mais uma das profecias que se cumprirão adiante no romance.¹⁵⁶

Depois de descrever a Olímpia a aparência física de Amon, Nectanebo faz uso de seus recursos mágicos, produzindo uma espécie de suco com ervas capazes de gerar sonhos, moldando com cera uma figurinha de mulher e escrevendo o nome de Olímpia nele. Realizados seus rituais e feitiços, Olímpia sonha com o deus Amon deitando-se com ela e, ao sair, diz que está grávida de um menino que será seu vingador. Ao acordar, Olímpia vai até Nectanebo e lhe relata o sonho. Então Nectanebo

¹⁵⁴ JOUANNO, 2002, p. 255

¹⁵⁵ I, 4. No original: καὶ βαλὼν τὴν χεῖρα αὐτοῦ <ἐνδον τοῦ κόλπου αὐτοῦ> ἐξέβαλε πινακίδιον, ὅπερ λόγος ἐρμηνεῦσαι οὐ δύναται, χρυσίῳ μὲν καὶ ἐλεφαντίνῳ διακεῖμενον, ἔχον ἀστέρας ἑπτὰ καὶ ὠροσκόπον, [ἡλιόν τε καὶ σελήνην]. καὶ ὁ μὲν ἥλιος ἦν κρυστάλλινος, ἡ δὲ σελήνη ἀδαμαντίνη, ὁ δὲ λεγόμενος Ζεὺς ἀέριος, <ὁ δὲ Ἄρης αἱματίτης, ὁ δὲ Κρόνος> ὀφίτης, ἡ δὲ Ἀφροδίτη σαπφείρινος, ὁ δὲ Ἑρμῆς σμαράγδινος, ὁ δὲ ὠροσκόπος λύγδινος.

¹⁵⁶ I, 4. No original: τοῦτον δὲ ἐκδικόν σου ἔχειν τῶν ὑπὸ Φιλίππου γενομένων πρὸς σε ἀμαρτημάτων.

Ihe dá instruções para a noite em que o deus Amon irá até ela em presença física: que ela, ao ver uma serpente, fique sozinha e que cubra o rosto, jamais olhando diretamente para o deus. É bem aí que Nectanebo realiza sua cilada: fantasiando-se do deus que ele mesmo descreveu e que Olímpia viu em sonho, tem sucesso em deitar-se com ela, numa cena narrada de modo um tanto pragmático, pobre em descrições eróticas:

Nectanebo trajou um velo de lã de carneiro delicadíssimo com dois chifres nas têmporas, estes com aparência de ouro, um cetro de ébano, uma túnica branca e um manto transparente com aparência de serpente. Entrou no quarto e ali sobre a cama estava Olímpia, coberta. Ela o olhava com o canto dos olhos: ao vê-lo entrar, não teve medo, porque ele se parecia com o que tinha visto em sonho. Nectanebo se livrou do cetro, deitou na cama e se uniu a ela. E ele disse:

— Conserve-se, mulher! Você tem no seu ventre um menino que será o seu vingador, rei de todo o mundo habitado e senhor do universo!

Então Nectanebo saiu do quarto, levando o cetro, e escondeu tudo o que tinha usado para o disfarce.¹⁵⁷

Mesmo que, posteriormente, Alexandre nasça e todas as previsões a seu respeito se cumpram, mesmo que as magias de Nectanebo se cumpram, o mago egípcio parece agir, pelo menos nesta versão, mais como um trapaceiro e menos como um mago. Como afirma Jouanno:

Nectanebo é também descrito como charlatão mais do que mago inspirado, e seu envolvimento com Olímpia não tem mais nada de união mística. O autor da recensão β, apresentando a história da sedução em uma versão resolutamente racionalista, enfatiza a trapaça na qual a vítima é a esposa de Filipe: Nectanebo pede a ela para virar o rosto para o lado quando chegar o “deus” que virá fecundá-la, o que certamente facilitará o sucesso de seu estratagema.¹⁵⁸

Mas a prevalência da lubricidade de Nectanebo sobre os feitiços não impede, entretanto, que a magia povoe tanto o romance quanto a união entre o mago e Olímpia

¹⁵⁷ I, 7. No original: Ὁ δὲ Νεκτεναβὼ ἐτοίμασεν αὐτῷ πόκον κριοῦ ἀπαλωτάτον σὺν τοῖς κέρασι τῶν κροτάφων αὐτοῦ, καὶ ταῦτα χρυσῷ παραπλήσια, καὶ σκῆπτρον ἐβέλινον καὶ ἱμάτιον λευκὸν καὶ τρίβωνα καθαρώτατον δρακοντιοῦντα. καὶ εἰσέρχεται εἰς τὸν κοιτῶνα, ἔνθα ἦν ἐπὶ κλίνης ἡ Ὀλυμπιάς κατεσκεπασμένη. ἄκρῳ δὲ τῷ ὀφθαλμῶν ἔβλεπεν· καὶ ὁρᾷ αὐτὸν εἰσερχόμενον καὶ οὐκ ἐδειλίασεν· αὐτὸν γὰρ προσεδόκει καθὼς καὶ ἐν ὄνειρῳ εἶδεν. οἱ δὲ λύχνοι ἦπτον, καὶ συνεκάλυψεν ἡ Ὀλυμπιάς τὸ πρόσωπον αὐτῆς. ὁ δὲ Νεκτεναβὼ ἀποθέμενος τὸ σκῆπτρον ἀναβαίνει ἐπὶ τὴν κλίνην αὐτῆς καὶ συγγίνεται αὐτῇ. καὶ φησι πρὸς αὐτήν· “διάμεινε, γύναι, κατὰ γαστρὸς ἔχεις παῖδα ἄρρενα ἑκδικόν σου γενόμενον καὶ πάσης οἰκουμένης βασιλέα κοσμοκράτορα.” καὶ ἐξῆλθεν Νεκτεναβὼν ἀπὸ τοῦ κοιτῶνος ἄρας τὸ σκῆπτρον καὶ ἀποκρύβει πάντα ἃ εἶχε πλανικά.

¹⁵⁸ JOUANNO, 2002, p. 255. No original: « Néctanébo est d’ailleurs décrit en charlatan plutôt qu’en mage inspiré, et son intrigue avec Olympias n’a plus rien d’une union mystique. L’auteur de la recension β, présentant de l’histoire de la séduction une version résolument rationaliste, insiste sur la supercherie dont est victime l’épouse de Philippe : Néctanebo lui demande instamment de se voiler la face à l’approche du « dieu » qui doit venir la féconder, ce qui bien sûr facilitera la réussite de son stratagème ».

de forma significativa. Uma vez grávida, Olímpia teme sofrer uma represália de Filipe, que não poderia ser o pai da criança, por estar fora da Macedônia na época da concepção. Nectanebo resolve o problema, ao menos provisoriamente, através da transmissão intencional de um oráculo:

Nectanebo capturou um falcão do mar e o enfeitiçou: tudo o que queria falar em sonho a Filipe, o falcãoalaria a ele. Voou preparado com artes mágicas do mal (*magikaís kakotekhníais*). O falcão do mar enviado por Nectanebo chegou de noite onde Filipe estava e conversou com ele em sonho. Quando viu o falcão falar, Filipe acordou muito perturbado.¹⁵⁹

Segundo Jouanno, o uso da expressão *magikaís kakotekhníais* seria mais um exemplo da desaprovação do autor da versão β, em consonância com os tradutores da recensão α para o latim e o armênio, a respeito das atividades do mago.¹⁶⁰ Entretanto, o sonho funciona e é interpretado de forma positiva. Filipe sonha com a imagem de Amon se deitando com Olímpia e, em seguida, dizendo que ela terá um filho que vingará a morte do pai. Depois, Filipe se vê no sonho costurando e selando um papiro, e o desenho do selo consistia no sol, uma cabeça de leão e uma lança. Segundo Gual, todos esses sinais correspondem à simbologia ligada a Alexandre: o sol, o ouro, a lança como um substituto do cetro, dando a ele um novo significado bélico e a cabeça de leão, já que a figura de Alexandre teria um aspecto leonino. A cena também tem uma transmissão anedótica: uma passagem semelhante está presente em Plutarco, na *Vida de Alexandre*, 2,4. No caso do romance, um intérprete fala o seguinte a respeito do sonho:

É verdadeiro o que você viu em sonho, porque selar o corpo da mulher é evidência de que ela te é fiel, e que ela está grávida. Não se fecha um recipiente vazio, mas o cheio. Com relação a você costurar o papiro: o papiro não é produzido em nenhum lugar, se não o Egito. Acontece que a semente é egípcia, e não é uma semente vulgar, mas ilustre e gloriosa, indicada pelo anel de ouro. O que é mais famoso que o ouro, que até os deuses veneram? Quanto ao selo, que tem o sol e sob ele a cabeça de leão e a pequena lança, este menino que cresce vai estar na dianteira de todas as guerras como um leão, tomando cidades até o Oriente, por causa da pequena lança. O deus visto por você, com chifres de carneiro, de cabelo grisalho: este é Amon, o deus da Líbia.

¹⁶¹

¹⁵⁹ I, 8. No original: Καὶ δὴ λαβὼν Νεκτεναβὼν ἰέρακα θαλάσσιον τοῦτον ἐμάγευσεν, καὶ ὅσα ἐβούλετο εἰπεῖν ἐν ὀνείρῳ τῷ Φιλίππῳ [ὁ ἰέραξ] ἔλεγεν αὐτῷ, μαγικαῖς κακοτεχνίαις παρασκευάσας αὐτὸν [ἵπτασθαι]. ὁ δὲ θαλάσσιος ἰέραξ σταλεῖς ὑπὸ τοῦ Νεκτεναβῶ ἦλθε διὰ τῆς νυκτὸς ἔνθα ἦν Φίλιππος, καὶ ἐλάλησεν τῷ Φιλίππῳ ἐν ὀνείρῳ. καὶ θεωρήσας τὸν ἰέρακα Φίλιππος λαλοῦντα αὐτῷ, διυπνισθεὶς ἐν πολλῇ ταραχῇ ἦν.

¹⁶⁰ JOUANNO, 2002, p. 255

¹⁶¹ I, 8. No original: ἀληθές ἐστιν ὅπερ εἶδες ἐν ὀνείρῳ. τὸ γὰρ σφραγίζειν τὴν φύσιν τῆς γυναικὸς σου πίστεώς ἐστι δηλωτικόν, ὅτι καὶ συνέλαβεν ἡ γυνή σου· οὐδεὶς κενὸν ἀγγεῖον σφραγίζει, ἀλλὰ μεστόν. περὶ δὲ τοῦ καταράπτειν σε βίβλῳ· οὐδαμοῦ βίβλος γεννᾶται εἰ μὴ ἐν Αἰγύπτῳ. Αἰγυπτία οὖν σπορὰ τυγχάνει, οὐ ταπεινὴ ἀλλὰ λαμπρὰ καὶ ἑνδοξὸς διὰ τὸν χρυσὸν δακτύλιον. τί γὰρ χρυσοῦ ἑνδοξότερον, δὶ' οὗ καὶ θεοὶ προσκυνοῦνται; ἡ δὲ σφραγὶς ἡ τὸν ἥλιον ἔχουσα καὶ ὑποκάτω κεφαλῇ

Filipe, no romance, é caracterizado de forma modesta: apesar de ser representando realizando as conquistas que Alexandre vai continuar, ele aparece apenas para preocupar-se com o problema da sucessão real, aprovando ou desaprovando Alexandre como seu filho e sucessor, com o gênio oscilante entre o amigável e o violento. Enquanto no capítulo 9 do primeiro livro ele aceita – e até mesmo se alegra – com o fato de que Olímpia supostamente estava carregando o filho de um deus, no capítulo 10 a acusa publicamente de traição, sem que haja muitas explicações para essa reviravolta de humor.

Na cena do banquete em honra à chegada do rei Filipe, somos informados que o personagem está com o temperamento *katephoûs*, sombrio, por conta da traição da mulher. Para reverter a situação, Nectanebo encontra a seguinte saída: transforma-se em uma grande cobra e entra na sala de banquete. Este é um dos momentos do romance em que a magia se torna mais evidente, acontecendo diante dos olhos do leitor e dos personagens. A cena tem certo exagero, principalmente quando a cobra-Nectanebo é descrita dando um silvo “tão assustadoramente que fez tremer as bases do palácio”.¹⁶² E então, depois de assustar vários convivas, a cobra vai até Olímpia:

A cobra se ergueu, levantou o queixo, circundou-se toda e subiu no colo de Olímpia, e então pôs para fora a língua bífida e beijou-a, fazendo uma prova de amor aos que olhavam. Enquanto isso, Filipe estava meio assustado, meio admirado, prestando atenção de modo sôfrego. Nectanebo, depois de ter feito a demonstração, fez a serpente sumir, se transformou em águia e foi embora, para onde foi não se pode dizer.¹⁶³

A comicidade da cena se dá pelo beijo que a cobra dá em Olímpia, sendo que nós, leitores do romance, sabemos que aquela cobra não é um deus, mas Nectanebo transformado. O sincretismo religioso se faz presente também no questionamento de Filipe, que pergunta se aquele deus, pela sua forma (*morphé*) seria Amon, Apolo ou Asclépio, três deuses relacionados às serpentes. A afirmativa de Olímpia, ao dizer que aquele seria Amon, deus da Líbia, nos transporta novamente para o Egito. A questão da paternidade de Alexandre percorre ainda todo o começo do primeiro livro e fica em aberto, de forma que Alexandre é considerado um filho de três pais: Filipe, que o aceita

λέοντος καὶ δοράτιον· οὗτος ὁ μέλλον γεννᾶσθαι παῖς μέχρι τῆς ἀνατολῆς φθάσει πάντας πολεμῶν <ὥσπερ λέων> καὶ δορυαλώτους ποιῶν τὰς πόλεις διὰ τὸ ὑποκείμενον δοράτιον. τὸ δὲ ἑωρακέναι σε θεὸν καὶ κριοῦ κέρατα καὶ πολιὰν τὴν χαίτην ἔχοντα· οὗτός ἐστιν ὁ τῆς Λιβύης θεὸς Ἄμμων.

¹⁶² I, 10. No original: ἐσύρισε φοβερόν, ὥστε τὰ θεμέλια σεισθῆναι τοῦ παλατίου.

¹⁶³ I, 10. No original: καὶ ἐξεγείρας ἑαυτὸν ὁ δράκων ἐπέθηκε τὸ γένειον καὶ ἐκύκλευσε [πάντας] καὶ ἦλθεν ἐπὶ τὰ γόνατα Ὀλυμπιάδος καὶ προσβαλὼν τὴν δίχληλον αὐτοῦ γλῶσσαν κατεφίλησεν αὐτὴν, τεκμήριον στοργῆς ὁ δράκων πρὸς τοὺς θεωροῦντας ποιούμενος. καὶ τοῦ μὲν Φιλίππου ἅμα μὲν μεμφομένου ἅμα δὲ καὶ θαυμάζοντος καὶ ἀκορέστως προσέχοντος [καὶ ταῦτα πράξας Νεκτεναβὼ πρὸς ἔνδειξιν ἀφανῆς ἐγένετο] μεταβάλλει ἑαυτὸν ὁ δράκων εἰς ἀετὸν, καὶ τὸ ποῦ ἐχώρησε περιττὸν τὸ λέγειν

e lhe encaminha seu reinado, Nectanebo, que o gera, e Amon que, em algumas passagens posteriores, acaba por se comunicar com Alexandre, guiando seu caminho através de sonhos e oráculos.

A narrativa a respeito do nascimento de Alexandre carrega também matizes mágicos e cômicos. Na hora do parto, Nectanebo pede que Olímpia delongue o processo, enquanto ele se ocupa em “desordenar os astros do universo com os seus poderes mágicos”.¹⁶⁴ Olímpia não deve parir, em um primeiro momento, porque o filho poderia ser “um escravo cativo de guerra ou uma grande besta”.¹⁶⁵ Numa segunda contração, Nectanebo lhe diz que, se a criança nascer naquele momento, “será um eunuco sem futuro”.¹⁶⁶ A comicidade torna-se mais explícita quando há a menção de que Nectanebo ensina Olímpia a “fechar com as mãos as suas passagens naturais”¹⁶⁷, mas também fazendo alguma espécie de mágica para conter o nascimento. Até que Nectanebo percebe que chega o momento mais propício para o parto:

Então, examinando novamente o curso celeste dos astros do universo, percebeu que ele estava todo reunido no centro do céu, e contemplou o brilho; era como se o sol estivesse no centro do céu. Então disse a Olímpia:

— Agora pode dar o grito do nascimento! — e fez um sinal de assentimento para que ela parisse — rainha, é agora que você vai dar à luz ao senhor do universo!

Olímpia deu um mugido grande como o de uma vaca e pariu um menino dotado de boa sorte. Quando o menino parido desceu sobre a terra, vieram os trovões ribombando sucessivamente e a luz dos raios, como se todo o universo se agitasse.¹⁶⁸

Segundo os comentadores, a passagem é abreviada nesta versão em comparação à recensão α.¹⁶⁹ Segundo Gual, em nota ao texto, é um tema da historiografia popular o nascimento de um grande personagem ser associado a fenômenos atmosféricos: “sinal do favorecimento divino e da simpatia cósmica”.¹⁷⁰ O

¹⁶⁴ I, 12. No original: καὶ συγκλονήσας τὰ κοσμικὰ στοιχεῖα τῇ μαγικῇ δυνάμει

¹⁶⁵ I, 12. No original: ὑπόδουλον αἰχμάλωτον ἢ μέγα τέρας

¹⁶⁶ I, 12. No original: γάλλος ἔσται ἀπρόκοπος

¹⁶⁷ I, 12. No original: τὰς χεῖρας τοῖς φυσικοῖς πόροις ἐπέχειν τὴν Ὀλυμπιάδα

¹⁶⁸ I, 12. No original: πάλιν οὖν κατανοήσας τοὺς οὐρανίους δρόμους τῶν κοσμικῶν στοιχείων ἐπέγνω τὸν σύμπαντα κόσμον μεσουρανοῦντα, καὶ λαμπηδόνα τινὰ ἀπὸ οὐρανοῦ ἐθεάσατο ὡς τοῦ ἡλίου μεσουρανοῦντος, καὶ ἔφη πρὸς τὴν Ὀλυμπιάδα· “δίδου νῦν τὴν πρὸς γέννησιν φωνήν.” καὶ αὐτὸς δὲ ἐπένευσεν αὐτῆς τὸν τοκετὸν καὶ εἶπεν αὐτῇ· “βασιλέα ἄρτι τέξεις κοσμοκράτορα.” ἡ δὲ Ὀλυμπιάς μεῖζον βοὸς μυκησαμένη ἀπεκύησε παῖδα ἄρρενα σὺν ἀγαθῇ τύχῃ. τοῦ δὲ παιδὸς πεσόντος εἰς τὴν γῆν ἐγένοντο βροντῶν κτύποι ἀλλεπάλληλοι καὶ ἀστραπῶν φωτισμοί, ὥστε τὸν σύμπαντα κόσμον κινεῖσθαι.

¹⁶⁹ BOUNOURE; SERRET, 2004, P. 231-232.

¹⁷⁰ GUAL, 2008, p. 19-20.

fenômeno se encontra também presente em Plutarco, que associa o nascimento de Alexandre ao incêndio no templo de Ártemis em Éfeso.

Percebemos que a presença de Nectanebo no romance, portanto, tem três funções principais: associar Alexandre ao Egito e ao deus Amon, que seria devido a seu primeiro autor alexandrino, como foi mostrado anteriormente; criar uma comicidade especial, associada à lubricidade de Nectanebo e suas ações; e, por fim, expor acontecimentos mágicos, com o objetivo de maravilhar o leitor, mesmo que estes sejam de alguma forma relativizados e censurados.

2.4. Outras simulações do discurso histórico

Além de prólogos, epílogos e da inserção de personagens históricos, o *Romance de Alexandre* está repleto de outros recursos narrativos que são igualmente utilizados pelo discurso histórico. Consideramos que se trata mais de uma partilha do que de uma apropriação em si: na fluidez dos textos antigos, como já vimos, apenas recebemos uma especificação de Luciano a respeito da escrita da história. Entretanto, alguns detalhes que a narrativa fornece parecem ser simplesmente decorativos, simulando a entrega de uma informação historicamente importante – e na maioria das vezes, falsa, aleatória ou impossível de ser conferida.

Em primeira instância, gostaríamos de destacar o uso de cifras em diferentes pontos da expedição, o número de soldados nas preparações e conclusões de batalhas e chegada a cidades, distâncias percorridas (presente principalmente nas cartas fantásticas do livro II) e impostos recebidos. Um trecho interessante a ser citado está em I, 26, quando Alexandre reúne as tropas após a morte de Filipe:

Quando reuniu todos os soldados do seu pai, contou-os e encontrou o resultado de dois mil homens e oito mil cavaleiros armados com couraça, 15 mil soldados da infantaria, cinco mil trácios, e dos anfitriões, lacedemônios, coríntios e tessalônicos recebeu 3 mil. Ao somar todos os que estavam ali contou 70 mil, além de 6.590 arqueiros.¹⁷¹

A conta proposta pelo narrador não fecha como se diz: não seriam setenta mil, mas apenas trinta e três mil. O número quebrado de arqueiros – como se tivesse sido

¹⁷¹ I, 26. No original: καὶ συναγαγὼν τὴν πάντας στρατιώτας τοῦ πατρὸς ἠρίθμησεν αὐτοὺς καὶ εὔρεν ἄνδρας μυριάδας δύο, ἵππικοὺς καὶ θώραξιν ὀπλισμένους χιλιάδας ὀκτώ, καὶ πεζοὺς χιλιάδας ἑξ', καὶ Θρᾷκους χιλιάδας πέντε, Ἀμφικτυόνων δὲ καὶ Λακεδαιμόνων <καὶ> Κορινθίων καὶ Θεσσαλονικέων εὔρε μυριάδας γ'. συναριθμήσας δὲ πάντας τοὺς παρόντας αὐτῷ εὔρεν χιλιάδας σ', καὶ τοξότας χιλιάδας <ς> πεντακοσίους ἐνενήκοντα.

contado com exatidão, dezena por dezena – parece também adicionar certo rigor, mesmo que ficcional, à precisão das informações.

Outro exemplo de uso de números está na destruição de Tebas, como vemos em I, 46:

Depois de falar isso, mandou mil cavaleiros contornarem as muralhas atirando nos que estavam de pé sobre os muros, e outros mil, com machados de dois gumes e varas longas e afiadas, cavarem as fundações, botarem fogo nas portas e empurrarem os chamados de “carneiros” com violência para destruir as muralhas (...). Alexandre, com outros mil fundeiros e soldados armados, percorria o entorno.

(...) De imediato, Alexandre foi o primeiro a entrar, ferindo alguns, e logo deixando outros atordoados e intimidados. Havia um número de quatro mil homens no total, e todos foram mortos enquanto as paredes eram destruídas. Muito rapidamente o exército Macedônio, sob o comando de Alexandre, acabou com tudo. A terra estava encharcada de sangue humano na poeira, muitos tebanos caíam das torres para o chão. Violentamente queimada pelo fogo, a cidade dos tebanos era destruída por mão macedônia.¹⁷²

Existe nos números, primeiramente, a função de dar certa cor à narrativa: eles preenchem um espaço destinado ao factual, na criação de uma imagem povoada de soldados, imitando o modo de fazer da narrativa histórica, como é especialidade do romance imitar o modo de fazer de vários gêneros. Alexandre poderia simplesmente mandar seus cavaleiros cumprir certas funções na batalha, mas manda especificamente mil cavaleiros contornarem as muralhas e outros mil destruírem as muralhas, enquanto ele percorria o espaço com mais mil. Em seguida, somos informados de que Alexandre, com três mil homens, é o primeiro a entrar na cidade e vencer os quatro mil inimigos. Apesar de estar em desvantagem numérica, ele faz Tebas arder. O romanesco e o surpreendente, entretanto, parecem ter maior importância e destaque: a terra encharcada de sangue humano e a imagem da cidade destruída são os quadros que se destacam.

Em comparação aos registros das viagens e conquistas de Alexandre, dos quais temos uma notícia razoável, o *Romance de Alexandre* apresenta uma completa desordem. Além de não respeitar rotas de viagens possíveis, está repleto de lugares e

¹⁷² I, 46. No original: καὶ ταῦτα εἰπὼν ἐκέλευσε χιλίους ἵππεῖς διατρέχειν ἔξω τῶν τεichῶν καὶ τοξεύειν τοὺς ἐφεστῶτας ἐν τῇ τείχει, καὶ ἑτέρους χιλίους ἀξίνας διστόμοις καὶ μακροτόμοις μοχλοῖς ὀρύσσειν τὰ θεμέλια τοῦ τείχους, πῦρ δὲ ταῖς πύλαις προσάπτειν καὶ τοὺς καλουμένους κριοὺς μετὰ βίας ἐρεῖ<δε>σθαι πρὸς τὴν τῶν τεichῶν διάλυσιν. (...) καὶ εὐθέως εἰσῆλθεν Ἀλέξανδρος πρῶτος τοὺς μὲν τιτρώσκων, τοὺς δὲ ἐκφοβῶν καὶ συνταράσσων. ἐπεισέρχονται γοῦν δὲ καὶ διὰ τῶν ἄλλων πυλῶν πλήθη στρατιωτῶν. ἦν δὲ πᾶν τὸ πλῆθος ὥσει τετρακισχίλιοι ἄνδρες. καὶ πάντας ἀναιροῦσι, τὰ δὲ τείχη διέλυον· ὀξύτατος γὰρ τὸ Μακεδονικὸν στράτευμα τὰ ὑπὸ Ἀλεξάνδρου κελευόμενα πάντα ἐξετέλουν. πολλῶν οὖν λύθρων ἀνθρωπ<ίν>ων κατεβρέχετο ἡ γῆ, πολλοὶ δὲ Θηβαῖοι συνέπιπτον εἰς τὸ ἔδαφος μετὰ τῶν πύργων. λάβρως δὲ κατακαιομένης πυρὶ τῆς τῶν Θηβαίων πόλεως χειρὶ Μακεδονικῇ ἀπώλλοντο.

etimologias inventados, misturados a lugares historicamente atestados. Não há interesse em narrar lugares e conquistas como registro histórico, mas descrever paisagens novas e povos diferentes, entretendo o leitor. Com essa forma desarranjada de descrever a geografia, o romance cria outro mundo a partir do mundo existente, exatamente como cria outro Alexandre, segundo seus desígnios, a partir de vários Alexandres já existentes. Para exemplificar, em I, 31 temos uma sequência de etimologias inventadas:

Alexandre estava passeando por ali quando uma grande cerva passou por ele e entrou numa caverna. Alexandre então chamou o arqueiro e mandou atirar no animal. O arqueiro esticou o arco, mas não conseguiu atingir a cerva, de forma que Alexandre disse a ele:

— Homem, essa desviou... (*parátonon*)

Assim, este lugar foi chamado de Desvio (*paratonion*) por causa da exclamação de Alexandre.¹⁷³

Nessa passagem, um comentário corriqueiro sobre um arqueiro não ter acertado o alvo torna-se o nome de uma cidade – a breve história, se não foi inventada pelo autor, não passa de uma anedota de fundo histórico extremamente duvidoso. A cidade em questão, segundo Gual, Bounoure e Serret, seria Marsa Matruch, um porto entre o Egito e a Líbia, localizado a 230 quilômetros de Alexandria.¹⁷⁴ Em outra passagem, temos a seguinte etimologia:

Alexandre demarcou a extensão da cidade chamada Pandísias até a boca do chamado Heracléota, e a distância do Bandidão até a pequena Hormópolis. Não se chama “Hermópolis”, mas Hormópolis, porque tudo que desce, ancora ali.¹⁷⁵

A etimologia não foi, nesse momento, dada por Alexandre, mas mesmo assim é falsa. Hermópolis seria a “Cidade de Hermes”, mas a presença de Hermes é substituída por *hórmou pólis*, cidade portuária. O narrador inventa um significado para o nome de um lugar em um processo que, mesmo erroneamente, constituiu uma forma de legitimar a narrativa como histórica.

Citemos mais um caso:

¹⁷³ I, 31. No original grego: Καὶ δὴ περιπατοῦντος τοῦ Ἀλεξάνδρου ἔλαφος μεγίστη παρελθοῦσα εἰς τινα φωλεὸν ἔδυσεν. φωνήσας δὲ Ἀλέξανδρος <τοξότην ἐκέλευσε τοξευθῆναι τὸ ζῷον. ὁ δὲ τοξότης τείνας τὸ τόξον οὐκ ἐπέτυχε τῆς ἐλάφου. ὁ δὲ Ἀλέξανδρος> εἶπεν αὐτῷ· “ἄνθρωπε, παράτονόν σοι γέγονεν.” ἔνθεν οὖν ὁ τόπος ἐκεῖνος ἐκλήθη Παρατόνῃ διὰ τὴν τοῦ Ἀλεξάνδρου ἐκβόησιν.

¹⁷⁴ GUAL, 2008, p. 45

¹⁷⁵ Mais uma etimologia falsa, que prefiro explicar em nota: Hermópolis seria “cidade de Hermes”, mas *hórmou pólis*, cidade portuária. Atualmente, Hermópolis é o atual porto de Damanhur.

Neumênio tinha um irmão chamado Hipónimo. Ele aconselhou Alexandre a construir a cidade a partir das pedras de fundação, e nelas construir a passagem de um aqueduto que flui para o mar. O aqueduto se chama Hipónimo por causa dele.¹⁷⁶

Vemos mais uma invenção do autor: hipónimo, em grego, não é o nome de um personagem, mas simplesmente significa “rio subterrâneo”. A explicação forjada tem a função de colocar Alexandre novamente no centro da narrativa, de forma que todas as fundações giram ao seu entorno, ao redor de suas ideias, de suas falas e dos personagens históricos que convivem com ele, como se em torno dele se erguesse um mito fundador para vários espaços. As etimologias têm também a função de atribuir mais autoridade a um narrador que tudo informa, por muitas coisas saber. Aqui testemunhamos a criação de um mundo novo por Alexandre, onde tudo tem explicação e onde o narrador tudo pode explicar, onde não há dúvidas sobre o que aconteceu. Todo o processo é um operador de crença.

Interessante também notar como em II, 13 o narrador representa a Pérsia equivocadamente como uma cidade murada: “Alexandre, por sua vez, chegou à região da Pérsia com muitas tropas, e as grandes muralhas da cidade tornaram-se visíveis aos macedônios”.¹⁷⁷ Gual tenta explicar que o erro do narrador se dá porque ele poderia ter confundido a Pérsia com Persépolis. Entretanto, para a lógica interna do romance, apresentar a Pérsia como uma cidade murada permite a inserção de um artifício da parte de Alexandre, em que ele finge ter um número de soldados muito superior para assustar os Persas:

Então, o inteligente Alexandre teve uma ideia: retirando dos pastos os rebanhos que pastavam ali, cortou troncos de árvores e amarrou nas costas deles, e os rebanhos marchariam atrás dos exércitos. Os galhos, arrastados sobre a terra, levantariam a poeira puxada, e a poeira levantada subiria ao Olimpo, de forma que os Persas que observassem sobre as muralhas imaginariam uma multidão de exércitos. Com o fim da tarde, mandou amarrar tochas e velas nos chifres dos rebanhos, e então acendê-las e queimá-las. O lugar era plano, para quem via, era como se toda a planície pegasse fogo. Os persas ficaram apavorados.¹⁷⁸

¹⁷⁶ Mais uma origem inventada. *Hipónimo* em grego é “rio subterrâneo”.

¹⁷⁷ II, 13. No original: Ὁ δὲ Ἀλέξανδρος ἔχων δύναμιν πολλὴν παραγίνεται ἐν τῇ Περσικῇ χώρᾳ. τὰ οὖν τεῖχη τῆς πόλεως ὑψηλὰ τυγχάνοντα τοῖς Μακεδόσι διὰδηλα ἐγένοντο.

¹⁷⁸ II, 13. No original: ἐπινοεῖ τί οὖν ὁ φρενήρης Ἀλέξανδρος τὰ ἐκεῖ νεμόμενα ποιμνία τῶν νομῶν ἀποσπάσας καὶ ἐκ τῶν δένδρων κλάδους ἀποσπάσας ἐπέδησεν εἰς τὰ νῶτα αὐτῶν, καὶ ὀπισθεν τῶν στρατοπέδων ἐβάδιζον τὰ ποιμνία. συρόμενοι δὲ ἐπὶ τῆς γῆς οἱ κλάδοι ἀπωθοῦσαν τὴν κόνιν ἣν ἐσάλεον καὶ ἀνήρχετο ὁ κονιορτὸς ἕως Ὀλύμπου, ὥστε τοὺς Πέρσας ἀπὸ τῶν τευχῶν ὀρῶντας ὑπονοεῖν πλῆθος ἄμετρον στρατοπέδων τυγχάνειν. ἐσπέρας δὲ γενομένης ἐκέλευσε δεθῆναι εἰς τὰ κέρατα τῶν ποιμνίων δᾶδας καὶ κηρία καὶ ταῦτα ἀναφθῆναι καὶ καίειν. ἦσαν γὰρ πεδῖνοι οἱ τόποι· καὶ ἦν θεωρούμενον ὅλον τὸ πεδῖον ὡς πῦρ καίόμενον. καὶ ἐδειλίασαν οἱ Πέρσαι.

Assim como os nomes das cidades se encontram alterados, muitos nomes de personagens aparecem trocados, redigidos erroneamente ou são inventados de forma aparentemente aleatória, ou seguindo um princípio etimológico, a fim de gerar um trocadilho. Um caso interessante é o de Lísias, na cena em que Filipe rejeita Olímpia para se casar novamente com outra mulher, que começa em I, 21 e tem um núcleo anedótico, presente em outras narrativas biográficas e históricas a respeito de Alexandre. O personagem em questão, segundo a tradição histórica, se chamaria Átalo e seria irmão de Cleópatra, a nova mulher de Filipe, e, por um motivo que só se revela ao fim do texto, o nome referido é Lísias. Em determinado momento da festa de casamento, Lísias insinua a Filipe que Alexandre é um filho ilegítimo, nascido de adultério, e que agora, em seu novo casamento, Filipe poderia ter filhos legítimos. Enfurecido, Alexandre lança a taça contra Lísias e acaba por matá-lo – um dos exageros do romance. Filipe tenta ir contra Alexandre, mas acaba tropeçando e caindo, numa cena dramática e cômica, coroada pela fala de seu filho: “O que quer conquistar toda a Ásia e revirar a Europa às suas bases não consegue nem dar um passo”.¹⁷⁹ No capítulo seguinte, Alexandre reconcilia Olímpia e seu pai, e a narração termina com uma espécie de nascimento de uma superstição num jogo de palavras com o nome de Lísias e o verbo *dialúo*: “Depois disso, os noivos evitam falar o nome de Lísias (*toû lysíou*), para que não se desliguem (*diálysin*) ao dizer o nome dele”.

Por fim, podemos destacar uma última passagem de *Vida e feitos de Alexandre da Macedônia* sobre a questão da credibilidade. Fantasiado de mensageiro de si mesmo, Alexandre é convidado para um banquete no palácio de Dario. Quando ele começa a colocar as taças do banquete dentro de suas roupas, Dario pergunta por que está fazendo aquilo. O texto segue da seguinte forma:

Alexandre, pensando no esquema que tinha em mente, falou:

— Grande rei, Alexandre sempre faz assim no banquete, dá os copos aos seus comandantes e escudeiros. Pensava que você era como ele, então, confiante, me adiantei para fazer isso.

Os persas, surpresos, se admiraram com as palavras de Alexandre: pois toda narrativa [*pás mûthos*], se tem credibilidade [*ékhei pístin*], deixa os ouvintes espantados [*en ekstáseĩ*].¹⁸⁰

¹⁷⁹ I, 21. No original: “ὁ τὴν Ἀσίαν ὅλην σπεύδων παραλαβεῖν καὶ τὴν Εὐρώπην ἐκ βάθρων καταστρέψαι οὐκ εὐτόνησας βῆμα ἓνα ἐλθεῖν.”

¹⁸⁰ II, 15. No original: νοήσας δὲ Ἀλέξανδρος ἀπὸ τοῦ σχήματος τῆς ψυχῆς εἶπεν· “μέγιστε βασιλεῦ, οὕτως Ἀλέξανδρος ὅταν δεῖπνον ποιεῖ τοῖς ταξιάρχαις καὶ ὑπερασπισταῖς αὐτοῦ τὰ κύπελλα δωρεῖται. ὑπενόουν καὶ σὲ τοιοῦτον εἶναι ὁποῖος ἐκεῖνός ἐστι, καὶ ἡγησάμην πιθανότητι τοῦτο ποιεῖν.” τὸν λόγον οὖν Ἀλεξάνδρου οἱ Πέρσαι ἐκπλαγέντες ἐθαύμαζον· πᾶς [τι] γὰρ αἰεὶ μῦθος ἐὰν ἔχει πίστιν ἐν ἐκστάσει ποιεῖ τοὺς ἀκούοντας.

Podemos ler na passagem uma declaração metalinguística sobre o próprio romance: uma narrativa bem contada possui *pístis*, credibilidade, e cumpre seu objetivo de colocar seus ouvintes — no caso, leitores — espantados, maravilhados, *en ekstásei*.

O que *Romance de Alexandre* partilha com o romance grego antigo é o objetivo de maravilhar e divertir o leitor, mesmo tendo como personagem principal Alexandre, o Grande, e não desenvolvendo em seu centro histórias de amor e aventura, mas reescrevendo-se em cima de narrativas históricas. Se os gêneros são “formas de organizar as expectativas emocionais e intelectuais do leitor”,¹⁸¹ ao ler o *Romance de Alexandre* constatamos que, no lugar de cumprir as expectativas biográficas e históricas que o proêmio anuncia, o texto cria um jogo complexo com as expectativas anunciadas e cumpridas, combinando acontecimentos factíveis ao anedotário sobre Alexandre, e acrescentando muitas invenções ficcionais e acontecimentos maravilhosos.

Na verdade, a noção de gênero como expectativa passa a ter uma funcionalidade diferente no contexto do romance grego antigo, pois não há propriamente um controle nem da produção, nem da recepção dos textos.¹⁸² É mais forte o conceito de *invenção*, um jogo de estratégias narrativas complexas em torno dos diversos modos de fazer da Antiguidade, sem estar “sujeito a regras de composição com proporções fixas”,¹⁸³ mas podendo ser modificado ao gosto de cada autor e de cada tempo. Nisto, o romance antigo se constrói não numa *fusão* de gêneros, mas estabelecendo um diálogo ativo com a tradição literária: “De certo modo, é isso que faz dele um gênero em constante formação, um gênero de outros gêneros ou mesmo o que de mais característico pode haver em termos de negação da própria noção de gênero”.¹⁸⁴

¹⁸¹ MORALES, 2009, p. 4. No original “genre terms are ways of organizing a reader’s emotional and intellectual expectations”.

¹⁸² BRANDÃO, 2005, p. 207-208

¹⁸³ GUAL, 1972, p. 26

¹⁸⁴ BRANDÃO, 2005, p. 141

UM ROMANCE EPISTOLAR

Uma das faturas mais interessantes do *Romance de Alexandre* é que sua narrativa em terceira pessoa se alterna com uma grande quantidade de cartas trocadas entre os personagens. Patricia Rosenmeyer afirma que a existência de personagens letrados no romance grego antigo pode ser considerada um reflexo do público letrado, leitor desses textos:

A habilidade de ler e escrever parece ser um requisito dos heróis e heroínas, junto da beleza e da descendência nobre. Nós não deveríamos nos surpreender, então, com a abundância de tipos de cartas encontradas nas narrativas: declarações de amor mútuo, cartas de sedução, despachos militares, mensagens de embaixadores, revelação de genealogias, cartas de adeus, sentenças de morte e até mesmo uma proposta de casamento epistolar.¹⁸⁵

O gênero epistolar, durante o período helenístico e os séculos que o sucederam, acabou tendo uma grande difusão através da circulação abundante de cartas filosóficas, cartas de apóstolos e personagens cristãos.¹⁸⁶ Originada no uso cotidiano e político das relações interpessoais, a carta no romance grego acaba funcionando como uma estratégia de autenticação de verdade, por ser um texto autógrafa, assinado por um personagem que pode ser totalmente ficcional ou ter um fundo de realidade,¹⁸⁷ criando a ilusão de que o autor do livro está apenas citando o texto e que aquelas palavras de fato foram grafadas por alguém que não é o narrador, alguém que é real no contexto histórico. Assim, o desvio epistolar no interior do romance grego antigo tem uma função retórica de autoridade, pois se uma narrativa epistolar sempre “problematiza o limite entre a realidade e a ficção”,¹⁸⁸ o que acontece é que “cada carta é um artefato que pretende ser historicamente autêntico”,¹⁸⁹ dando credibilidade à narrativa.

O conteúdo epistolar volumoso e variado faz do *Romance de Alexandre* algo rico e único no contexto da narrativa antiga. O recurso torna-se inovador aqui por conta da variedade das cartas: abarcando diferentes tons e gêneros, temos guerras travadas

¹⁸⁵ ROSENMEYER, 2003, p. 136. No original: The ability to read and write appears to be a requisite trait of the heroes and heroines, along with beauty and noble descent. We should not be surprised, then, at the abundance of letter types found in the narratives: declarations of mutual love, letters of seduction, military dispatches, ambassadorial messages, revelations of genealogy, farewell letters, death sentences, even an epistolary marriage proposal.

¹⁸⁶ BRANDÃO, 2005, p. 130

¹⁸⁷ Ibid., p. 132

¹⁸⁸ ROSENMEYER, 1994, p. 147. No original: epistolar technique always problematizes the boundary between reality and fiction.

¹⁸⁹ Ibid. p. 147. No original: Every letter is an artefact purporting to be historically authentic.

por escrito entre dois personagens, fanfarronices bárbaras, longas cartas repletas de maravilhas.¹⁹⁰ Além disso, colocar o próprio Alexandre como autor dessas cartas a seus inimigos ou escrevendo sua busca pela Terra dos Bem-Aventurados é uma estratégia de verossimilhança, seja com relação à correção histórica, segundo princípios de interesse do autor, seja sobre a criação de maravilhas aos olhos do leitor.

No entanto, as cartas não são pura invenção: elas apresentam fatos relatados por outros autores, historiadores e biógrafos de Alexandre. O macedônio é colocado com frequência como um autor e recebedor de uma correspondência volumosa:

O próprio Plutarco afirmou ter acesso à coleção de cartas de Alexandre, fazendo citações delas duas vezes na *Vida de Alexandre* e, por Quinto Cúrcio e Arriano mencionarem estas cartas em suas histórias, antigos estudiosos acreditaram que uma coleção de correspondências de Alexandre circulou logo após a sua morte. Críticos modernos continuam a debater se as cartas individuais atribuídas a Alexandre em histórias e obras de ficção são genuínas ou fictícias.¹⁹¹

Como já foi dito no primeiro capítulo deste trabalho, algumas cartas encontradas em versões do *Romance de Alexandre* têm correspondência real com manuscritos que as antecederam, certamente forjados. Segundo Rosenmeyer, haveria dois tipos de coleções de cartas introduzidas no *Romance de Alexandre*: primeiro, as provenientes de um romance epistolar que teria sido escrito por volta de 100 a.C. e que não existe mais por completo e “que provavelmente se originou a partir do relato histórico de uma efetiva troca de cartas com seu adversário, Dario, o rei persa”;¹⁹² e, em segundo lugar, uma série de cartas mais longas que descrevem monstros e maravilhas, enviadas a sua mãe e a Aristóteles, também inventadas.¹⁹³ Segundo Jacqueline Arthur-Montaigne, as cartas têm a característica de serem apresentadas como documentos históricos, mas cuja autenticidade não pode ser verificada.¹⁹⁴ De qualquer forma, originais ou não, essas cartas, no contexto do *Romance de Alexandre*, parecem ter sido construídas para ter uma aparência de correspondência genuína.

Não podemos perder de vista o aspecto dialógico que as cartas estabelecem dentro de um texto: segundo Brandão, a troca de cartas “configura sempre um diálogo

¹⁹⁰ ARTHUR-MONTAIGNE, 2014, p. 159.

¹⁹¹ Ibid, p. 161. No original: Plutarch himself claimed to have access to Alexander’s letter collection, quoting from it twice in the *Life of Alexander*, and because Quintus Curtius and Arrian mention such letters in their histories, early scholars believed that a collection of Alexander’s correspondence circulated soon after his death. Modern critics continue to debate whether individual letters attributed to Alexander in histories and fictional works are genuine or fictitious.

¹⁹² ROSENMEYER, 2003, p. 172. No original: which presumably originated in the historical report of an actual change of letters between Alexander and his adversary, the Persian king Darius.

¹⁹³ Ibid, p. 172.

¹⁹⁴ ARTHUR-MONTAIGNE, 2014, p. 161.

potencial, em que o remetente marca seu texto com indícios que determinam o seu lugar, bem como o recebedor”.¹⁹⁵ Assim, tanto o próprio Alexandre personagem de romance, quanto as pessoas que trocam cartas com ele, convertem-se em narradores intradieéticos de acontecimentos a respeito de sua vida,¹⁹⁶ formando assim uma biografia de muitas vozes que, na verdade, são claramente manipuladas pelas intenções do autor do romance. Mas não podemos deixar de perceber que Alexandre, na verdade, se revela muito como personagem e agente narrativo na escrita das cartas. Segundo Rosenmeyer, as cartas têm uma voz autoral, e o personagem-narrador, Alexandre, “rapidamente aprende como torcer as convenções epistolares para servir suas necessidades em qualquer momento”.¹⁹⁷

Rosenmeyer classifica as partes epistolares em dois grandes grupos, de acordo com o comportamento de cada carta com relação ao resto do texto. O primeiro grupo é o das cartas cinéticas, que narram eventos que interferem na narrativa total do texto, e o segundo tipo seria as cartas estáticas e simplesmente descritivas, narrativas independentes que não mudam o plano geral do romance,¹⁹⁸ apenas acrescentando episódios.

Apesar da compreensão de que cada carta é uma peça única dentro do texto e cada troca de correspondência pode ser lida como um evento singular, podemos classificá-las em categorias distintas para tornar mais fácil a nossa análise, dividindo-as entre dois grandes grupos: o grupo da correspondência e o grupo das viagens fantásticas. O primeiro grupo corresponderia mais ou menos ao que Rosenmeyer chama de cartas *cinéticas*, consistindo na correspondência trocada entre Alexandre, Dario e Poro, e também personagens como Candace, os Gimnosofistas e até mesmo as Amazonas. A seguir, analisaremos separadamente as cartas trocadas em contexto de conflito e as cartas trocadas com as mulheres do romance. O grupo das cartas fantásticas, por sua vez, seria o que Rosenmeyer chama de cartas *estáticas e descritivas*, duas cartas presentes em II, 23-41 e III, 27-29, em que Alexandre narra para Aristóteles e Olímpia suas viagens por lugares maravilhosos.

¹⁹⁵ BRANDÃO, 2005, p. 130-131.

¹⁹⁶ KARLA, 2009, p. 15.

¹⁹⁷ ROSENMEYER, 2003, p. 174.

¹⁹⁸ Ibid, p. 172-173

1.5. Correspondência de guerra

Toda a troca de cartas entre Alexandre e seus inimigos – Dario da Pérsia e, em seguida, Poro da Índia, além de todas as pessoas envolvidas nos conflitos, como generais, sátrapas e até mesmo a família de Dario – acontece entre o capítulo 36 do primeiro livro e o capítulo 4 do terceiro livro do *Romance de Alexandre*. Essa parte da narrativa não é contínua, mas é permeada por diversos acontecimentos: é a guerra que ronda todo o espírito das cartas trocadas entre os reis. As cartas têm uma função especial de evitar possíveis batalhas entre os governantes e, na verdade, podemos até mesmo considerar que elas *são a própria guerra*, uma guerra de palavras, paralela e simultaneamente conectada às guerras efetivas.

Antes de receber a primeira carta de Dario, Alexandre já se encontra descontente com o regime persa, como é relatado no capítulo 23 do primeiro livro. Retornando de uma expedição, ele encontra homens vestidos com a indumentária bárbara e trava com eles um diálogo, descobrindo que eles são sátrapas de Dario que vêm cobrar, de Filipe, impostos sobre as terras. Alexandre questiona: “se os deuses as deram aos homens como sustento, por que Dario cobra para si o presente dos deuses?”.¹⁹⁹ Segundo Gual, o rei da Pérsia exigiria dos demais homens um tributo pelo usufruto da terra que seria dele por direito divino.²⁰⁰ Alexandre questiona o pressuposto e afirma seu poder de duas formas: a primeira, negando os impostos (e ainda afirmando que vai recolher de volta o que os persas receberam deles) e, em seguida, dispensando os embaixadores “sem considerar enviar uma carta ao rei deles”.²⁰¹ Segundo Rosenmeyer, não escrever uma carta é recusar-se a entrar em comunicação com os bárbaros e, ao não abrir canais de comunicação, ele não deixaria se conquistar pelo poder dos persas: “Enquanto pagar tributo é um reconhecimento explícito de lealdade a uma autoridade maior, Alexandre dá a entender que escrever cartas, neste caso, é também um ato de submissão aos persas. Ele declara a sua independência ao reter dinheiro e escrita”.²⁰²

A cena se encerra com um detalhe: diante da recusa ao pagamento de impostos, a reação dos sátrapas de Dario é encomendar um retrato de Alexandre –

¹⁹⁹ I, 23. No original: εἰ ταύτην οἱ θεοὶ τοῖς ἀνθρώποις δέδωκαν δωρεὰν εἰς διατροφάς, Δαρεῖος τὴν τῶν θεῶν δωρεὰν ἐρανίζεται;

²⁰⁰ GUAL, 2008, p. 34.

²⁰¹ I, 23. No original: μήτε γραμμάτων ἀξιώσας τὸν πέμψαντα αὐτοὺς βασιλέα.

²⁰² ROSENMEYER, 2003, p. 175. No original: “While paying tribute is an explicit acknowledgement of one’s allegiance to a higher authority, Alexander implies that letter writing in this case is also an act of submission to the Persians. He declares his independence by withholding both money and writing”.

Rosenmeyer acrescenta que, assim como a carta é um reflexo do caráter de um personagem, também é a imagem: “as duas mídias (escrita e pintura) são compreendidas como *eikónes* da alma”.²⁰³ Dessa forma, transportar a imagem de Alexandre é também uma forma de poder. É a primeira de duas vezes que o retrato de Alexandre é feito sem seu consentimento, e saber reconhecer o rosto de Alexandre pode também ser uma arma de guerra que será usada contra ele.

Em I, 35 temos a primeira carta escrita por Alexandre. Aproximando-se Tiro, ele é impedido de passar porque os habitantes haviam recebido o oráculo de que a cidade seria destruída quando um rei fosse até eles. Alexandre, depois de uma batalha dura e depois de sonhar que não deveria fantasiar-se de mensageiro de si mesmo (disfarce que será usado diversas vezes em capítulos subsequentes), acaba enviando a seguinte carta:

Rei Alexandre, filho de Amon e do rei Filipe, eu, o maior rei da Europa, de toda a Ásia, o Egito e a Líbia, aos tírios, que são nada (*mékéti*). Fazendo o caminho pela Síria, eu queria passar entre vocês em paz e boa ordem (*eirénes kai eunomías*). Uma vez que vocês, tírios, foram os primeiros a se oporem à nossa entrada, apenas por culpa de vocês os outros aprenderão quão fortes são os macedônios, por conta da insurreição de vocês, vão se aterrorizar, se submetendo a nós. Está confirmado o oráculo que vocês receberam – vamos atravessar a cidade de vocês. Adeus, sensatos (*sophronoûntes*) – ou senão... Adeus, azarados! (*dystykhóuntés*).²⁰⁴

Vemos aqui um primeiro uso que Alexandre faz das convenções de uma carta ao se apresentar no remetente como rei e como filho de dois pais, Amon e Filipe, um pai divino e um pai humano, o que o coloca na posição simultânea de um filho de rei e um filho de deus. Em seguida, ele cita seu reino – Europa, Ásia, Egito e Líbia. Segundo Rosenmeyer, essa declaração é um tanto atrevida (ou, podemos pensar, anacrônica), já que neste ponto da narrativa, a única coisa que Alexandre havia feito era começar a campanha pela Ásia. Toda a manobra da carta, na verdade, faz parte de uma estratégia de guerra, em que, para evitar batalhas e o derramamento de sangue, o autor intimida através da escrita.²⁰⁵ Enquanto ele seria filho de um rei e de um deus, e dominador de todo um território, os tírios são nada, *mékéti*. Alexandre se coloca como: gostaria de passar por Tiro “em paz e boa ordem”, mas posto que eles fecharam as portas por conta

²⁰³ Ibid, p. 175. No original: “the two media (writing and painting) are understood as *eikones* of the soul”.

²⁰⁴ I, 35. No original: Βασιλεὺς Ἀλέξανδρος υἱὸς Ἀμμωνος καὶ Φιλίππου βασιλέως, ἐγὼ δὲ βασιλεὺς μέγιστος Εὐρώπης τε καὶ πάσης Ἀσίας, Αἰγύπτου καὶ Λιβύης, Τυρίοις τοῖς μηκέτι οὕσιν. ἐγὼ μὲν τὴν πορείαν ποιούμενος ἐπὶ τὰ μέρη Συρίας μετὰ εἰρήνης καὶ εὐνομίας ἐβουλόμην εἰσόδον πρὸς ὑμᾶς ποιήσασθαι. εἰ δὲ ὑμεῖς οἱ Τύριοι πρῶτοι τυγχάνοντες ἀντιτάσσεσθε τῇ εἰσόδῳ ἡμῶν πορείαν ποιουμένων, καὶ μόνον δι’ ὑμῶν μαθόντες καὶ οἱ λοιποὶ, πόσον σθένουσι Μακεδόνες πρὸς τὴν ὑμῶν ἀπόνειαν πτήξουσι ὑποτασσόμενοι ἡμῖν. ἔστι δὲ ὑμῖν καὶ ὁ δοθεὶς χρησμός ἀσφαλής· διελεύσομαι γὰρ ὑμῶν τὴν πόλιν. ἔρρωσθε σωφρονοῦντες· εἰ δὲ <μή>, ἔρρωσθε δυστυχοῦντες.

²⁰⁵ ROSENMEYER, 2003, p. 176

do oráculo, acabariam de fato sendo destruídos. Em seguida, Alexandre insiste que é culpa deles o que está para acontecer, em caso de insistirem na desobediência, e a destruição de Tiro vai ensinar a outros, que porventura poderiam resistir aos macedônios, que a afronta é inútil.

Para encerrar, Alexandre elabora outra manobra retórica usando novamente as convenções da carta: caracteriza-os como *sophronoûntes*, sensatos, se eles permitirem o que lhes pede. Ou então, em caso de continuarem em desobediência, seriam *dystykhoûntes*, azarados, homens de má *týkhe*, a profecia dada contra eles se cumprindo. Segundo Rosenmeyer:

O duplo “adeus” serve a um duplo propósito: primeiro, é uma convenção epistolar acusar que a carta terminou, mas, segundo, se os tírios insistem em ser “homens desafortunados”, o “adeus” vai soar como sua sentença de morte, um adeus à vida na medida em que Alexandre mata os cidadãos que ousaram se opor a ele. Os tírios se recusam a se render, então a segunda leitura se completa.²⁰⁶

A mesma estratégia, usar a carta como uma arma de guerra verbal e não física, aparecerá em seguida, na sequência de cartas que Alexandre troca com Dario da Pérsia e Poro da Índia. Não citaremos integralmente toda a correspondência, por ser extensa demais, nem analisaremos todas as trocas de cartas, apenas destacaremos as passagens mais significativas.

Todas as cartas são citadas integralmente no texto do romance, como se tivessem sido copiadas pelo redator daquela forma, do começo ao fim, como documentos que pretendem ser reais. A primeira carta é enviada de Dario para Alexandre, levada por seus embaixadores, que entregam junto com ela um chicote, uma bola e uma caixa de ouro:

Rei dos reis e descendente dos deuses, emergente como o sol, eu, o próprio deus Dario, para Alexandre, meu servo; comando e ordeno que você retorne para os seus parentes, que você seja meu escravo e que vá deitar no colo da sua mãe Olímpia. É a sua idade, você deve ser educado e criado (*paideúesthai théleis kai titheneísthai*). Por isso enviei a você um chicote, uma bola e uma caixa de ouro – pegue o que você quiser primeiro. O chicote é para mostrar que você ainda precisa ser educado, a bola é para você brincar como os da sua idade (e não vá persuadir, arrogante, os jovens desta idade, como um chefe de piratas, levando-os consigo para perturbar as cidades). Pois nem a reunião de todo o mundo habitado poderá derrubar o reinado persa. Enorme é a minha multidão de soldados, tão grande quanto alguém não pode contar grãos de areia, e tenho ouro e prata o bastante para preencher toda a terra. Também enviei a você uma caixa cheia de ouro, porque como você não tem as provisões para dar aos seus companheiros, pode dar a eles o necessário

²⁰⁶ ROSENMEYER, 2003, p. 176. No original: “The double ‘farewell’ serves a double purpose: first, it is an epistolary convention to acknowledge that the letter has ended; but second, if the Tyrians insist on being ‘men of misfortune’, the ‘farewell’ will ring as their death knell, a farewell to life as Alexander kills the citizens who dare to oppose him. The Tyrians refuse to surrender, and the second reading is fulfilled”.

para que cada um seja reenviado para a própria pátria. Se você não acreditar nas minhas ordens, eu vou te perseguir, você vai ser perseguido pelos meus generais, e você não vai ser educado como filho de Filipe, mas vai ser crucificado como um desertor.²⁰⁷

Note-se como as convenções da carta, da mesma forma que foram usadas por Alexandre para escrever aos tírios, são usadas por Dario. O rei persa não é apenas um descendente dos deuses, ele é um deus, enquanto Alexandre é convertido em seu servo, e Dario exige que ele se renda como seu escravo. A principal chacota que Dario faz com Alexandre é com relação a sua pouca idade: pede que ele vá para o colo da mãe e diz que ele ainda deve ser educado e criado (*paideúesthai théleis kai titheneísthai*) – o chicote enviado serviria para essa criação, enquanto a bola era para ele brincar com crianças de sua idade. Chama-o também de *arkhileisthês*, um chefe de piratas, reduzindo a expedição de Alexandre à pirataria. Além de tudo, ele ostenta, através da caixa de ouro, toda a sua riqueza: além de possuir tropas e posses incontáveis, a caixa de ouro é dada como uma espécie de esmola para que Alexandre volte para casa e deixe de incomodá-lo. Depois de seu discurso um tanto fanfarrão, Dario encerra com uma ameaça, dizendo que, se Alexandre continuar, não receberá uma educação, mas uma pena de morte. Jouanno propõe que a troca de cartas entre Alexandre e seus inimigos tem certo objetivo de fazer chacota, pintar uma caricatura dos povos bárbaros como pessoas brutas e fanfarronas, através de cartas inchadas, vãs e pretensiosas,²⁰⁸ o que fica bastante evidente na carta em questão.

Além da correspondência trocada, há também cenas de leituras públicas das cartas recebidas e enviadas. Alexandre aparece lendo em voz alta para seus soldados correspondências trocadas com seus inimigos, de forma que percebemos que as cartas transitam entre o privado, envolvendo duas individualidades que trocam cartas e ameaças, e o público, que toma ciência dessa conversa. Assim como nós, leitores do romance, somos espectadores, os guardas também o são, de forma que esse

²⁰⁷ I, 36. No original: Βασιλεὺς βασιλέων καὶ θεῶν συγγενῆς καὶ συνανατέλλων τῷ ἡλίῳ, ἐγὼ αὐτὸς θεὸς Δαρεῖος Ἀλεξάνδρῳ τῷ ἐμῷ θεράποντι τάδε προστάττω καὶ κελεύω σοι ἐπαναστρέφειν σε πρὸς τοὺς γονεῖς σου, ἐμοὶ δὲ δουλεύειν καὶ κοιτάζειν εἰς τοὺς κόλπους τῆς μητρός σου Ὀλυμπιάδος. ἔστι γὰρ ἡ σὴ ἡλικία· παιδεύεσθαι θέλεις καὶ τιθνεῖσθαι. διὸ ἔπεμψά σοι σκῦτον καὶ σφαῖραν καὶ κιβώτιον χρυσοῦ, ἵνα αἰρήσῃ τί βούλει πρότερον· τὸν μὲν σκῦτον, μηνύων σοι ὅτι ἔτι παιδεύεσθαι ὀφείλεις, τὴν δὲ σφαῖραν, ἵνα μετὰ τῶν συνηλικιωτῶν σου παίξῃς καὶ μὴ ἀγέρωχον ἡλικίαν τοσοῦτων νέων ἐκπείθῃς ὥσπερ ἀρχιληστής μετὰ σεαυτοῦ φέρων, τὰς πόλεις ταράσσων· οὐτε γὰρ αὕτη ἡ σύμπασα οἰκουμένη ἀνδρὸς ὑφ' ἐν συνελθοῦσα δυνήσεται καθελεῖν τὴν Περσῶν βασιλείαν. τοσαῦτα γὰρ μοί ἐστι πλήθη στρατοπέδων ὅσα οὐτε ψάμμον ἐξαριθμῆσαί τις δύναται, χρυσὸς δὲ καὶ ἄργυρος πολὺς, ὥστε πᾶσαν τὴν γῆν πληρῶσαι. ἔπεμψά σοι δὲ καὶ κιβώτιον χρυσοῦ μεστόν, ἵνα εἰ μὴ ἔχῃς τροφὰς δοῦναι τοῖς συλλησταῖς σου, δώσεις αὐτοῖς τὴν χρεῖαν, ὅπως ἕκαστος αὐτῶν δυνηθῇ εἰς τὴν ἰδίαν πατρίδα ἐπανακάμψαι. εἰ <δὲ> μὴ πεισθῇς τοῖς κελευομένοις ὑπ' ἐμοῦ, ἐκπέμψω κατὰ σοῦ διῶξαι, ὥστε συλληφθῆναι σε ὑπὸ τῶν ἐμῶν στρατιωτῶν. καὶ οὐχ ὡς Φιλίππου παῖς παιδευθήσῃ ἀλλ' ὡς ἀποστάτης ἀνασταυρωθήσῃ.

²⁰⁸ JOUANNO, 2002, p. 193.

movimento de publicação parece incluir tanto o público interno do romance quanto o público leitor. Ao conhecer as cartas e conhecer a reação dos soldados diante delas, nos tornamos parte de algo maior na narrativa, inteirando-nos de todo o contexto de produção e recepção do conteúdo. Alexandre, depois de ler a primeira carta de Dario, discursa a suas tropas e é através de seu discurso que se expõe a reação de incômodo das tropas diante das ameaças de Dario. Mas Alexandre os tranquiliza e se justifica com uma comparação: “Porque alguns cães de corpo fraco latem alto, como se pudessem, com os latidos, potencializar a aparência. Assim também é Dario: não tem potência nas obras, o que se mostra no que escreve, como os cães com os latidos”.²⁰⁹ As habilidades de Alexandre como orador e como leitor e escritor de cartas funcionam como uma representação de seu sucesso como estrategista militar,²¹⁰ criando uma imagem mais democrática e civilizada de sua campanha.²¹¹

O mundo das cartas está também no comportamento que Alexandre demonstra ter com os mensageiros de Dario: em um momento, ele manda amarrá-los e encaminhá-los para serem crucificados. Ao que os mensageiros dizem ser inocentes com relação aos excessos de Dario, Alexandre cita o conteúdo da carta, dizendo que Dario os havia enviado não a um rei, mas a um chefe de piratas, e quando os soldados dizem que sabem que Alexandre é sensato (*phrenére*) e imploram por suas vidas, Alexandre não só os liberta, mas os convida para seu banquete. Além disso, em I, 39, o macedônio dá de presente a eles o ouro que Dario enviara, despachando-os de volta ao persa com uma resposta a sua carta.

Alexandre, em suas respostas, joga o jogo de forma diferente: não mais enaltece a si mesmo dizendo ser filho do deus Amon, como fez em Tiro, mas se comporta com humildade, contrapondo-se à soberba persa, ridicularizada ao ser repetida na abertura da carta de resposta. Alexandre representa a si mesmo com mais humildade, por certo, mas não deixa de ser esperto e impositivo, rebatendo o significado de todos os presentes dados por Dario, da seguinte maneira em I, 38:

Rei Alexandre, filho do rei Filipe e da mãe Olímpia, rei dos reis, para o entronizado junto aos deuses e nascente com o sol, ao grande deus, rei dos Persas, salve. É vergonhoso que, com um poder tão grande, magnificante e nascente com o sol, um dia caia sob a escravidão de um pequeno sujeito tal como Alexandre... porque os nomes dos deuses, quando dados aos homens, compreendem a eles grande poder e sensatez. Como, então, os nomes dos deuses imortais podem habitar corpos perecíveis? Veja bem, observamos vocês com relação a isso, e como não possuem poder contra nós, em vez disso pegaram emprestado os nomes dos deuses, e estão na terra ornados desses

²⁰⁹ I, 36. No original: καὶ γάρ τινες τῶν κυνῶν ἀδυνατοῦντες τῇ ὀλκῇ τοῦ σώματος μεγά ὑλακτοῦσιν ὡς δυνάμενοι διὰ τοῦ ὑλαγμοῦ ἔμφασιν τοῦ δύνάμεως ποιεῖν. τοιοῦτος καὶ ὁ Δαρεῖος· ἐν τοῖς ἔργοις μηδὲν δυνάμενος ἐν τοῖς γεγραμμένοις δοκεῖ τι εἶναι, ὥσπερ καὶ οἱ κύνες τοῖς ὑλαγμοῖς.

²¹⁰ ROSENMEYER, 2003, p. 178.

²¹¹ Ibid, p. 179.

poderes. Pois eu venho até você para guerrear como mortal, mas a decisão da vitória é da providência no alto. E por que você escreveu que possui esse tanto de ouro e prata? Sabendo disso, guerrearemos mais nobremente, a fim de tomar essas coisas. Por um lado, se eu te vencer, terei muita fama e serei um grande rei ao lado dos gregos e dos bárbaros, o que assassinou o grande senhor rei Dario. Você me enviou um chicote, uma bola e uma caixa de ouro, rindo de mim, mas eu os aceitei como bons presentes. Peguei o chicote, a fim de surrar os bárbaros com minhas próprias mãos, que submeterei completamente à escravidão com as minhas lanças e armas. Com a bola, você me mostrou que serei o senhor do mundo – o mundo é esférico e redondo. E com o cofre de ouro, você me enviou o maior sinal: vencido por mim, vai me pagar impostos.²¹²

Vemos Alexandre subverter tudo aquilo que Dario escreveu em sua primeira carta. Enquanto sua própria filiação se compõe de dois humanos – Filipe e Olímpia – e o título que dá a si mesmo é apenas *rei dos reis* (*basileî basiléon*), repete o título que Dario dá a si mesmo, sem citar seu nome, e essa repetição constitui uma ironização através de contra-argumentos:

É inapropriado para um verdadeiro deus ser derrotado por um mero homem. É implausível que o título dos deuses sozinho possa conceder poder divino e sabedoria. É impossível que a essência de um deus possa estar contida da carne efêmera do corpo humano. Usando três contra-argumentos, Alexandre expõe a falsidade da divindade de Dario e recusa a soberania derivada disso.²¹³

Vemos também a concepção da transitoriedade da vida humana presente no discurso de Alexandre. Comparando a si mesmo com Dario, que se diz tão grande, seria vergonhoso (*aiskhrón*) que ele fosse derrotado por um homem comum como Alexandre. Assim, ele afirma não colocar os nomes dos deuses em seu nome, e não atribui a vitória

²¹² I, 38. No original: Βασιλεὺς Ἀλέξανδρος υἱὸς βασιλέως Φιλίππου καὶ μητρὸς Ὀλυμπιάδος βασιλεῖ βασιλέων καὶ συνθρόνῳ θεῶν καὶ συνανατέλλοντι τῷ ἡλίῳ μεγάλῳ θεῷ Περσῶν βασιλεῖ χαίρειν. αἰσχρὸν ἐστὶ τὸν τηλικαύτη δυνάμει ἐπαιρόμενον καὶ συνανατέλλοντα τῷ ἡλίῳ ὑπὸ ταπεινὴν δουλείαν πεσεῖν ἀνθρώπῳ ποτέ τινι Ἀλεξάνδρῳ Περσῶν Δαρεῖον τὸν δυνάμει. αἱ γὰρ τῶν θεῶν ὀνομασίαι εἰς ἀνθρώπους χωροῦσαι μεγάλην δύναμιν αὐτοῖς παρέχουσιν ἢ φρόνησιν. πῶς γὰρ τῶν ἀθανάτων θεῶν ὀνόματα εἰς φθαρτὰ σώματα κατοικοῦσιν; ἰδοὺ δὴ καὶ ἐν τούτῳ κατεγνώσθης παρ' ἡμῶν ὡς μηδὲν δυνάμενος παρ' ἡμῖν, ἀλλ' ὡς τὰς τῶν θεῶν ὀνομασίας συγχρώμενος καὶ τὰς ἐκείνων δυνάμεις ἐπὶ τῆς γῆς ἐαυτῷ περιτιθῶν. ἐγὼ γὰρ ἔρχομαι πρὸς σε πολεμήσων ὡς θνητὸν ὑπάρχοντα, ἡ δὲ ῥοπή τῆς νίκης ἐκ τῆς ἄνω προνοίας ἐστίν. τί δὲ καὶ ἔγραψας ἡμῖν τοιοῦτον καὶ τοσοῦτον χρυσὸν καὶ ἄργυρον κεκτῆσθαι; ἵνα μαθόντες ἡμεῖς γενναϊοτέρως πολεμήσωμεν, ὅπως ταῦτα ληψώμεθα; καὶ ἐγὼ μὲν ἐπὶ σε νικήσω, περίφημος ἔσομαι καὶ μέγας βασιλεὺς παρὰ τοῖς Ἕλλησι καὶ βαρβάροις, ὅτι τὸν τηλικούτον βασιλέα δυνάστην Δαρεῖον ἀνέϊλον. σὺ δὲ ἐμὲ ἐὰν ἡττήσης, οὐδὲν γενναῖον ἔπραξας· ληστὴν γὰρ ἡττήσας, καθὼς σὺ ἔγραψας ἡμῖν· ἐγὼ δὲ βασιλέα βασιλέων μέγα θεὸν Δαρεῖον ἡττήσα. ἀλλὰ καὶ σκύτον καὶ σφαῖραν καὶ κιβώτιον χρυσοῦ ἐξέπεμψάς μοι ἐγγελῶν μοι· ἐγὼ δὲ ταῦτα ἀγαθὰς ἀγγελίας ἐδεξάμην. τὸν μὲν σκύτον ἔλαβον, ἵνα ταῖς ἐμαῖς λόγχαις καὶ ὅπλοις δέρων τοὺς βαρβάρους ταῖς ἐμαῖς χερσὶν εἰς δουλείαν καθυποτάξω, τὴν δὲ σφαῖραν· ἐσήμενάς μοι ὡς τοῦ κόσμου ἐπικρατήσω· σφαιροειδὴς γὰρ καὶ στρογγύλος ὁ κόσμος τυγχάνει. τὸ δὲ κιβώτιον τοῦ χρυσοῦ μέγα σημεῖον ἔπεμψάς μοι· νικηθεὶς ὑπ' ἐμοῦ φόρους μοι τελέσεις.

²¹³ ARTHUR-MONTAIGNE, 2014, p. 175. No original: It is inappropriate for a true god to be defeated by a mere man. It is implausible that the title of the gods alone could bestow divine power and wisdom. It is impossible that the immortal essence of a god could be contained in the ephemeral flesh of the human body. Using three counter-arguments, Alexander exposes Darius' counterfeit divinity and refutes sovereignty he derives from it.

ao próprio poder, mas a uma decisão da providência no alto – além de ser, como relatamos nos capítulos anteriores, uma marca de certo caráter cristão que teria esta versão, Alexandre aparece aqui como um homem de comportamento humilde diante do divino.

Em seguida, Alexandre reinterpreta e rebate em forma de qualidade cada uma das alegações ligadas aos presentes enviados por Dario como ofensa. Segundo Jacqueline Arthur-Montaigne, esse recurso do emparelhamento da resposta tem um efeito retórico potente:

Dario envia a Alexandre um chicote para disciplina, uma bola para que ele possa brincar com as crianças de sua idade e dinheiro para que ele possa custear as provisões do retorno para seu exército. Alexandre responde que ele vai usar o chicote para açoitar os inimigos bárbaros, a bola como símbolo de domínio global e o dinheiro como um adiantamento dos futuros tributos de Dario aos gregos. Igualando-se a Dario golpe a golpe, Alexandre deriva interpretações vantajosas das mesmas palavras e símbolos que Dario projetou como insultos.²¹⁴

Assim, podemos perceber que o sentido de todas as cartas se encontra sob o poder interpretativo de Alexandre, tanto quando ele as recebe, quanto quando ele as envia.

Em I, 39, há uma mudança de ponto de vista, e agora nos tornamos expectadores de uma troca de cartas entre Dario e seus subordinados. Dario escreve a eles ordenando que capturem Alexandre e, novamente, o tema de Alexandre como uma criança é repetido. Dario pede que o capturem e o levem, sem fazer nenhum mal, a fim de que ele mesmo lhe dê a punição necessária:

para que eu retire a sua roupa púrpura e lhe dê uma surra, então vou enviá-lo para a Macedônia, a sua terra pátria, para a sua mãe, Olímpia, dando a ele um chocalho e astrágalos, como as crianças macedônias ganham para brincar. Vou despachá-lo com homens sábios, para lhe ensinarem.²¹⁵

Entretanto, a resposta dada por seus remetentes é um tanto frustrante: em vez de obedecerem a suas ordens, eles escrevem pedindo ajuda, pois estão sendo dominados pelas tropas de Alexandre. O capítulo conclui com Dario repreendendo seus

²¹⁴ ARTHUR-MONTAIGNE, 2014, p. 174. No original: Darius sends Alexander a whip for continued discipline, a ball so he may play with the children his own age, and money so he can afford the return fare for his army. Alexander responds that he will use the whip to lash barbarian enemies, the ball as a symbol for global domination, and the money as an advance on Darius' future tribute to the Greeks. Matching Darius blow for blow, Alexander derives advantageous interpretations from the same words and symbols that Darius intended as insults.

²¹⁵ I, 39. No original: ὅπως ἐγὼ ἐκδύσας αὐτὸν τὴν πορφυρέαν στολὴν καὶ πληγὰς ἐπιθήσας αὐτῷ ἀποστελῶ ἐν Μακεδονίᾳ τῇ πατρίδι αὐτοῦ πρὸς τὴν μητέρα αὐτοῦ Ὀλυμπιάδα, δώσας αὐτῷ κροτάλην καὶ ἀστράγαλους, ὥς οἱ Μακεδόνων <παῖδες> τελοῦσι παίγνιον. καὶ συναποστελῶ αὐτῷ ἄνδρας πάσης σωφροσύνης διδασκάλους.

subordinados, em um momento de frustração com relação à incompetência de suas tropas. Toda a cena tem uma dupla função: criar uma crescente tensão de guerra, em que Alexandre parece estar em vantagem, mesmo que Dario tenha proclamado toda a sua primazia sobre ele, e também uma função cômica, ao colocar os bárbaros como seres inferiores, irascíveis e presunçosos.

Em I, 40, temos a informação de que Alexandre está se aproximando e, em seguida, mais uma carta agressiva de Dario para ele: o persa novamente clama para si o título divino, acusando seu inimigo de guerrear contra cidades inexperientes (*póleis apeírous*) que ele jamais havia tocado, e dessa vez o ameaça não com ironias que o infantilizam, mas com a morte. Alexandre, entretanto, não responde a carta, nem se deixa afetar por ela: “Recebendo e lendo a carta de Dario, não se queimou com suas palavras arrogantes”.²¹⁶ Ao não fazer questão de responder a carta – e em seguida, na narrativa, dar o início à batalha de Isso –, a atitude de Alexandre coloca nas entrelinhas que a correspondência, como instrumento estratégico, deixou de ter seu poder. Dario parece estar “simplesmente repetindo ameaças vazias”²¹⁷ e, agora, é necessário deixar de fazer as coisas nas palavras e partir para as vias de fato. Ao vencer a guerra, acrescenta-se de novo algo à atitude de Alexandre: ele, além de não fazer nada de arrogante (*hyperéphanos*), ao capturar a família de Dario, trata honradamente (*entímos*) sua mãe, sua esposa e suas filhas, além de dar aos persas mortos os ritos fúnebres adequados ao costume.

Tendo sobrevivido, Dario trabalha enviando correspondências em busca de exércitos aliados. Mesmo que seus conteúdos não nos sejam informados, as tramas se desenvolvem em teias de cartas enviadas, recebidas e também interceptadas: em I, 42, temos a informação breve de que um espião de Alexandre tomava conhecimento daquilo que Dario estava planejando e repassava as informações ao macedônio.

A narrativa sobre Dario e as trocas de cartas são interrompidas por outros episódios até o capítulo 10 do segundo livro – é bem provável que essa suspensão da narrativa tenha a função de criar tensões a respeito dos acontecimentos que virão a seguir. Temos uma sequência de correspondências em que o narrador se retira, transmitindo apenas as cartas integralmente citadas e informações sobre quem escreveu a quem, quem leu a carta de quem, e quem respondeu a quem. Esta é mais uma estratégia de verossimilhança criada pelo romance, exibindo a coleção de cartas em sequência; é como se o leitor tivesse acesso total a um documento verdadeiro de

²¹⁶ I, 41. No original: Τοῦ δὲ Ἀλεξάνδρου δεξαμένου τὰ γράμματα Δαρείου καὶ ἐντυχόντος οὐκ ἐπυροῦτο ἐπὶ τοῖς κομπηγόροις λόγοις Δαρείου.

²¹⁷ ROSENMEYER, 2003, p. 180. No original: simply repeating empty threats.

uma discussão bélica, testemunhando ele mesmo uma disputa histórica. A série constitui-se de oito cartas entre os capítulos 10, 11 e 12 do segundo livro, que podemos organizar da seguinte forma:

I. Sátrapas escrevem a Dario a respeito da aproximação de Alexandre, do sítio que faz à região e ao fato de ele ter matado soldados persas.

II. Dario escreve de novo a Alexandre – mesmo Alexandre não tendo respondido a sua última carta ou enviado qualquer coisa a ele depois da batalha. Esta carta possui um tom dramático acentuado, Dario não faz uso de convenções de abertura e fechamento,²¹⁸ simplesmente disparando um texto bastante emocional: infeliz por não ter em seu convívio novamente a mulher, a mãe e as filhas, temendo que ele tenha executado sua mãe, diz que, mesmo Alexandre tratando sua família com justiça e piedade (*dikaiós* e *eusebós*), ele ainda o terá em má consideração: “porque nem se você for bom para eles, me terá com amigo, nem se você fizer mal a eles, me terá como inimigo”.²¹⁹

III. O narrador nos informa que Alexandre, depois de receber e ler a carta enviada por Dario, sorriu. Civilizadamente, Alexandre escreve a Dario usando as convenções da forma mais simples possível: “O rei Alexandre, para Dario, salve!”.²²⁰ Alexandre escreve que a fala de Dario envergonha os deuses e afirma que cuidou de sua família não por medo, mas por ser um homem honrado. Encerra a carta dizendo que é a última vez que lhe escreve. Sobre essa promessa, que é cumprida, Rosenmeyer afirma que a ausência de resposta pode nos causar certo estranhamento, porque Alexandre, todo o tempo, parece ter interesse em resolver a questão com Dario sem derramamento de sangue, o que se justifica da seguinte forma:

Alexandre pode sentir que Dario não é mais capaz do pensamento racional, que tudo o que poderia ser dito já foi dito, e agora é hora de agir. Por essa razão, ele não está mais “se queimando com as suas palavras arrogantes” (1.41), mas simplesmente cansado do debate. Nós devemos ter em mente que recusar a escrita também é um ato de poder e dominação, uma maneira de cortar todos os laços antes do final inevitável: pode ser mais difícil matar um homem com o qual você manteve uma correspondência, pois o ato de escrever faz dele, de alguma forma, menos bárbaro. No entanto, a decisão oferece um momento agradável de simetria literária. Retratando a recusa de Alexandre em escrever, o autor nos lembra a rejeição inicial pela escrita que definiu a relação de Alexandre com Dario. As coisas fecharam o círculo, e a promessa de Alexandre, quando criança, reclamando da Pérsia o tributo macedônio, está para se cumprir.²²¹

²¹⁸ ROSENMEYER, 2003, p. 182.

²¹⁹ II, 10. No original: οὔτε γὰρ εὐεργετῶν αὐτὰς ἔξεις με φίλον οὔτε κακοποιῶν αὐτὰς ἐχθρόν.

²²⁰ II, 10. No original: Ἀλέξανδρος βασιλεὺς Δαρείῳ χαίρειν.

²²¹ ROSENMEYER, 2003, p. 182-183. No original: Alexander may feel that Darius is no longer capable of rational thought, that all that could be said has already been said, and now it is time for action. For

IV. Alexandre escreve a seus sátrapas e súditos “da Frígia, Capadócia, Panflagônia, Arábia e para todos os outros”, pedindo que sejam preparados trajes de guerra e arsenais. Presenciamos aqui, através das próprias palavras de Alexandre, a guerra sendo planejada e formada aos poucos. Cresce a tensão da narrativa.

V. Carta breve “ao grande rei Dario”, de seus sátrapas, informando que Alexandre matou dois dos melhores soldados e que muitos estão mudando de lado na guerra. Não é o narrador que nos informa desses fatos, mas a informação, dada através de uma carta aparentemente verdadeira, novamente contribui para a verossimilhança da narrativa.

VI. Dario, apresentando-se como “rei dos reis”, escreve brevemente a reis mais próximos, exortando-os ao combate contra o rei macedônio.

VII. Dario envia uma carta ao rei Poro. A abertura é simples, mas significativa: Poro é colocado como rei dos indianos, Dario é colocado como rei dos persas, e não um rei dos reis ou um deus – não há a necessidade de rebaixar seu correspondente, como foi feito com Alexandre, mas de chamá-lo a sua companhia neste embate.

VIII. Carta da mãe de Dario a seu filho – apesar de ser de certo foro doméstico, a carta tem algo de política. Justificando que “o porvir é incerto” (*tò gàr méllon ádelon estín*), a mãe clama que ele não volte a fazer uma guerra. Afirma que está em honra (*timé*) junto de Alexandre, que a protege. Assim, ela encerra a carta com o desejo de que se chegue a algum acordo. Após ler esta carta, Dario chora ao se lembrar da família, “mas ao mesmo tempo, estava perturbado e inclinado à guerra”.²²² Aqui vemos certa humanização dos bárbaros, combinada à incapacidade intrínseca de resolver as questões sem derramamento de sangue.

Em seguida, temos a narrativa de Alexandre entrando disfarçado de mensageiro de si mesmo na corte de Dario, após ter um sonho em que Amon, vestido como Hermes, o aconselhava a fazer isso. Reconhecido por um dos sátrapas, Alexandre foge e, no capítulo seguinte, testemunhamos a batalha final. Em II, 16, Dario é derrotado e se vê sozinho em seu palácio. Agora que não possui mais nada, é a vez de Dario

this reason he is no longer “incensed at Darius' haughty words” (1.41), but simply tired of the debate. We should keep in mind that refusing to write is also an act of power and domination, a way to cut off all ties before the inevitable end: it may be harder to kill a man with whom you have had a correspondence, as the act of writing marks him as somehow less barbarian. But the decision also offers a pleasing moment of literary symmetry. In portraying Alexander's refusal to write, the author asks us to remember the initial rejection of writing that defined Alexander's relationship with Darius. Things have come full circle, and Alexander's vow as a child to reclaim Macedonian tribute from Persia is about to be fulfilled.

²²² I, 12. No original: ἄμα δὲ ἐταράσσετο καὶ ἔνευε πρὸς πόλεμον

escrever sua última carta a Alexandre, em II, 17, chamando-o de senhor (*despótes*) e clamando pela devolução de sua família, já que agora nada possui. É interessante ver como Dario evoca a *týkhe* em seu discurso, associando-a à reviravolta que ele acabou de sofrer: “Bem, Alexandre, você viu a sorte e a nênese, desista agora da grande pretensão”. Em troca de sua família, Dario lhe oferece riquezas e o reinado. Alexandre faz um discurso com certa dose de soberba, dizendo que a vergonha de Dario era ter sido derrotado por mulheres, pelo desejo de reaver sua família, e ainda acrescenta que só foi para a Ásia porque sabia que já era sua. Alexandre envia seus mensageiros até Dario, mas não escreve cartas, reafirmando sua posição. Logo depois disso, em II, 20, Dario é assassinado, e Alexandre lamenta profundamente sua morte.

Após a morte de Dario, Alexandre troca cartas com Poro, o rei da Índia. O número de cartas trocados entre os dois é bem mais reduzido, e a questão vai se resolver rapidamente. Segundo Jouanno, Poro seria uma espécie de duplicação de Dario, só que ainda mais caricatural e exagerada, pois não se coloca apenas como um deus, mas como o rei dos deuses.²²³ Isso está presente na passagem de III, 2, em uma carta recebida por Alexandre na fronteira da Índia:

Rei Poro dos Indianos para o despojador de cidades Alexandre. Exijo que você se retire. Você é humano – o que pode diante de um deus? Por que é que você causa uma intempérie aos que estão com você, que é mais fraco na batalha e pensa ser mais forte do que eu? Eu sou invencível! Acontece que sou deus não só dos humanos, mas também dos deuses: Dioniso, que é ameaçador a vocês e que vocês chamam de deus, tenho aqui ao meu lado. Assim, não só te aconselho, mas também ordeno: que você vá embora rapidamente para a Grécia. Porque a sua batalha contra Dario e outros povos não me dá medo, quanta sorte você teve de eles serem fracos. Você pensa ser mais forte do que realmente é. Vá embora para a Grécia! Se tivéssemos algum uso para a Grécia, muito antes de Xerxes nós, os indianos, a haveríamos escravizado. Agora, como é um povo inútil e nada havendo de merecedor do olhar do rei, não prestamos atenção. Porque todos querem o que há de melhor.²²⁴

Ao que parece, Alexandre enfrenta agora ameaças muito piores do que com o derrotado Dario. Depois de se colocar como algo mais que os deuses, a *týkhe* de Alexandre novamente entra em destaque quando Poro diz que seu inimigo teve sorte em vencer só porque os persas eram fracos. Poro também exprime seu desprezo e

²²³ JOUANNO, 2002, p. 194

²²⁴ II, 2. No original: Βασιλεὺς Πῶρος Ἰνδῶν Ἀλεξάνδρῳ πόλεις λεηλατοῦντι· προστάσσω σοι ἀναχωρεῖν. ἄνθρωπος γὰρ ὢν τί δύνασαι πρὸς θεόν; τί δὲ τοῖς συνοῦσιν σοι χειμασίαν παρέχεις ἀσθενέστερος ὢν πρὸς μάχην, δοκῶν σθεναρώτερός μου εἶναι; ἐγὼ οὖν ἀήττητός εἰμι· οὐ μόνον ἀνθρώπων τυγχάνω βασιλεὺς, ἀλλὰ καὶ <θεῶν>, Διόνυσον ἔχων ἀπειλοῦντά σοι ἐνταῦθα, ὃν λέγουσι θεόν. ὥστε οὖν οὐ μόνον συμβουλευέω ἀλλὰ καὶ κελεύω σοι διὰ τάχους ἀπαίρειν εἰς τὴν Ἑλλάδα. οὐ γὰρ φοβήσῃ με ἡ πρὸς Δαρεῖόν σου μάχη οὐδὲ τῶν ἄλλων ἐθνῶν, ὅσα κατὰ τὴν ἐκείνων ἀδρανίαν ἐγένετο τυχερῶς· σὺ γὰρ δοκῶν σθεναρώτερός ὑπάρχει. ὥστε οὖν ἄπαραι εἰς τὴν Ἑλλάδα. εἰ γὰρ χρεῖαν εἶχονεν τῆς Ἑλλάδος, πάλαι πρὶν Ξέρξου κατεδουλωσάμεθα αὐτὴν Ἰνδοί, νῦν δὲ ὡς ἀχρεῖον ἔθνος τυγχάνον <καὶ> παρ’ αὐτοῖς μηδὲν ἄξιον βασιλικῆς θεωρίας ὑπάρχον οὐκ ἐπεστράφημεν. πᾶς γὰρ τὸ κρεῖττον ἐπιθυμεῖ.

desinteresse pela Grécia, que ele não conquistou só por não ser atrativa, e manda que Alexandre retorne.

Alexandre lê novamente a carta em público, os exércitos ficam ansiosos, e ele os exorta a não se preocuparem. Como anteriormente tinha comparado Dario ao cão que late, não tendo forças para atacar, aqui, usa outra metáfora com animais: “da mesma forma como os animais da região deles, tigres, leões, elefantes, se orgulham de sua nobreza, facilmente são caçados pela espécie humana”.²²⁵

O episódio é bem mais breve que o de Dario, não encontrando atrasos, longas cartas ou suspensões da narrativa, mas se encerrando nos dois capítulos seguintes. Em I, 4, Alexandre, vendo que perderia uma batalha contra os exércitos de Poro, resolve pedir contra ele um duelo corpo a corpo, que vence ao enfiar a espada entre as costelas de seu inimigo no momento em que ele se distrai com um barulho vindo de seu exército. Com a morte de Poro, o exército inimigo volta a batalhar contra o seu e, sabendo que Alexandre não teria chances contra eles, consegue convencê-los através de uma conversa. Alexandre primeiramente pergunta por que os indianos reiniciaram a batalha após a morte de rei, e eles respondem que não querem ser aprisionados. Ele resolve a questão pedindo que cessem a guerra e que voltem para a cidade: são homens livres, sem culpa na decisão de Poro de lutar contra os macedônios. Assim, Alexandre tanto vence uma guerra quanto conserva a paz através das palavras.

1.6. A correspondência e as mulheres

A morte de Dario, em II, 20, é narrada de forma um tanto trágica, e o trecho, feito para comover, é uma invenção construída a partir da anedota segundo a qual Alexandre teria encontrado Dario morto e o teria coberto com seu manto, em um gesto de piedade e compaixão. O rei persa havia sido agredido por dois de seus sátrapas, que buscavam recompensa da parte de Alexandre pelo assassinato cometido, mas acabam sendo punidos por isso, pelo macedônio. No caso do *Romance de Alexandre*, o encontro entre Dario e Alexandre se dá quando o persa se encontra em seus últimos momentos de vida. Alexandre clama que ele se ponha de pé e em seguida pede que ele lhe diga quem foram os homens que o feriram. Dario dá a Alexandre conselhos a respeito da fugacidade da vida, uma recomendação de não se exceder ao cumprir uma obra como a dos deuses (*érgon isótheos*) e observar e agir de acordo com as circunstâncias. Dá

²²⁵ II,2. No original: ὥσπερ γὰρ τὰ ὑπ' αὐτοὺς ζῶα, τίγρεις, λέοντες, ἐλέφαντες γαυρούμενοι τῇ περὶ αὐτοὺς γενναιότητι ῥαδίως ὑπὸ ἀνθρωπίνης φύσεως κυνηγοῦνται

uma visão da *týkhe* muito precisa: ela não distingue os reis dos outros homens e “gira ao acaso por todas as partes, com o pensamento indeciso”.²²⁶

Em seguida, Dario exprime seus últimos desejos, numa espécie de testamento oral: que Alexandre cuide de seus funerais, que ele faça de sua família sua própria e que tome a mão de sua filha, Roxana, em casamento. Aqui há um desvio: a Roxana histórica da qual temos notícias não era filha de Dario, mas uma princesa da Bactria, e Alexandre teria se casado, depois de Roxana, com Estatira, filha de Dario.²²⁷ Alexandre, depois de chorar e enlutar-se com Dario morto em seus braços, cumpre todos os pedidos do rei persa. Ao receber a confiança das últimas palavras de Dario, Alexandre assume um novo poder atrelado a seus deveres: é a vitória definitiva do macedônio contra os bárbaros persas.

A relação de Alexandre com a família de Dario não é exposta pela voz do narrador, mas é contada através de uma série de cartas, no capítulo 22 do segundo livro. As cartas aqui, novamente, apresentam-se como um recurso narrativo de veracidade e, para que tal troca de correspondências se efetive, justifica-se que a família de Dario não estaria na companhia de Alexandre, mas a dois dias de distância. Alexandre escreve primeiro uma carta que se abre da seguinte forma: “Rei Alexandre para Estatira, Rodó e Roxana, minha noiva, salve!”.²²⁸ Não temos filiações reais ou divinas envolvidas nem da parte do remetente, nem da parte do destinatário. Esta primeira carta consiste em certo movimento de inculpabilidade de Alexandre, em que ele diz às mulheres que não tinha o interesse de matar Dario, mas dar a ele um cargo em seu reinado. Em seguida, depois de descrever a morte do persa, resume bastante o testamento oral, com seus últimos desejos, sintetizando-o em uma única frase. Alexandre explica que já cuidou de funerais segundo o costume persa e também já puniu os culpados pela morte de Dario. Tudo o que estava pendente, portanto, já foi resolvido por ele. Em seguida, Alexandre faz suas prescrições: que o luto das mulheres se suspenda, pois ele as levará de volta ao palácio que pertence a elas, e que, se Roxana também desejar – ou seja, de novo mostra-se a inclinação ética de Alexandre e o exemplo moral que ele dá, ao conferir se a mulher que lhe foi prometida realmente concorda em se casar com ele –, cumpra-se esta ordem: “Quero e ordeno que ela seja reverenciada desde agora como mulher de Alexandre”.²²⁹

²²⁶ I, 20. No original: ἡ τύχη γὰρ οὐκ οἶδε βασιλέα οὔτε μὴν πλῆθος ἔχοντα, ἀκρίτῳ δὲ γνώμῃ πανταχόθεν ῥέμβεται.

²²⁷ GUAL, 2008, p. 108.

²²⁸ II, 22. No original: Βασιλεὺς Ἀλέξανδρος Στατείρα καὶ Ροδό καὶ Ρωξάνῃ τῇ ἐμῇ γυναικὶ χαίρειν.

²²⁹ II, 22. No original: προσκυνεῖσθαι δὲ ἀπὸ τοῦ νῦν ὡς Ἀλεξάνδρου γυναῖκα βούλομαι καὶ κελεύομαι.

Em seguida, Rodó e Estatira respondem com uma carta que é composta basicamente de muitos elogios e bons desejos à figura de Alexandre:

Para o rei Alexandre, salve! Rezamos aos deuses celestes, que derrubaram o nome de Dario e a jactância dos persas, para que te consagrem rei eterno do mundo habitado com a sua razão (*logismói*), prudência (*phronéseí*) e pleno poder (*dunámei anápleon*). Sabemos que nos seus braços podemos viver bem, você nunca abusou de nós como cativas. Rezamos à providência no alto (*áno pronoíai*) para oferecer a você ótimos anos, e que você se torne senhor por tempos imensuráveis. Os seus feitos mostram que você pertence a uma linhagem superior, da qual nasceu. Agora nós não somos mais cativas e vemos Alexandre nascer para nós como um novo Dario. Reverenciamos Alexandre, o que não nos desonrou. Escrevemos em todos os lugares: “povo persa, vejam agora que Dario encontrou o grande rei Alexandre ao morrer. A sorte (*týkhe*) conduziu Roxana para o casamento com Alexandre, rei de todo o mundo habitado. Todos demonstrem a Alexandre a gratidão que ele merece. Louvem conosco proclamando o grande rei Alexandre”. Mostramos estas coisas aos persas. Passe bem!²³⁰

De alguma forma, as mulheres da família de Dario estão praticamente reiterando tudo aquilo que o narrador do romance quer demonstrar a respeito de Alexandre ao longo de sua narrativa. Primeiro, a questão divina: elas rezam aos mesmos deuses que derrubaram os persas que Alexandre seja o “rei eterno do mundo habitado” e também pedem à providência que lhe dê “ótimos anos, e que você se torne senhor por tempos imensuráveis”. Vem de novo a informação de que ele pertence a uma linhagem superior e que foi a *týkhe* que conduziu Roxana a se casar com ele. Em segundo lugar, elas destacam três características de Alexandre: seu *logismós*, a razão, o raciocínio, a inteligência, sua *phrónesis*, sua prudência, e seu poder, *dýnamis*, caracterizado como *anápleos*, repleto, completo. Em seguida, enaltecem o respeito de Alexandre com relação às mulheres e compõem um elogio público. Certa agenda apologética com relação a Alexandre – e às características que possuiria um homem de qualidade –, antes disfarçadas, se tornam bastante explícitas nesse discurso.

Entretanto, onde poderia haver uma relação de amor – como existe nos romances gregos antigos propriamente ditos –, em uma troca de cartas entre Alexandre e Roxana, a única indicação de que os dois tiveram algum tipo de conversa é uma frase:

²³⁰ II, 22. No original: Ἀλεξάνδρῳ βασιλεῖ χαίρειν. ἡυξάμεθα <τοῖς οὐρανίοις θεοῖς> τοῖς κλίνασι τὸ Δαρείου ὄνομα καὶ τῶν Περσῶν καύχημα, ὅτι σε αἰώνιον βασιλέα τῆς οἰκουμένης ἀνέδειξαν λογισμῶ καὶ φρονήσει καὶ δυνάμει ἀνάπλεον. οἶδαμεν δὲ ὅτι ὑπὸ τὰς σὰς ἀγκάλας οὔσαι, <καλῶς ζῶμεν> [ὡς αἰχμάλωτας οὐκ καὶ ἐξρέσω ἡμᾶς]. ἐπευχόμεθα οὖν τῇ ἄνω προνοίᾳ, καὶ ἔτη κάλλιστα παρασχεῖν σοι τὰ ἔργα, ὅτι ἐξ ὑπερεχούσης πυλῆς γεγενεμένος ὑπάρχεις. νῦν δὲ ἡμεῖς οὐκετι ἐσμεν ὡς αἰχμάλωται καὶ οἶδαμεν Ἀλέξανδρον νέον Δαρεῖον γεγονέναι ἡμῖν. Ἀλεξάνδρῳ προσκυνοῦμεν τῷ μὴ κατασχύναντι ἡμᾶς. ἐγράψαμεν δὲ πανταχοῦ· ἰτὸ τῶν Περσῶν ἔθνος, ἰδοὺ νῦν Δαρεῖος τελευτήσας εὖρεν Ἀλέξανδρον μέγιστον βασιλέα· ἡ γὰρ τύχη Ῥωξάνην ἄγει πρὸς γάμον Ἀλεξάνδρου βασιλέως πάσης τῆς οἰκουμένης. πάντες οὖν προσαγάγετε Ἀλεξάνδρῳ εὐχαριστίας ἀξίως, ὅτι τῶν Περσῶν τὸ καύχημα μειζόνως νῦν ὑψώθη. ἀγαλλεσθε οὖν σὺν ἡμῖν μέγιστον βασιλέα Ἀλέξανδρον ἀναγορεύσαντες.¹ ἔρρωσο.

“Em outra carta [Alexandre] escreveu a Roxana a respeito de suas expectativas”.²³¹ Em seguida, testemunhamos um gesto prático: Alexandre pede à mãe, também através de uma carta, roupas e ornamentos para o casamento. O casamento com Roxana, por sua vez, poderia muito bem receber, em seguida, certo tom erótico característico do romance grego antigo, mas ele é descrito com economia, informando que, depois de receber o vestuário que pediu a sua mãe, Alexandre realiza o casamento no palácio de Dario. Conclui-se o capítulo com a seguinte frase: “Quem era capaz de imaginar o encanto que tinham, tendo nascido ali naquele tempo?”.²³²

Sobre a mudez de Roxana, Rosenmeyer comenta que a esposa de Alexandre acaba sendo tratada, de alguma forma, como uma mercadoria, de maneira bem diferente da atuação de outras mulheres ao longo da narrativa: “Assim, mulheres participam sim nessa história como leitoras e escritoras, e outras vão ter um papel importante mais à frente. Mas Roxana é muda, uma pessoa sobre a qual se escreve, mas que ela mesma nunca escreve, um objeto de troca entre reis, assim como as próprias cartas”.²³³

Outra mulher com quem Alexandre troca cartas e tem um papel importante na narrativa é Candace. Sua história acontece entre os capítulos 18 e 24 do terceiro livro. Segundo os tradutores e comentadores do texto, o romancista novamente desrespeita e confunde nomes e localidades: localiza Candace no palácio de Semíramis, que seria na Babilônia e, ao mesmo tempo, a coloca em Béroe, que seria na verdade Méroe, antiga capital da Etiópia. Além disso, sabe-se que Candace não é um nome próprio, mas um título que recebiam as rainhas etíopes. Essa narrativa teria origem em outro romance epistolar independente, relativo a um episódio em que Alexandre teria estado no Egito antes da existência de Alexandria e antes que fosse o senhor do mundo. Em outras tradições, narra-se um envolvimento amoroso maior entre Alexandre e a rainha Candace.²³⁴ Isso posto, Jacqueline Arthur-Montaigne afirma que a troca de cartas com Candace gera uma maior impressão de verdade, no momento em que ela é colocada em um mesmo status de correspondência que outros personagens:

²³¹ II, 22. No original: Ἐν ἑτέρῳ δὲ ἔγραψεν καὶ Ῥωξάνῃ τὰ δόξαντα αὐτῷ.

²³² II, 22. No original: καὶ τίς ἱκανὸς διηγήσασθαι τὴν ἐκεῖ τότε γεναμένην χαράν;

²³³ ROSENMEYER, 2003, p. 184. No original: “So women do participate in this story as both writers and readers, and others will play important parts later on. But Roxana herself is mute, a person who is written about but never writes herself, an object of exchange between kings, much like the letters themselves.”

²³⁴ GUAL, 2008, p. 148. BOUNOURE, SERRET, 2004, p. 254. THIEL, 1984, p. 190.

Inicialmente, a identidade de Candace torna um problema qualquer tentativa de categorizar esta carta entre as cartas documentais no *Romance de Alexandre*, porque seu status semimítico mina um critério central de plausibilidade. As cartas documentais são credíveis porque colocam a correspondência entre caracteres históricos, e a rainha Candace de Méroe não é histórica da mesma maneira que Alexandre ou Dario III.²³⁵

Alexandre começa o breve diálogo epistolar com uma carta em cuja abertura ele não se enaltece nem distribui ameaças, nem exige impostos, mas apenas remete a si mesmo como *basileus Aléxandros*, rei Alexandre e, ao que parece, pede para conhecer a região:

O rei Alexandre para a rainha Candace de Béroe e para os príncipes sob o seu poder, salve! Caminhando pelo Egito, escutei a respeito dos templos daqui, a respeito das suas habitações e dos túmulos, e escutei que por algum tempo vocês foram senhores do Egito. Por isso, envio esta carta a vocês. Avaliem e então enviem uma carta de volta para nós, se isso lhes parecer oportuno. Passem bem!²³⁶

A resposta de Candace vem a seguir:

Rainha Candace de Béroe e todos os seus príncipes para o rei Alexandre, salve. Não nos julgue pela cor da nossa pele, porque temos as almas mais claras do que os mais brancos entre os seus. Temos aqui uma multidão de 80 tropas pronta para fazer o mal àqueles que nos atacam. Os embaixadores que enviamos levam para vocês 100 barras sólidas de ouro, 500 jovens etíopes, uma coroa de mil libras de ouro com esmeraldas, 10 fios com inumeráveis pérolas, dez estáteres,²³⁷ 80 caixas de marfim e diferentes bichos originários daqui: 5 elefantes, 10 leopardos domados, 30 cães comedores de gente em suas jaulas, 30 touros de guerra, 300 dentes de elefante, 300 peles de pantera, 3.000 varas de ébano. Então, envie alguém para receber essas coisas prontamente e nos escreva a respeito de você, quando você for rei de todo o universo habitado. Passe bem!²³⁸

²³⁵ ARTHUR-MONTAIGNE, 2014, p. 167. No original: Initially, Candace's identity problematizes any attempt to categorize this letter among the documentary letters in the AR, because her semi-mythical status undermines a central criterion of plausibility. Documentary letters are credible because they posit correspondence between historical characters, and Queen Candace of Meroë is not historical in the same way as Alexander or Darius III.

²³⁶ III, 18. No original: Βασιλεὺς Ἀλέξανδρος βασιλίσση Κανδάκη τῇ ἐν Βερόῃ καὶ τοῖς ὑπ' αὐτὴν τυράννοις χαίρειν. πορευόμενος εἰς Αἴγυπτον ἤκουσα παρὰ τῶν ἐκεῖ ἱερῶν περὶ τῶν οἰκητηρίων ὑμῶν καὶ τῶν τάφων, καὶ ὅτι χρόνον τινὰ ἐκυριεύσατε Αἰγύπτου. διὸ ἔπεμψα πρὸς ὑμᾶς. βουλευσάμενοι οὖν πέμψατε ἡμῖν ὃ ἂν φαίνεται ὑμῖν. ἔρρωσθε.

²³⁷ Estáter, moeda de prata ou de ouro (4 e 20 dracmas respectivamente).

²³⁸ III, 18. No original: Βασιλίσσα Βερόης Κανδάκη καὶ πάντες οἱ τύραννοι βασιλεῖ Ἀλεξάνδρῳ χαίρειν. μὴ καταγνώς τοῦ χρωτὸς ἡμῶν. ἐσμέν γὰρ ταῖς ψυχαῖς λαμπρότεροι τῶν παρὰ σοὶ λευκοτάτων. ὑπάρχομεν δὲ εἰς πλῆθος σκυτάλοι π' ἐν ἐτοίμῳ πρὸς τοῦ<ς> ἐπιόντας κακοποιεῖν. κομίζουσι δέ σοι οἱ παρ' ἡμῶν σταλέντες πρέσβεις χρυσοῦ πλίνθους ὀλοσφυρήτους ρ', Αἰθίοπας ἀνήβους φ', σφίγγας ς', καὶ στέφανον διὰ σμαράγδων λιτρῶν χιλίων χρυσίου, μαργαριτῶν ἀ[με]τρήτων ὀρμαθοὺς ι', ἐσφραγισμένους [στατῆρας δέκα], γλωσσόκομα ἐλεφάντινα π', καὶ θηρίων γένη διάφορα τῶν παρ' ἡμῖν ἐλέφαντας ε', παρδάλεις ἡμέρους ι', καὶ ἐν ταῖς γαλεάγραις κύνας ἀνθρωποφάγους λ', ταύρους μαχίμους λ', ὀδόντας ἐλεφάντων τ', δοράς παρδάλων τ', ῥάβδους ἐβελίνους γ. πέμψον οὖν οὓς βούλει τοὺς παραληψομένους αὐτὰ εὐθέως, καὶ γράψον ἡμῖν τὰ περὶ σοῦ, ὅτι πάσης τῆς οἰκουμένης ἐβασίλευσας. ἔρρωσον.

Candace também se apresenta com simplicidade: da rainha e todos os príncipes de sua comitiva ao rei Alexandre, ela escreve sem se elevar ao posto de deusa ou rainha das rainhas e coloca Alexandre no mesmo nível que atribui a si mesma. A carta começa pedindo que seu povo não fosse julgado pela cor da pele, pois eles teriam *almas claras*. Nenhum dos comentadores se arrisca a discutir essa afirmação, mas podemos pensar que ela aqui está fazendo um movimento aproximativo ou defensivo com relação a Alexandre. Candace coloca-se desde as primeiras palavras, portanto, como diferente. Não podemos afirmar que havia neste momento uma espécie de protorracismo, em que pessoas de peles escuras ocupavam uma hierarquia abaixo das pessoas de pele clara, entretanto, podemos afirmar com certeza que existe a questão da diferença entre os dois, em que o homem macedônio de pele clara é o conquistador, pronto para dominar os espaços que lhe são alheios, diferença esta que também se dá pelo sexo. Rosenmeyer destaca o tom leve de ameaça que Candace assume ao falar do número de tropas que possui, passando a mensagem, nas entrelinhas, de que Alexandre não deve se aproximar, como ele requisita em sua carta. Os tributos são em seguida espontaneamente dados a Alexandre, como se ela adivinhasse o verdadeiro objetivo da carta, uma abundância de coisas que vão de homens para compor tropas até joias, objetos, materiais valiosos e animais exóticos, o que inclui elefantes e cães antropófagos,²³⁹ mais imagens que têm o objetivo de deslumbrar o leitor.

Candace conclui a carta solicitando que Alexandre escreva quando for rei de todo o universo habitado, e a sentença final fica entre o sincero e o irônico, como afirma Rosenmeyer:

Poderíamos lê-la como sincera, assumindo que Candace está curiosa para saber mais sobre a empreitada e o líder bem-sucedido. Esta interpretação se encaixa com a iniciativa de fazer a pintura de Alexandre, sem seu conhecimento, que ela dependura em seu palácio (III.19), lembrando-nos dos emissários persas no livro I, que fizeram exatamente a mesma coisa para Dario. Por outro lado, se lermos esta carta como hostil ou irônica, o que sugere que ninguém poderia tornar-se o rei do mundo inteiro, então ela não precisará se preocupar em ouvir de novo sobre Alexandre; neste caso, é uma forma indireta de dizer “não escreva de novo”.²⁴⁰

Enquanto Dario e Poro aparecem sob o signo da fanfarronice, Candace figura no romance como uma personagem enigmática. É difícil saber, através da primeira

²³⁹ ROSENMEYER, 2003, p. 183

²⁴⁰ Ibid, p. 185. No original: We could read it as sincere, assuming that Kandake is curious to find out more about such an enterprising and successful leader. This interpretation fits with Kandake's commission of a painting of Alexander, made without his knowledge, which she hangs in her palace (3.19), reminding us of the Persian emissaries in book 1 who had done precisely the same thing for Darius. On the other hand, if we read it as hostile or ironic, it suggests that no one could possibly become king of the whole world, so she will not have to worry about hearing ever again from Alexander; in this case, it is an indirect way of saying “don't write back.”

carta, o que ela realmente deseja ou vai realizar. Além disso, ela é capaz de compor ardis: quando Alexandre manda um mensageiro para receber seus tributos, Candace encomenda de um pintor grego de sua corte, em segredo, um retrato de Alexandre, o qual ela recebe e esconde para que cumpra seu papel em um momento mais adiantado da narrativa.

Em seguida, acontece um episódio que une Candace e Alexandre: Candaules, o filho de Candace, é atacado pelo tirano dos bébrices e tem sua mulher sequestrada por eles. Ptolomeu, o general de Alexandre, conversa com Candaules, e quando Ptolomeu vai buscar Alexandre para resolver o problema, o macedônio cria um stratagema: disfarça Ptolomeu como se fosse Alexandre, colocando sua coroa e seu manto, e ele mesmo finge ser Antígono, um chefe da guarda. Antígono descreve um plano para resgatar a mulher de Candaules: incendiar a cidade à noite e não entrar nela de dia, preservando a segurança da mulher ao tomá-la do tirano. A cena toda adquire tons cômicos e dramáticos ao jogar com o disfarce de Alexandre. Por exemplo, há a passagem em que Candaules se atira aos pés de Alexandre-Antígono, dizendo: “Oh, como você é inteligente, Antígono! Quem dera se você fosse Alexandre, e não o guarda de Alexandre!”²⁴¹ e, no momento em que incendeiam a cidade, a própria população vai até o leito do tirano para arrancar a mulher de Candaules dali e devolvê-la ao marido.

Em retribuição, Candaules oferece a Alexandre-Antígono que ele vá até sua mãe para receber honras e presentes. Alexandre responde dizendo que *deseja ver* a terra de Candaules, e aqui vemos marcada a *curiosidade* de Alexandre, bem típica do personagem do romance, oposta às grandes tentativas de tomar e conquistar terras estrangeiras. Nos capítulos 20 e 21, temos a descrição de maravilhas que Alexandre encontra tanto no caminho para o palácio de Candace quanto dentro do próprio palácio, construções feitas, novamente, para maravilhar o leitor. Até mesmo Candace é descrita, ela mesma, como uma maravilha: “No dia seguinte, Candace apareceu brilhando com a sua coroa de rainha. Ela era bem alta e tinha a aparência de uma semideusa, de forma que Alexandre pensou ser ela Olímpia, a sua própria mãe”.²⁴² O tom erótico que estaria presente em outras versões do livro aqui está ausente, uma vez que a beleza de Candace é comparada à mãe de Alexandre, e a reação de Alexandre ao notar a graça de uma mulher é bem diferente da de Nectanebo, no começo do livro. Podemos pensar

²⁴¹ III, 20. No original: ὦ τῶν φρενῶν σου, Ἀντίγονε· εἶθε σὺ ἦς Ἀλέξανδρος καὶ μὴ ὑπερασπιστῆς Ἀλεξάνδρου.

²⁴² III, 22. No original: Τῇ οὖν ἐξῆς ἡμέρᾳ ἡ Κανδάκη προῆλθε βασιλικῶ διαδήματι ἐμφαίνουσα, ὑπερμεγέθη τὴν ἡλικίαν καὶ τὴν μορφήν ἡμίθεον ἔχουσα, ὡς δοκεῖν Ἀλέξανδρον εἶναι τὴν ἑαυτοῦ μητέρα Ὀλυμπιάδα.

também que Alexandre é representado como comedido em relação aos desejos sexuais como mais uma característica positiva de sua personalidade.

Pelo retrato que possui, conseguido por seu ardil anterior, Candace prontamente descobre a identidade de Alexandre, e é a primeira vez no romance que um estratagema do macedônio é desvendado com rapidez. Transcorridos alguns dias no palácio, no capítulo 22, Candace revela que sabe do disfarce e mostra-se muito superior a Alexandre em esperteza:

Por que você treme, Alexandre, e se perturba? O destruidor de persas, o matador de indianos, derrubando os monumentos dos medos e dos partos, demolindo todo o Oriente, agora sem guerra e sem exércitos está na mão de Candace. Agora você sabe, Alexandre, que quem presume ser mais esperto do que as pessoas, outra pessoa vai ser mais esperta do que ele. Porque a inteligência de Candace ultrapassou a sua astúcia, Alexandre.²⁴³

É interessante como ela afirma que o derrota “sem guerra e sem exércitos” (*khōrīs polémou kai strateías*), mas através da esperteza, que é uma grande qualidade, assim como acontecia em cada tentativa de Alexandre em vencer Dario sem batalhas. Nesse diálogo e no contexto do romance, a inteligência é o que vale mais e o que prova a superioridade de um personagem em relação ao outro.

O episódio não termina com essa revelação, mas se desenvolve em direção a uma briga entre os dois filhos de Candace, Candaules e Toas, seu irmão mais novo, cuja mulher é filha de Poro. Toas quer matar Antígono, mensageiro de Alexandre, para vingar a morte do sogro. Enquanto isso, Candaules, que teve a mulher salva por Antígono-Alexandre, se opõe a ele. Candace pede a Alexandre que pense em um estratagema para resolver aquela questão, e ele, através de palavras, convence os filhos de Candace de que nada vale matar um mensageiro de um homem que possui uma grande quantidade de mensageiros. No entanto, oferece algo em troca: que eles deem uma parte dos presentes prometidos a ele agora, deixando outra parte para que Alexandre vá recebê-los, de forma que eles próprios possam cuidar da vingança contra o macedônio.

A vingança em questão não acontece, pois Alexandre parte sem revelar sua verdadeira identidade, não chegando a voltar para a companhia de Candace e sua família. Entretanto, recebe da rainha Candace um elogio final: “Antígono, queria que você fosse meu filho, porque por sua causa, eu poderia ser a senhora de todos os povos.

²⁴³ III, 22. No original: τί τρέμεις, Ἀλέξανδρε, τί τετάρῃαι; ὁ Περσολέτης, ὁ Ἰνδολέτης, ὁ καθελὼν τρόπαια Μήδων καὶ Πάρθων καὶ ὅλην τὴν ἀνατολὴν καταβαλὼν νῦν χωρὶς πολέμου καὶ στρατείας ὑποχείριος γέγονας Κανδάκης. ὥστε νῦν γίνωσκε, Ἀλέξανδρε, ὅτι ὅστις δοκεῖ τῶν ἀνθρώπων ὑπερφρονεῖν μέγα, καὶ ἄλλος μείζονα τούτου φρονήσει.

Pois você não dominou povos e cidades usando a guerra, mas com sua grande sagacidade”.²⁴⁴ Novamente, parece não haver uma relação erótica entre os dois: Candace, uma mulher mais velha, o eleva não como um companheiro, mas como um filho. Na verdade, Candace torna-se, ao longo da passagem, uma espécie de duplicação de Olímpia. Duas coisas ficam claras: primeiro, constrói-se uma simetria entre a inteligência de Alexandre e a de Candace, pois uma vez ela o engana e outra ele resolve, através da esperteza, uma briga que é ao mesmo tempo política, por envolver vinganças contra reis, e doméstica, por perturbar a paz na família de Candace, evitando uma batalha entre irmãos; em segundo lugar, reafirma-se que é uma qualidade ilustrada pelo romance saber resolver questões sem violência física, mas através da sagacidade de uma mente individual.

Para fechar, outras mulheres que marcam presença no livro são as amazonas no livro III, 25-26. Existe certo movimento de normalização dos mitos no *Romance de Alexandre*, como vimos no caso de Candace: ela é historicamente abordada, mas todas as maravilhas que a cercam adquirem certo caráter fantasioso. Já as amazonas são representadas como outro povo qualquer. A diferença se dá por elas serem um grupo composto unicamente por mulheres guerreiras. É uma população com a qual Alexandre não é representado tendo contato direto, mas a troca de cartas faz as vezes de uma batalha (como foi, inicialmente, com Dario e Poro), que o macedônio consegue vencer sem precisar recorrer à guerra.

Alexandre é o primeiro a enviar uma carta, saudando não uma líder ou rainha das amazonas, mas todo o grupo: “Rei Alexandre para as amazonas, salve!”,²⁴⁵ sem necessariamente colocar títulos, evocar filiações humanas ou divinas. Para efeito de intimidação, ele enumera todas as suas conquistas,²⁴⁶ das conquistas por meio de guerra contra Dario e Poro aos acordos pacíficos com os gimnosofistas, dos quais recolheram impostos (o que não é relatado pelo narrador em momento algum), deixando-os em paz. Em seguida, Alexandre escreve que está indo em direção à terra ocupada por elas e garante que não lhes fará mal, apenas exprime o desejo de observar onde elas vivem.

A resposta das amazonas é bem mais longa que a primeira carta enviada por Alexandre. O remetente também é coletivo: “As líderes e as melhores das Amazonas”, enquanto o destinatário é simplesmente “Alexandre”,²⁴⁷ excluindo-se “rei” (*basileús*),

²⁴⁴ III, 23. No original: Ἀντίγονε, ἤθελον τοῦ εἶναι σε υἱόν μου, καὶ διὰ σοῦ πάντων τῶν ἐθνῶν κατεκράτησα. οὐ γὰρ πολέμων ἐχειρώσω τοὺς πολεμίους καὶ τὰς πόλεις, ἀλλὰ ἀγχινοῖα πολλῇ.

²⁴⁵ III, 25. No original: Βασιλεὺς Ἀλέξανδρος Ἀμαζόσι χαίρειν.

²⁴⁶ ROSENMEYER, 2003, p. 187.

²⁴⁷ III, 25. No original: Ἀμαζονίδων αἱ κράτισται καὶ ἡγούμεναι Ἀλεξάνδρῳ χαίρειν.

que antes acompanhava sempre o nome de Alexandre. No conteúdo da carta, as amazonas não permitem o acesso às próprias terras, mas se empenham em descrever seus hábitos e costumes: “Escrevemos para que você seja informado antes de vir ao nosso território, para que você não morra sem glória. Na nossa carta, mostramos com clareza as coisas da nossa região e como é virtuoso o nosso modo de vida”.²⁴⁸

A carta, segundo Rosenmeyer, pode ser lida como um misto de autobiografia e etnografia, e elas descrevem suas paisagens, cotidiano e guerras com nuances de orgulho e tons de ameaças: “as mulheres não têm medo de forças masculinas hostis”.²⁴⁹ Descrevem aspectos físicos do território – habitam uma ilha no centro de um rio –, contabilizam quantas são – 270 mil virgens armadas, um número espantoso, que pode ser lido, por si só, como uma ameaça – e falam de seus costumes, segundo os quais os homens vivem separados das mulheres e só uma vez por ano se unem em um festival dedicado a Zeus, Poseidon, Hefesto e Ares, para que filhos possam ser gerados. Das crianças nascidas, as meninas são tomadas pelas Amazonas e integradas a sua sociedade unicamente feminina aos sete anos, sendo treinadas para a guerra. Mulheres feridas, mortas ou que conseguem levar o corpo de um inimigo para a ilha são sempre recompensadas. Ao fim, concluem da seguinte forma: “Se dominamos o inimigo ou ele foge, resta para eles a vergonha, para sempre a desonra, e se eles nos vencem, serão vencedores de mulheres. Veja, rei Alexandre, se isso não vai acontecer a você... Reflita e nos escreva, nos encontrará em formação de batalha nas fronteiras”.²⁵⁰ Através dessa advertência, o que as Amazonas desejam evitar com sua carta é exatamente o que Alexandre queria evitar sempre que trocava cartas com seus inimigos – uma guerra. No caso, guerrear contra as Amazonas não apresentava vantagem alguma aos homens.

Alexandre responde a carta às Amazonas e começa se gabando novamente dos seus domínios: as três partes do mundo conhecido (que seriam a Europa, a Ásia e a África, segundo nota de Thiel)²⁵¹ e que segue reunindo os prêmios dessas conquistas. Ele também distorce o argumento de que não haveria boa reputação em lutar contra as amazonas, vencendo ou perdendo, escrevendo que o vergonhoso seria não lutar contra elas, já que lutou e dominou tantos povos. Conclui a carta tentando, ainda com certos ares de ameaça, encontrar um caminho entre as próprias demandas e a negativa categórica das inimigas:

²⁴⁸ III, 25. No original:

²⁴⁹ ROSENMEYER, 2003, p. 187.

²⁵⁰ III, 25. No original: ἐὰν δὲ ἡμᾶς νικήσωσιν, ἔσονται γυναῖκας νενικηκότες. ὅρα οὖν, βασιλεῦ Ἀλέξανδρε, μὴ τὰ αὐτά σοι συμβήσονται. βουλευσάμενος οὖν ἀντίγραφον ἡμῖν καὶ εὐρήσεις ἡμῶν τὴν παρεμβολὴν ἐπὶ τῶν ὁρίων.

²⁵¹ THIEL, 1983, p. 192.

Mas se vocês desejam habitar a própria terra sem receber a guerra, atravessem o rio, para que nós possamos vê-las. Que os homens também estejam na planície. Se vocês fizerem isso, eu juro pelo meu pai e pela minha mãe Olímpia que não vou lesar vocês. Mas receberei de vocês o imposto que quiserem, e não vamos até as suas terras. Escolham algumas das amazonas e as mandem para nós com os seus cavalos. Para cada uma das enviadas por você, daremos por mês a remuneração de um estáter de ouro e provisões. Depois de um ano, nós as enviaremos de volta, e vocês enviarão outras. Reflitam e nos escrevam de volta. Passem bem.²⁵²

Aqui, Alexandre adota a fórmula de fechamento das Amazonas: “Reflitam e nos escrevam de volta”,²⁵³ criando assim, através da repetição das palavras, uma espécie de jogo de espelhamento.

Enquanto Dario e Alexandre trocam uma grande quantidade de cartas, com as Amazonas tudo se resolve já na segunda carta, entrando em acordo no momento em que elas cedem aos pedidos e ao poder dele. Rosenmeyer afirma sobre a resposta:

O próprio ato de responder a Alexandre já é um primeiro passo para a submissão: elas foram intimidadas pela sua carta, tentadas por suas condições. Escrever para declarar sua submissão decreta o próprio feito, e no que a carta delas é enviada ao rei, também a nação se transfere de sua independência ao estado de sujeição, coloca a si mesma nas mãos do rei.²⁵⁴

Em sua resposta, elas dão a permissão para Alexandre ir até suas terras – mesmo que esta visita de Alexandre não conste na narrativa –, fazendo acordos a respeito de quantas mulheres guerreiras enviarão, quanto tempo elas devem passar com as tropas macedônias e quantos impostos ele receberá delas. A carta se encerra com uma reverência da parte delas a Alexandre, com a afirmação de que elas preferem seguir em paz em seu local, curvando-se a ele:

Te obedecemos, estando você ausente ou presente, já que escutamos sobre a sua excelência e a sua hombridade. A nós, que estamos morando à margem do mundo habitado, você veio como senhor. Resolvemos escrever, habitar a nossa própria terra e obedecer-lhe como o nosso senhor.²⁵⁵

²⁵² III, 26. No original: εἰ δὲ βούλεσθε εἰς τὴν ἰδίαν γῆν κατοικεῖν καὶ μὴ πείραν πολέμου λαβεῖν, διαβάτε [εἰς] τὸν ποταμὸν ὑμῶν καὶ ὄφθητε ἡμῖν. ὡσαύτως καὶ οἱ ἄνδρες μενέτωσαν ἐν τῷ πεδίῳ. καὶ ἐὰν ταῦτα πράξητε, ὁμνυμι ἐγὼ ἐμὸν πατέρα καὶ ἐμὴν μητέρα Ὀλυμπιάδα μὴ ἀδικῆσαι ὑμᾶς, ἀλλὰ καὶ ὃν δ' ἂν βούλεσθε φόρον λήψομαι παρ' ὑμῶν, καὶ οὐκ ἐλεύσομαι εἰς τὴν ὑμετέραν γῆν. ἃς δ' ἂν ἐκρίνατε, ἐφίππους ἐξαποστείλατε πρὸς ἡμᾶς. δίδομεν δὲ κατὰ μῆνα ἐκάστη τῶν πεμπομένων παρ' ὑμῶν ἀντιμίσθιον χρυσοῦ στατήρα καὶ σιτηρέσια. μετὰ δὲ τὸν ἐνιαυτὸν αὐταὶ μὲν ἀπελεύσονται, ἄλλας δὲ ἀποστείλατε. βουλευσάμεναι δὲ ἀντιγράψατε ἡμῖν. ἔρρωσθε.

²⁵³ ROSENMEYER, 2003, p. 189.

²⁵⁴ Ibid, p. 189. No original: The very act of writing back to Alexander is the first step in submission: they are bullied by his letter, tempted by his terms. Writing to declare their allegiance enacts the deed itself, and as the letter is handed to the king, so their nation transfers itself from independence to subject status, puts itself in the hands of the king.

²⁵⁵ III, 26. No original: πειθαρχοῦμεν δὲ σοι καὶ παρόντι καὶ ἀπόντι. ἀκηκόαμεν γάρ σου τὰς ἀρετὰς καὶ ἀνδραγαθίας· ἡμεῖς γάρ ἐσμεν παρὰ τὴν οἰκουμένην κατοικοῦντες, ἐπελήλυθας δὲ ἡμῖν ὁ δεσπότης. ἔδοξε δὲ ἡμῖν γράψαι καὶ ἐπὶ τῆς οἰκείας γῆς οἰκεῖν ἡμᾶς καὶ πειθαρχεῖν σοι ὡς δεσπότη.

De alguma forma, essa resposta das Amazonas, antes tão indômitas e agora dóceis, parece ser mais uma manobra retórica de afirmação do poder e da autoridade de Alexandre dentro do romance. Também podemos cogitar que, ao ceder, essas personagens mostram certo grau de sabedoria na lógica interna da narrativa: Dario e Poro, personagens que não se sujeitaram, personagens que sequer sabiam argumentar, acabaram por morrer.

Assim, podemos concluir que as mulheres que figuram nesses episódios que envolvem trocas de cartas são, de alguma forma, representadas com certo nível de superioridade, exclusivamente no contexto do romance, principalmente porque são capazes de resolver problemas sem guerras, através das palavras. Ao mesmo tempo, elas são exemplares por sempre reconhecerem a superioridade de Alexandre ao lhe dar tributos, no caso até mesmo de Candace, cuja grandeza intelectual chega a superar o macedônio em um dos episódios. Não resistir e render-se ao plano de Alexandre é um exemplo de sabedoria, porque ele é, de fato, o *kosmokrátor*: não há nada de heroico em resistir, o correto é aquiescer. No caso da família de Dario, sua própria mãe tenta convencê-lo a conversar com Alexandre, em vez de entrar numa guerra, como vimos anteriormente.

No entanto, o sexo feminino ainda figura com certa inferioridade, como citamos acima: Alexandre, em II, 17, faz o discurso dizendo como é vergonhoso que um homem poderoso como Dario seja derrotado por mulheres, as mulheres de sua família que ele deseja resgatar, destacando sua fraqueza de caráter, bem como as próprias amazonas afirmam que perder de mulheres – por melhores guerreiras que elas sejam – é vergonhoso. Percebemos também que, em duas ocasiões, essas personagens femininas aparecem sob o signo do exótico, no caso de Candace e das amazonas. Alexandre, viajando por um mundo desconhecido e novo aos olhos de todos, acaba por conhecer lugares onde a lógica encontra-se invertida: se os homens gregos ocupam o lugar de poder, neste mundo de extrema diferença, são as mulheres que carregam as armas e as coroas.

BÍOS E ROMANCE

1.7. Uma biografia

Após a discussão apresentada nos capítulos anteriores a respeito dos elementos narrativos do *Romance de Alexandre*, sugerimos agora outro tipo de leitura: a compreensão do livro como uma biografia. O interesse aqui não é simplesmente encaixá-lo na gaveta do gênero biográfico, a fim de dar uma resposta definitiva sobre uma suposta classificação, mas ir em direção a um ponto de vista que apresenta a vantagem de entender que, antes de tudo, a narrativa deste texto está centrada em um indivíduo, o personagem de Alexandre, o Grande, e não em acontecimentos históricos e suas distorções.

Por mais fantasioso que seja, este romance se encaixa em uma definição geral dada por Arnaldo Momigliano: “A narrativa da vida de um homem do nascimento à morte é o que eu chamo de biografia. Esta não é uma definição muito profunda, mas tem a vantagem de excluir qualquer discussão a respeito de como a biografia deveria ser escrita.”²⁵⁶ Por mais que existam grandes ficções tecidas em torno de Alexandre e suas expedições, todo o enredo parece ter menos dimensão do que os feitos realizados pelo personagem – na verdade, os acontecimentos representados pelo romance têm uma dupla função: criar deslumbramento no leitor, por certo, mas também aumentar o espaço de ações para que o personagem possa mostrar seu caráter moral, sua esperteza exemplar e sua personalidade com completude. Por outro lado, a ideia da biografia não pode ser ignorada por estar presente logo no título do romance: ao anunciar *bíos*, vida, e *práxis*, feitos, especificamente de Alexandre da Macedônia, somos imediatamente postos diante do que viveu e realizou aquele personagem específico, e não diante de conquistas, expedições e batalhas.

Brandão destaca que, de alguma forma, os próprios romances gregos antigos teriam certa dimensão biográfica: “gosto de pensar também que, aos personagens ficcionais do romance antigo, há uma espécie de biografia. Conta-se a história de suas origens, suas famílias, suas vidas cotidianas, e em seguida suas aventuras e suas viagens, até quando a moça e o rapaz se reencontram no *happy end*, o fim da linha.”²⁵⁷

²⁵⁶ MOMIGLIANO, 1993, p. 11. No original: “An account of the life of a man from birth to death is what I call biography. This is not a very profound definition, but it has the advantage of excluding any discussion of how biography should be written”.

²⁵⁷ BRANDÃO, 2005, p. 228.

Podemos pensar também que, no romance grego antigo, haveria menos foco nos acontecimentos e mais foco na vida dos personagens: não do nascimento até a morte, mas entre dois pontos de uma linha biográfica, de quando os jovens se conhecem (e têm suas vidas postas em retrospectiva) até o momento em que as aventuras e desventuras que complicam a união definitiva dos dois se concluem. Ou seja, as vidas são narradas enquanto ainda há coisas interessantes para serem narradas para o deslumbramento do leitor e, depois do final feliz, não haveria nada mais de importante naquelas realidades transformadas, depois de adversidades excepcionais, em vidas tão comuns quanto as vidas de seus leitores.

Analisando através do ponto de vista biográfico, encontramos outros três textos, além do *Romance de Alexandre*, que consistem em biografias ficcionais: o anônimo *A vida de Esopo*, a *Ciropedia* de Xenofonte e a *Vida de Apolônio de Tiana* de Filostrato. Grammatiki Karla usa o termo *biografia ficcional* para unir esses quatro livros, definindo-os como a narrativa sobre a vida de um personagem histórico ou supostamente histórico, nas quais se encontram muitos elementos ficcionais.²⁵⁸ Esses textos não seriam propriamente romances, mas teriam com eles certas afinidades: a forma em prosa, própria da narrativa historiográfica, usada para compor narrativas com certo grau de invenção, o narrador onisciente (que pode se alternar em cartas e longos diálogos) e a linearidade da narrativa.²⁵⁹

Das obras que recebemos sobre Alexandre, o Grande, Corinne Jouanno considera que apenas duas delas são relatos unicamente biográficos: o nosso *Romance de Alexandre* e a *Vida de Alexandre* de Plutarco, que faz par com a *Vida de César* nas *Vidas paralelas*. Segundo a autora, “o texto de Plutarco é uma biografia no sentido pleno do termo, o *Romance de Alexandre* é uma ficção biográfica, onde a fabulação ocupa um largo espaço – de onde vem o seu nome moderno”.²⁶⁰ O texto de Plutarco se abre justamente com uma diferenciação precisa do que seria a narrativa de uma vida e uma narrativa histórica:

Neste livro, escrevendo a vida de Alexandre, o rei, e a de César, que destruiu Pompeu, não faremos outro preâmbulo, em virtude do grande número de fatos que o tema comporta, senão pedir aos leitores que não nos considerem sicofantas se, em lugar de narrar pormenorizadamente todas as ações célebres desses dois homens, abreviarmos o relato e colocarmos de parte muitas delas. Em verdade, não escrevemos histórias (*historias*), mas vidas (*bíos*), e nem sempre é nos feitos mais notáveis que se manifesta a virtude ou o vício. Ao contrário, sucede com frequência que um fato comezinho, uma

²⁵⁸ KARLA, 2009, p. 13

²⁵⁹ Ibid, p. 15

²⁶⁰ JOUANNO, 2009, p. 98. No original: “le texte de Plutarque est une biographie au plein sens du terme, le Roman d'Alexandre une fiction biographique, où l'affabulation occupe une large place - d'où son appellation moderne”.

palavra, uma brincadeira revelem bem mais nitidamente o caráter (*éthos*) que os combates onde se contam milhares de mortos, as batalhas cerradas e os assédios mais espetaculares. Assim como os pintores captam a semelhança a partir dos traços do rosto, que denunciam o caráter, e pouco se ocupam das outras partes do corpo, assim também seja-nos lícito penetrar de preferência nos sinais distintivos da alma e, com ajuda deles, representar a vida de cada qual, deixando para outros o aspecto grandioso dos acontecimentos e das guerras.²⁶¹

Jouanno destaca três pontos essenciais da declaração de Plutarco: o primeiro, a narrativa se encontra focalizada em um personagem em detrimento do contexto histórico, e esse contexto, na coleção de *Vidas* de Plutarco, serve mais como um cenário da narrativa; em seguida, existe uma aproximação entre as artes visuais e a escrita da biografia – ambas querem evidenciar o personagem de forma que ele possa ser visível aos olhos; e em terceiro lugar, há uma leitura moral da vida de Alexandre, que implica o emprego do termo *éthos*, o texto tendo interesse em narrar vícios e virtudes, em uma perspectiva moral e pedagógica.²⁶² Momigliano, por sua vez, destaca que a biografia teria também uma raiz filosófica, sendo de interesse de homens bem educados, fornecendo a essas pessoas informações sobre a vida e o caráter de poetas, filósofos e reis, mas, ao mesmo tempo, “a riqueza de detalhes estranhos, anedotas picantes, pretendiam satisfazer a curiosidade do leitor comum”,²⁶³ para o qual serviriam de entretenimento.

Apesar de reflexões metodológicas profundas estarem ausentes do prefácio do *Romance de Alexandre*, podemos ver que reside justamente no *bíos* definido por Plutarco a semelhança entre os dois textos: ambos estão preocupados com um indivíduo em particular e narram sua vida através tanto das coisas por eles realizadas quanto através da exposição do *éthos* de cada um. Plutarco foca o texto em expor a *areté* e o *kakía*, virtude e vício do *éthos*, do caráter de Alexandre, criando assim um personagem rico. Entretanto, mesmo tendo o *kakía* em si, a imagem construída é muito mais positiva e exemplar do que negativa, sendo um modelo de homem de coragem, de

²⁶¹ PLUTARCO. Vida de Alexandre, 1.1. Tradução de Hélio Vega, com alterações. No original: Τὸν Ἀλεξάνδρου τοῦ βασιλέως βίον καὶ τὸν Καίσαρος, ὃν οὐ κατελύθη Πομπήϊος, ἐν τούτῳ τῷ βιβλίῳ γράφοντες, διὰ τὸ πλῆθος τῶν ὑποκειμένων πράξεων οὐδὲν ἄλλο προερούμεν ἢ παραιτησόμεθα τοὺς ἀναγινώσκοντας, ἐὰν μὴ πάντα μηδὲ καθ' ἕκαστον ἐξεργασμένως τι τῶν περιβοήτων ἀπαγγέλλωμεν, ἀλλ' ἐπιτέμνοντες τὰ πλεῖστα, μὴ συκοφαντεῖν. οὔτε γὰρ ἱστορίας γράφομεν, ἀλλὰ βίους, οὔτε ταῖς ἐπιφανεστάταις πράξεσι πάντως ἐνεστι δῆλως ἀρετῆς ἢ κακίας, ἀλλὰ πρᾶγμα βραχὺ πολλάκις καὶ ῥῆμα καὶ παιδιὰ τις ἔμφασιν ἥθους ἐποίησε μᾶλλον ἢ μάχαι μυριόνεκροι καὶ παρατάξεις αἱ μέγισται καὶ πολιορκίαι πόλεων. ὥσπερ οὖν οἱ ζωγράφοι τὰς ὁμοιότητας ἀπὸ τοῦ προσώπου καὶ τῶν περὶ τὴν ὄψιν εἰδῶν οἷς ἐμφαίνεται τὸ ἥθος ἀναλαμβάνουσιν, ἐλάχιστα τῶν λοιπῶν μερῶν φροντίζοντες, οὕτως ἡμῖν δοτέον εἰς τὰ τῆς ψυχῆς σημεῖα μᾶλλον ἐνδύεσθαι, καὶ διὰ τούτων εἰδοποιεῖν τὸν ἐκάστου βίον, ἐάσαντας ἐτέροις τὰ μεγέθη καὶ τοὺς ἀγῶνας.

²⁶² JOUANNO, 2009, p. 100.

²⁶³ MOMIGLIANO, 1995, p. 84. No original: “the wealth of strange details, of piquant anecdotes, was ultimately meant to satisfy the curiosity of the common reader”.

ousadia e de excelência. Suas principais características são positivas, como o domínio de si (*egkráteia*), a temperança (*sophrosýne*), a amabilidade (*praótes*) e a *filantropia*.²⁶⁴ Jouanno define que a personalidade deste Alexandre é exposta de duas formas, colocando em sobreposição duas forças contrárias: o *lógos* e o *thymós*. Nesse caso, se o *thymós* sobrepuja o *lógos*, Alexandre deixa de ser racional e mestre de si mesmo, caindo na desmesura e na extravagância.²⁶⁵ Entretanto, a função apologética do texto se mostra quando Plutarco, depois de narrar um *kakía* de Alexandre, coloca o acontecimento sob justificativa, dando a ele circunstâncias atenuantes.²⁶⁶

Assim, enquanto Plutarco cria um Alexandre repleto de nuances, recusando os sentidos míticos que teriam sido construídos em torno de sua figura e substituindo-os por explicações racionais (o que, mesmo assim, não impede que seu texto também contenha invenções),²⁶⁷ autores dos diversos romances de Alexandre inventam, fabulam, recheiam os sentidos com humor, com coisas extraordinárias, com misticismo, compondo um Alexandre que é, pouco a pouco, vertido em ser mitológico. Além disso, o biografado figura no romance em sua excelência de forma integral, não existindo o contraste interno de vícios e virtudes, mas uma imagem completamente elogiosa, onde defeitos de caráter não têm vez. Como afirma Jouanno, as sombras que existiam em versões anteriores do romance foram apagadas em nossa recensão β, e as características negativas se tornaram praticamente imperceptíveis.²⁶⁸

A matéria que compõe o fazer biográfico é semelhante à matéria que compõe um romance grego antigo: diversificada e múltipla. Momigliano afirma que, antes de sua formação como gênero consolidado, as biografias teriam como precursores certos conjuntos de textos da Antiguidade. Por exemplo, nota-se a existência de certo aspecto biográfico em narrativas das vidas de “deuses e heróis, que nasciam e não morriam, ou ao menos morriam uma morte que era apenas o começo de um novo período de atividade”²⁶⁹. A biografia e a autobiografia também estariam precedidas em outros tipos de textos, como orações fúnebres ou canções em honra aos mortos,²⁷⁰ ou até mesmo na escultura do século V a.C, em retratos que transmitem características particulares da fisionomia de uma pessoa.²⁷¹ Também são sementes da biografia os relatos escritos ou

²⁶⁴ JOUANNO, 2009, p. 104.

²⁶⁵ Ibid, p. 105.

²⁶⁶ Ibid, p. 105.

²⁶⁷ Ibid, p. 102.

²⁶⁸ Ibid, p. 108-109.

²⁶⁹ MOMIGLIANO, 1993, p. 11-12. No original : “gods and heroes who were born but did not die, or at least died a death which was only the beginning of a new periof of activity”.

²⁷⁰ MOMIGLIANO, 1995, p. 24.

²⁷¹ MOMIGLIANO, 1995, p. 38.

orais de narrativas de viagens, como a própria *Odisséia*, que conta com o apólogo de Odisseu, uma narrativa em primeira pessoa que ocupa quatro cantos da obra,²⁷² na qual o herói ele mesmo se ocupa em falar de suas aventuras aos feácios. Este último episódio tem profunda relação com duas cartas presentes no *Romance de Alexandre*, que serão analisadas no último item deste capítulo. Toda essa lista serve para dizer que narrar a vida de indivíduos tinha uma importância artística no mundo grego, e que o interesse pela vivência de personagens sempre esteve presente, em menor e depois em maior grau, colocando o próprio *bíos* em evidência.

Como fontes diretas para a biografia e a autobiografia, Momigliano se refere a textos como anedotas, coleções de ditos, cartas, narrativas epistolares e discursos apologéticos,²⁷³ escritos que, vindos de diversas fontes e de invenções individuais dos autores, foram formadores de nosso *Romance de Alexandre*. Segundo Gual, são as anedotas que apresentam um papel central na formação de uma biografia:

é bem mais óbvio que não existe anedota sem biografia do que a existência de uma biografia sem anedotas. Pelo menos todas as biografias gregas – como as mais arcaicas e esquemáticas, como a dos Sete Sábios, ou a de Esopo, ou a de Homero – são pavimentadas por anedotas. E, a seguir, há biografias que são um pouco mais que um monte de ditos e feitos anedóticos, que delineiam um caráter, como muitas das *Vidas dos filósofos mais ilustres* de Diógenes Laércio.²⁷⁴

As anedotas são, sobretudo, discursos maleáveis, que correm de boca em boca e de página em página, alteradas ao gosto de quem narra, para exercer as funções narrativas que cada autor deseja. Para dar um exemplo alheio ao *Romance de Alexandre*, há uma anedota no tratado *Como se deve escrever a história* de Luciano, em que uma suposta atitude de Alexandre é usada para fornecer um modelo moral de como devem ser realizados registros históricos:

Assim fez Alexandre: quando Aristóbulo escreveu em seu combate individual com Poro e lhe leu sobretudo essa passagem do escrito (pois julgava que alegraria muito o rei, falsificando (*epipesudómenos*) certas façanhas e ficcionalizando (*anaplátton*) feitos maiores que a verdade), e então Alexandre, tomando o livro (pois eles estavam navegando no rio Hidaspe), apressou-se em jogá-lo na água, comentando: “eu devia fazer o mesmo com você, ó

²⁷² Ibid, p. 29.

²⁷³ Ibid, p. 23.

²⁷⁴ GUAL, 2006, p. 88. No original: resulta mucho más obvio que hay anécdotas sin biografía, que la existencia de una biografía sin anécdotas. Por lo menos todas las biografías griegas – incluso las más arcaicas y esquemáticas, como las de los Siete Sabios, o la de Esopo, o la de Homero – están pavimentadas de anécdotas. Y luego hay biografías que son poco más que una sarta de esos dichos y hechos anectóticos, que perfilan un carácter, como muchas de las Vidas de los filósofos más ilustres de Diógenes Laercio.

Aristóbulo, já que se mete em tais combates individuais em meu lugar e mata elefantes com um só dardo”.²⁷⁵

Aqui, Aristóbulo falsifica, ou seja, adiciona *pseûdos* à narrativa da vida de Alexandre através de um processo descrito pelo verbo *anaplátto*, que significa remodelar, inventar, imaginar. Aristóbulo está realizando um *plásma*, um processo de remodelagem de uma narrativa pré-existente ao sabor de seu objetivo de dilatar o *bíos* de Alexandre. Lembremos também que essa cena do combate, dita como falsa pela boca do próprio Alexandre representado por Luciano, está pintada com todas as cores em nosso *Romance de Alexandre*, em III, 4, em que o macedônio sugere um duelo e, no momento preciso de distração de Poro, mata-o com sua espada. Assim, o processo de criação de um *bíos* consiste em modelagem, em que o *bíos* assumiria características maleáveis de um *plásma*, um material com potencial anedótico, moldável ao sabor do contexto de uso e de cada interpretação.

Como afirma Brandão, moldar o *plásma* é também uma das potencialidades do romance grego antigo:

Ora, é sob a rubrica dos *plásmata* que geralmente se entendem estarem os romances. (...) *plasma* indica a ficção, a invenção, isto é, um entrecho modelado, modulado e simulado em que a atividade do escritor encontra seu paralelo na do escultor que, a partir da pedra, da argila ou de outro material, compõe uma figura ou uma cena.²⁷⁶

O *Romance de Alexandre* está recheado de anedotas de diversas tradições, tiradas ou não da biografia de Alexandre. Para exemplificar, podemos citar a passagem I, 18-19, em que Alexandre participa de uma corrida de carros em uma Olimpíada, vencendo seu adversário em uma cena surpreendente. Segundo Gual, o episódio é uma invenção do autor do romance, que teve como base uma frase que Alexandre teria dito que só competiria as Olimpíadas se seus oponentes também fossem reis.²⁷⁷ Nesse processo, uma simples frase se transforma em algumas páginas de um acontecimento inventado.

Outro exemplo que podemos dar é a morte de Nectanebo, no capítulo 14 do primeiro livro, quando o personagem cai no poço como Tales de Mileto, conforme o Teeteto de Platão e Diógenes Laércio, ou como um simples astrólogo de uma fábula de

²⁷⁵ LUCIANO, *Como se deve escrever a história*, 12. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. No original: “ὡςπερ Ἀλέξανδρος Ἀριστοβούλου μονομαχίαν γράψαντος Ἀλεξάνδρου καὶ Πώρου, καὶ ἀναγνόντος αὐτῷ τοῦτο μάλιστα τὸ χωρίον τῆς γραφῆς, ὥτετο γὰρ χαριεῖσθαι τὰ μέγιστα τῷ βασιλεῖ ἐπιψευδόμενος ἀριστείας τινὰς αὐτῷ καὶ ἀναπλάττων ἔργα μείζω τῆς ἀληθείας, λαβὼν τὸ βιβλίον, πλέοντες δὲ ἐτύγχανον ἐν τῷ ποταμῷ τῷ Ὑδάσπῃ, ἔρριπεν ἐπὶ κεφαλὴν ἑς τὸ ὕδωρ ἐπειπὼν, Καὶ σὲ δὲ οὕτως ἔχρῃν, ὦ Ἀριστόβουλε, τοιαῦτα ὑπὲρ ἐμοῦ μονομαχοῦντα καὶ ἐλέφαντας ἐνὶ ἀκοντίῳ φονεύοντα.

²⁷⁶ BRANDÃO, 2005, p. 70

²⁷⁷ GUAL, 2008, p. 27.

Esopo. O lugar comum do homem que, atento ao céu, não percebe um buraco no chão e cai nele é utilizado aqui para caracterizar Nectanebo como um homem mais atento às coisas do céu do que os acontecimentos na terra, acabando por morrer, não sem ser empurrado por Alexandre, enquanto observava as estrelas. Da mesma forma que se alteram e se dilatam os acontecimentos, eles podem ser livremente apropriados de outras tradições.

Deve-se ter em mente que, apesar de serem escritas de diferentes formas em diferentes épocas,²⁷⁸ as biografias “verdadeiras” acabavam sendo acompanhadas de maior ou menor dose de ficção. Momigliano cita exemplos, como a própria *Ciropedia*, que mistura o ficcional e o factual, ou Heródoto, que tentou distinguir o que era verdade do que era mentira, mas sem se privar de narrar as maravilhas, ou Ctésias de Cnido, bastante criticado por Luciano ao não fazer o esforço de separar as duas coisas. Como afirma o autor, a biografia se preocuparia em sustentar a atenção e o interesse de seus leitores. É exatamente este o processo que o *Romance de Alexandre* realiza: ao incluir maravilhas dentro de sua narrativa e expor Alexandre como um exemplo moral de ser humano excepcional em todos os sentidos, seu objetivo é maravilhar o leitor e apresentar a criação de um novo mito, como afirma Gual:

Quero destacar como esta *Vida* representa a culminação de um processo no qual, sobre um fundo histórico, se introduzem os prestígios do fabuloso e do novelesco, as anedotas mais variadas, os cenários mais exóticos, até fazer dos feitos de Alexandre uma aretalogia de um herói mítico, que substitui todos da mitologia antiga, deixados de lado por uma decadência secular.²⁷⁹

Assim, nos próximos dois subcapítulos, analisaremos os aspectos de Alexandre dentro desta biografia, em que ele é plasmado como um personagem repleto de qualidades, atributos divinos e uma curiosidade que alimenta o ímpeto por ir além.

1.8. Modelando Alexandre

Se a pintura de Alexandre feita por Plutarco é a de um homem de carne e osso, interessada em expor cada nuance de seu *êthos*, mostrando sua excelência e suas qualidades, mas sem deixar de passar pelas desmesuras de seu comportamento, o

²⁷⁸ MOMIGLIANO, 1995, p. 12.

²⁷⁹ GUAL, 2006, p. 79. No original: Si quiero destacar como esa *Vida* representa la culminación de un proceso en el que sobre un fondo histórico se han introducido los prestígios de lo fabuloso y lo novelesco, las anécdotas más variadas, los escenarios más exóticos, hasta hacer de las hazañas de Alejandro una aretalogía de un héroe mítico, que sustituye a los de la antigua mitología, ya se arrumbados por la decadencia secular.

Alexandre moldado pelo *Romance de Alexandre* é apresentado, sempre positivamente, como exemplo absoluto de caráter e atitudes, e possui características que vão além do humano, estabelecendo um contato com o divino.

Retornemos rapidamente ao prólogo da obra, que define duas coisas a respeito de Alexandre: primeiro, que ele é *gennaiótatos*, da mais nobre origem e, segundo, que seu pai não é exatamente Filipe da Macedônia, como se acredita e se propaga, mas Nectanebo. Ao longo da narrativa, percebe-se que Alexandre se torna uma espécie de filho de três pais, três elementos com valores diferentes que compõem sua *nobre origem*: Nectanebo, Filipe e o deus Amon. No entanto, o romance não deixa muito claro ou discorre sobre como cada um desses três seria pai de Alexandre. Assim, o macedônio acaba recorrendo a cada um quando bem lhe convém, de forma que cada um tem sua função na narrativa:

Mas a tripla filiação do Alexandre romanesco não é apenas a consequência da incapacidade do redator em harmonizar fontes díspares em demasia. O pseudo-Calístenes joga com as ambiguidades que ele deixou subsistir em torno do nascimento de seu herói, não somente por oportunismo, mas em função das necessidades do momento (...).²⁸⁰

Por mais humano que seja Nectanebo, devemos lembrar que ele não é um homem comum, mas um mago possuidor de poderes extraordinários, capaz de vencer guerras sem mover exércitos, produzir sonhos nas pessoas e até mesmo se transformar em cobra. Amon, por outro lado, é colocado como pai de Alexandre por Nectanebo quando este se deita com Olímpio. O ato não constitui simplesmente um artil lascivo, e durante algumas passagens do romance Amon é evocado como pai de Alexandre, mesmo que sem abandonar seu papel de divindade. Em I, 30, Alexandre vai ao templo de Amon, na Líbia, se refere a ele como “pai Amon” (*páter Ámmon*) e pede um oráculo, fazendo referência ao que Olímpio havia dito a respeito de sua origem. Em seguida, Alexandre tem uma visão de sua mãe abraçada a Amon, em que o deus lhe diz: “Filho Alexandre, você foi gerado da minha semente”,²⁸¹ Alexandre sendo, portanto, reconhecido pela própria autoridade divina como seu filho. Depois de prestar-lhe homenagens, cobrindo sua estátua de ouro e dando-lhe uma inscrição, Alexandre requisita um oráculo sobre onde fundar uma cidade e tem uma visão da figura de Amon, que lhe dá um oráculo obscuro sobre a localização da cidade em questão, que será a Alexandria. Além deste episódio significativo, na carta aos tírios em I, 35, Alexandre se

²⁸⁰ JOUANNO, 2002, p. 221. No original: “Mais la triple filiation de l’Alexandre romanesque n’est pas seulement la conséquence d’une incapacité du redacteur à harmoniser des sources trop disparates. Le Pseudo-Callisthène joue des ambiguïtés qu’il a laissées subsister autour de la naissance de son héros, pas seulement par opportunisme, en fonction de ses besoins du moment (...)”.

²⁸¹ I, 30. No original: τέκνον Ἀλέξανδρε, ἐμῆς σπορά πέφυκας.

coloca simultaneamente como filho de Filipe e Amon, como vimos no capítulo anterior, para garantir certa autoridade sobre si. Em II, 13, Amon lhe aparece vestido de Hermes em um sonho e diz que ele se disfarce de mensageiro de si mesmo para entrar na corte de Dario – Alexandre conversa com o deus, fala dos riscos, e Amon o encoraja, dizendo que, ao receber a ajuda de um deus, nada de mal pode lhe acontecer.

Jouanno afirma que Alexandre é colocado, neste texto, menos como um personagem essencialmente político ou histórico e mais como um herói fora do comum. A autora destaca que ele teria certo aspecto de *theîos anér*, um homem que teria em si características divinas,²⁸² e, simultaneamente, Alexandre define a si mesmo com modéstia, caracterizando-se como *ánthtropos phthartós* (II-22), homem perecível, mostrando-se, ao longo da narrativa, ansioso e curioso para saber quando será sua morte. Ou seja, mesmo colocado como um filho do deus Amon e privilegiado pelos deuses, ele segue sendo um homem mortal, sem direito a vida eterna ou a poderes extraordinários.

Acompanhado e escolhido pela providência divina, constroem-se em torno de Alexandre previsões a respeito de seus feitos desde antes de seu nascimento. O melhor exemplo ocorre em I, 11, quando Filipe recebe o primeiro oráculo a respeito de seu filho:

Depois de alguns dias, Filipe estava sentado em um dos bosques reais onde vivia um grande número de aves variadas. De repente, uma ave saltou do colo do rei Filipe e botou um ovo, que rolou do colo dele, se quebrando ao cair na terra. Do interior, saiu uma cobrinha, que deu uma volta por fora do ovo e tentou entrar novamente no lugar de onde tinha saído, mas ao colocar a cabeça para dentro, morreu. Perturbado, o rei mandou buscar um intérprete de sinais e explicou a ele o acontecido. O intérprete de sinais, inspirado por um deus, falou a ele:

— Rei, você terá um filho, que dará a volta no universo inteiro, submetendo tudo ao próprio poder, e ao retornar para seu próprio reinado, morrerá em pouco tempo. A cobra, pois, é um animal da realeza, o ovo representa o universo de onde a cobra saiu. Depois de dar a volta no universo, querendo entrar no lugar de onde veio, não conseguiu, mas morreu.²⁸³

²⁸² JOUANNO, 2002, p. 197.

²⁸³ I, 11. No original: Μετὰ δὲ ἡμέρας τινὰς καθεζομένου τοῦ Φιλίππου ἔν τινι τῶν βασιλικῶν τόπων συμφύτῳ ὀρνέων διαφόρων πλήθῃ ἐνέμοντο ἐπὶ τῷ τόπῳ. καὶ αἰφνιδίως ὄρνις ἀλλομένη εἰς τὸν κόλπον Φιλίππου τοῦ βασιλέως ἔτεκεν ὄν. καὶ ἀποκυλισθὲν ἀπὸ τοῦ κόλπου αὐτοῦ πεσὼν εἰς τὴν γῆν ἀπερράγη. ἀφ' οὗ ἔξεπήδησε μικρὸν δρακόντιον, ὅπερ πολλάκις κυκλεῦσαν τὰ ἔξωθεν τοῦ ὠοῦ πάλιν ἐζήτει εἰσελθεῖν ὅθεν ἐξῆλθεν· καὶ βαλὼν ἔσωθεν τὴν κεφαλὴν ἐτελεύτησεν. ταραχθεὶς δὲ ὁ βασιλεὺς Φίλιππος μετεστείλατό τινα σημειολύτην καὶ ὑφηγήσατο αὐτῷ τὸ γενόμενον. ὁ δὲ σημειολύτης εἶπεν αὐτῷ ἐμπνευσθεὶς ἐκ θεοῦ· “βασιλεῦ, ἔσται σοι υἱός, ὃς περιελεύσεται ὅλον τὸν κόσμον πάντας τῇ ἰδίᾳ δυνάμει ὑποτάσσει, ὑποστρέψων δὲ εἰς τὰ ἴδια βασίλεια ὀλιγοχρόνιος τελευτήσει. ὁ γὰρ δράκων βασιλικὸν ζῷόν ἐστιν. τὸ δὲ ὄν παραπλήσιον τῷ κόσμῳ, ὅθεν ὁ δράκων ἐξῆλθεν. κυκλεύσας οὖν τὸν κόσμον καὶ βουλόμενος ὅθεν ἐξῆλθεν εἰσελθεῖν οὐκ ἔφθασεν ἀλλ' ἐτελεύτησεν.

De fato, a profecia se cumprirá ao longo do livro: depois de conquistar tudo aquilo que era conhecido como mundo, Alexandre morre precocemente ao tentar retornar para a Macedônia ao fim de sua vida. Existe, por certo, uma importância em ser Filipe, e não Nectanebo, o verdadeiro pai de Alexandre, a pessoa a receber esse sinal específico. Não interessam a Nectanebo as conquistas macedônias e os feitos de Alexandre, mas interessa, sim, a Filipe ter um filho que continue suas gestas. Essa passagem dá uma notícia simultaneamente otimista e fatalista ao rei da Macedônia a respeito do homem que continuará suas expedições. A relação de Filipe e Alexandre mostra-se bastante conturbada ao longo do livro: Filipe ora o rejeita como filho de um adultério cometido por sua mulher e ora o aceita como seu filho e homem que vai dominar todo o mundo conhecido e desconhecido.

Segundo Jouanno, a passagem do oráculo em I, 11 apresenta pela primeira vez o tema da vida breve de Alexandre, que retorna em várias ocasiões.²⁸⁴ A vida breve de homem é colocada em contraste com a vida eterna que o macedônio alcançará com a fama em I, 33, no episódio de Sárapis, em que Alexandre recebe a previsão de que será venerado, depois de morto, como um deus, e que vai seguir vivendo em Alexandria “morto – mas não morto”.²⁸⁵ A vida eterna de Alexandre é aqui sua memória e a adoração dos povos futuros. Alexandre recebe mais uma previsão de sua morte em III, 17, quando faz uma visita ao templo do sol e da lua, ao ouvir das duas árvores falantes do templo a previsão de que, em breve e na Babilônia, ele morreria assassinado por seus próprios homens. No capítulo 24 do terceiro livro, Alexandre vai até a morada dos deuses, se encontra com Sensôcosis e pergunta quanto tempo vai viver. Recebe a seguinte resposta:

É bom o vivo não saber quando vai morrer, porque ao aguardar o momento desde quando o sabe, já está morto. Mas ao estar na ignorância, o vivo permite o esquecimento do não saber, mesmo que por certo morrerá. Entretanto, a cidade que você fundou é famosa entre todos as gentes, muitos reis virão para arrasá-la. Mas você vai morar nela, morto e não morto: pois você vai ter seu túmulo na cidade que você fundou.²⁸⁶

A previsão da morte vem novamente acompanhada da previsão da vida eterna de Alexandre. A dor de uma morte precoce que Alexandre recebe nessas passagens –

²⁸⁴ JOUANNO, 2002, p. 218.

²⁸⁵ I, 33. No original: θανών καὶ μὴ θανών.

²⁸⁶ III, 24. No original: καλὸν μὲν τὸν ὄντα μὴ εἰδέναι πότε τελευτᾷ. προσδεχόμενος γὰρ ἐκείνην τὴν ὥραν ἀπότε ἔμαθεν ἐτελεύτησεν. τὸ δὲ ἐν ἀγνοίᾳ εἶναι τὸν ὄντα τούτῳ λήθη<ν> παρέχει τὸ μὴ ἔχειν κατὰ γνῶμην, εἰ καὶ ὅλως τελευτᾷ. τὴν μέντοιγε κτίσεις πόλιν περιφανῇ πᾶσιν ἀνθρώποις, πολλοὶ βασιλεῖς ἐπιβήσονται τοῦ ἐδαφίσαι αὐτήν. οἰκήσεις δὲ αὐτήν καὶ θανών καὶ μὴ θανών· τάφον γὰρ αὐτὴν ἔξεις ἢν κτίσεις πόλιν.

por envenenamento, traído por Antípatro, que se sentiu ameaçado depois de ser denunciado por Olímpia – é sobreposta pela oferta de uma vida eterna.

A própria morte de Alexandre tem matizes sobrenaturais. Além do fato de ele ter tomado o veneno ministrado por Antípatro ser caracterizado como uma *syntykhía*, uma má sorte, a morte do rei é acompanhada de manifestações prodigiosas: uma névoa que surge no ar, a queda e a subida de uma estrela, que é acompanhada por uma águia, uma estátua de Zeus na Babilônia que se move. Interessante notar também que é nesta passagem, em III-30, que o ato de morrer é caracterizado como o final da *anthropínon bíon*, a vida humana: subentende-se que, de alguma forma, ele vai receber, depois da morte, uma vida eterna, adquirida através de seus feitos, das cidades por ele fundadas e do mundo por ele inaugurado que restará para sempre.

A própria aparência física do Alexandre no romance é singular. Depois de seu nascimento, a narrativa realiza um salto temporal e o descreve da seguinte maneira:

Homem feito, Alexandre não se parecia nem com Filipe, nem com sua mãe Olímpia e nem com aquele que o engendrou. Porém, composto de uma fisionomia própria, tinha forma humana, cabeleira de leão e os olhos eram de tons diferentes – tinha o direito escuro e o esquerdo claro. Os dentes eram afiados como as pontas dos das serpentes, e o seu ânimo se mostrava como o do leão, era agudo e notório.²⁸⁷

A imagem fornecida é plasmada: tradicionalmente, a imagem física de Alexandre é relacionada com a imagem do leão, mas todo o resto da descrição é bastante inovador.²⁸⁸ O narrador faz questão de afirmar que Alexandre “tinha forma humana”, pois existe uma mistura, em sua imagem, de características humanas e animais, tanto no âmbito psicológico (o ânimo de leão), quanto em seu aspecto físico (dentes de serpente, cabeleira de leão), e, assim, entre o que é humano e o que é animalesco, Alexandre é posto em evidência como um ser mítico.²⁸⁹ Segundo Thiel, os olhos assimétricos atestariam tradicionalmente uma relação com a magia.²⁹⁰ Outra coisa importante é a informação de que Alexandre não guarda semelhança com Filipe, Olímpia ou Nectanebo, sendo esta uma passagem que sugere, nas entrelinhas, que ele seria filho de outro ser – um deus, especificamente o deus Amon.

²⁸⁷ I – 13. No original: ἀνδρυνθέοντος δὲ Ἀλέξανδρος τὸν χαρακτήρα οὐχ ὅμοιον εἶχε Φιλίππῳ ἀλλ' οὐδὲ Ὀλυμπιάδι τῇ μητρὶ οὐδὲ τῷ σπεύραντι, ἀλλ' ἰδίῳ τύπῳ κεκοσμημένος μορφὴν μὲν εἶχεν ἀνθρώπου, τὴν δὲ χαίτην λέοντος, τοὺς δὲ ὀφθαλμοὺς ἑτερογλαύκους τὸν μὲν δεξιὸν † κατοφερῆ ἔχων, τὸν δὲ εὐώνυμον γλαυκόν ὁξεῖς δὲ τοὺς ὀδόντας [ὡς πασσαλίσκου] ὡς δράκοντος, ὁρμὴν δὲ ἐνέφαινε λέοντος † ὁξὺς πρόδηλος δὲ ἦν †.

²⁸⁸ JOUANNO, 2002, p. 199-200.

²⁸⁹ Ibid, p. 200.

²⁹⁰ THIEL, 1983, p. 171-172.

Além dessa descrição, em outras passagens do livro, Alexandre figura como um homem pequeno, o que faria parte de uma tradição.²⁹¹ Quando ele se introduz, vestido de mensageiro, na corte de Dario, é descrito da seguinte forma: “Os persas encaravam admirados a pequenez do corpo de Alexandre, mas sem saber que em um pequeno recipiente havia a glória da sorte (*týkhe*) celestial”.²⁹² O corpo pequeno, que contém a *týkhe*, é o corpo pequeno que consegue derrotar o gigante Poro de um golpe só no capítulo III, 4, quando recebemos suas medidas: enquanto Poro mede cerca de dois metros e meio (cinco codos), Alexandre mede apenas cerca de um metro e meio (três codos).

Outra característica seria o fato de que Alexandre é uma criança precoce, realizando coisas incríveis desde jovem, como destaca Jouanno:

desde seus primeiros anos, ele se exercita em reinar brincando de estratégia com seus colegas (I, 13) e, na idade de apenas doze anos, acompanha seu pai nas manobras com as tropas nas marchas e nos ataques da cavalaria (I, 14). O que o autor do *Romance* faz não é mais que forçar a realidade, pois o Alexandre histórico foi ele mesmo uma criança precoce, capaz de, aos dezesseis anos, assegurar a regência do reino, enquanto Filipe levava uma expedição contra Bizâncio, e reprimindo, por iniciativa própria, uma revolta de seus vizinhos trácios.²⁹³

A doma de Bucéfalo, mais uma anedota que figura também em Plutarco e em outras fontes, é relatada no *Romance de Alexandre* com certas características prodigiosas. Em primeiro lugar, em I, 15, Filipe vai a Delfos receber uma predição do oráculo, e lá a Pítia lhe diz que será rei do mundo habitado aquele que, montado no cavalo Bucéfalo, atravessar Pela da Macedônia. Filipe, ao saber disso, esperou por um “novo Héracles” – o homem a realizar aqueles feitos seria, por certo, um herói mítico. Alexandre tem seu primeiro contato com o cavalo em I, 17: caracterizado como *anthropófagos*, dotado de um relincho excepcional, Bucéfalo permanece trancado em uma jaula, cercado pelos pedaços de homens mortos que ele devorava. Entretanto, esse terrível cavalo fica manso só de ouvir a voz de Alexandre, curvando-se a ele, deixando-se montar e assim atravessando a cidade de Pela. Alexandre é o novo rei, cumpre-se o oráculo, e aqui ocorre também uma espécie de restauração entre pai e

²⁹¹ JOUANNO, 2002, p. 199.

²⁹² II, 15. No original: Οἱ δὲ Πέρσαι ἀπέβλεπον θαυμάζοντες τὸν Ἀλέξανδρον ἐπὶ τῇ τοῦ σώματος μικρότητι ἀλλ' ἡγνόουν, ὅτι ἐν μικρῷ ἀγγεῖω τύχης οὐρανίου ἦν δόξα.

²⁹³ JOUANNO, 2002, p. 200. No original: dès ses plus jeunes années, s'exerce à régner en jouant au stratège avec ses camarades (I, 13, 5) et qui, âgé seulement de douze ans, accompagne déjà son père dans les manoeuvres participant avec les troupes aux marches et aux charges de cavalerie (I, 14, 1). En quoi l'auteur du *Roman* ne fait d'ailleurs que forcer la réalité, car l'Alexandre historique fut lui-même un enfant précoce, capable à l'âge de seize ans d'assurer la régence du royaume, tandis que Philippe menait une expédition contre Byzance, et réprimant de sa propre initiative une révolte de ses voisins thraces.

filho – depois de desprezar Alexandre por ser filho de outro pai, nesta cena os dois se aproximam, e Filipe se mostra “alegre e cheio de esperança em relação ao filho”.

O Alexandre presente no romance também é retratado como um personagem de excelência moral, não se gabando nunca de sua origem divina e comportando-se com modéstia. Como afirma Jouanno, diante de Dario e Poro, “representando a simplicidade helênica, Alexandre opõe às pretensões de autodeificação de seus adversários o orgulho de sua condição mortal, de que afirma abertamente os limites”.²⁹⁴ Muitos dos episódios, alguns inventados, outros surgidos de anedotas, servem para exibir a grandeza moral de Alexandre. Destacamos um deles: em I, 20-21, Filipe está para casar-se injustamente com outra mulher, exatamente como consta em uma previsão que recebeu Olímpia, citada em I, 4, quando Nectanebo dá como solução ao abandono anunciado ela se deitar com o deus Amon, pois o filho dessa união seria seu vingador. E de fato é o que acontece: Alexandre torna-se vingador do abandono de Olímpia quando, durante o casamento, é insultado por Lísias, o irmão da noiva de Filipe, e atira contra ele uma taça, matando-o. Filipe, ao levantar a espada contra o filho, tropeça e cai, e Alexandre diz a famosa sentença anedótica, depois de uma risada: “O que quer conquistar toda a Ásia e revirar a Europa nas suas bases não consegue nem dar um passo”.²⁹⁵ Cria-se um rebuliço, e a festa se encerra assim.

No capítulo seguinte, somos informados de que se passaram dez dias do ocorrido, e Alexandre vai até seu pai, dizendo que ele vinha como um amigo, pois fora recusado como filho, e que foi injusta a atitude de casar-se de novo. Filipe o reprime, dizendo que não deveria ter matado Lísias, e Alexandre, por sua vez, discursa que na verdade o pai estava errado, tanto por levantar a espada contra si quanto por se casar com outra. Em seguida, reconcilia-o de volta com Olímpia. A passagem tem, por certo, o núcleo anedótico, presente também em Plutarco e outras fontes, mas sua conclusão moral é uma invenção do autor do romance, concedendo assim maior glória a Alexandre, capaz de reconciliar os pais.

No episódio seguinte, em I, 22, vemos Alexandre indo pacificar uma revolta em Matona com um grande exército, mas não precisa usá-lo, pois domina o povo insurgente com *lógois sunetoís*, sábias palavras. Ao longo da leitura, percebemos que Alexandre domina as palavras antes de dominar a guerra, é capaz de comover-se pela morte de seus inimigos e cuidar de seus funerais e suas famílias, sustentar uma boa conversa

²⁹⁴ JOUANNO, 2002, p. 194. No original: en représentant de la simplicité hellénique, Alexandre oppose aux prétentions de ses adversaires à l'autodéification l'orgueil de sa condition mortelle, dont il revendique ouvertement les limites

²⁹⁵ I, 21. No original: ὁ τὴν Ἀσίαν ὅλην σπεύδων παραλαβεῖν καὶ τὴν Εὐρώπην ἐκ βάθρων καταστρέψαι οὐκ εὐτόνησας βῆμα ἓνα ἐλθεῖν.

com povos pacíficos como os gimnosofistas, resolver guerras através de cartas. Segundo Jouanno:

Às qualidades anteriormente mencionadas, o herói do pseudo-Calístenes acrescenta uma nova virtude altamente valorizada pelos homens da Antiguidade tardia, a *philantropía*. A generosidade de Alexandre aparece bem cedo no romance, nos primeiros contatos entre o Conquistador e Dario. No episódio dos três presentes, ele não apenas não é severo com os embaixadores do Grande rei por causa da mensagem insultante que levam da parte do primeiro, mas quando tocados pela sua bondade, oferecem para indicar-lhe como pegar Dario em uma emboscada, ele possui altruísmo a ponto de se recusar a escutá-los.²⁹⁶

Assim, percebemos certas qualidades que Alexandre possui como personagem de uma biografia romanesca: ele é modelado para além do *ánthropos*, por suas características divinas, mas ainda pertence à classe dos homens por sua mortalidade. Alexandre é *modelado*, e sua figura possui uma função apologética e moral, como modelo de homem por suas virtudes, por sua modéstia e também por seu pensamento e sua habilidade com as palavras.

1.9. Falar e escrever

Outros traços da personalidade de Alexandre que pretendemos destacar são sua curiosidade, seu constante impulso de ir além e sua esperteza para sair de situações críticas. Essa fatura está bastante presente na narração que Alexandre faz em duas cartas escritas para Olímpia e Aristóteles, uma mais longa, presente em II, 23-41, e outra mais curta, destinada unicamente a Olímpia, que está em III, 27-28. As duas cartas apresentam o maior conteúdo fantástico do romance. Nos concentraremos aqui na primeira e mais longa delas, por já oferecer material suficiente para a breve análise que desejamos efetuar. Consideramos também que é a parte do texto que está mais conectada com a *Odisseia*, mais especificamente os cantos VIII-XI, nos quais Odisseu, na corte dos feácios, conta das aventuras que viveu em um terreno desconhecido.

De acordo com De Jong, o apólogo está firmemente ancorado na narrativa principal da *Odisseia*, que faz frequentes referências ao conteúdo narrado por

²⁹⁶ JOUANNO, 2002, p. 195. No original: Aux qualités précédemment évoquées, le héros du Pseudo-Callisthène joint une autre vertu éminemment prisée des hommes de l'Antiquité tardive, la *philantrôpia*. La générosité d'Alexandre s'affiche très tôt dans le *Roman*, dès les premiers contacts du Conquérant et de Darius. Dans l'épisode des trois présents, non seulement il ne tient pas rigueur aux ambassadeurs du Grand Roi du message insultant qu'ils lui apportent de la part de ce dernier, mais lorsque, touchés de sa bonté, ils s'offrent à lui indiquer comment prendre Darius en embuscade, il pousse l'altruisme jusqu'à refuser de les écouter.

Odisseu.²⁹⁷ As duas cartas de Alexandre, ao contrário, são descritas por Rosenmeyer como *estáticas* e *descritivas*, estando praticamente isoladas da narrativa principal: os acontecimentos delas se encerram em si mesmos, ninguém as responde, e elas não são citadas em outros momentos do livro. Podemos pensar também que essas duas cartas podem ser também uma invenção efetuada pelo autor ou uma inserção, retirada de uma fonte alheia à narrativa do romance.

O apólogo de Odisseu é a maior narrativa embutida dentro da épica de Homero, e é ela que forma a base para o estatuto de Odisseu como narrador.²⁹⁸ Encontramos esse estatuto em algumas passagens da *Odisseia*, como a citada a seguir:

Ulisses, não julgamos ao contemplar-te que sejas mentiroso

ou tecelão de falsidades como aqueles que a terra negra

cria em grandes números, espalhados por toda parte,

inventando mentiras de coisas que ninguém viu.

Tens formosura de palavras e um entendimento excelente.

Contaste a história com a perícia de um aedo,

os tristes sofrimentos dos Argivos e os teus.²⁹⁹

Tanto o apólogo de Odisseu quanto as cartas de Alexandre são as partes de ambas as narrativas mais repletas de maravilhas e acontecimentos mágicos e, ao mesmo tempo, são o momento em que os personagens têm mais liberdade no discurso, cabendo uma desconfiança com relação à veracidade do narrado. Segundo André Malta, existe, no contexto da épica, uma oposição tradicional entre verdade e mentira, na qual a verdade seria mais valorizada do que a mentira³⁰⁰. A habilidade de Odisseu em manejar “verdades e mentiras não só reforça o seu conhecimento, aproximando-o do grau do saber das Musas, como de certa maneira confirma sua associação com a

²⁹⁷ DE JONG, 2004, p. 221.

²⁹⁸ DE JONG, 2004, p. 221.

²⁹⁹ XI, 363-369. Citamos aqui a tradução de Frederico Lourenço. No original:

ὦ Ὀδυσσεῦ, τὸ μὲν οὐ τί σ' εἴσκομεν εἰσορώοντες
ἡπεροπῆά τ' ἔμεν καὶ ἐπὶ κλοπῶν, οἷά τε πολλοὺς
βόσκει γαῖα μέλαινα πολυσπερέας ἀνθρώπους
ψεύδεά τ' ἀρτύνοντας, ὅθεν κέ τις οὐδὲ ἴδοιτο
σοὶ δ' ἔπι μὲν μορφή ἐπέων, ἔνι δὲ φρένες ἐσθλαί,
μῦθον δ' ὥς ὅτ' ἀοιδὸς ἐπισταμένως κατέλεξας,
πάντων Ἀργείων σέο τ' αὐτοῦ κήδεα λυγρά.

³⁰⁰ MALTA, 2012, p. 74-75

figura do aedo, indicada por Alcínoo no canto 11 (v. 368) (...).³⁰¹ Não sabemos, portanto, nem se Odisseu, nem se Alexandre estão narrando acontecimentos reais de suas aventuras no contexto ficcional da narrativa, mas estes são, nos dois casos, discursos que se vendem como verdadeiros. No *Romance de Alexandre*, há um novo matiz, pois ele é um personagem histórico em uma época em que se multiplicava uma diversidade de narrativas, com diferentes objetivos, sobre sua figura.

A comparação de Odisseu com um cantor é recorrente: ela acontece novamente em XVII, 518-521, quando Eumeu, em uma conversa com Penélope, afirma que “ouvi-lo é como olhar para um aedo, que para os imortais canta”; e, momentos antes de vencer a prova do arco, Odisseu examina o arco “tal como um homem conhecedor da lira e do canto” (XXI, 406). Odisseu, entretanto, não é um cantor, como vemos em IX, 37: “Mas contar-vos-ei o meu regresso muito doloroso”,³⁰² o verbo que define sua ação de narrar, sendo subjuntivo do *enépo*, pode ser traduzido por “contar” ou simplesmente “falar”. Em um texto em verso e oral em sua origem como é a *Odisseia*, o personagem é apresentado com as características de um aedo – e é elogiado por sua capacidade como tal, mas não chega propriamente a cantar. Sobre as distinções entre o escrito e o oral, Jacyntho Lins Brandão afirma que:

O verso parece destinar-se ao ouvido, pelo menos em suas origens, e só mais tarde visa à leitura, o que vale tanto para a Antiguidade quanto para a Idade Média. As canções de gesta medievais, como as epopeias homéricas, pertencem ao domínio da oralidade e, mesmo escritas, guardam essas marcas no processo de composição. Já a prosa, desde cedo, destinou-se à leitura. O romance moderno, como o grego, tem as marcas intencionais do discurso escrito, voltado primeiramente para um público de leitores. É da perspectiva dessa destinação que o dado formal de ser um texto em prosa tem relevância, vindo a constituir uma primeira característica, basilar, que conforma a noção do gênero desde a Antiguidade, de que decorrem as demais.³⁰³

Assim, compreendemos que as narrativas em primeira pessoa inseridas em um contexto em terceira pessoa seguem o *modelo* próprio do gênero em questão: Odisseu *fala* em um poema que seria *recitado*, Alexandre *escreve cartas* em uma narrativa que foi *escrita para ser lida*. Os dois personagens são colocados exercendo a função de autores da própria história. Isso teria, sim, uma função retórica: Alexandre consegue evitar o derramamento de sangue através da escrita de cartas, entrando em acordo com povos desconhecidos; Odisseu, por sua vez, sendo o herói “tanto de ação quanto de

³⁰¹ MALTA, 2012, p. 99

³⁰² *Odisseia*, IX, 37. No original: εἰ δ' ἄγε τοι καὶ νόστον ἐμὸν πολυκηδέ' ἐνίσπω.

³⁰³ BRANDÃO, 2005, p. 31

narração”³⁰⁴, tem a capacidade de controlar os acontecimentos ao seu redor com sua fala.

Odisseu, em suas narrações, adquire uma função apologética, em que ele pode relatar seus sofrimentos e ter o que deseja depois de sua narrativa: a oportunidade de voltar para casa. De fato, ao ter o poder da fala, ele obtém oportunidades de pintar um retrato positivo de si mesmo, como propõe Hopman:

Empilham-se frases que referem a sua excelente intuição (9, 211-215), sabedoria (εἰδότα πολλά, 9, 281), bom julgamento (βούλευσα, 9.299; βουλή, 9.318), astúcia (μῆτις ἀμύμων, 9, 414) e o uso perspicaz da linguagem (δολίοισ’ ἐπέεσσι, 9.282; ἔπεσσι... μελιχίοισι, 9.363). A inteligência de Odisseu é colocada em relevo para se contrastar com o Cíclope, que é “estúpido” demais (νήπιος, 9.442) para “compreender” (οὐκ ἐνόησεν, 9.442).³⁰⁵

Podemos pensar que, no *Romance de Alexandre*, acontece mais ou menos a mesma coisa: na mistura de elementos histórico-biográficos e elementos das narrativas maravilhosas (inventadas ou tradicionais), a forma de narrar em primeira pessoa aqui é a carta. Entretanto, Alexandre, ao contrário de Odisseu, não é elogiado em nenhum momento por sua habilidade de escrever com as cartas e usá-las de diversas formas para favorecer a si mesmo, sendo claro como ele domina a arte epistolar, usando as convenções de uma carta para suprir suas necessidades e desejos.³⁰⁶ Segundo Jacqueline Arthur-Montaigne, as cartas maravilhosas de Alexandre seriam um momento em que os defeitos de seu protagonista mais apareceriam, já que a narrativa em terceira pessoa do romance raramente faz alusão a características negativas: “Enquadrando as aventuras maravilhosas através de uma carta em primeira pessoa escrita pelo herói, o leitor também goza de maior liberdade para julgar a curiosidade indulgente de Alexandre, as campanhas sem frutos e as consequências fatais”.³⁰⁷ A narrativa de Odisseu também funcionaria como uma arma para voltar para casa. Segundo Hopman, a fala de Odisseu para os feácios acaba sendo um elogio da boa hospitalidade, já que ele oferece ao seu público uma definição do que é a má hospitalidade – acontecimentos que vão de devorar o hóspede vivo a fazer com que ele fique mais do que se deseja³⁰⁸.

³⁰⁴ SCULLY, 1987, p. 401

³⁰⁵ HOPMAN, 2012, p. 6. No original: Phrases pile up that refer to his excellent intuitions (9.211–15), wisdom (εἰδότα πολλά, 9.281), good judgment (βούλευσα, 9.299; βουλή, 9.318), cunning (μῆτις ἀμύμων, 9.414), and clever use of language (δολίοισ’ ἐπέεσσι, 9.282; ἔπεσσι... μελιχίοισι, 9.363). Odysseus’ intelligence is further set into relief by contrast with the Cyclops, who is too “stupid” (νήπιος, 9.442) to “understand” (οὐκ ἐνόησεν, 9.442).

³⁰⁶ ROSENMEYER, 2003, p. 174

³⁰⁷ ARTHUR-MONTAIGNE, 2014, p. 184.

³⁰⁸ HOPMAN, 2012, p. 1-2

Não é apenas através desse papel de biógrafo de si mesmo que Alexandre guarda algumas semelhanças com Odisseu, mas ao ser representado dentro do contexto antigo, acaba por receber muitas características parecidas ao herói da épica:

herói da *mêtis*, o Alexandre do pseudo-Calístenes se parece, na verdade, muito menos com Aquiles, de quem ele declara descender, do que com o artífice Odisseu, a quem ele também é comparado na tradução armênia e em Júlio Valério. De Odisseu, Alexandre possui a pouca altura, o sorriso sardônico, o gosto pelos disfarces, os ardis e as mentiras. Seu disfarce incógnito no palácio de Dario lembra a missão de espionagem cumprida por Odisseu em Troia, vestido com trapos de mendigo; ele tem, como Odisseu, a noite como cúmplice, a respeito das relações que cultivava, deve ser admoestado ou apoiado. O episódio de Candace não deixa de ter relação com o de Circe, já que Alexandre, como Odisseu nesta ocasião, é confrontado com uma astúcia superior à sua. Enfim e sobretudo, Alexandre é, como Odisseu, um grande viajante, e sua odisseia o conduz às margens do mundo habitado.³⁰⁹

Arthur-Montaigne define que, nas cartas aventurosas, acontece uma espécie de “ciclo da exploração” (*exploration loop*), uma estrutura de acontecimentos que se repete algumas vezes:

1. Alexandre parte de um território familiar ou conquistado para um ambiente desconhecido;
2. Alexandre é avisado dos perigos por guias, população local ou sinais;
3. Alexandre ignora os avisos;
4. Alexandre se encontra com criaturas, homens maravilhosos ou coisas que o colocam ou colocam seu exército em perigo;
5. Alexandre e seu exército vencem ou fogem desses obstáculos;
6. Alexandre parte de um território familiar ou conquistado para um ambiente desconhecido.

Os seres e os acontecimentos fantásticos referidos por Alexandre aparecem em uma lista, nesse processo repetitivo, e são descritos sem muitos detalhes, muitas vezes parecendo mais inventados do que precedentes de alguma tradição. Passando por lugares acidentados, encontram uma floresta de árvores que dão frutos “grandes

³⁰⁹ JOUANNO, 2002, p. 208. No original: héros à *mêtis*, l'Alexandre du Pseudo-Callisthène ressemble en effet beaucoup moins à Achille, dont pourtant il prétend descendre, qu'à l'artificieux Ulysse, auquel il est d'ailleurs comparé dans la traduction arménienne et chez Julius Valère. D'Ulysse, Alexandre a la petite taille, le sourire sardonique, le goût pour les déguisements, les ruses et les mensonges. Son équipée incognito chez Darius rappelle la mission d'espionnage accomplie par Ulysse à Troie sous les loques d'un mendiant ; il a, comme Ulysse, la nuit pour complice, et les rapports qu'il entretient demandent à être admonesté ou réconfortés. L'épisode de Candace n'est pas non plus sans analogie avec celui de Circé, puisqu'Alexandre, comme Ulysse, est en cette occasion confronté à une astuce supérieure à la sienne. Enfin et surtout, Alexandre est, comme Ulysse, un grand voyageur, que son odyssée conduit jusqu'aux bornes du monde habité.

como os maiores melões”,³¹⁰ seres gigantes chamados de *Phytoí*, seres redondos e vermelhos parecidos com leões, os chamados *Oclitas*, leões de três olhos com pulgas do tamanho de sapos e seres peludos com uma linguagem própria que são chamados de *melófagos* mas que, apesar de terem o nome parecido com o dos lotófagos, não representam perigos similares. Poderíamos continuar por muito tempo: árvores que crescem de dia e murcham de noite, exalando um perfume delicioso; seres invisíveis que chicoteiam os soldados de Alexandre; caranguejos gigantes; peixes que não cozinham no fogo, mas em água fria; aves que soltam fogo; aves voadoras com face humana... Entre bichos estranhos e plantas excepcionais, indo até o fundo de um lago para buscar pérolas, caminhando por um deserto onde não se vê nada por vários dias, Alexandre tenta em vão alcançar a terra dos bem-aventurados. Como afirma Gual, o que este texto possui de romanesco é a forma sôfrega como evoca cenários distantes e maravilhosos³¹¹.

Das características estruturais da carta que se assemelham à narrativa de Odisseu, a mais marcante certamente é a frequente enumeração dos dias de viagem e do tempo que se permaneceu em cada lugar. Essa enumeração é destacada por De Jong, que afirma que a narrativa odisseica não é casual, mas acontece em forma de catálogo, uma aventura concatenando-se à outra.³¹² É possível ver tal forma de catálogo na carta de Alexandre, mas ela não seria algo altamente complexo como a Odisseia, na qual, segundo Hopman:

as aventuras se enquadram em três tipos principais – tentação, ameaça física e tabu – organizadas em uma composição cíclica centrada na *nekyia*, com os Comedores de Lótus correspondendo às Sereias, Circe à Calipso, os Ciclopes à Cila, os Lestrigões à Caríbdis, e Éolo à Trinácia. 313

De Jong entende que a estrutura de cada aventura seria mais ou menos a mesma: introdução de novos personagens, confronto e fuga,³¹⁴ – de alguma forma, nosso ciclo da exploração cumprido por Alexandre e suas tropas se assemelha a isso. Segundo a autora, Odisseu também costuma caracterizar os personagens antes do confronto real, baseado em um conhecimento prévio – o personagem da história não sabe o que vai encontrar, mas seu narrador sabe, e os dois são o mesmo homem em momentos distintos: “Essas introduções são baseadas no conhecimento retrospectivo,

³¹⁰ II, 32. No original : μήλα πανμεγέθη ὅϊον πέπωνας μεγίστους.

³¹¹ GUAL, 2002, p. 11.

³¹² DE JONG, 2001, p. 222

³¹³ HOPMAN, 2012, p. 2. No original: the adventures fall under three main types – temptation, physical threat, and taboo – organized in a ring composition centered on the *nekyia*, with the Lotus-eaters corresponding to the Sirens, Circe to Calypso, the Cyclops to Scylla, the Lestrygonians to Charybdis, and Aeolus to Thrinacia.

³¹⁴ DE JONG, 2004, p. 222

uma vez que ao começo de cada aventura, o Odisseu-herói não sabe onde está e quem vai enfrentar”.³¹⁵

Depois da derrota de Dario e de ter submetido ao seu domínio todo o território do rei persa, Alexandre leva sua expedição para um caminho desconhecido. Citamos o capítulo 32 completo, pois ele pode servir de exemplo para mostrar como a narrativa do *Romance de Alexandre* parece estar atracada ao exemplo da Odisseia, e em como ele se baseia nessa estrutura em formato de lista:

Dali, recebi uns guias e quis entrar na região mais interior do deserto, de acordo com a constelação da Carruagem, mas me desaconselharam a partir para lá, por causa da multidão de bichos que habitava aquele lugar. De qualquer forma não dei confiança às palavras deles e liderei o caminho. Então chegamos a um lugar onde havia uma ravina, o caminho era muito estreito e acidentado, e viajamos por ele durante oito dias. Vimos naquele lugar bichos exóticos que nunca tínhamos conhecido. Depois de passar por aquele lugar, chegamos a outro ainda mais deplorável. Descobrimos ali uma grande floresta, com muitas árvores chamadas de Anafandas, que possuem frutos singulares e diferentes – elas têm pomos tão grandes quanto os maiores melões. Havia também nesta floresta homens chamados Plantas, que tinham vinte e quatro côvados de altura, de longos pescoços de um côvado e meio, e tinham pés desse mesmo tamanho. Os antebraços e as mãos deles eram como serras. Quando nos viram, se lançaram em direção à tropa. Ver aquilo me deixou perturbado. Então mandei que capturassem um deles. Quando nos lançamos a eles, gritando e tocando cornetas, eles fugiram. Matamos trinta e dois deles, e eles aniquilaram 100 soldados nossos. Passamos um tempo ali, mastigando os frutos das árvores.³¹⁶

Primeiramente, ao entrar no deserto, seguindo o caminho da Ursa Maior, Alexandre é desaconselhado a entrar naquele caminho por causa da multidão de criaturas que ali estavam. Isso lembra claramente o que pedem os companheiros de Odisseu no canto IX, no episódio do Ciclope:

³¹⁵ DE JONG, 2004, p. 225. No original: These introductions are based on hindsight knowledge, since at the beginning of each adventure Odysseus-hero does not know where he is or whom he is going to face.

³¹⁶ II, 32. No original: Ἐκεῖθεν οὖν παραλαβὼν ὁδηγοὺς ἐβουλήθην εἰσελθεῖν εἰς τὰ ἐνδότερα μέρη τῆς ἐρήμου <κατὰ τὴν ἄμαξαν τοῦ πόλου>, καὶ οὐκ ἐσυνεβούλευόν μοι ἀπελθεῖν ἐκεῖσε διὰ τῶν θηρίων τὸ πλῆθος τῶν ἐνοικούντων τοῖς τόποις ἐκείνοις. ἀλλ' ὅμως μὴ προσσχὼν τοῖς λόγοις αὐτῶν ἠρξάμην τῆς ὁδοῦ. ἤλθομεν οὖν εἰς τινὰ τόπον φαραγγώδη, οὗ ἦν ὁδὸς λίαν στενὴ καὶ φαραγγώδης, ἣν καὶ ὠδεύσαμεν ἡμέρας ὀκτώ. εἶδομεν <δὲ> ἐν τοῖς τόποις ἐκείνοις θηρία ἀλλογενῆ, οἷα οὐκ οἶδαμεν πώποτε. διελθόντες δὲ τὸν τόπον ἐκεῖνον ἤλθομεν εἰς ἕτερον θηρνωδέστερον τόπον. εὗραμεν δὲ ἐκεῖ πολλὴν ὕλην δένδρων καλουμένων ἀναφάνδα, καρπὸν ἔχοντα ξένον καὶ παρηλλαγμένον· ἦσαν γὰρ μῆλα παμμεγέθη οἷον πέπονας μέγιστους. ἦσαν δὲ καὶ ἄνθρωποι ἐν τῇ ὕλῃ ἐκείνῃ Φυτοὶ λεγόμενοι, ἔχοντες ὕψει πῆχεις εἴκοσι τέσσαρας, μακροὺς τραχήλους ἔχοντες ὡς ἓνα πῆχυν καὶ ἥμισυ, ὁμοίως καὶ πόδας μακροὺς ἔχοντες. οἱ δὲ ἀγκῶνες αὐτῶν πρίοισιν ἦσαν παρεμφερεῖς καὶ αἱ χεῖρες. ἰδόντες δὲ ἡμᾶς ὥρμησαν ἐπὶ τὸ στρατόπεδον. ἐγὼ δὲ ἰδὼν ταῦτα ἐξέστη<ν> τῇ διανοίᾳ· ἐκέλευσα οὖν συλληφθῆναι ἓνα ἐξ αὐτῶν. ὀρμησάντων δὲ ἡμῶν πρὸς αὐτοὺς μετὰ φωνῶν καὶ σαλπίγγων ἔφυγον. ἐφονεύσαμεν δὲ ἐξ αὐτῶν τριάκοντα δύο. αὐτοὶ δὲ ἀνείλαν ἐξ ἡμῶν στρατιώτας ρ'. ἐμείναμεν οὖν ἐκεῖ τρώγοντες τοὺς καρποὺς τῶν δένδρων.

Antes de mais, suplicaram-me os companheiros para levarmos
 alguns queijos e fugir; depois que rapidamente conduzíssemos
 dos currais para as naus os cordeiros e os cabritos, para eles
 navegarmos sobre o mar salgado. Mas não me persuadiram –
 mais proveitoso teria sido se o tivessem feito! – porque eu
 queria vê-lo a ele, e dele receber os presentes de hospitalidade.
 Mas quando ele apareceu, não foi amável para os companheiros.³¹⁷

De Jong demonstra como Odisseu explicita antecipadamente arrependimento por não ter obedecido aos companheiros. Para ela, ele insiste em conhecer os ciclopes por três motivos.³¹⁸ Em primeiro lugar, o simples desejo (e não a necessidade) de conhecer e testar aquelas pessoas que ali viviam: “encontrar Polifemo não é – como será o caso nas tantas aventuras seguintes – uma questão de necessidade, mas um desejo consciente em descobrir a natureza dos habitantes do lugar, os quais eles viram pela primeira vez de longe, a fim de descobrir se eles são justos ou tementes a deus”.³¹⁹ Em segundo lugar, ele estaria praticando o código heroico – em vez de roubar comida e ir embora, é prudente pedir ao anfitrião um presente (apesar de Odisseu e os companheiros sacrificarem e comerem os queijos de Polifemo – Od. IX, 231-232). E, por fim, existe a própria curiosidade de Odisseu – ele deseja ver o habitante da caverna.

De Jong afirma que a curiosidade é uma característica de Odisseu que aparece em outros episódios, como quando, por exemplo, ele tem o desejo de ouvir as sereias. Porém, para Reinhardt, a aventura com o ciclope é a única na qual ele entra por vontade própria, e, depois disso, a aventura deixa de atraí-lo, a ponto de Odisseu se tornar um viajante a contragosto, que deseja nada mais que voltar para casa:

³¹⁷ *Odisseia*, IX, 224-230. No original:

ἔνθ' ἐμὲ μὲν πρῶτισθ' ἔταροι λίσσοντ' ἐπέεσσι
 τυρῶν αἰνυμένους ἰέναι πάλιν, αὐτὰρ ἔπειτα
 καρπαλίμως ἐπὶ νῆα θοὴν ἐρίφους τε καὶ ἄρνας
 σηκῶν ἐξελάσαντας ἐπιπλεῖν ἄλμυρόν ὕδωρ·
 ἀλλ' ἐγὼ οὐ πιθόμην, – ἧ τ' ἂν πολὺ κέρδιον ἦεν, –
 ὄφρ' αὐτόν τε ἴδοιμι, καὶ εἴ μοι ξείνια δοίη.
 οὐδ' ἄρ' ἔμελλ' ἐτάροισι φανεῖς ἐρατεινὸς ἔσεσθαι.

³¹⁸ DE JONG, 2004, p. 238.

³¹⁹ Ibid, p. 233. No original : meeting Polyphemos is not – as will be the case in many later adventures – a matter of necessity, but rather a conscious desire to find out the nature of the inhabitants of the country they first saw from afar, to learn whether they are without justice or god-fearing.

A caverna de Polifemo é o único lugar entre as aventuras de contos-de-fadas onde Odisseu não vai como vítima, mas desejando e ciente. Em nenhum outro caso ele se sente tão atraído pelo perigo. No reino de Circe ele também vê a fumaça subindo ao longe. Mas neste ponto, a aventura não o tenta mais.³²⁰

De alguma forma, essa aventura acaba por transformá-lo em um herói mais cauteloso, como afirma Reinhardt. Depois do episódio – que parece ser o mais atrativo – mancha-se todo o resto da narrativa com algo do arrependimento de Odisseu:³²¹ “A aventura de Polifemo só pode servir como um exemplo de advertência porque é a primeira, exemplificando a completa falta de medo e inexperiência do princípio da viagem”.³²²

Alexandre, muito pelo contrário, fica até o fim da carta em um constante estado de busca por aventuras, sustentando a curiosidade até seus limites, mesmo com a perda de muitos companheiros e com o arriscar da própria vida. Ele não fica sozinho no final, como Odisseu, mas três vezes a perda é ressaltada na carta, duas delas contando o número de baixas que teve, seguindo o modelo da *Odisseia*:

II, 32: (...) eles aniquilaram 100 soldados nossos.

II, 33: Nós os golpeávamos, e eles nos golpeavam com paus, de forma que aniquilaram muitos de nós. Sentindo medo, a fim de que não nos afugentassem, eu mandei botar fogo na floresta, e vendo o fogo, aqueles vigorosos homens fugiram. Aniquilaram cento e oitenta dos nossos soldados.

II, 38: Imediatamente, caranguejos pegaram os soldados, os arrastaram para dentro da água e os mataram.³²³

Alexandre é certamente o líder de sua tropa, exatamente como Odisseu se coloca como líder de seus companheiros. Entretanto, a curiosidade de Alexandre não se altera depois do encontro com feras e bichos terríveis, mas permanece até o fim da narrativa: Alexandre anda sempre em frente, em direção a todos os riscos que precisa correr. O interessante também é que não demonstra um grande arrependimento por suas decisões quando morrem os companheiros, diferentemente de Odisseu, que

³²⁰ REINHARDT, 1996, p. 79. No original: The cave of Polyphemos is the only place among the fairy-tale adventures where Odysseus comes not as a sufferer, but willingly and knowingly. In no other case does he feel himself so attracted by danger. In Circe's realm he also sees smoke rising in the distance. But at that point adventure no longer tempts him.

³²¹ REINHARDT, 1996, p. 86.

³²² Ibid, p. 80. No original: The Polyphemos adventure can only serve as a warning example because it is the first one, exemplifying the complete fearlessness and inexperience of the start of the journey.

³²³ II – 32. No original: αὐτοὶ δὲ ἀνέϊλαν ἐξ ἡμῶν στρατιώτας ρ'. / II – 33 ἡμεῖς δὲ ἐτύπτομεν αὐτούς, αὐτοὶ δὲ ξύλοις ἔτυπτον ἡμᾶς, ὥς καὶ πολλοὺς ἀνέϊλον ἐξ ἡμῶν. ἐγὼ δὲ φοβηθεὶς μήπως τροπώσωνται ἡμᾶς, ἐκέλευσα πῦρ ἀνάψαι ἐν τῇ ὕλῃ. οἱ δὲ ἰδόντες τὸ πῦρ ἔφυγον οἱ ἀκμαιότατοι ἐκεῖνοι ἄνδρες. ἀνέϊλαν δὲ ἐξ ἡμῶν στρατιώτας ἑκατὸν ὀγδοήκοντα. / II – 38 καὶ εὐθέως καρκίνοι ἐξεληθόντες εἴλκυσαν αὐτοὺς εἰς τὸ ὕδωρ καὶ ἀνέϊλον.

sempre chora as perdas. No caso, Alexandre só cogita parar quando sua própria vida é colocada em jogo.³²⁴

Como foi dito no subcapítulo anterior, Alexandre se inquieta bastante com a própria mortalidade. A mesma preocupação está presente nesta carta, principalmente em um episódio exposto em II, 41, que tem muitas nuances míticas. Nele, um cozinheiro da expedição descobre a fonte da imortalidade e, não dando um pouco da água ao rei, mas oferecendo à filha de Alexandre, ambos tornam-se imortais. Igualmente, ambos são punidos por Alexandre, revoltado por não ter sabido da fonte e bebido dela. Enquanto a filha é enviada ao exílio no meio das montanhas, amarra-se uma pedra ao corpo do cozinheiro, que é atirado ao mar. Segundo o comentário de Gual, essa fonte mítica da juventude ou da vida estaria localizada na Terra dos Bem-aventurados.³²⁵ Segundo o autor, a traição do cozinheiro e da filha de Alexandre é um tema folclórico, que permanece até os dias de hoje:

Nele, se conta que a filha ou a amada de Alexandre, ao beber da água da imortalidade, o condenou a morrer e foi desterrada por ele nas profundidades marinhas, onde vive como ser de perenidade divina. Esta donzela surge diante dos barcos e repete sempre a mesma pergunta: “Alexandre ainda vive?”. Se a respondem afirmativamente, ela se despede do navio com bom tempo e cantando melodiosas canções de alegria. Se respondem que não, se enfurece e afunda o navio. Porque se nega a aceitar a verdade de Alexandre ter morrido por sua culpa ou sua inconsciência.³²⁶

Alexandre, nas cartas, também se mostra aflito diante da finitude da própria vida e das limitações do que é humano. O *Theïos anér* e simultaneamente homem perecível, Alexandre é possuidor de um desejo de ir além do humano e, diante da perda da oportunidade de beber da fonte que tornou eternas as vidas de sua filha e de seu cozinheiro, enluta-se. Como afirma Gual:

A característica mais significativa de Alexandre é a sua ânsia por transgredir limites humanos: por chegar, em suas explorações, aos confins do mundo, por subir aos céus, por exceder as façanhas dos deuses, por alcançar a imortalidade. É a característica típica do herói grego, sua desmedida magnífica e seu erro trágico. Uma e outra vez um anjo ou um demônio advertirão Alexandre que não trate de ultrapassar a barreira do humano.³²⁷

³²⁴ Fica aqui, portanto, uma questão – apenas citar a morte dos soldados indicaria algum arrependimento ou luto pelos acontecimentos desastrosos?

³²⁵ GUAL, 2008, p. 124.

³²⁶ Ibid, p. 126.

³²⁷ GUAL, 2002, p.10-11. No original: El rasgo más significativo de Alejandro es su afán por transgredir los límites humanos: por llegar en sus exploraciones al confín del mundo, por ascender a los cielos, por sobrepasar las hazañas de los dioses, por alcanzar la inmortalidad. Es el rasgo típico del héroe griego, su desmesura magnífica y su trágico error. Una y otra vez un ángel o un demónio advertirá a Alejandro que no trate de franquear la barrera de lo humano.

O risco real de perder a própria vida acontece duas vezes durante o que se narra na carta. A primeira é quando, depois de capturar um dos caranguejos gigantes que estavam matando seus companheiros e descobrir dentro dele sete pérolas, Alexandre resolve ir até o fundo do mar para descobrir o que haveria lá. Ele inventa uma espécie de jaula com um tonel de vidro dentro, que usa para mergulhar nas profundezas marinhas, amarrado por uma corrente. Depois de algumas tentativas falhas de alcançar o fundo, trombando com alguns peixes enquanto descia, sendo puxado para cima por seus soldados, na terceira descida acontece o seguinte:

(II – 38) E veja que um peixe gigante ao se aproximar me pegou com a boca, com a jaula e tudo, e me levou até a terra, a uma milha de distância. Nos barcos estavam os 360 homens que me baixaram, e a todos puxou junto de quatro barquinhos. Ao atingir a terra seca, esmagou a jaula com os dentes e me lançou sobre a terra. Eu fiquei semimorto e mortificado de medo. Caído de joelhos reverenciei a providência no alto que me guardou vivo diante da fera assustadora. Falei para mim mesmo:

— Abra mão, Alexandre, de tocar as coisas impossíveis, de forma que você não seja privado da vida fazendo buscas nas profundezas.³²⁸

Ele atribui a possibilidade de escapar de um terrível acidente a uma força divina – a providência. É importante perceber como Alexandre reage ao acontecimento, prometendo a si mesmo não mais fazer coisas impossíveis. No entanto, essa decisão não dura muito tempo. Nos capítulos seguintes, Alexandre cisma que precisa encontrar a Ilha dos Bem-Aventurados, mas desiste do objetivo depois de ser advertido por duas aves com face humana (II – 40): “Alexandre, por que você pisa em terra divina? Retorne, miserável, retorne! Você não pode pisar na Ilha dos Bem-Aventurados! Retorne, humano! Vá pisar a terra que te foi dada e não cause sofrimento a si mesmo!”. Em seguida, ele é aconselhado por uma dessas aves com face humana a ir para o Oriente, a fim de submeter o reino de Poro, o que ele acaba realizando com sucesso.

Chegando a um lugar onde manda erguer um arco com uma inscrição, dizendo que ali era a Terra dos Bem-Aventurados, ele decide tentar alcançar mais uma vez o fim do mundo. O breve episódio lembra muito o anterior e, com ele, Alexandre encerra sua carta:

³²⁸ II – 38. No original: καὶ ἰδοὺ ἐλθὼν παμμεγεθέστατος ἰχθὺς ἔλαβέ με σὺν τῷ κλωβῷ ἐν τῷ στόματι αὐτοῦ καὶ ἀνήγαγέ με ἐπὶ τὴν γῆν μακρόθεν μίλιον ἑν. ἦσαν δὲ ἐν τοῖς πλοίοις οἱ καταγαγόντες με ἄνδρες τξ', καὶ πάντας εἴλκυσε σὺν τοῖς τέσσαρσι πλοιαρίοις. φθάσας δὲ [τὴν κλωβὸν] ἐπὶ τὴν ξηρὰν καὶ τοῖς ὁδοῦσιν αὐτοῦ τὴν κλωβὸν συντρίψας ἔρριπεν ἐπὶ τὴν ξηρὰν. ἐγὼ δὲ ἐγενόμην ἡμίπνους καὶ νενεκρωμένος ἀπὸ τοῦ φόβου, καὶ πεσὼν προσεκύνησα τῇ ἄνω προνοίᾳ τῇ διαφυλαξάσῃ με ζῶντα ἀπὸ τοῦ φοβεροῦ θηρίου. εἶπον δὲ εἰς ἑμαυτόν· “ἀπόστα, Ἀλέξανδρε, ἀδυνάτοις ἐπιχειρεῖν, μήπως ἀνιχνεύων βυθὸν στερηθῇς καὶ τοῦ ζῆν. καὶ εὐθὺς προσέταξα τὸν στρατὸν ἐκεῖθεν ἀπᾶραι καὶ ἐπὶ τὰ ἔμπροσθεν πορεύεσθαι”.

(II-41) Então eu cisme novamente, falando comigo mesmo se com certeza ali era o termo da terra e o céu ali fazia a curva. Desejei então investigar a verdade. Mandeí capturar duas aves daquele lugar. Eram aves grandes, brancas, muito robustas e dóceis, e que não fugiam ao nos verem. Alguns soldados montaram nos pescoços delas e elas levantaram voo, carregando-os. Comiam cadáveres de bichos, daí que a maioria destas aves vinha até nós pelos nossos cavalos mortos. Duas delas capturadas, eu mandei não lhes darem alimentos por três dias. No terceiro dia, mandei construir um tronco em forma de jugo e amarrar em torno do pescoço delas. Logo preparei a pele de boi na forma de um grande cesto e entrei neste cesto empunhando duas lanças de sete braços de comprimento, que tinham presos fígados de cavalo. Então de imediato as aves voaram para devorar o fígado, e eu subi com elas no ar, de forma que comecei a acreditar estar perto do céu. Eu tremia por completo por causa da subida do ar gelado vindo das asas das aves. Então topou comigo uma figura humana voadora que me disse:

— Ah, Alexandre! Se você não compreende as coisas da terra, busca as coisas do céu?

(...)

Eu retornei e por desejo da providência no alto, desci até a terra, sete dias longe do acampamento. Ao fim, eu estava agonizante e semimorto. Encontrei ali um sátrapa do meu domínio, e depois de receber trezentos cavalos, cheguei ao acampamento. E nunca mais me pus a tentar o impossível. Fiquem bem.³²⁹

A *mêtis* de Alexandre serve para ir além: sua inteligência trabalha para criar coisas que vão levá-lo de encontro ao perigo, não para escapar dele. Entretanto, Alexandre, de alguma forma, deseja o perigo, sente-se sempre impulsionado a ir além do humano, de tocar o divino que quase lhe pertence. Podemos pensar que as aventuras dos dois personagens – tanto Odisseu quanto Alexandre – seriam uma espécie de “batalha entre a barbaridade e a inteligência”,³³⁰ como afirma Reinhardt. Se a figura do Alexandre romanesco tem como característica mais marcante uma tentativa de conhecer todos os lugares e todos os povos, a fim de transformar todos as

³²⁹ II – 41. No original: Πάλιν οὖν διανοήθηεν ἐν ἑαυτῷ λέγων εἰ πάντως ἐνταῦθα ἐστὶν τὸ τέρμα τῆς γῆς καὶ ὁ οὐρανὸς ἐνταῦθα κλίνεται. ἡβουλήθηεν οὖν ἱστορήσαι τὴν ἀλήθειαν. προσέταξα οὖν συλληφθῆναι ἐκ <τῶν ὀρνέων> τοῦ τόπου ἐκείνου δύο. ἦσαν γὰρ ὄρνεα μέγιστα λευκά, ἀλκιμώτατα πάνυ καὶ ἡμερὰ βλέποντα γὰρ ἡμᾶς οὐκ ἔφευγον. τινὲς δὲ τῶν στρατιωτῶν ἐπέβαινον τοῖς τραχήλοις αὐτῶν, καὶ ἀνίπταντο βαστάζοντα αὐτούς. ἐσθίουσι δὲ θῆρας νεκρούς, ἔνθεν καὶ πλεῖστα τῶν τοιούτων ὀρνέων ἦλθον πρὸς ἡμᾶς διὰ τοὺς θνήσκοντας ἵππους. δύο οὖν ἐξ αὐτῶν κρατήσας προσέταξα μέχρις ἡμερῶν τριῶν μὴ δοθῆναι αὐτοῖς βρῶσιν. τῇ δὲ τρίτῃ ἡμέρᾳ προσέταξα κατασκευασθῆναι ξύλον ὅμοιον ζυγῷ καὶ τοῦτον δεθῆναι ἐν τοῖς τραχήλοις αὐτῶν. εὐθὺς δὲ κατεσκεύασα ὥσπερ σφυρίδα, καὶ εἰσῆλθον ἀγῶν ἐν τῇ σφυρίδι, κρατῶν [δύο] δόρυ ὥσει ἐπὶ πηχῶν τὸ μῆκος καὶ ἔχον ἐπάνω ἥπαρ ἵππιον. εὐθὺς οὖν ἀνέπτη τὰ ὄρνεα τοῦ καταφαγεῖν τὸ ἥπαρ καὶ ἀνῆλθα μετ' αὐτῶν ἐν τῷ ἀέρι, ὡς νομίζειν με πλησίον τοῦ οὐρανοῦ ὑπάρχειν. ὅλως δὲ ἔτρεμα διὰ τὴν ὑπερβάλλουσαν τοῦ ἀέρος ψυχρότητα καὶ <τὴν ἐκ> τῶν πτερύγων τῶν ὀρνέων γεγεννημένην. εἴτα συναντᾷ μοι πετεινὸν ἀνθρωπόμορφον καὶ λέγει πρὸς με: “ὦ Ἀλέξανδρε, ὁ τὰ ἐπίγεια μὴ καταλαβὼν τὰ ἐπουράνια ἐπιζητεῖς; ὑπόστρεφε οὖν διὰ τάχους ἐπὶ τῆς γῆς, μήπως τοῖς ὀρνέοις τούτοις βρῶμα γενήσῃ.” (...) ἐγὼ δὲ ὑποστρέψας βουλήσει τῆς ἄνω προνοίας κατῆλθον ἐπὶ τῆς γῆς μακρόθεν τοῦ στρατοπέδου ἡμερῶν ζ'. ἡμην δὲ εἰς τέλος νεκρωμένος καὶ ἡμίθνητος. εὗρον δὲ ἐκεῖ σατράπην ὑπὸ τὴν ἐμὴν ἐξουσίαν· <καὶ> λαβὼν παρ' αὐτοῦ τριακοσίους ἱππεῖς ἦλθον εἰς τὸ στρατόπεδον. οὐκέτι οὖν προσεθέμην ἀδύνατα ἐπιχειρεῖν. ἔρρωσον.

³³⁰ REINHARDT, 1996, p. 81-82.

sociedades em um só, sua inteligência sempre colocada em funcionamento no lugar de força física, Odisseu é seu exemplo de ação. Entretanto, enquanto Odisseu não busca a imortalidade – oferecida tantas vezes por Calipso –, Alexandre anseia por ela, tornando-se um mito imortal apenas através de sua memória, em todas as múltiplas narrativas que lhe conservam a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura do *Romance de Alexandre* se faz por um caminho obscuro, de pouca bibliografia e alguns riscos. Diversas pessoas colocaram suas mãos em sua narrativa, escrevendo, cortando, copiando, colando, interferindo, inventando, incluindo, excluindo, em um caminho que continua séculos depois de ter começado. Redigida por um autor cristão, esta versão não se poupa, contudo, de carregar o fantástico e certo nível de sincretismo religioso, em que a providência no alto age simultaneamente ao deus egípcio Amon e, no funcionamento da narrativa, ambos possuem representações e funções distintas. Os deuses, os espaços e os personagens históricos presentes aqui são, por excelência, o *bíos* que é propenso ao *plásma*: Nectanebo, o faraó egípcio, torna-se um mago licenciado, Alexandre, dono de uma vida breve, repleta de acontecimentos prodigiosos e feitos inacreditáveis, aumentados aqui e ali por diversos autores, chega a ser representado quase como uma criatura fantástica, há cidades inventadas no mapa, constroem-se muros onde eles não existem, bichos esquisitos invadem o caminho. Alexandre e todo o seu mundo conquistado se vertem em mito.

O *Romance de Alexandre*, portanto, é um livro de adição. Por mais que possua cortes, feitos ao longo da história, este é um livro onde a única equação possível é a soma. É uma narrativa na qual até mesmo a falta deve ser lida como algo a mais: é uma mudança a mais. O texto se constrói através da soma de um personagem histórico, as invenções de diversos indivíduos, cartas falsas compostas em torno do rumor de cartas verdadeiras, deuses de diversas religiões, soldados mortos, tramas romanescas.

Segundo Brandão, a maior capacidade de um romance seria a de incorporar a seu conteúdo de diversos modos de fazer:

Assim, confirma-se que a característica mais básica do romance grego (como, em geral, de todo romance) é a capacidade de dialogar com outros gêneros ou, dizendo com mais precisão: uma propriedade que eu não teria receio de chamar de *gramatofágica*, envolvendo a assimilação e a transformação desses mesmos gêneros".³³¹

O trabalho de verter Alexandre em mito se dá, por outro lado, através de métodos da narrativa histórica: em prosa, contabilizamos mortos em campo de batalha, nomes dos professores de Alexandre e cartas transmitidas como se fossem documentos reais, e somamos tudo isso ao prodígio. O mito, por definição, é maleável.

³³¹ BRANDÃO, 2005, p. 31

Um dos erros de digitação mais frequentes que cometi ao longo da tradução do *Romance de Alexandre* foi escrever “barbados” onde deveria estar “bárbaros”. As falhas me davam sempre a sensação que estava mexendo em uma coisa muito frágil, cujos significados podiam revoltar-se e reinventar-se sozinhos, no simples deslize de uma tecla. Durante todo o percurso da tradução, fui tentada a criar: da própria tradução, que se mostrou um trabalho mais criativo do que o imaginado, iniciei também a escrita de um novo romance, ainda em processo, cujo personagem principal se chama Alexandre e cumpre uma jornada no mundo da mentira. Ao mesmo tempo, minha vontade era sempre introduzir algo novo ao *Romance de Alexandre*, escrever uma versão satírica, brincar com a curiosidade do protagonista, exagerar o choro de Dario, corrigir um detalhe, compor uma carta de amor de Alexandre para Roxana, fazer meus próprios trocadilhos. De alguma forma, a tradução é, por si só, uma espécie de criação de arestas aparadas. O tradutor é sempre tentado a interagir com o texto que simultaneamente lhe pertence e não é de sua autoria. Para dar um exemplo, o grupo de tradução Trupersa, dirigido pela professora Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, nem tentou resistir à tentação de jogar com o clássico: junto à tradução da *Medeia*, criaram uma radionovela cômica, inspirada na *Argonáutica* de Apolônio de Rodes e na *Medeia* de Eurípedes.

Existe um fazer político na tradução, um fazer que tenta, à sua maneira, recuperar o passado para frente dos olhos, dar acesso a uma palavra silenciada, renovar o antigo com uma nova escrita. O *Romance de Alexandre* que se apresenta aqui é apenas mais um entre muitos, e esperamos que muitos outros possam surgir e somar. Uma nova versão se adiciona, agora, às oitenta versões e às vinte e quatro línguas do passado, e às traduções de Carlos Garcia Gual, Gilles Bounoure e Blandine Serret, Helmut van Thiel e Richard Stoneman, feitas há poucos anos, diante da vertigem do tempo.

BIBLIOGRAFIA:

Edições e traduções do *Romance de Alexandre*:

PSEUDO CALÍSTENES. **Vida y hazañas de Alejandro de Macedonia**. Traducción, prólogo y notas de Carlos García Gual. Madrid: Gredos, 1977.

PSEUDO CALÍSTENES. **Vida y hazañas de Alejandro de Macedonia**. Traducción, prólogo y notas de Carlos García Gual. Buenos Aires: Del nuevo extremo; España: RBA, 2008.

PSEUDO-CALLISTHÈNE. **Le roman d'Alexandre**: la vie et les hauts faits d'Alexandre de Macédonie. Tradução e comentários de Giles Bounoure et Blandine serret. Paris: Les Belles Lettres, 2004.

STONEMAN, Richard. **The greek Alexander Romance**. London: Penguin Classics, 1991.

THIEL, Helmut van. **Leben und Taten Alexanders von Makedonien**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1983.

Fontes antigas:

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Paulo Pinheiro. Edição bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2015.

HOMER. **The Odyssey of Homer**. Edited, with general and grammatical introduction, commentary, and indexes, by W. B. Stanford. London: St. Martins Press, 1959. 2 vol.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e notas de Bernard Knox. São Paulo: Peguin Classics Companhia das Letras, 2011.

LUCIANO. **Como se deve escrever a história**. Texto, tradução, notas, apêndices e o ensaio “Luciano e a história”: Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Tessitura, 2009.

PLUTARCO. **Alexandre, o Grande**. Tradução de Hélio Vega. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

PLUTARQUE. **Vies**. Tome IX. Alexandre – César. Paris: Les Belles Lettres, 2012.

Bibliografia secundária:

ARTHUR-MONTAIGNE, Jacqueline. **Persuasion, emotion, and the letters of the Alexander romance**. Ancient narrative, vol. 11. Barkhuis publishing & Groningen University Library: Groningen, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernadini [et al]. 4a. ed. São Paulo: Ed. da UNESP/ Hucitec, 1998.

BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin**: quatro traduções para o português / organizadora Lucia Castello Branco. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. **A invenção do romance**: narrativa e mimese no romance grego. Brasília: UNB, 2005.

_____. **Antiga musa (arqueologia da ficção)**. 2. ed. revista e ampliada. Belo Horizonte, Relicário, 2015.

CARDOSO, Igor Barbosa. **“Ó César!”: poder, ficcionalidade e narrativa na pós-antiguidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2015. (dissertação)

CIZEK, Alexander. “Historical distortions and saga patterns in the Pseudo-Callisthenes Romance”. *Hermes*, 106. Bd., H. 4, 1978.

DE JONG, Irene. **A narratological commentary on the Odyssey**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004

GUAL, Carlos García. **La antigüedad novelada**. Barcelona: Anagrama, 1995.

_____. **Historia, novela y tragedia**. Madrid: Alianza editorial, 2006.

_____. **Los orígenes de la novela**. Madrid: Ediciones ISTMO, 1972.

HÄGG, Thomas. **The novel in antiquity**. English ed. Berkeley: University of California Press, 1991.

HARTOG, François. **A memória de Ulisses**: Narrativas sobre fronteira na Grécia Antiga. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

_____. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

HOLZBERG, N. **The Ancient Novel**: an Introduction. London: Routledge, 1995.

HOPMAN, Marianne. **Narrative and rhetoric in Odysseus' tales to the phaeacians**. American Journal of Philology. Volume 133, N. 1 (Whole Number 529), 2012. p. 1-30

JOUANNO, Corine. **Naissance et métamorphoses du Roman d'Alexandre**. Domaine Grec. Paris: CNRS Éditions, 2002.

KARLA, Grammatiki A. (ed.). **Fiction on the Fringe: novelistic writing on the post-classical age**. Leiden: Brill, 2009.

MALTA, André. **Homero múltiplo: Ensaios sobre a épica grega**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **The development of Greek Biography**. London: Harvard University Press, 1993.

MUIR, John. **Life and letters in the ancient greek world**. New York: Routledge, 2009.

PEARSON, Lionel. **The diary and the letters of Alexander the great**. Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte. Bd. 3 H. 4. 1955.

REINHARDT, Karl. **The adventures in the Odyssey**. Trad. Harriet I. Flower. In: *Reading the Odyssey: Selective interpretive essays by Seth Schein*, Princeton Univ. Press, 1996

ROSENMEYER, Patricia A. **Ancient epistolary fictions: The letter in Greek literature**. Cambridge: Cambridge University press, 2003.

_____. **The epistolary novel**. In: STONEMAN, Richard; MORGAN, J. R. Greek fiction: the Greek novel in context. London; New York: Routledge, 1994. P. 146-165.

SAMUEL, Alan. **The Earliest Elements in the Alexander Romance**. Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte, Bd. 35, H. 4 (4th Qtr.), 1986.

SANO, Lucia. **Das narrativas verdadeiras de Luciano de Samósata: tradução e comentário**. São Paulo: USP, 2008. (dissertação)

_____. **Sendo homem: a guerra no romance grego**. São Paulo, 2013. (tese)

STONEMAN, Richard; MORGAN, J. R. **Greek fiction: the Greek novel in context**. London; New York: Routledge, 1994.

TATUM, James. **The Search for the Ancient Novel**. London: The Johns Hopkins University Press, 1994.

WHITMARSH, Tim (Org.). **The Cambridge Companion to the Greek and Roman Novel**. Cambridge: Cambridge University press, 2008.